

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**  
**FACULDADE DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS E LINGUÍSTICA**

**Marilucia Barros de Oliveira**

**A PALATALIZAÇÃO DA LATERAL ALVEOLAR /l/ EM POSIÇÃO  
PREVOCÁLICA NO FALAR DE ITAITUBA-PA**

**Maceió**

**2007**

**MARILUCIA BARROS DE OLIVEIRA**

**A PALATALIZAÇÃO DA LATERAL ALVEOLAR /l/ EM POSIÇÃO  
PREVOCÁLICA NO FALAR DE ITAITUBA-PA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Alagoas, área de concentração em Sociolinguística, como requisito parcial à obtenção do título de Doutora em Linguística.

**Orientadora:** Profa. Dra. Denilda Moura  
**Coorientador:** Prof. Dr. Aldir S. de Paula

**Maceió**  
**2007**

**Catálogo na fonte**  
**Universidade Federal de Alagoas**  
**Biblioteca Central**  
**Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

O48p Oliveira, Marilucia Barros de.  
A palatalização da lateral alveolar /L/ em posição prevocálica no falar de Itaituba-PA / Marilucia Barros de Oliveira. – 2017.  
194 f. : il.

Orientadora: Denilda Moura.

Coorientador: Aldir S. de Paula.

Dissertação (mestrado em Letras e Linguística : Linguística) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Letras. Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística. Maceió, 2007.

Bibliografia: f. 173-182.

Anexos: f. 195-206.

1. Língua portuguesa. 2. Sociolinguística. 3. Palatalização. 4. Fonologia. I. Título.

CDU: 801.4

Ata da 64ª Sessão da Defesa de Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Aos dezesseis dias do mês de março de dois mil e sete  
Foi instalada a 64ª banca de Defesa de Doutorado do Programa de Pós-Graduação  
em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas, às 9:30 horas no  
Auditório do PPGLL, do prédio do Centro de Ciências Humanas,  
Letras e Artes, a que se submeteu o(a) doutorando(a)  
Marilucia Barros de Oliveira

da área de concentração Linguística  
apresentando o trabalho intitulado A lateralização  
II) em posição preverbal no falar de Itaituba-PA:  
uma abordagem geo-sociolinguística  
como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor, conforme o disposto no  
regulamento deste Programa, e tendo como Banca Examinadora já referendada pelo  
Colegiado do Curso os seguintes Professores Doutores:

Dermeval da Costa Oliveira (UFPA), Stella Virginia  
Telles de Araújo Pereira (UFPE), Denílton Lopes Pinheiro  
(UFAL), Aldiva Santos de Paula (UFAL)  
sob a presidência do(a) Maria Denilda Moura

Analisando o trabalho, a Banca Examinadora atribui o conceito A (Aprovada).

Marilucia Barros de Oliveira

Maria Denilda Moura

Stella Virginia

Denílton

Aldiva Santos de Paula

Contar com o original

Programa de Pós-graduação em  
Letras e Linguística / UFAL  
Prof. Dr. Rosemaria Rocha Tavares  
www.ueal.br



## AGRADECIMENTOS

À minha família.

À professora Denilda Moura, minha orientadora, por tudo que um bom orientador faz.

Ao professor Aldir de Paula, meu coorientador, pelas orientações indispensáveis e descontraídas.

À professora Leda Bisol, por sua incrível disposição em ajudar.

À professora Carmen Matzenauer-Hernandorena, pela gentileza indescritível.

Ao professor Leo Wetzels, pelas perguntas respondidas.

Ao professor Razky, que me iniciou na Sociolinguística.

À professora Jacyra Mota, pelos textos e atlas fornecidos.

Ao professor Demerval da Hora, pelas perguntas respondidas e pelas contribuições à versão final desta tese.

À professora Stella Telles, pelas contribuições dadas à versão final desta tese.

Aos professores Alcides Lima e Simone Negrão, pela leitura do texto.

À professora Januacele Costa, em cujas aulas fui inspirada a estudar a palatalização de /l/.

Aos meus informantes, pelo tempo que me dispensaram.

Ao Departamento de Língua e Literaturas Vernáculas e à Universidade Federal do Pará, pela concessão de afastamento para realizar esta pesquisa.

Ao Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro.

À Lídia, a mais incrível amiga alagoana que alguém já pôde ter, por sua hospitalidade e bom humor.

“Tudo muda, exceto a mudança”  
(HERÁCLITO).

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa realizada com base no Modelo da Sociolinguística Quantitativa. Para a análise estatística dos dados utilizou-se o Pacote de Programas Computacional VARBRUL. Com a finalidade de se ver mais e melhor o fenômeno estudado, adotou-se uma abordagem que toma emprestado à Fonologia Gerativa Tradicional e à Geometria de Traços. Foram avaliadas para esta investigação dados de fala de 36 moradores nativos de Itaituba-PA, incluindo-se entre eles homens e mulheres pertencentes a diferentes estratos sociais. Ao todo foram analisados 4.987 dados de fala. A pesquisa restringiu-se ao espaço urbano da referida cidade, especificamente aos bairros mais antigos. O objetivo desse trabalho é identificar as diferentes realizações da lateral alveolar /l/ no falar da cidade mencionada e estabelecer relação entre as variantes dessa variável com fatores de natureza linguística e social. Os resultados apontaram a ocorrência de cinco variantes para /l/, a saber: [●], [●<sup>j</sup>], [◇], [ɛɾ] e [ʁ]. As duas variantes mais produtivas, [●] e [◇], foram submetidas ao Programa de Regra variável IVARB, o que levou à realização de uma análise binária. Os resultados indicam a palatalização da variável em estudo como tendência no falar de Itaituba.

**Palavras-chave:** Sociolinguística. Palatalização. Fonologia.



## RÉSUMÉ

Il s'agit d'une recherche basée sur le modèle de la Sociolinguistique Quantitative. Pour l'analyse statistique des données on a utilisé le programme VARBRUL. Nous avons adopté une approche qui réunit les contributions de la Phonologie Generative Traditionnelle et de la Phonologie de Géométrie de Traces. Les analyses ont porté sur 4.987 données à partir d'enquêtes réalisées auprès de 36 informateurs stratifiés socialement et originaires des anciens quartiers de la ville. L'objectif de cette recherche est d'analyser les réalisations variables du phonèmes /l/ et d'établir une corrélation sociolinguistique. Nous avons identifié cinq variantes pour /l/: [●], [●<sup>j</sup>], [◇], [eɾ] et [ɸ]. Les variantes les plus productives [●] e [◇], ont été soumises à une analyse statistique en suivant le modèle de la règle variable. Les résultats indiquent que la palatalisation de /l/ est la tendance dans la ville de Itaituba-PA.

**Mots-clé:** Sociolinguistique. Palatalisation. Phonologie.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Distribuição geográfica da palatalização de /l/ no Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil.....	40
<b>Figura 2</b> – Escala de soância e constrição para quatro graus de abertura.....	58
<b>Figura 3</b> – Localização e limites de Itaituba-PA .....	65
<b>Figura 4</b> – Extensão territorial de Itaituba antes e depois de 1993.....	66
<b>Figura 5</b> – Foto panorâmica de Itaituba-PA .....	69
<b>Figura 6</b> – Grupos de fatores linguísticos e sociais .....	75
<b>Figura 7</b> – Incidência de palatalização de acordo com graus de soância .....	104
<b>Figura 8</b> – Probabilidade de aplicação da regra de acordo com graus de escolaridade.....	108
<b>Figura 9</b> – Interseção dos alofones de /l/ .....	128
<b>Figura 10</b> – Graus de abertura para vogais .....	139
<b>Figura 11</b> – Relação entre soância/estreitamento e aplicação da regra no PB .....	168

## LISTA DE QUADROS, TABELAS E GRÁFICOS

<b>Quadro 1</b> – Sistema fonológico latino/português .....	19
<b>Tabela 1</b> – Dados de estudos variacionistas sobre palatização das oclusivas alveolares no Brasil – 2007 .....	34
<b>Tabela 2</b> – Estratificação social – 2007 .....	71
<b>Quadro 2</b> – Grupos de fatores linguísticos e sociais .....	78
<b>Tabela 3</b> – Variável contexto seguinte (rodada preliminar) – 2007 .....	82
<b>Gráfico 1</b> – Frequência das variantes de /l/ .....	87
<b>Tabela 4</b> – Variável contexto precedente – 2007 .....	88
<b>Tabela 5</b> – Variável acento – 2007 .....	90
<b>Tabela 6</b> – Variável contexto seguinte – 2007 .....	92
<b>Tabela 7</b> – Variável posição na palavra – 2007 .....	97
<b>Quadro 3</b> – Distribuição das realizações de /l/ .....	101
<b>Tabela 8</b> – Variável escolaridade – 2007 .....	107
<b>Tabela 9</b> – Variável gênero – 2007 .....	109
<b>Tabela 10</b> – Escolaridade <i>versus</i> gênero – 2007 .....	112
<b>Gráfico 2</b> – Cruzamento entre escolaridade e gênero .....	114
<b>Tabela 11</b> – Variável idade – 2007 .....	115

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>2</b>	<b>REVISÃO DA LITERATURA.....</b>	<b>17</b>
<b>2.1</b>	<b>A palatalização em trabalhos de natureza histórica.....</b>	<b>17</b>
<b>2.2</b>	<b>A palatalização em trabalhos de natureza fonêmica .....</b>	<b>20</b>
<b>2.3</b>	<b>A palatalização em trabalhos de natureza dialetológica .....</b>	<b>22</b>
<b>2.4</b>	<b>A palatalização em trabalhos de natureza sociolinguística.....</b>	<b>27</b>
<b>2.5</b>	<b>A palatalização de /l/ nos <i>Atlas Linguísticos</i> .....</b>	<b>36</b>
<b>3</b>	<b>PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS .....</b>	<b>43</b>
<b>3.1</b>	<b>Teoria da variação linguística .....</b>	<b>43</b>
3.1.1	Atitudes linguísticas.....	45
3.1.2	Variável e variantes .....	46
3.1.3	Variável dependente e variáveis independentes .....	47
3.1.4	Teoria variacionista e linguística teórica .....	47
<b>3.2</b>	<b>Teoria fonológica .....</b>	<b>48</b>
3.2.1	A escolha do modelo .....	48
3.2.2	Modelos lineares e modelos não lineares .....	51
3.2.3	Fonologia Gerativa Tradicional.....	52
3.2.4	Fonologia de Geometria de Traços.....	53
3.2.4.1	Tipos de segmentos.....	60
3.2.4.1.1	Segmentos simples.....	60
3.2.4.1.2	Segmentos complexos .....	60
3.2.4.1.3	Segmentos de contorno .....	61
3.2.4.2	Processos Fonológicos.....	62
3.2.4.3	Princípios e condições de boa-formação .....	62
3.2.4.3.1	Não cruzamento das linhas de associação .....	63
3.2.4.3.2	Aplicação de operações simples .....	63
3.2.4.3.3	Princípio de contorno obrigatório (PCO) .....	63
<b>3.3</b>	<b>Procedimentos Metodológicos .....</b>	<b>64</b>
3.3.1	A comunidade pesquisada – Itaituba-PA.....	64
3.3.1.1	Aspectos geográficos .....	65
3.3.1.2	Aspectos populacionais .....	67
3.3.1.3	Aspectos econômicos.....	68
3.3.1.4	Aspectos educacionais .....	70
3.3.2	Coleta de dados.....	70
3.3.3	Tratamento dos dados .....	72
3.3.3.1	Transcrição grafemática e transcrição fonética .....	72
3.3.3.2	Tratamento estatístico dos dados .....	73
3.3.3.2.1	Variáveis independentes .....	74
3.3.3.2.2	Variável dependente e suas variantes .....	75
3.3.3.2.3	Codificação dos fatores.....	76
3.3.4	Hipóteses.....	80

<b>4</b>	<b>ANÁLISE DOS DADOS .....</b>	<b>81</b>
<b>4.1</b>	<b>Análise sociolinguística.....</b>	<b>81</b>
4.1.1	Resultados preliminares.....	81
4.1.2	Resultados intermediários.....	86
4.1.3	Resultados finais.....	91
4.1.3.1	Variável contexto seguinte .....	92
4.1.3.1.1	Hierarquia sonora e abordagem variacionista.....	95
4.1.3.2	Variável posição na palavra.....	97
4.1.3.2.1	Relação entre palatalização e elevação vocálica .....	99
4.1.3.3	Tendência e restrições.....	101
4.1.3.3.1	Sonoridade .....	103
4.1.3.3.2	Soância.....	104
4.1.3.3.3	Ambiguidade.....	105
4.1.3.4	Variável Escolaridade .....	106
4.1.3.5	Variável Gênero.....	109
4.1.3.6	Cruzamento entre variáveis .....	112
4.1.3.7	À guisa de uma explicação sociolinguística para a acentuada (PAL) de /l/ em Itaituba .....	114
<b>4.2</b>	<b>Análise Fonológica .....</b>	<b>123</b>
4.2.1	Aspectos fonético-fonológicos .....	124
4.2.2	Representação geométrica de /l/ .....	125
4.2.3	Alofones de /l/.....	126
4.2.4	Palatalização .....	127
4.2.4.1	O segundo estágio da palatalização de /l/ .....	139
4.2.4.2	A dupla articulação de / $\diamond$ / .....	145
4.2.5	Semivocalização .....	149
4.2.6	Apagamento .....	159
4.2.7	Considerações finais .....	165
<b>5</b>	<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>170</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>173</b>
	<b>ANEXO A – /l/ E SUAS VARIANTES .....</b>	<b>183</b>
	<b>ANEXO B – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS) SOBRE A FORMA (FAMÍ)LI(A).....</b>	<b>184</b>
	<b>ANEXO C – ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL (ALERS) SOBRE A FORMA (FO)LH(INHA).....</b>	<b>185</b>
	<b>ANEXO D – MAPA DOS BAIRROS DE ITAITUBA/PA.....</b>	<b>186</b>
	<b>ANEXO E – TABELA DO IBGE – POPULAÇÃO (SÉRIE HISTÓRICA).....</b>	<b>187</b>
	<b>ANEXO F – FORMULÁRIO SOBRE O INFORMANTE.....</b>	<b>188</b>
	<b>ANEXO G – PROJETO ATLAS GEO-SOCIOLINGÜÍSTICO DO PARÁ (ALIPA).....</b>	<b>189</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Alguns fonemas são muito frequentemente tema de estudo da Sociolinguística Variacionista. Em algumas línguas, muitos deles sofrem a mesma variação independentemente de fatores diatópicos e diastráticos. Dentre esses fonemas, pode-se citar os que se encontram em posição posvocálica. Quando se faz referência aos fonemas que ocorrem nessa posição em Língua Portuguesa e que sofrem variação, apresentando significativo número de variantes, pode-se pensar nas líquidas /l/ e /r/.

De fato, é uma das líquidas da Língua Portuguesa que se constitui o objeto de estudo deste trabalho, dada a variação que sofre. Entretanto, não na posição em que geralmente vem sendo estudada, a posição posvocálica. O presente estudo pretende abordar a realização variável da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica, daqui por diante (l), quando tratada como variável, a partir dos pressupostos da Teoria da Variação.

A abordagem do fenômeno lingüístico a ser utilizada insere-se numa perspectiva interdisciplinar, pois é de interesse de diferentes áreas de conhecimento como, por exemplo, a Linguística, Estatística, Sociologia, Geografia. Busca-se nelas conhecimento para interpretação do fenômeno lingüístico estudado, embora durante sua execução haja predominância da linguística, pois, como diz Labov (1976, p. 9), “dans la Sociolinguistique il y a linguistique”.

Esta pesquisa leva em consideração variáveis lingüísticas e sociais objetivando identificar as variantes lingüísticas da referida variável<sup>1</sup>, sua probabilidade de realização, bem como a relação de fatores lingüísticos e sociais com as variantes lingüísticas identificadas no *corpus*. Para tal, será utilizado, quando do tratamento dos dados, o pacote de programas computacionais VARBRUL que fornecerá os índices de natureza estatística os quais serão interpretados sob uma ótica sociolingüística.

A Sociolinguística Quantitativa é um modelo teórico-metodológico a partir do qual se pode verificar a probabilidade de realização das variantes de uma determinada variável, o estágio em que essa variação se encontra, bem como os condicionadores dessa variação, por meio de programas computacionais construídos para esse fim.

A escolha da variável (l) para objeto de estudo deste trabalho teve como motivação o fato de não se terem praticamente realizado pesquisas a respeito da realização variável de /l/ em posição pré-vocálica na Língua Portuguesa. Conforme se disse acima, a realização variável

---

<sup>1</sup> A variável é aqui entendida como conjunto de variantes lingüísticas; essas, por sua vez, como as diversas realizações de uma variável que apresentam o mesmo valor de verdade. Essa variável é também denominada de variável dependente quando da análise computacional.

desse fonema tem sido estudada considerando-se sua posição posvocálica. Essa variante nunca foi objeto de estudo na cidade de Itaituba-PA, espaço de onde foram coletados os dados. É possível, diferente do que aprioristicamente se pensa, que esse fonema funcione, juntamente com /t/ e /d/, de um mesmo processo fonológico, a palatalização.

A palatalização não é um fenômeno recente em Língua Portuguesa. Tem-se notícia desse fenômeno desde o latim. As gramáticas históricas do Português apresentam-na como um fenômeno que deu, inclusive, origem à entrada de outros fonemas no sistema fonológico do Português, diferenciando-o do Latim. A palatalização ocorre com diferentes fonemas na língua Portuguesa.

É muito comum se encontrar trabalhos que fazem alusão à palatalização das oclusivas alveolares /t d/ no Português do Brasil. Já da palatalização da lateral alveolar /l/ não se tem muitas notícias. Um breve levantamento bibliográfico sobre os trabalhos de palatalização no Brasil mostrou que a palatalização de /l/ não foi estudada em Língua Portuguesa. Talvez porque não apresente a mesma produtividade que a palatalização de /t/e/d/ apresentam no Português.

Este trabalho é composto de cinco seções, a primeira e a última constituem a introdução e as considerações finais, respectivamente. Na seção 2, apresentam-se alguns trabalhos sobre a palatalização em Língua Portuguesa. Nessa parte, faz-se alusão a trabalhos de natureza dialetológica, fonêmica e sociolinguística a respeito da palatalização de /t/ e /d/ principalmente, mas não sem antes apresentar algumas informações históricas sobre a palatalização de /l/ nessa língua. Nessa seção, excetuando-se a seção em que se apresentam dados dos atlas linguísticos, muito raramente se apresentam trabalhos sobre a palatalização de /l/. Isso se deve ao fato de não se ter encontrado trabalhos variacionistas ou mesmo de natureza fonêmica sobre esse tipo de palatalização.

Como foi dito, não foi encontrada nenhuma pesquisa específica sobre a palatalização de /l/ que tivesse como base os pressupostos da Sociolinguística Quantitativa. Os trabalhos dialetológicos geralmente anunciam o fenômeno como incipiente e não marcador dialetal. Isso deve justificar a falta de trabalhos variacionistas sobre o /l/. Ora, só é possível se utilizar as ferramentas da Sociolinguística Quantitativa quando se tem um fenômeno variável. Na maioria dos trabalhos consultados, como os atlas linguísticos, por exemplo, a realização alveolar é praticamente categórica. Esse fonema se realiza quase sempre como [l].

Optou-se por apresentar os trabalhos a respeito da variação de /t/ e /d/, a fim de se comparar os fatores favorecedores e desfavorecedores dessa palatalização com os da palatalização de /l/. Esse procedimento teve em vista também verificar se esse segmento pode funcionar juntamente com aqueles nesse processo fonológico, podendo-se levantar a

possibilidade de pertencerem a uma mesma classe natural de segmentos em Língua Portuguesa. Diz-se possibilidade porque essa pesquisa é um passo inicial para a implementação de novas pesquisas sobre esse fenômeno.

Na seção 3, são apresentados os pressupostos teórico-metodológicos e os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa. Como esse trabalho se baseia num modelo teórico-metodológico que admite a utilização de diferentes teorias linguísticas para a interpretação dos dados estatísticos, optou-se por utilizar, para o tratamento dos segmentos, os pressupostos da Fonologia Não-linear. Assim, para a análise dos segmentos e das ligações de traços que podem ocorrer entre eles foi utilizado o modelo da Fonologia de Geometria de Traços (FGT), segundo o qual os traços se ligam uns aos outros por meio das linhas de associação e disso resultam os diferentes processos fonológicos.

A análise dos dados será apresentada na seção 4. Primeiramente, serão apresentados os resultados da análise sociolinguística. Em seguida, será apresentada a análise fonológica. Durante a análise estatística, pareceu muito frágil o liame entre o que era metodologia e o que se constituía resultado, pois como as rodadas nos programas do pacote VARBRUL exigem redimensionamentos, decisões metodológicas, foi difícil se definir se as informações que se tinham deveriam ser inseridas na seção de resultados ou na parte metodológica. Assim, optou-se por se dividir a seção referente à apresentação e interpretação dos resultados estatísticos em três partes, quais sejam: resultados iniciais, resultados intermediários e resultados finais. Foram considerados como resultados todos os dados estatísticos fornecidos pelo pacote de programas computacionais VARBRUL. Na seção 4.2 será apresentada a análise fonológica. É preciso, antes de tudo, salientar que esse trabalho se insere em uma investigação Sociolinguística. Entendendo, entretanto, que algumas realizações de superfície precisam ser explicadas teoricamente, optou-se por utilizar o referencial teórico da Fonologia de Geometria de Traços, visto que ela dá suporte para que se entendam algumas representações fonéticas que, a princípio, causam estranhamento, mas que olhadas cuidadosamente, a partir das lentes de algumas referências teóricas, podem ser facilmente compreendidas, conforme se verá no decurso deste trabalho.

Os processos fonológicos que ocorrem em uma língua muitas vezes estão intimamente interligados. Weinreich, Labov e Herzog (1968) já alertavam para o Encaixamento, um dos pressupostos da Teoria da Variação. Além disso, há que se observar o ordenamento de regras; para seu caráter alimentador ou sangrador. Assim, parece necessário, ao se estudar a variação e mudança de uma dada língua, verificar-se a relação entre os segmentos, a relação entre alguns fenômenos aos quais é submetida, a fim de que se possa entender melhor os caminhos que



poderão trilhar determinadas variações e mudanças linguísticas. Isso corrobora um dos pressupostos da Sociolinguística segundo os quais toda variação e mudança linguística é previsível. Ora, a teoria linguística contribui para que se possa prever não só a mudança linguística, mas também os fenômenos que uma língua pode vir a sofrer.

Por fim, apresenta-se uma síntese geral do trabalho, bem como as conclusões que decorreram dos resultados obtidos, relacionando-as às hipóteses construídas.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

O objetivo deste capítulo é fazer uma contextualização do fenômeno de variação, mais especificamente da palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ e da lateral alveolar /l/<sup>2</sup>, tomando-se por base o espaço geográfico brasileiro. Em alguns momentos, entretanto, será feita referência também à palatalização de outros fonemas, como a de /n/, por exemplo.

A partir dessas informações, pretende-se mostrar em um panorama geral a produtividade do referido fenômeno levando-se em consideração aspectos diastráticos e diatópicos. Aqueles podem ser bem visualizados nos trabalhos de natureza sociolinguística. Esses se destacam nos trabalhos de cunho dialetológico caracterizados pelas pesquisas aos atlas linguísticos ou trabalhos realizados a partir deles. Dessa forma, poder-se-á visualizar melhor em que direção vai o fenômeno de palatalização dos referidos fonemas no espaço geográfico brasileiro, bem como será possível comparar os resultados das diferentes pesquisas a fim de se detectar quais os fatores que vêm favorecendo o fenômeno em estudo.

Isso permitirá também, depois da análise dos resultados obtidos para o falar de Itaituba, que se indique se os fatores condicionadores da palatalização de /t/ e /d/ coincidem com os fatores que norteiam a palatalização de /l/ em Itaituba e se os processos que ocorrem com aqueles dois fonemas ocorrem também com a lateral alveolar /l/, podendo-se, a partir daí, ter uma indicação preliminar sobre a possibilidade de esses segmentos sofrerem o mesmo processo no Português do Brasil.

### 2.1 A palatalização em trabalhos de natureza histórica

Apesar de o fenômeno de variação entre [l] e [ɫ] vir se mostrando pouco estudado na Língua Portuguesa, talvez devido à sua baixa produtividade em algumas regiões do país onde mais se procedeu à pesquisa sociolinguística, pode ser encontrado inclusive na literatura que trata sobre alguns fenômenos fonéticos que ocorreram na Língua Latina.

Coutinho (1976), ao tratar de grupos que se compõem de consoante mais semivogal, diz merecer atenção especial o grupo que se constitui de consoante mais a semivogal –i. Nesses grupos, diz o autor, “a consoante se palataliza, ou se assibila, ou se mantém inalterável”. Coutinho (1976) oferece como exemplos os seguintes casos: -lli-, -li> lh: alliu> alho, milia> milha, ervilia > ervilha, alienu> alheio, filiu> filho, mortualia> mortalha, dentre outros.

---

<sup>2</sup> Quando da apresentação das pesquisas realizadas, serão respeitados os símbolos utilizados pelos autores nesses trabalhos mesmo que não se concorde com a simbologia utilizada.

Acrescenta ainda que em alguns casos em vez de sofrer palatalização esse grupo tem o /l/ apagado, o que era comum na passagem do Latim para o Português, conforme se pode detectar nos exemplos oferecidos pelo autor, inclusive nos casos em que –l é seguido da semivogal -i: *salio*> *saio*, *doleo*> *doio*, *colore*> *cor*, *angelo*>*anjo*, *salute*> *saúde*, *salire*, *sair*, etc.

A informação acima reforça o fato de que o fenômeno de palatalização de /l/ diante de [i] parece, entre outros, para usar as palavras de Melo (1981), ao tratar do apagamento do -r final de vocábulo, uma tendência românica da língua que deve ser cuidadosamente estudada antes que seja antecipadamente atribuída à influência indígena ou africana. Cabe observar também que dentre todos os exemplos utilizados por Coutinho (1976) em que se deu a palatalização ou queda de –l, nenhum apresenta esse grupo (consoante + semivogal -i) em posição inicial, o que se justifica, segundo o autor, pela “lei de permanência da consoante inicial”. Segundo essa lei, as consoantes finais e mediais estão mais susceptíveis a quedas ou modificações do que as iniciais, passando essas últimas quase que integralmente ilesas ao Português. Sobre isso, diz Coutinho (1976, p. 137):

Para esta permanência, deve ter concorrido o acento de intensidade do antigo latim, que punha em evidência a sílaba inicial da palavra. Também se poderá explicar este fato naturalmente, pela atenção especial que nos merece o início de palavra, suficiente às vezes para determinar o seu sentido exato, antes mesmo que ela nos seja transmitida integralmente.

A consulta ao trabalho de natureza histórica faz lembrar o Princípio da Uniformidade adotado nas ciências sociais, fundado na Geologia Moderna (LABOV, 1994). Ora, segundo Christy (1983 apud LABOV, 1994), é possível inferir sobre os processos que operaram no passado quando se observa esses processos no presente. Labov (1982) afirma que o passado pode ser explicado pelo conhecimento do presente e assinala que:

[...] as forças que operam para produzir o documento histórico são as mesmas que podem ser vistas em ação hoje [...] nós podemos fornecer algumas interpretações plausíveis através de princípios que tenham tal suporte empírico e assim iluminar o passado através do presente assim como iluminamos o presente através do passado (LABOV, 1982, p. 829 apud TARALLO, 1994, p. 62).

Durante o levantamento bibliográfico deste trabalho, já se pôde verificar que o fenômeno de palatalização de /l/, diante de [i], embora venha se mostrando pouco produtivo em algumas regiões brasileiras, conforme se verá no decurso deste capítulo, ocorreu no latim vulgar. A partir dos resultados a serem obtidos para a palatalização de /l/ em Itaituba, poder-se-á provavelmente entender, talvez apenas em parte, dada a ausência de algumas informações históricas, a ocorrência desse fenômeno no passado, já que o trabalho de natureza

sociolinguística trata, de forma minuciosa, os fenômenos que estuda, tentando encontrar aquilo que os motiva e procurando saber em que direção eles vão. Entretanto, não é só o presente que iluminará, para usar as palavras de Labov (1994), o passado; o inverso, como ele mesmo diz, pode fazê-lo também. Assim, informações referentes à ocorrência desse fenômeno no passado podem ajudar em sua compreensão no presente estudo.

Tarallo (1994) explica que a lateral palatal /ɲ/ não fazia parte do inventário fonológico do latim. A lateral e a nasal palatais aparecem em decorrência do surgimento das médio-palatais que abriram espaço para que se desse a simetria entre laterais e nasais.

Observe-se o quadro abaixo, adaptado de Câmara Jr. (1985), em que as consoantes que não faziam parte do sistema latino aparecem entre parênteses:

**Quadro 1** – Sistema fonológico latino/português

Sistema fonológico latino/português				
Oclusivas	/p/ /b/	/t/ /d/		/k/ /g/
Constritivas	/f/ (/v/)	/s/ (/z/)	(/ɸ ʃ ʒ /) (/ʝ ʒ /)	
Nasais	/m/	/n/	(/ɲ ɲ /)	
Líquidas		/l/ /ɭ ɮ / (/ɻ /)	(/ɹ ɹ /)	

Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1985, p. 50).

A partir do Quadro 1, pode-se notar que as palatais são simétricas às alveolares que já existiam no latim. As informações a respeito da evolução do Sistema Consonantal Latino para o Português dão a conhecer que são produtivas as palatalizações diante de vogais frontais. A introdução desses novos fonemas no sistema fonológico do Português evidencia a tendência da língua para a palatalização.

A palatalização de /l/ não causa tanta estranheza quando se remonta ao período do latim vulgar. Essa época registra de forma bastante produtiva a palatalização dos grupos formados pelas consoantes [t, d, k, g, n, e l] + [j] semivogal. Essa alternância não se estendeu apenas ao Português do Brasil, mas a outras línguas. Ilari (1992) registra exemplos de palatalização com os grupos citados em várias línguas. Assim, a forma *folia*, do latim vulgar, assumiu as seguintes formas nas diferentes línguas: português (folha), francês (feuille), espanhol (hoja), romeno (foaie), sardo (fozza) e italiano (foglia).

Autores como Coutinho (1976), Câmara Jr. (1985), Ilari (1992), Tarallo (1994), dentre outros, assinalam que a Língua Portuguesa apresenta tendência para a palatalização. Os fatores que condicionam ou restringem a palatalização de /l/, entretanto, não foram devidamente explanados na literatura linguística do Brasil. Essa é uma das tarefas deste trabalho.

## 2.2 A palatalização em trabalhos de natureza fonêmica

Câmara Jr. (1995) faz distinção entre a pronúncia de /t/ e /d/ do Rio de Janeiro e a de São Paulo. Diz ele: “Assim, no Rio de Janeiro pronuncia-se /t/ e /d/ diante de /i/ tônico de uma maneira soprada (dita africada) em contraste com a dental firme que aparece em São Paulo” (CAMARA JR., 1995, p. 35). O autor não faz nenhuma menção a qualquer modificação verificada em /l/ diante do referido /i/. Mais adiante, o autor (1995., p. 48) afirma que /ɰ/ não ocorre em posição inicial. “Há, apenas, exemplos de um ou outro vocábulo de l’ e n’, palatais ou molhados (de origem estrangeira, em posição inicial, como lhama [...] ou nhata)”.

No falar de Itaituba, pode-se encontrar, tal como se encontra para /t/ e /d/ na fala do Rio de Janeiro, de forma bastante produtiva, a realização palatalizada para /l/ não mencionada por Camara Jr. (1995). Isso pode ser confirmado por meio dos dados coletados para esta investigação e em Vieira (1983).

Trabalhos fonético-fonológicos sobre o Português do Brasil de autores como Bisol (2005), Cagliari (1997), Cagliari (2002), Silva (1999) fazem, geralmente, alusão à palatalização de /t/ e /d/. Esses autores não mencionam a palatalização de /l/, com exceção de Cagliari (1974).

Cagliari (1997) apresenta [ɰ] e [ɰ̃] como alofones de /t/ e /d/. Essas duas realizações são concebidas como resultado da palatalização que ocorre em alguns dialetos da Língua Portuguesa quando os referidos fonemas encontram-se diante de [i] e [ĩ] afirma o autor.

Cagliari (1997) entende que a regra de palatalização conserva a mesma raiz da consoante que sofreu a palatalização. Para ele, o que ocorre é uma regra de fissão. Assim, nas palavras de Cagliari (1997), o que se tem, na verdade, em Língua Portuguesa, é uma africacão.

Cagliari (1997) interpreta a palatalização como uma regra de espriamento que é seguida por duas outras regras opcionais, quais sejam: a africacão e a queda da vogal anterior alta.

Segundo Cagliari (2002), a palatalização é um dos fenômenos mais estudados em Língua Portuguesa<sup>3</sup>. O autor aponta como exemplo do fenômeno a palatalização que ocorre

<sup>3</sup> Talvez essa observação valha, no que se refere ao Português do Brasil (PB), apenas para o estudo da palatalização das oclusivas alveolares /t d/ em algumas regiões do Brasil.

com /t/ e /d/ diante de [i e i]. Para Cagliari (1997), o processo que ocorre em Língua Portuguesa se confunde com o processo de africacão que se dá com [◆◆ e ◊◊]. Nas palavras do autor:

Um segmento torna-se palatal ou mais semelhante a um som palatal ao adquirir uma articulação secundária palatalizada (do tipo t<sup>i</sup> ou africativizada (do tipo ◆◆) ou um deslocamento articulatório em direção ao lugar de articulação palatal (CAGLIARI, 2002, p. 103).

Nesse sentido, afirma que a palatalização é um dos processos que se dá para a formação de uma africada em Língua Portuguesa.

Cagliari (1997) faz breve referência à palatalização do domínio da palavra, em que o gatilho seria o *glide* que se localiza na sílaba imediatamente anterior ao alvo, as oclusivas alveolares /t d/, referindo a ocorrência do fenômeno no falar recifense. Entretanto, não faz nenhuma alusão à palatalização da lateral alveolar /l/.

Silva (2003) refere a palatalização de /t/ e /d/ como características de alguns dialetos brasileiros. Assume, como Cagliari (2002), que esse processo dá origem às africadas [◆◆ ◊◊]. A autora faz referência a falares de Minas Gerais e de Curitiba como representativos de falares em que o fenômeno acontece. Acrescenta que em alguns contextos, mesmo quando se tem a vogal alta palatal seguindo os fonemas em questão, a palatalização não ocorre. Por exemplo, segundo a autora, a palatalização dos referidos fonemas não ocorre em Curitiba quando a vogal palatal alta não corresponde ao sufixo de gênero, como em *aba[di]*. A autora (2003) também só faz alusão à palatalização do domínio da sílaba.

Couto (1997) faz referência ao segmento [l<sup>h</sup>] como resultado da palatalização de /◊/<sup>4</sup>. Assinala que essa observação foi feita por Pontes (1972). O autor não entra em detalhes quanto a essa realização, justificando que esse tipo de processo praticamente não foi estudado no Brasil, necessitando, por isso, de investigações mais detalhadas.

Silva (1999) também faz alusão à palatalização de /◊/. Explica que esse processo tem como gatilho a vogal alta palatal que segue a consoante palatal.

Machado (2003), ao estudar a lateral palatal /◊/ na fala de Marabá-PA, encontrou casos de despalatalização para /◊/. A autora utiliza as seguintes representações para três realizações de /◊/, quais sejam, [◊eɾ], [j] e [●eɾ]. Machado (2003.) relaciona essas realizações não apenas à atuação da vogal alta palatal.

Conforme os resultados obtidos pela autora (2003), em contexto seguinte, [◊eɾ] foi favorecido pelas vogais alta anterior, médio posterior fechada e média posterior aberta. De outra

---

<sup>4</sup> O termo palatalização parece ser algumas vezes empregado inadequadamente. Isso será retomado na análise fonológica.

parte, [●eɾ] foi favorecido pela vogal baixa, pela alta anterior fechada, alta posterior aberta e média anterior fechada. O que se pode depreender desses resultados, ao compará-los com o comportamento variável de /l/, é que os fatores que norteiam a variação da lateral palatal não são exatamente os mesmos que norteiam a variação de /l/. Enquanto /l/, historicamente e nestes dados, varia só diante de segmentos frontais altos, /◊/, diferentemente, apresenta realização variável diante de um conjunto maior de segmentos. Isso é corroborado por Cagliari (1974). Para ele, no Português Brasileiro, a lateral palatal realiza-se por meio de uma forma palatalizada ou por meio de lateral alveolar seguida de *glide* anterior [j], independentemente de se ter ou não uma vogal palatal ou esse *glide* depois dessa consoante. Esse dado será discutido com detalhes durante a Análise Fonológica.

Para Ferreira Netto (2001), a palatalização é entendida como uma regra na qual o segmento /t/ passa a compartilhar da articulação palatal do segmento [i]. Para o autor, na Língua Portuguesa, esse fenômeno é representado por meio de símbolos que indicam mais uma africacão do que palatalização. Para ele, a representação apropriada seria [◆↗] para a palatalização de /t/. Uma análise mais detalhada parece sugerir que, na verdade, as duas representações referem-se a processos diferentes que estão interligados entre si. Em alguns dialetos no Português tem-se a palatalização e africacão de /t/ e /d/. Em outros, parece que ocorre a africacão sem a ocorrência da palatalização (BISOL, 1986).

### 2.3 A palatalização em trabalhos de natureza dialetológica

Conforme já se disse, não é comum serem encontrados trabalhos sobre a palatalização de /l/ em Língua Portuguesa. Isso talvez porque se trate de um fenômeno não tão produtivo quanto a palatalização de /t/ e /d/ no Brasil, embora o seja em Itaituba.

Vieira (1983), ao estudar aspectos fonéticos-lexicais da fala do Médio-amazonas Paraense (Santarém, Alenquer, Óbidos, Oriximiná e Itaituba), faz referência à palatalização. A amostra utilizada pela autora compunha-se de falantes sem nenhuma escolaridade, estudantes do projeto MOBREAL e estudantes que apresentavam escolaridade superior à 3ª série do Ensino Fundamental.

A amostra foi coletada a partir da aplicação de questionário e conversa entre documentador e informante. Os dados foram coletados tanto na zona rural quanto na zona urbana. Os informantes pertenciam a três faixas etárias (30-50, 51-70 e mais de 70 anos). Diz Vieira (1983.) que [t], [d] e [l] diante de vogal alta anterior se realizam sempre como [◆◆], [↗] e [◊], respectivamente. Os exemplos dados para esse último segmento são:





Marroquim (2000, p. 68) apresenta o *som molhado Lh* referindo as formas *mubilha/familha* como correspondentes à classe educada e as formas *mubia e famia* à fala do povo, acrescentando que o primeiro par se dá por analogia à forma *filha*. Essa observação será tratada com mais detalhes em capítulo em que se procederá à análise quantitativa dos dados. Por ora, pode-se afirmar que isso não se deve dar em função de analogia, conforme propôs o autor, visto que essa não guarda relação com campo semântico. Primeiro, ocorre também no vocábulo *mobília*; segundo, isso parece estar ligado à estrutura silábica em que se encontra o detonador da regra de palatalização. A hipótese será testada estatisticamente.

Esse fenômeno, conforme se verificou em Coutinho (1976), pode ser atestado na passagem do Latim para o Português. No item 1.1, tem-se informações de que [l] diante de [i] passou a [ɫ] e que em alguns casos sofria semivocalização ou apagamento.

Para Mota (1973), a palatalização de /l/ não é representativa do dialeto de Ribeirópolis-SE, localidade cuja fala a autora pesquisou. Trata-se de uma pesquisa em que investigou as relações entre os contextos vocálicos e as realizações palatais consonânticas e semi-consonânticas. O *corpus* utilizado na pesquisa compunha-se da fala de cinco informantes. Foram usados para a coleta dos dados: inquérito sistemático e inquérito não-sistemático relacionados à atividade profissional dos informantes.

Conforme os dados da autora (1973), apenas em três casos ocorreu a alternância entre /l/ e /ɫ/. Ela pode ser encontrada nas palavras *luz e ali*, uma vez em cada forma e em *familia* (MOTA, 1973, p. 96, 139, 172, 192), realizando-se nos demais casos como lateral alveolar (MOTA, p. 26, 118, 119, 128, 129, 132). O dado referente a esse último vocábulo corrobora informações de Marroquim (2000), que encontrou também a realização palatal em palavras com esse padrão acentual. A palatalização de /l/ não é produtiva em Ribeirópolis nem representativa de seu dialeto. Em Itaituba, contrariamente, sua ocorrência não se constitui realização esporádica ou que deva ser desconsiderada.

Mota (1995) realizou um levantamento sobre as variantes palatais do Português com o fim de apresentar sua distribuição diatópica e diastrática. Fazem parte do *corpus* utilizado pela autora dados do Atlas Prévio dos Falares Baianos (doravante, AFB), do Atlas de Sergipe (doravante, ALS) e do Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais (doravante, EALMG). Esses dados caracterizam a fala da zona rural<sup>6</sup>. Os dados representativos da zona urbana foram extraídos de 16 inquéritos do tipo Diálogos entre Informante e Documentador (DID) do Projeto de Estudo da Norma Linguística Urbana Culta (NURC/ Salvador). Como se sabe, de acordo

---

<sup>6</sup> Os dados dos três Atlas correspondem, segundo a divisão proposta por Nascentes (1953), aos falares baianos.

com os critérios dos Atlas e do NURC, os falantes da zona rural apresentam pouca ou nenhuma escolaridade e os da zona urbana têm curso superior.

Segundo Mota (1995), /t/ e /d/ palatalizam-se: i) quando se localizam depois de [j], como em *muito*, *doido* e ii) quando precedem a vogal [i], como em *tiro*, *dito*. Acrescenta que nas formas em que /t/ e /d/ aparecem precedidos de [j] ocorre frequentemente o apagamento desse segmento, obtendo-se as africadas / $\text{t}^{\text{h}}$ / / $\text{d}^{\text{h}}$ /.

Conforme a autora, com base nos dados acima referidos, no falar baiano, a palatalização de /t/, quando se tem o contexto indicado em (i), é mais produtiva entre os falantes da zona rural, aqueles que têm nenhuma ou pouca escolaridade, do que entre aqueles que apresentam nível superior, os falantes da zona urbana.

Na zona urbana, a ocorrência da palatalização motivada pelo contexto (i) é bastante baixa. Dos 633 dados analisados, apenas 15 correspondem à palatalização de /t/. Além disso, só ocorre nas palavras *muito e oito*, quatorze e uma vez, respectivamente. Tanto na zona rural quanto na zona urbana não foram encontrados casos de palatalização com a oclusiva sonora nos contextos em que /d/ era precedido pela semivogal nos dados estudados. A autora atribui isso à baixa ocorrência de vocábulos que apresentassem o contexto condicionador e devido à metodologia utilizada no trabalho, visto que a palatalização da oclusiva sonora já foi verificada no ALS e no AFPB.

Quanto ao contexto em que [i] segue /t/ ou /d/, na zona rural, foram encontrados 32 dados em que se verificou a africada palatal surda e 13 nos quais se detectou a sonora. Na zona urbana é categórico o uso de oclusivas palatais nesse contexto.

A pesquisadora conclui que, quando a realização palatal é condicionada pelo contexto precedente, isto é, por [j], caracteriza a fala rural e de pessoas não escolarizadas; ao passo que, ao ser condicionada pelo contexto seguinte, a vogal [i], a palatalização é comum na zona urbana mostrando-se inclusive como norma baiana, podendo acontecer esporadicamente na zona rural ao lado da oclusiva dental. Quanto à distribuição espacial das referidas realizações, diz Mota (1995, p. 480):

Quanto à distribuição geográfica nos limites do ‘falar baiano’, embora não se disponha de dados suficientes, verificamos, a partir dos três Atlas consultados, que as realizações palatais condicionadas pela semivogal precedente estendem-se do norte de Minas Gerais, pela faixa litorânea da Bahia, até Sergipe. As palatais que precedem vogal alta distribuem-se por todo o Estado de Minas Gerais, subindo também pelo litoral da Bahia, sem, contudo, atingir, de modo representativo, o Estado de Sergipe.

Conforme se verá mais adiante, esses limites se estendem a outras localidades nordestinas, pois a palatalização das oclusivas alveolares que sucedem [j] já foi atestada, inclusive, em Maceió, de acordo com Santos (1997).

Mota (op. cit) diz também ter encontrado o fenômeno de palatalização que ocorre com a nasal alveolar em formas como *nome, não* quando o vocábulo precedente termina em [i]. A autora faz referência ainda à palatalização da lateral alveolar /l/ em duas cartas do AFPB nos vocábulos *cálice e malina*.

Vieira (s. d.) analisou a realização fonética de /t/ e /d/ na fala de informantes de Santa Catarina, a partir de dados do Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul (ALERS). A autora avaliou a palatalização em três palavras, a saber: *tia, mentira e dia*.

Ao comparar os resultados com os do Estado do Paraná (MERCER, 1992), verificou que a regra está mais avançada nesse Estado. No Paraná, tem-se: *tia* (93%), *mentira* (88%) e *dia* (65%). Já em Santa Catarina obteve-se: *tia* (50%), *mentira* (42%) e *dia* (11,25%). Vieira (s. d.), tomando por base Mercer (1992), atribui a baixa frequência de palatalização da oclusiva alveolar sonora ao fato de sua homorgânica surda oferecer menos resistência à regra pelo fato de ser mais forte.

Almeida e Cardoso (2000) estudaram a realização variável de /t/ e /d/ em palavras como *mandioca, tarde, noite e dia* levando em consideração aspectos diatópicos. As autoras realizaram um contraste a fim de estabelecer as diferenças fonéticas quanto à realização desses fonemas na fala da zona urbana e da zona rural.

Os espaços geográficos selecionados para a pesquisa foram Salvador-BA e Rio Real-SE. Foi utilizada na amostra a fala de oito informantes, quatro da zona urbana e quatro da zona rural. Para cada uma das variáveis foram encontradas quatro variantes, a saber: variante apical, particularmente tensa, variante oclusiva dental surda, variante palatalizada, variante palatal surda para /t/; variante apical, particularmente tensa, variante oclusiva dental sonora, variante palatalizada, variante palatal sonora para /d/.

Em Salvador, para /t/, a variante mais produtiva foi a variante palatalizada (66,6%). Já em Rio Real, a variante que apresentou maior frequência foi a oclusiva dental surda (45,7%). Para /d/, tanto na zona rural quanto na zona urbana, predominou a variante oclusiva dental sonora (64,7%, 51,4%, respectivamente). Esses resultados corroboram os resultados encontrados por Mota (1995) para /t/ e /d/ quando seguidos de [i]. A autora (1995) explica que na zona urbana de Salvador a realização palatalizada chega a ser quase norma e que aparece esporadicamente na zona rural ao lado da oclusiva dental, variante predominante nesse espaço.

A palatalização e africacão das oclusivas alveolares já foram várias vezes objeto de estudo no Brasil, mas não em todos os Estados. Foi estudada principalmente na zona rural do espaço nordestino coberto pela pesquisa aos atlas linguísticos (ROSSI, 1969; ROSSI, 1970; CARDOSO, 1993; JACIRA MOTA; VERA ROLLEMBERG, 1998).

O fato de grande parte dos fonólogos brasileiros fazerem sempre referência à palatalização como um fenômeno que pertence ao domínio da sílaba mostra que realmente falta muito para se descrever a diversidade linguística brasileira, bem como para se construir o quadro da realidade linguística do Português falado no Brasil.

Talvez já se tenha procedido de forma até mais significativa a esses estudos na região Sul e Sudeste do país, mas há necessidade de que eles sejam implementados também nas demais regiões. Entretanto, um outro dado causa inquietação: o fato de os estudos já realizados nas regiões Norte e Nordeste não serem do conhecimento desses fonólogos e foneticistas e, assim, não serem registrados. Isso leva a que se façam algumas generalizações que não correspondem à realidade linguística brasileira. A prova desse desconhecimento fica óbvia quando a palatalização do domínio da palavra, amplamente verificada nesta seção nos espaços de falares nordestinos, não é praticamente mencionada por nenhum dos trabalhos citados a respeito dos aspectos fonéticos e fonológicos do Português do Brasil. Daí, a necessidade de se estudar e documentar esse fenômeno. Principalmente aquele que diz respeito à palatalização da lateral alveolar /l/, já que dele, de acordo com o levantamento bibliográfico aqui realizado, não há praticamente registro.

#### 2.4 A palatalização em trabalhos de natureza sociolinguística

Bisol (1986) estudou a palatalização das oclusivas alveolares no Português falado no Rio Grande do Sul. A autora faz alusão à africacão desses segmentos como resultado da palatalização. Bisol (1986) explica que diante de /i/ a aplicação da regra de palatalização é quase categórica. Acrescenta, ainda, que é comum ocorrer a supressão de /i/ em palavras em que as oclusivas são seguidas por [s z], obtendo-se, assim, formas como [ʔʔʔʔʔʔʔʔ] para o vocábulo *partes* em que, segundo a autora, tem-se a africada alveolar [ts].

Os resultados estatísticos obtidos quando do uso do programa de regra variável apresentam as sibilantes /s z/ como inibidoras da regra quando localizadas à esquerda ou à direita, sendo o contexto à direita mais inibidor do que o da esquerda. O grupo formado por esses segmentos desfavorece sempre a palatalização para os grupos étnicos metropolitanos,

fronteiriços, italianos e alemães. Os grupos de fatores *palatal e outros* favorecem a regra, exceto no grupo *italianos* em que o fator palatal é desfavorecido.

A ação bloqueadora das sibilantes, de acordo com a autora, pode ser explicada por meio de argumentos fonéticos. Bisol (1986) explica que /t, s/ e /z e d/ apresentam configurações fonéticas semelhantes, pois apresentam F2 na mesma altura, são [-alt]; isso fortalece a oclusiva coronal. É o traço [-alt] que resiste:

[...] ao levantamento e frontalização do corpo da língua, necessários à emissão de uma palatal, eliminando, dessa forma, a dificuldade física envolvida na articulação das africadas [t̪s̪ t̪z̪] [...] tendendo a preservá-la da ação assimiladora da vogal alta palatal. Trata-se, pois, de um processo de minimização de dificuldade articulatória, que se efetiva plenamente através da supressão da vogal interveniente (BISOL, 1986, p. 165).

A relação estreita entre oclusiva e africada, por sua vez, favorece a supressão da vogal e a formação de africadas alveolares, afirma Bisol (1986). Isso favorece a realização [t̪s̪ t̪z̪]. O contexto átono em que se encontra a vogal alta, enfraquecida, também favorece essa realização. A palatalização é obstaculizada pelas sibilantes, mas se constitui a tendência geral, explica Bisol (1986).

A autora aponta a palatalização como processo diretamente ligado à elevação vocálica, apresentando essa última como regra alimentadora da palatalização que justifica a diferença de aplicação nas diferentes comunidades pesquisadas. Conclui que, embora a regra se generalize mais em algumas comunidades e menos em outras, o ordenamento segue seu curso normal.

O ponto de vista da autora quanto à relação entre elevação vocálica e palatalização pode ser corroborado pelos dados encontrados no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul. Nesse Atlas, constata-se que a elevação vocálica é acompanhada pela palatalização ou africadação. A variante mais produtiva nessa região para as oclusivas alveolares, segundo esse documento, é a oclusiva levemente africada. Há apenas dois casos registrados nesse Atlas em que a palatalização ocorre sem que tenha ocorrido antes a elevação vocálica, quais sejam: *sete e vinte*. Esses dados estão registrados, precisamente, nas páginas 108 e 112; cartas 109 e 113, pontos 236 (PR) e 716 (RS), respectivamente.

Mota e Rollemberg (1997) estudaram, a partir da fala de universitários, as africadas palatais [t̪s̪ t̪z̪] em Salvador. O *corpus* analisado faz parte do projeto NURC. As autoras apresentam a ocorrência do fenômeno que acontece no falar baiano como distinto daquele que se verifica na fala carioca em que os referidos segmentos palatalizam-se geralmente diante de [i]. Os exemplos analisados pelas autoras são formas como **muito**, **oito**, **cuidado**, **doido**, ou seja, vocábulos nos quais as variáveis não vêm seguidas pela vogal anterior

alta, como em [ʒ<■□eɾ♦◆♠]. Conforme os dados das autoras, a oclusiva sonora realizou-se sempre como não palatalizada.

Ao todo, de um total de 1.594 dados, foram encontrados 24 casos nos quais figuravam a variante palatal surda (20 referentes a  **muito** e flexões e quatro correspondentes a  **oito**,  **jeito** e  **sujeito**). O percentual de ocorrência das referidas realizações nas EFs (elocuições formais) foi de 0.94% e nos DIDs (diálogos entre dois informantes) de 2.37%, diferença que as autoras atribuem ao grau de formalidade das elocuições, que parece se constituir apenas tímida indicação disso, pois seriam necessários mais dados para confirmar tal hipótese.

Os resultados apontam [♦◆] como mais recorrente entre as mulheres e os mais velhos, ou seja, na fala de informantes entre 46-55 anos e acima de 55 anos. As autoras concluem, a partir dos resultados obtidos, que a produtiva ocorrência de [♦◆♠ ℓ ʒ<■□eɾ♠ nos Atlas não é visível entre falantes universitários, apontando-as, assim, como variantes diatópicas e diastráticas. Portanto, a escolaridade, o gênero e a idade assumem papel importante na realização dessas variantes na fala de Salvador.

Mota e Rollemberg (1997) completam que tais variantes são estigmatizadas e que nunca gozaram o prestígio das  **africadas palatais cariocas**. É possível que tal estigmatização resulte do fato de que não ocorrem na fala carioca, geralmente vista como modelo para a Língua Portuguesa no Brasil, configurando-se, inclusive, como modelo para os telejornais. Cabe ressaltar que essa atribuição se dá devido à consideração de fatores de ordem social e não linguística. Junte-se a isso o fato de as africadas se encontrarem mais frequentemente entre os não escolarizados.

Hora (1990) estudou a palatalização de /t/ e /d/ na fala de Alagoinhas-BA. Fizeram parte da amostra ao todo 70 informantes de cuja fala se extraíram 35 horas de gravação. Oliveira (1990) encontrou 62% de palatalização dos referidos fonemas. As variáveis consideradas pelo autor foram: a) linguísticas: contexto fonológico seguinte<sup>7</sup>, contexto fonológico precedente, sonoridade, tonicidade, posição na sílaba, contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora<sup>8</sup>; b) extralinguísticas: classe social, gênero e faixa etária (15-25, 26-36, 37-47 e mais de 48) e estilo (lista de palavras, leitura de frases, questões abertas e inquérito fonético). Os dois últimos tipos de estilo foram considerados informais e os dois primeiros formais. Os

<sup>7</sup> Entenda-se como o contexto que segue o gatilho.

<sup>8</sup> A denominação que o autor atribui a esse grupo parece inadequada. Talvez se pudesse falar em qualidade do gatilho. Entretanto, ele assinala que seu objetivo é examinar se as regras às quais o gatilho poderia estar sujeito, como nasalização e apagamento, poderiam exercer algum tipo de influência sobre a regra. Essa formulação leva a que se pense que o apagamento, em palavras como *índio* e *índia*, exemplos apresentados pelo autor, precede a palatalização, o que vai de encontro ao ponto de vista aqui defendido.

estilos formais (.55) favoreceram a palatalização e os informais (.45) a inibiram<sup>9</sup>. Os informantes com mais de 48 anos desfavoreceram a regra (.47) enquanto as outras faixas etárias favoreceram-na (.53). A variável gênero não se mostrou importante no condicionamento da palatalização.

Os contextos linguísticos mais favoráveis à palatalização foram: contexto de vogais, em especial o *glide* anterior (.66), em palavras como **índio**, e outros (.60), ambos no contexto seguinte; a nasal (.66) e outros (.54), no grupo contexto precedente; o clítico **te** (.67) no grupo tonicidade; vogal alta seguida de nasal (.61) no contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora. No grupo de fatores posição, o fator que mais favoreceu a regra foi início de palavra início de frase (.77)<sup>10</sup>.

Para Oliveira (1990), há palatalização categórica se o *glide* que precede a variável é apagado como em *leite*, se não apaga, a regra é variável. Essa informação corrobora em termos os dados de Mota (1995), autora em cujo trabalho o *glide* foi suprimido frequentemente quando da palatalização em formas como *muito*.

O trabalho de Hora (1990) interessa de forma especial a esta investigação, pois talvez se constitua a primeira pesquisa sobre a palatalização no Brasil que articula a pesquisa Sociolinguística ao referencial da Fonologia Autossegmental. Faz falta nesse trabalho a apresentação de exemplos em transcrição fonética, pois em alguns casos, como na página 125 da referida tese, em que se verifica o peso relativo igual a .59 para o fator **outras vogais**, não se tem clareza se esse favorecimento se deu porque as oclusivas estavam diante de [i] ou de [e]. A dúvida advém do fato de que nessa posição costuma ocorrer elevação vocálica, tendo-se na maioria dos dialetos do Brasil a reduzida [ɪ]. Talvez fosse mais adequado realizar codificações distintas para as duas vogais, mesmo que depois se procedesse à amalgamação dos fatores.

Há que se mencionar ainda que o autor (1990) considera como contexto seguinte o segmento que vem depois dos vocóides frontais [i j] que seguem /t d/. Um dos exemplos apresentados é o vocábulo **cativo**, em que o contexto seguinte é a labiodental [v] que recebe peso relativo igual a .57. Cabe ressaltar, entretanto, que é pouco provável que um contexto como /v/ exerça uma atuação positiva sobre a palatalização. Ora, não há nada em /v/ que possa motivar a palatalização das oclusivas alveolares /t d/. Note-se que o *output* dessa regra não apresenta traços de lugar desse segmento. Por outro lado, /t d/ e /v/ não formam uma classe

<sup>9</sup> No tipo de análise estatística realizada por Oliveira (1990), a binária, uma variante é favorecida se recebe peso relativo superior a .50.

<sup>10</sup> Os pesos relativos apresentados referem-se a resultados finais; depois de se proceder à amalgamação. O grupo sonoridade não foi selecionado. As surdas favoreceram a regra. Receberam peso relativo igual a (.78). As sibilantes inibiram a regra no contexto fonológico precedente e no seguinte.

natural em relação aos traços de lugar. Sobre isso, diz Matzenauer (2005, p. 26), “Além disso, pode-se constatar que as regras se aplicam a classes de segmentos relacionados foneticamente e não a classes arbitrárias”. Talvez o que se possa afirmar sobre esse segmento é que ele parece não inibir a regra.

O fator vogal alta, no qual figuravam palavras como **índio**, recebeu peso relativo igual a .71, o que era de se esperar, já que [j] se constitui gatilho da palatalização. O contexto outras vogais recebeu peso relativo igual a .59; elas não seguiam imediatamente o alvo, mas sim o gatilho. Se essas vogais não têm atuação sobre a palatalização quando estão adjacentes ao alvo, é pouco provável que exerçam alguma atuação sobre ele quando não se encontram em contexto imediatamente seguinte. Assim, esses resultados parecem estar diretamente ligados ao contexto imediatamente subsequente a /t d/. Hora (1990) assinala que todos os fatores do grupo contexto seguinte apresentaram resultados favoráveis à regra ou muito próximos do índice neutro. Note-se que em todos os casos, era um vocóide frontal que precedia ou seguia /t/ ou /d/. Ao avaliar os resultados referentes ao grupo de fatores contexto seguinte, o autor acaba atribuindo a [j], contexto imediatamente seguinte às variáveis em estudo /t d/, em palavras como índio, a alta probabilidade de aplicação da regra, o que parece ser a interpretação adequada, pois é no contexto do *glide* que a regra é muito favorecida.

Quanto ao estabelecimento dos grupos de fatores, há que se discutir ainda se essa palatalização é condicionada pelo contexto precedente, pelo seguinte ou pelos dois. A forma como o autor tratou os dados não permite essa conclusão. Dois exemplos apresentados pelo autor (p. 129-130) referentes à atuação de [j] em contexto precedente indicam a presença de [i] também como contexto seguinte (leite, dividir), o que não permite determinar qual foi mesmo o contexto que engatilhou a palatalização.

Talvez coubesse fazer uma rodada só com os casos em que não se tivesse [i] como contexto seguinte para confirmação dessa hipótese tal qual fizeram Mota e Rollemberg (1997). Essas autoras desconsideraram os exemplos em que [i] aparecia como contexto seguinte com o objetivo de verificar se era mesmo [eɪ] que condicionava a palatalização de /t/. Esse procedimento permitiu que atribuíssem, com mais exatidão, ao *glide*, e não à vogal alta anterior subsequente à variável, a referida palatalização. A mesma observação vale para o trabalho de Santos (1997), apresentado abaixo.

Santos (1997) realizou pesquisa sobre a palatalização de /t/ e /d/ a partir da fala maceioense. Trata-se de um estudo em que analisou a fala de 20 informantes do sexo feminino da rede particular de ensino, a saber, dez professoras, com curso universitário, e dez faxineiras que apresentavam grau de escolaridade inferior ou igual à quarta série do ensino fundamental.



Ao todo foram computadas 10 horas de gravações e 16.454 ocorrências. A autora explica que diante de todos os contextos vocálicos /d/ manteve-se como oclusiva alveolar, ao contrário do que aconteceu com /t/. Esse fonema sofreu variação diante de /a, /ã/, /e/, /o/, /u/, /i/. Do total de 8.281, 93,5% corresponderam à realização oclusiva alveolar surda e 6,5% à palatalizada.

Os contextos considerados para a análise foram: contexto fonético precedente (/y/, /i/, /s/ consoante e pausa), com frequências iguais a 43%, 25%, 6% e 1% em relação à palatalização, respectivamente; contexto fonológico seguinte (/i/, /e/, /o/, /u/ /a/ e /ã/)<sup>11</sup>, com respectivos valores: 49%, 44%, 40% e 36%, 14% e 8%, o que demonstra a pouca influência dos dois últimos segmentos sobre a palatalização; e tonicidade, grupo no qual a sílaba postônica recebeu a maior frequência de palatalização (41%).

Segundo Santos (1997), a presença da semivogal /j/ favoreceu significativamente a palatalização quando precedeu /t/. Diferentemente de Hora (1990), a autora não encontrou palatalização categórica quando /j/ foi suprimido. A variável escolaridade, única variável extralinguística controlada no estudo, não apresentou resultados discrepantes para professoras e faxineiras.

A autora não testou os dados referentes ao contexto seguinte e ao contexto precedente separadamente. Assim, não é possível se determinar com precisão o significado de um e outro contexto para a aplicação da regra. Se a autora tivesse testado os dados separadamente, talvez alguns segmentos apresentados como condicionadores da palatalização como, por exemplo, [a], não aparecessem dentre os condicionadores desse fenômeno<sup>12</sup>.

O tratamento realizado também não permite inferir com segurança se em Maceió se tem a palatalização que pertence ao domínio da sílaba ou ao da palavra ou, ainda, aos dois tipos de domínio. A forma como os resultados se mostram, indica os dois tipos de domínio, o que, segundo Bisol<sup>13</sup> seria pouco provável. Para ela, quando se dá um tipo de domínio, o outro não ocorre. Entretanto, os dados de Mota (1995) contrariam esse ponto de vista, pois encontrou em sua pesquisa a palatalização do domínio da sílaba e do domínio da palavra. Segundo a autora

<sup>11</sup> Entenda-se que aqui o contexto fonológico seguinte não apresenta a mesma configuração do utilizado por Oliveira (1990). O contexto seguinte para Santos (1997) é o segmento imediatamente subsequente à variável.

<sup>12</sup> Apesar de a autora apresentar [a] como favorecedor da palatalização de /t/, leva a que se conclua que o gatilho da regra são segmentos como [i j]. Formas como *tomar e tudo*, em que não se tem aparentemente esses segmentos, sucedem palavras que terminam em [j i]. Esse tipo de palatalização foi documentado por Mota (1973) para a nasal coronal.

<sup>13</sup> Essa afirmação tem como base a fala da autora durante mini-curso ministrado no II Congresso Internacional de Fonética e Fonologia realizado em São Luis-MA, no ano de 2004.

(1995, p. 475), “/t/ e /d/ palatalizam-se: i) quando se localizam depois do *glide* [j], como em muito, doido e ii) quando precedem a vogal palatal [i], como em tiro, dito”.

De qualquer maneira, para se ter certeza de que os dois domínios ocorrem na fala maceioense, seria necessário que se tivesse realizado separadamente a análise dos dados, como fizeram Mota e Rollemberg (1997)<sup>14</sup>.

Silva (2002) estudou a realização variável das oclusivas alveolares a partir da fala da comunidade bilíngue de Penambi-RS, núcleo de colonização alemã, em palavras nas quais os referidos segmentos são seguidos pelos contextos [ʔ ɥ j]. Foram ouvidos para a pesquisa quatro informantes; todos apresentavam escolaridade ginásial, sendo dois jovens, para usar as palavras da autora, (menos de 50 anos) e dois idosos (mais de 50 anos). A coleta foi realizada no período compreendido entre 1990 e 1995. A amostra contou ao todo com 614 dados, dos quais 154 (25%) apresentaram a aplicação da regra de palatalização e 460 (75%) sua não-aplicação.

Para Silva (2002), esses segmentos palatalizam-se ou se tornam africados quando precedem [i ɥ ɛʀ]<sup>15</sup>. Para a análise estatística dos dados foi utilizado o pacote de programas VARBRUL. Os grupos de fatores estabelecidos para a referida análise foram: contexto seguinte, contexto precedente, tonicidade, sonoridade, vogal contígua, contexto subsequente à vogal condicionadora e idade.

Os grupos selecionados pelo programa de regra variável, considerando-se a palatalização a aplicação da regra, foram: idade (menos de 50 anos: 0.89; os mais velhos: 0.09); tonicidade (pretônica não-inicial: 0.86, postônica não-final 0.84; tônica: 0.86 pretônica inicial: 0.65, postônica final, 0.16); sonoridade (surda: 0.59, sonora: 0.35). A partir dos resultados obtidos para o grupo de fatores idade e do peso relativo para a aplicação total da regra, .10, a autora considera que palatalização das oclusivas alveolares é uma regra em processo de expansão em Penambi.

A tabela 1 apresenta uma síntese dos fatores linguísticos e sociais que favoreceram a palatalização das oclusivas alveolares:

<sup>14</sup> Os dados analisados por Santos (1997) apresentam sempre [j i] como contexto precedente, o que leva a que se pense que se poderia ter, na fala de Maceió, apenas a palatalização que pertence ao domínio da palavra (SANTOS, 1997, p. 73-74).

<sup>15</sup> A autora apresenta as variantes palatalizadas e africadas como uma única variante.

**Tabela 1** – Dados de estudos variacionistas sobre palatalização das oclusivas alveolares no Brasil – 2007

Dados de estudos variacionistas sobre palatalização das oclusivas alveolares no Brasil					
<b>Autores</b>	<b>Localidade pesquisada</b>	<b>Fatores linguísticos</b>	<b>Fatores sociais</b>	<b>Percentuais</b>	<b>Observações</b>
Mota & Rollemberg (1997)	Salvador	-	Os mais velhos/ mulheres/ não- escolarizados	EFs: 0.94% e DIDs: 2.37%	Regra categórica para /d/
Oliveira (1990)	Alagoinha –BA	Contexto de vogais, em especial, o <i>glide</i> anterior (.66)/ outros (.60), no contexto seguinte; a nasal (.66) e outros (.54), no grupo contexto precedente; <i>o clítico te</i> (.67) no grupo tonicidade; vogal alta seguida de nasal (.61), no contexto fonológico simultâneo à vogal condicionadora/ <u>início de palavra início de frase (.77)/ surda (.78).</u>	estilos formais (.55)/ <u>mais novos (.53).</u>	62%	Apresenta a sibilante como inibidora da regra.
Santos (1997)	Maceió –AL	Contexto fonológico precedente (/j/,/i/, /s/ e pausa), com 43%, 25%, 6% e 2% , respectivamente; contexto fonológico seguinte (/i/, /e/, /o/, /u/ /a/ e /ã/), com 49%, 44%, 40% e 36%, 14% e 9%,		6,5%	Regra categórica para /d/. A escolaridade e o tipo de profissão não se mostraram relevantes.
Silva (2002)	Penambi-RS	Tonicidade : pretônica não-inicial (0.86), postônica não-final (0.84); <u>tônica (0.86) pretônica inicial (0.65).</u> <u>postônica final (.16);</u> sonoridade: <u>surda (0.59).</u>	<u>mais novos: 0.89.</u>	25%	Aplicação total da regra 0.10
Bisol (1986)	Rio Grande do Sul	-	Etnia: os metropolitanos são os que mais favorecem a palatalização.		Apresenta a sibilante como única restrição para a palatalização. Relação entre elevação vocálica e palatalização.

Fonte: Autora, 2007.

Os trabalhos de natureza sociolinguística explanados mostram, de um lado, semelhanças e, de outro, distanciamentos entre os resultados apresentados. No que se refere aos fatores linguísticos, podem-se verificar semelhanças entre os dados estatísticos obtidos para o fator *surdas*, no grupo Sonoridade, em Hora (1990) e Silva (2002). Nos dois trabalhos esse fator recebeu peso relativo favorecedor. Outra semelhança entre eles diz respeito ao favorecimento da posição inicial. Nas duas pesquisas a posição inicial foi favorecida. Os resultados dos dois trabalhos se distanciam no que se refere à atuação do acento. Enquanto em Hora (1990), os clíticos favorecem significativamente a regra de palatalização e a posição tônica a inibe, em Silva (2002), a posição tônica favorece a regra significativamente (.86) e a posição átona final a inibe (.16). No que diz respeito aos fatores sociais, há semelhanças no grupo de fatores *idade*. Tanto Hora (1990) quanto Silva (2002) apresentam os mais jovens como favorecedores da palatalização.

Outra semelhança que pode ser apontada entre os trabalhos apresentados é a realização invariável da oclusiva alveolar sonora /d/ diante de [i] em Salvador e Maceió. Isso talvez esteja relacionado ao fato de se tratarem de capitais. Ora, se a palatalização própria dos falares baianos rurais não goza do prestígio que gozam as africadas cariocas, era de se esperar que nas capitais essa variante fosse pouco aceita, principalmente quando se trata da palatalização do domínio da palavra<sup>16</sup>. Por outro lado, há que se observar também que os trabalhos realizados mostram que a palatalização de /t/ tem se mostrado mais produtiva do que a de /d/. Esses resultados corroboram o ponto de vista de Cagliari (1974, p. 96):

O que temos observado é uma certa tendência ao aparecimento de segmento palatalizado quando se trata de consoante não-vozeada. Mais significativo ainda parece ser o fato das consoantes não-vozeadas palatalizarem mais freqüentemente do que as vozeadas, em condições de igualdade. Assim, em condições de igualdade fonética, muitas vezes temos, em português, a consoante não-vozeada palatalizada, ao passo que a vozeada não sofre palatalização. Nessa pesquisa, nunca se encontrou um caso em que, em condições de igualdade, houvesse a palatalização de uma consoante vozeada e não da não-vozeada correspondente.

O favorecimento do fator surda nos trabalhos de Hora (1990) e Silva (2002) corrobora esse ponto de vista.

Bisol (1986) e Hora (1990) apresentam as sibilantes como inibidoras da regra. Os resultados de Hora (1990) e Santos (1997) apresentam semelhanças no que se refere a fatores

---

<sup>16</sup> Provavelmente esses resultados estão relacionados aos procedimentos metodológicos adotados pelas autoras destas pesquisas, pois a palatalização de /d/, de forma assistemática, já foi atestada em Maceió e em Salvador.

linguísticos, mas não parece adequado compará-los, pois Santos (1997) utiliza, em sua pesquisa, frequência e Hora (1990) adota pesos relativos.

Os resultados que indicam favorecimentos distintos podem, à primeira vista, causar certo estranhamento. Na verdade, eles mostram que existem fatores que estão direta e incontestavelmente ligados à palatalização estudada como, por exemplo, o segmento [i], e que há outros, tanto linguísticos quanto sociais, que apresentam atuação variável. Alguns estão ligados a fatores linguísticos como ordenamento; outros a fatores diatópicos e diastráticos cuja atuação varia de região para região. A própria avaliação que o indivíduo faz do fenômeno interfere, como dizem Weinreich, Labov e Herzog (1968), em sua produtividade ou improdutividade.

Em contraposição, é preciso observar que os resultados diferentes não podem ser apressadamente relacionados só a fatores de ordem espacial. Deve-se levar em conta também que as diferentes metodologias adotadas pelos diferentes autores podem ter levado a resultados que apontam fatores favorecedores numa região que, por sua vez, são desfavorecidos em outras. O que se pode depreender das leituras realizadas é que a palatalização das oclusivas alveolares é mais produtiva no Nordeste brasileiro do que no Sul do país. Ela se dá no sentido Nordeste-Sul. Poder-se-ia dizer até na direção Norte-Nordeste-Sul se o trabalho de Vieira (1983) for levado em consideração. Segundo a autora (1983), diante de [i] as oclusivas alveolares /t/ e/d/ se palatalizam sempre.

Isso leva a que se pense sobre a necessidade de se averiguar que fatores devem ser levados em consideração quando da investigação de um determinado fenômeno e que procedimentos metodológicos se deve adotar para seu estudo, a fim de que se possa indicar adequadamente os fatores que norteiam uma dada variação.

## **2.5 A palatalização de /l/ nos *Atlas Linguísticos***

Conforme foi dito na seção anterior, a palatalização de /l/ não é um fenômeno recente em Língua Portuguesa, mas sua realização parece ser mais frequente em determinados espaços geográficos e se manifestar em contextos linguísticos específicos.

A abordagem que se fará agora parece pertencer mais ao campo da Geografia Linguística ou da Dialectologia, mas é, na verdade, uma maneira de apresentar, em termos espaciais e históricos, a trajetória muito restrita desse fenômeno. Como parece não haver registros sociolinguísticos da realização variável de /l/, optou-se por buscar nos atlas linguísticos as realizações que esse segmento vem apresentando nas últimas décadas.

Labov (1976), ao estudar a centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ na Ilha de *Martha's Vineyard*, também se utilizou dessa estratégia a fim de contextualizar espacial e historicamente esse fenômeno. Utiliza-se, neste estudo, portanto, do recurso usado pelo precursor da Sociolinguística Variacionista para contextualizar o fenômeno que parece se manifestar muito timidamente no espaço brasileiro<sup>17</sup>.

Os atlas linguísticos são documentos que registram, documentam as variações e a diversidade que ocorrem numa determinada área geográfica. Assim, achou-se por bem, embora focalizem mais a zona rural, consultá-los no sentido de verificar se a palatalização de /l/ foi registrada nas localidades em que se procedeu à pesquisa dialetológica. Serão apresentados dados que resultaram da consulta a oito Atlas Linguísticos publicados no Brasil, a saber: Atlas Prévio dos Falares Baianos (AFPB)<sup>18</sup>, Atlas Linguístico de Sergipe I (ALS I), Atlas Linguístico de Sergipe II (ALS II), Atlas Linguístico da Paraíba (ALPB), Atlas Linguístico do Paraná (ALPR), Esboço do Atlas Linguístico de Minas Gerais (EALMG), Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (ALiSPA)<sup>19</sup> e Atlas Linguístico do Pará (ALiPA)<sup>20</sup>.

De acordo com a consulta realizada, a palatalização de /l/ foi encontrada nas cartas de número 47 e 84, nas palavras **cálice** e **malina**, respectivamente, do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ANEXOS B e C). Houve apenas uma ocorrência em **cálice** e duas em **malina**. A variante palatal foi também encontrada no Atlas Linguístico-Etnográfico da Região Sul (ALERS). Na carta 40, p. 141, tem-se exemplo de realização de /l/ como /ɖ/. O fenômeno ocorreu especificamente na forma **família** ◉⌘①①'○×◊①⊛. Nesse vocábulo, essa realização foi predominante em todos os Estados do Sul do país, excetuando-se o Paraná, onde a lateral alveolar foi mais praticada. A ordem decrescente de produtividade de /ɖ/ nos três Estados obedece à seguinte disposição: Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná (ANEXO

---

<sup>17</sup> Labov percebeu, há décadas atrás, o que, atualmente, os dialetólogos e adeptos da Geografia Linguística vêm discutindo: a necessidade de trazer o social para o estudo do espaço e de se considerar o espaço quando do estudo sociolinguístico. O espaço pode favorecer ou desfavorecer, juntamente com outras variáveis sociais, determinadas realizações. Cada vez mais esses especialistas avaliam aspectos sociais a fim de compreenderem melhor as realizações linguísticas que se dão num dado espaço.

<sup>18</sup> Esse atlas foi reeditado, em 2000, em formato Cd-ROM.

<sup>19</sup> O ALiSPA é um Atlas construído em forma de CD-ROM. Esse atlas apresenta versão digital e é o primeiro atlas do Brasil a apresentar a fala, e não apenas a transcrição da fala, das pessoas entrevistadas. Esse Atlas traz a representação da fala de 40 informantes do Estado do Pará. Essa representação resultou da aplicação do questionário fonético-fonológico à zona urbana de dez cidades do Estado. Dentre essas cidades está Itaituba. Em cada cidade aplicou-se o questionário a quatro informantes; dois homens e duas mulheres com idade entre 19-30 e 40-70 anos e com escolaridade igual ou inferior à quarta série do Ensino Fundamental.

<sup>20</sup> Esse atlas encontra-se em fase de construção. Serão apresentados resultados de quatro áreas rurais que compõem a Mesorregião do Nordeste Paraense (Abaetetuba, Maracanã, Moju e Viseu). A triagem e transcrição fonética dos dados do ALiPA utilizados neste trabalho foi realizado por uma bolsista de Iniciação Científica da Universidade Federal do Pará, Céliane Souza Costa.

B). Nessa região também foi detectada, para a forma **família**, a variante semivocalizada. Na carta 41 encontram-se exemplos de semivocalização e apagamento de / $\text{ɰ}$ / na forma **folhinha** (ANEXO C).

No Atlas Lingüístico Sonoro do Pará registrou-se a variante palatal, diante do *glide* [j], em dois vocábulos: **família** e **sandália**. Houve 76 ocorrências referentes a essas duas palavras. Segundo a transcrição realizada, em todos os casos /l/ realizou-se por meio da variante palatal [ $\text{ɰ}$ ], com apagamento do *glide*, como em [f $\text{ɰ}$  → mi $\text{ɰ}$ ], ou como em [f $\text{ɰ}$  → mi $\text{ɰ}$ ]<sup>21</sup> (16 casos). Já no Atlas Lingüístico do Pará, encontram-se registros da variante palatal diante de [i]; não há dados em que /l/ ocorresse diante de [j]. Foram encontradas as seguintes realizações

realizações	para	/l/:
[ $\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$ ]	[ $\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$ ] (limão)	$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$
→ $\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$ (camaleão),		
$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$ (paletó)		$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$
$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$ (feliz)		$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$
(desfeliz)		$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$
$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$ (estilingue)		$\text{ɰ}$ → $\text{ɰ}$

(inquilino),  $\text{ɰ}$  →  $\text{ɰ}$  (galinha d'angola) A ocorrência da variante palatalizada foi significativamente superior a da alveolar. Das 58 ocorrências em que /l/ era seguido de [i], em 44 delas a variável em estudo se realizou como [ $\text{ɰ}$ ] Em 14 dados, houve a ocorrência da variante alveolar [l].

No Atlas Lingüístico Minas Gerais (1977), no Atlas Lingüístico de Sergipe I e II (1987; 2005), no Atlas Lingüístico da Paraíba (1985) e no Atlas Lingüístico do Paraná (1994) não foram encontradas ocorrências de palatalização /l/.

Quando se leva em consideração o espaço geográfico, observa-se que a palatalização de /l/ vai diminuindo, quase desaparecendo, no sentido Norte/Sul. A consulta aos Atlas mostrou que no Norte há produtiva ocorrência da palatalização da lateral alveolar /l/. Essa alta ocorrência parece ser a tendência do falar do Nordeste Paraense.

No Nordeste brasileiro esse fenômeno é praticamente inexistente. Note-se que no Atlas Prévio dos Falares Baianos há registro de apenas duas ocorrências que correspondem a um mesmo informante. Em termos teóricos, essa realização é significativa, pois corrobora a assimilação de traços que ocorre entre /l/ e /i/. Entretanto, em termos de variação e mudança linguísticas, não se faz tão relevante, pois como diz Tarallo:

<sup>21</sup> O símbolo suspenso indicaria uma espécie de redução do *glide*.

As gramáticas nas quais a mudança lingüística ocorre são gramáticas da comunidade de fala. Devido ao fato de as estruturas variáveis contidas no sistema serem determinadas por funções sociais, idioletos não são a base para gramáticas autocontidas e internamente consistentes (TARALLO, 1994, p. 61).

A palatalização de /l/ toma a direção Norte/Sul com significativo enfraquecimento na região Nordeste e Sudeste e tímida ocorrência na região Sul na palavra **família**.

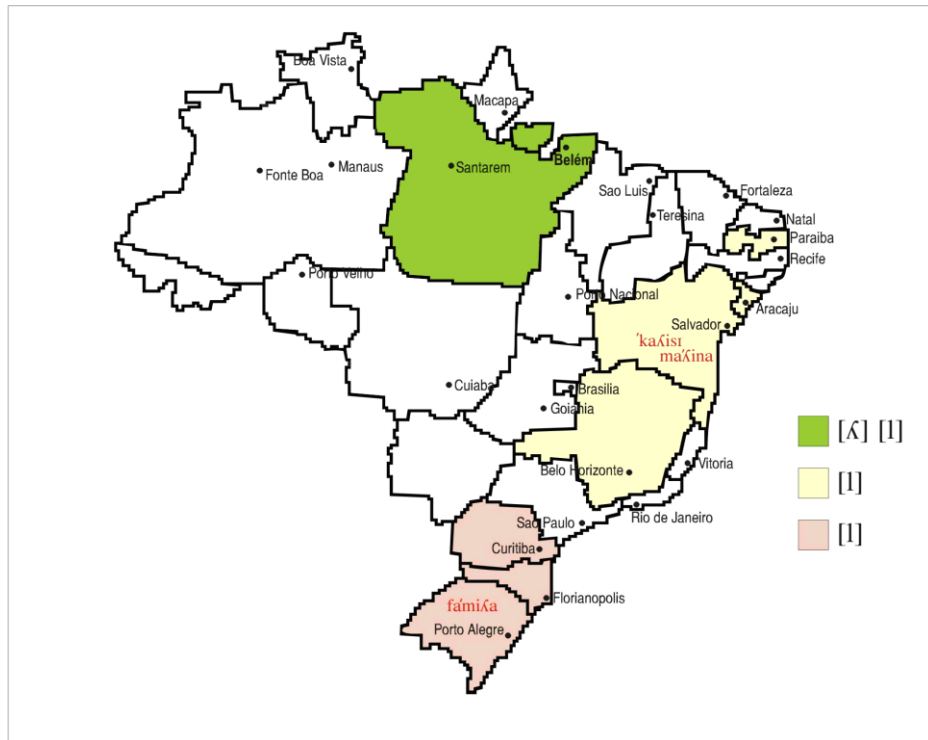
Há que se ressaltar ainda o fato de o falar de Minas não apresentar sequer uma ocorrência do fenômeno. Nascentes (1953), ao tratar das isoglossas no espaço brasileiro, inclui o falar registrado no Esboço de um Atlas de Minas Gerais como característico dos falares baianos. Note-se que, embora esse Estado pertença à região Sudeste, faz fronteira com o Estado da Bahia. Quanto à região Sul, pode-se observar que a tímida palatalização vai diminuindo na direção Sul/Norte, conforme se pôde verificar quando da apresentação do ALERS.

A palatalização da lateral alveolar, tomando-se por base os Atlas Linguísticos, é altamente produtiva na região Norte e praticamente inexistente no Nordeste e Sul do país. Entretanto, como /l/ pertence à mesma classe a que pertencem as oclusivas alveolares /t d/, essas regiões podem vir a ter essa palatalização presente em seu falar.

O fato de se ter a palatalização no Nordeste e no Sul em palavras como *família*, vocábulo no qual /l/ se encontra em contexto altamente favorecedor da palatalização, mostra que essa tendência da língua, já ativada na passagem do Latim para o Português, pode levar /l/ a se realizar variavelmente tal como acontece com /t/ e /d/ atualmente.

A Figura 1 mostra a distribuição das variantes de /l/ tomando por base os atlas consultados. A partir dela, pode-se observar que o Pará foi o único espaço em que se teve a realização da palatal superior a da variante alveolar. No espaço dos falares baianos, conforme indicado na figura mencionada, só se encontraram duas ocorrências da variante palatalizada, nas formas **cálice** e **malina**. Essas realizações estão registradas no Atlas Prévio dos Falares Baianos. Na região Sul, essa realização só foi encontrada no vocábulo *família*, mas de forma produtiva, o que fortalece a hipótese de que, talvez, esse contexto seja muito significativo para a realização palatalizada.





**Figura 1** – Distribuição geográfica da palatalização de /l/ no Norte, Nordeste, Sul e Sudeste do Brasil  
 Fonte: Atlas Linguísticos (1953, 63, 77, 85, 87, 94, 2002, 2003).

A princípio, parece que a região mais resistente à palatalização de /l/, quando se toma por base os Atlas, é a região Nordeste. Diz-se, parece, porque essas são apenas imagens preliminares do fenômeno em estudo cujos resultados apresentam grande validade para a zona rural. Talvez na zona urbana o fenômeno já tenha até alcançado um desenvolvimento menos tímido. É preciso levar em consideração também a data em que os dados para esses documentos linguísticos foram coletados bem como sua publicação.

Os Atlas consultados obedecem à seguinte cronologia de publicação: Atlas Prévio dos Falares Baianos (1963), Atlas Linguístico Minas Gerais (1977), Atlas Linguístico de Sergipe (1987), que caracterizam os falares baianos, segundo Nascentes (1953), Atlas Linguístico da Paraíba (1985) e Atlas Linguístico do Paraná (1994), Atlas Linguístico-etnográfico da Região Sul (2002), Atlas Linguístico Sonoro do Pará (2003). Os primeiros seis atlas citados foram publicados entre as décadas de 60 e 90. Essas datas podem, de certa forma, justificar a esporádica ou não ocorrência da variante palatalizada para /l/. Observe-se que não foi encontrado nenhum caso de palatalização de /l/ no ALPA, publicado na década de 90, mas a consulta ao ALERS, publicado em 2002, comprovou a palatalização, no Estado do Paraná, na

forma **família**<sup>22</sup>. Cabe ressaltar, entretanto, que essa observação referente à data não vale para a fala paraense, pois, na década de 70, Vieira (1983) já constatava a variante palatalizada entre seus dados embora em seu trabalho predominasse o estudo do léxico.

A baixa produtividade da palatalização de /l/ no Português do Brasil está ligada não só a fatores de ordem espacial, mas também a fatores de natureza linguística. Durante o levantamento bibliográfico realizado para este trabalho, verificou-se que a palatalização da oclusiva alveolar surda é bem mais produtiva do que a da oclusiva sonora. Em algumas localidades é possível se ter a palatalização da surda sem que haja palatalização da sonora (CAGLIARI, 1974). Diz o autor (1974) que é possível que a alveolar surda palatalize sem que a sua homorgânica sonora o faça, mas que o contrário é pouco provável.

Os dados empíricos dos trabalhos aqui consultados confirmam esse pressuposto. Parece que os segmentos surdos são mais suscetíveis à palatalização do que os segmentos sonoros; pelo menos em Língua Portuguesa. Isso talvez se constitua uma espécie de restrição à palatalização da lateral alveolar /l/. Disso pode resultar, dentre outros, a baixa palatalização desse segmento nos falares brasileiros.

As considerações sobre a baixa produtividade de /l/ não implicam dizer que o fenômeno não é significativo nem tende a se proliferar na Língua Portuguesa do Brasil. Primeiro, parece se constituir uma tendência românica. Segundo, a fonologia da língua favorece essa variação; há indícios disso já nesta pesquisa. Por fim, é preciso dizer que se, de acordo com a Teoria da Variação Linguística, não se tomam por base os idioletos, de outro lado, é preciso considerar que:

A generalização da mudança lingüística na estrutura lingüística não é uniforme nem instantânea; a generalização envolve a co-variação de mudanças relacionadas ao longo de períodos substanciais de tempo, e aparece refletida na difusão de isoglossas em áreas do espaço geográfico (TARALLO, 1994, p. 61).

O que se pode inferir dessas primeiras imagens acerca da palatalização de /l/ é que sua realização, por meio das variantes palatalizadas, já vem assumindo caráter de marcador de um falar no Nordeste do Pará, o que já pode indicar limites geográficos para essas variantes as quais podem difundir-se futuramente. Talvez se esse espaço geográfico coincidissem com a fala

---

<sup>22</sup>A possível ocorrência de palatalização de /l/, nos espaços em que durante as décadas de 70-90 não se detectou esse fenômeno, constituiu-se apenas uma hipótese. Seria necessária uma pesquisa nos espaços envolvidos para que se pudesse comprovar isso. Talvez a consulta aos dados do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), cuja publicação do volume I está prevista para 2008, possa confirmar tal hipótese.

das grandes capitais essa variação já tivesse alcançado um estágio mais avançado (LABOV, 1994).

As realizações encontradas para /l/, de acordo com a consulta aos Atlas, invoca o trabalho de Labov (1972). Ao estudar a centralização dos ditongos, verificou que em *Martha's Vineyard* o alçamento dos primeiros elementos de /aw/ e /ay/ apresentavam uma trajetória diferente da verificada para o Sul da Nova Inglaterra. Isso justificava, para o autor, o estudo desse fenômeno. A palatalização da lateral alveolar parece também seguir uma trajetória diferente da que se detecta no restante do Brasil. Isso faz valer esta investigação.

Vale ressaltar que, tal qual *Martha's Vineyard*, Itaituba apresenta uma complexidade social, dada à atividade garimpeira e forte invasão nordestina na cidade, que pode contribuir para o caráter acentuado da realização palatal, conforme se verá na seção 3.

### 3 PRESSUPOSTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Nesta seção, serão apresentados os pressupostos teórico-metodológicos dos dois modelos utilizados na análise dos dados, quais sejam: Teoria da Variação Linguística e Fonologia de Geometria de Traços. Ainda serão apresentados os procedimentos metodológicos adotados para esta pesquisa.

#### 3.1 Teoria da variação linguística

A mudança linguística não se constitui objeto recente de investigação. Há muito, diversos estudiosos da língua se interessaram em estudar esse fenômeno utilizando-se de olhares diferentes sobre a língua com o fim de saber o que causava a mudança. Entretanto, a pergunta direta “Por que mudam as línguas?” e, assim, poder-se-ia pensar, de resposta fácil, é, na verdade, uma pergunta que exige, como diz Katz (1982), ao discutir o que é significado, não uma resposta direta, simples, mas uma teoria a respeito da variação e da mudança linguística.

Esse empreendimento teve como precursor, na década de 60, William Labov (1966). Entretanto, muitos outros autores que escreveram antes de Labov levantaram questões pertinentes que ajudam a refletir sobre esse fenômeno linguístico (MEILLET, 1965; SAPIR, 1975).

Segundo Labov (1976), as irregularidades linguísticas devem ser estudadas levando-se em conta as oscilações da estrutura social. Esse tipo de procedimento já pode ser encontrado no trabalho desse autor publicado em 1966. Trata-se de um estudo em que utilizou os dados de fala de lojas de departamento nova-iorquinas para descrever a estratificação social do (r), mostrando, por meio de dados retirados de situações concretas, a relação entre a estrutura linguística e a estrutura social. Outro estudo que teve grande significado para o fortalecimento da Sociolinguística foi *Sociolinguistics Patterns* cuja primeira publicação aconteceu em 1972. A partir daí, foram inúmeros os trabalhos que levavam em consideração a estrutura interna e a externa para o estudo da língua.

Um dos pressupostos básicos da Sociolinguística é que toda variação e mudança linguísticas são motivadas por fatores de natureza linguística e social. Não se pode, assim,

atribuir uma dada variação só à parte interna ou externa dos dados da língua<sup>23</sup>. Para Labov (1976), é apenas aparente a desorganização que resulta da variação linguística, pois as variações e mudanças na língua são sistemáticas, previsíveis e regulares. Para o autor (1976), o tipo de convivência entre as diferentes variantes pode indicar em que sentido vai a mudança, a partir da avaliação da probabilidade correspondente a diferentes grupos sociais. A renda, o gênero, a idade são alguns dos indicadores da direção da mudança linguística, do seu caráter estável ou de progressão. Labov (1976) apresenta duas possibilidades por meio das quais se podem medir o estágio de uma mudança. O autor propõe o estudo em tempo aparente e em tempo real.

O estudo em tempo real implica o pesquisador coletar, depois de décadas, dados de fala de um mesmo informante com o fim de comparar a realização do passado e do presente. O estudo em tempo aparente, geralmente mais adotado, visto que não implica entrevistar novamente o mesmo informante, prevê a utilização de diferentes faixas etárias num mesmo estudo para avaliação dos índices probabilísticos referentes a cada uma dessas faixas etárias. A teoria prevê também que, numa mudança em progresso, os mais jovens devem usar mais a variante que tende a ganhar o combate entre as variantes. Quando isso não acontece, tem-se um processo de variação estável.

A Sociolinguística guarda, sem dúvida, relação com a Gramática Histórica, pois está interessada na mudança linguística, bem como com a Dialectologia. Cabe, entretanto, ressaltar que, como diz Wetzels (2002), ela não se interessa pelo produto da mudança, mas pelo próprio processo de variação que pode resultar em mudança linguística. É possível, a partir dessa perspectiva, apontar as tendências, ou seja, a direção em que vai a mudança linguística.

Essa problemática, amplamente discutida pelos sociolinguistas, pode ser, ainda que timidamente, encontrada no trabalho de Sapir (1975). Esse autor explica que a mudança linguística pode caminhar em diferentes direções, mas obedece a uma deriva linguística, ou seja, a variação e mudança em uma determinada língua não se dá aleatoriamente, mas segue determinadas tendências. Essas, do ponto de vista sociolinguístico, são motivadas linguisticamente e socialmente. Sapir (1975) não chega a tratar diretamente de fatores de ordem social, mas tangencia um outro ponto importante que é a diversidade motivada pelo espaço geográfico. Não se pode esquecer que o espaço é também um fator de ordem social, e é, por sua vez, um indicador social. A unidade e diversidade dentro de um determinado espaço geográfico estão ligadas a relações sociais.

---

<sup>23</sup> Esse pressuposto fica comprovado durante a análise dos dados deste trabalho. Inicialmente, parece que a estrutura interna é suficiente para a ocorrência da variação da variável em estudo, mas, como se verá adiante, há uma correlação de forças internas e externas que motivam e estruturam a variação que se investiga.

Outro autor merece ser citado quando se trata de considerar a língua como um fato social. Meillet (1921) reforça o caráter social da língua. Nas palavras de Calvet (2002), diferentemente de Saussure (1995), que também afirmava ser a língua um fato social, Meillet (1921) considerava que se deveria levar em consideração, quando do estudo linguístico, a parte externa dos fatos da língua. Entretanto, sua postura, ao defender esse ponto de vista, em termos práticos, foi muito tímida. Apesar de reconhecer que o estudo da linguagem deveria levar em consideração o contexto social, teve seus estudos principalmente à investigação de línguas mortas para fins de comparação. Isso o distancia do pressuposto sociolinguístico que prevê o estudo da língua a partir de dados colhidos de situações concretas. Porém, sua discussão a respeito de se considerar o contexto social na abordagem linguística foi de suma importância para discussões posteriores da Sociolinguística.

A aplicação de entrevistas, cuja finalidade é coletar narrativas, é um dos principais instrumentos de coleta de dados utilizados pela Sociolinguística Variacionista. Além de permitir que se trabalhe sobre dados que advêm de situações concretas de comunicação, permite que o entrevistado monitore menos sua fala. O relato de experiências, que resulta da aplicação de entrevistas, já tem sido produtivamente utilizado nos trabalhos de natureza sociolinguística. Essa adoção metodológica tem como objetivo fugir de realizações linguísticas pouco naturais provocadas pelo desconforto comum no início da coleta de relatos, pois, como diz Tarallo (2000, p. 19): “nosso interesse é o veículo linguístico de comunicação usado em situações naturais”. O relato de experiências pessoais tem sido muito produtivo no alcance desse objetivo. Embora o informante apresente aos primeiros minutos de sua fala certa preocupação com o gravador e com a presença do pesquisador, envolvido emocionalmente com sua história, após alguns minutos do início de seu relato, presta o mínimo de atenção ao como relata. Segundo Tarallo (2000), esse tipo de procedimento ajuda a diminuir o inconveniente causado pela presença do pesquisador.

Em suma, a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, idéias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação (TARALLO, 2000, p. 19).

### 3.1.1 Atitudes linguísticas

O estudo a respeito das atitudes linguísticas veio corroborar a importância de se considerar aspectos externos no estudo da língua. Trabalhos desenvolvidos por Trudgill (1974),

Bourdieu (1975) e Labov (1972) revelaram que o comportamento linguístico guardava relação com aspectos sociais e que esses, por sua vez, interferiam na maneira como os falantes avaliavam as formas utilizadas em sua língua. As mulheres, por exemplo, no trabalho de Trudgill (1974), mostram-se apreciadoras das variantes prestigiadas e revelam desejo em usá-las mesmo que não o façam. O autor atribui isso ao papel conservador da mulher que é exigido pela sociedade. Essa atitude que o falante apresenta em relação à sua língua pode favorecer a produtividade ou improdutividade de certas formas em determinados grupos sociais, já que seu uso estará atrelado à avaliação social que fazem delas.

Essas pesquisas serviram de argumento para que a linguística, diferentemente do que faziam os adeptos das leis fonéticas, estudasse a língua em contexto social, pois os comportamentos linguísticos divergentes não poderiam ser atribuídos apenas a fatores de ordem interna dada a força comprovada que fatores de ordem externa demonstravam exercer sobre essas variações. Os defensores da relação entre língua e sociedade consideram impreterível a convocação de fatores externos quando do estudo da língua, diferentemente do que defendia a maioria dos estruturalistas.

Para a confirmação das hipóteses levantadas neste trabalho, que leva em consideração a relação entre estruturas linguísticas e sociais, optou-se pela Sociolinguística Quantitativa que é um modelo linguístico que tem como um dos precursores Labov (1972). De acordo com essa perspectiva teórico-metodológica, toda variação é condicionada por fatores linguísticos e sociais. A partir da adoção do método da Sociolinguística Quantitativa, por meio de programas elaborados especialmente para realizar cálculos estatísticos, pode-se também interpretar os fatores que condicionam a variação. O linguista poderá saber, a partir dos pesos relativos fornecidos pelo programa de regra variável, componente do pacote computacional VARBRUL, a probabilidade de uma determinada variante se realizar: “Labov demonstrou, porém, que a variação não é livre: ela é determinada por fatores extralinguísticos e intralinguísticos de forma predizível” (CALLOU, 1979, p. 30).

### 3.1.2 Variável e variantes

Conforme foi dito, a variação dos fonemas nas línguas pode ser sistematizada, visto que essa variação é previsível. Isso não significa dizer que o estudioso da língua vai adivinhar as variações nela possíveis, mas que a ocorrência de determinadas realizações pode ser probabilisticamente indicada. A Sociolinguística Quantitativa trabalha com programas computacionais cujos cálculos indicam a probabilidade de ocorrência de determinadas

variantes, que são as diferentes realizações de uma dada variável. Essa, por sua vez, grosso modo, é entendida como um conjunto de variantes que apresentam o mesmo valor.

### 3.1.3 Variável dependente e variáveis independentes

Os Programas de regra variável, integrantes do pacote computacional VARBRUL, fornecem dados estatísticos que apontam se a realização de uma determinada variável linguística (variável dependente) é favorecida ou desfavorecida por determinadas variáveis linguísticas e sociais (variáveis independentes). A variável dependente é assim denominada, pois sua realização depende da atuação das variáveis independentes que podem ser de natureza linguística ou social como contexto seguinte, sexo, por exemplo.

### 3.1.4 Teoria variacionista e linguística teórica

Atualmente, a Sociolinguística, por meio de sua vertente Variacionista desenvolvida por Labov (1972), tem se mostrado extremamente útil no estudo da variação e mudança linguística. Segundo Labov (1972), a oscilação e mudança que ocorre nas línguas se caracterizam por três diferentes etapas, quais sejam:

- a) pela variação que se inicia na fala de um determinado grupo;
- b) pelo crescimento dessa variação que se estende à fala de outros grupos e se opõe significativamente à forma antes utilizada;
- c) pela eliminação das formas concorrentes e, assim, o estabelecimento da nova forma.

O uso de programas computacionais nos estudos da variação e mudança linguísticas, quando do tratamento dos dados, tem contribuído para a credibilidade desse estudo<sup>24</sup>. A sistematização dos resultados obtidos pelos diversos trabalhos já realizados na área contribui não só para a descrição minuciosa de um determinado fenômeno de variação numa dada língua, mas também traz auxílio para a linguística teórica, pois como diz Wetzels (2002, p. 35-36):

Os dados de variação podem deixar às claras a utilidade de conceitos que são essenciais a um dado modelo ou teoria [...] os dados quantitativos podem ter

---

<sup>24</sup> Naro (1992), Pinto e Fioretti (1992), Sankof (1994), Scherre (1993), Brescancini (2002) são exemplos de trabalhos que dão orientação para o uso adequado do Pacote de Programas Computacionais utilizados na análise quantitativa dos dados. Guy (1998) apresenta instruções quanto ao uso avançado do Pacote de Programas. Este último apresenta informações para uma análise mais refinada dos dados. Esses textos foram consultados para a realização do tratamento estatístico dos dados nesta pesquisa.



um papel vital ao testar teorias. Há outras áreas onde os dados da variação são diretamente relevantes para construção da teoria.

Sendo assim, a pesquisa Sociolinguística, diferentemente do que alguns pensam, não se configura uma espécie de investigação que faz envidar esforços demais para estudar em detalhe um fenômeno de variação numa certa língua, mas é antes um tipo de abordagem do fenômeno linguístico que minuciosa e rigorosamente o investiga, como deve ser em ciência, ajudando, inclusive, na construção da linguística teórica. A Sociolinguística estuda um fato específico e característico de uma dada comunidade.

Pode-se, a partir desses estudos, apontar, por exemplo, regularidades, universais linguísticos, o papel da estrutura interna e externa na variação e mudança linguísticas. Reside aí, dentre outros, o mérito dessa produtiva área de pesquisa que serviu de base para a construção deste trabalho.

### **3.2 Teoria fonológica**

Na seção anterior, foi apresentada breve discussão a respeito da Teoria da Variação Linguística, enfatizando-se o modelo Sociolinguístico Quantitativo. Nesta seção, serão apresentadas informações sobre a adoção teórica para a análise qualitativa.

#### **3.2.1 A escolha do modelo**

A escolha de um referencial teórico a ser adotado para a construção de uma pesquisa deve estar diretamente relacionada ao tipo de objeto que se tem e aos problemas encontrados durante o seu manuseio, visto que algumas teorias não dão, adequadamente, conta de explicar determinados fenômenos encontrados numa dada língua. As hipóteses levantadas, nesse sentido, mostram-se extremamente importantes nessa adoção, pois as questões a serem respondidas, bem como a confirmação das suspeitas que se tem, poderão ou não ser confirmadas a partir do modelo adotado.

O principal objetivo deste trabalho é estudar a realização variável da lateral alveolar /l/, tomando-se por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Esse modelo, entretanto, favorece a adoção de diferentes opções teóricas para se explicar linguisticamente as variantes encontradas no *corpus* que se analisa.

Diversos pesquisadores da área de variação linguística têm, tradicionalmente, adotado diferentes modelos teóricos para explicar os resultados fornecidos pelo instrumental

computacional da Sociolinguística Quantitativa. Quando da orientação para o uso dos programas computacionais, os especialistas alertam, não raro, para o fato de que uma boa análise quantitativa deve ser complementada por uma interpretação linguística dos pesos relativos fornecidos por esses programas. Sendo assim, torna-se imprescindível que o trabalho empírico empreste à linguística teórica no momento de elaborar conclusões, a partir dos dados quantitativos, pois como diz Nivette (1975, p. 80):

Da mesma forma, os métodos de pesquisa próprios a cada um desses domínios se encontram em relação dialética um com o outro: para o desempenho, o método deve ser indutivo- no que ele pouco difere na pesquisa aplicada a outros fenômenos complexos- enquanto a pesquisa no domínio da competência recorrerá mais aos métodos lógicos, matemáticos e, portanto, dedutivos, visto que a competência é um conjunto de regras bem delimitado em uma situação de fala ideal falante-ouvinte. Como os dados de base para o estudo da competência devem vir inevitavelmente do desempenho- idealizado ou não- é evidente que a pesquisa linguística deverá desenvolver-se de maneira progressiva, a partir da concordância de métodos empíricos e de métodos racionais.

O modelo dedutivo adotado neste trabalho para a explicação da relação entre os segmentos foi a Fonologia Não-linear, mais especificamente, a Geometria de Traços. A escolha realizada guarda relação com o fato de a Geometria de Traços favorecer uma explicação elegante e, ao mesmo tempo, minuciosa dos fenômenos fonológicos. Essa corrente não-linear pode dar conta de algumas explicações que a fonologia linear, como, por exemplo, a Fonologia Gerativa, da qual é um desenvolvimento, não teria condições de fornecer. Por outro lado, havia necessidade de que se lançasse mão de um modelo teórico que levasse em consideração processos fonológicos de forma que se pudesse entender algumas realizações fonéticas encontradas no *corpus*. Essas realizações, inicialmente, conforme se verá na seção 4, pareciam contrariar os pressupostos da teoria linguística. Além disso, iam de encontro a outros resultados encontrados no *corpus* em estudo, não permitindo que determinadas generalizações fossem construídas.

Gussenhover e Jakobs (1998) chamam a atenção para o fato de que algumas realizações podem ser facilmente explicadas tomando-se por base a forma de superfície, pois estão relacionadas imediatamente ao contexto fonético. Acrescentam que, por outro lado, algumas realizações só podem ser explicadas quando se recorre à forma fonológica. Essa forma difere da estrutura de superfície. Em alguns casos, só a convocação daquela favorece o reconhecimento da unidade fonológica e permite que se realizem generalizações. Portanto, ficou óbvio que o modelo teórico a ser adotado deveria levar em consideração a representação de superfície e a representação subjacente. Deveria também operar com processos fonológicos,

a fim de que se pudesse explicar de forma adequada e não arbitrária as realizações fonéticas de /l/.

Ora, alguns fonemas das línguas apresentam uma realização de superfície previsível, outras realizações precisam ser minuciosa e cuidadosamente avaliadas para que se possa identificar o (s) processo (s) fonológico (s) pelo (s) qual (is), porventura, tenha passado um dado segmento, levando-o à forma que apresenta. Um dos problemas que se apresentou nesse sentido tinha a ver com a forma *família*, pois uma das representações fonéticas encontradas no *corpus* para esse vocábulo era [f<sup>1</sup> <sup>2</sup> <mi <sup>3</sup> <sup>4</sup>].

No arquivo de dados, o contexto seguinte registrado para /l/ era [a]. A princípio, parecia que /l/ palatalizava diante de [a]. Isso ia de encontro a dados históricos e de funcionamento do Português. Contrariava também a teoria linguística. Assim, caso não fosse adotado um modelo que levasse em consideração a forma subjacente, não se poderia explicar adequadamente essa realização fonética ou talvez se elaborasse uma descrição equivocada.

Labov (1976) chama a atenção para o fato de que quanto mais se conhece uma língua, melhor se pode descrevê-la e mais se pode descobrir sobre ela. Uma investigação que leva em conta a variação linguística não pode se dar o luxo de não lançar mão do conhecimento teórico da linguística e do conhecimento a respeito do funcionamento da língua que é investigada, sob pena de que se cometam alguns equívocos, procedimentos que contrariam o funcionamento da língua em estudo.

Além disso, deve-se levar em conta que, muitas vezes, a implementação de uma determinada variação guarda relação com outras que já se deram na língua. Uma regra pode alimentar outra, ou mesmo interferir no sentido de não favorecer sua implementação. Quando se ignoram esses procedimentos de natureza teórico-metodológica, a análise pode ficar comprometida e os dados estatísticos podem até inflacionar fatores de forma a indicar erroneamente as probabilidades. Nesse caso, o problema não está nas ferramentas computacionais, mas nos procedimentos adotados pelo pesquisador.

Dada a interface necessária entre fonética e fonologia neste trabalho, tomou-se emprestado à Geometria de Traços, visto que sua configuração oferece uma articulação entre estrutura fonológica e interpretação fonética (CLEMENTS; HUME, 1995).

Uma investigação que toma por base a Sociolinguística Quantitativa não pode desconsiderar tal relação. É justamente aqui e, por isso, que a investigação quantitativa se apropria de modelos de análise qualitativa no sentido de tornar essa investigação mais do que uma análise de números, mas realmente sociolinguística, dando, assim, mais credibilidade aos

resultados numéricos. Na perspectiva atual dos estudos de variação linguística os dois métodos se completam:

Não obstante, permanece a idéia de que os dados indutivos, entretanto, constituem elementos necessários à elaboração de sistemas dedutivos, e de que os modelos dedutivos devem, a título de experiência, ser verificados, de modo contínuo, com o propósito de determinar a sua correção e o seu campo de aplicação. Podemos mesmo dizer que a pesquisa experimental permite descobrir ou colocar em evidência dados (indutivos) importantes que permitirão adaptar ou enriquecer a teoria dedutiva (NIVETTE, 1975, p. 82).

A complementaridade entre pesquisa de natureza teórica e de cunho empírico pode ser ainda encontrada em Clements (1991). Nesse texto, o autor deixa claro que os pressupostos teóricos que defende são suportados por dados empíricos, o que torna forte a teoria que defende.

Na verdade, a investigação sociolinguística já está permeada, durante toda a sua construção, de um determinado modelo da linguística: ao se estabelecer hipóteses, ao se construir os grupos de fatores que serão analisados, dentre outros; mas é durante a interpretação linguística dos índices probabilísticos que a adoção qualitativa aparece com mais ênfase no trabalho sociolinguístico.

Oliveira (1990), Pagotto (2003), Espiga (2003), Brescancini (2003), e Macedo (2004) são alguns exemplos de trabalhos sobre a variação do Português Brasileiro, mais especificamente sobre a palatalização, que articulam a investigação sociolinguística com referencial da Geometria de Traços.

Neste trabalho, destinou-se um capítulo específico ao tratamento dos processos fonológicos que derivam os alofones de /l/. Eles serão analisados sob a perspectiva da Fonologia de Geometria de Traços.

### 3.2.2 Modelos lineares e modelos não lineares

A Fonologia de Geometria de Traços (FGT) é um modelo fonológico que pode ser considerado uma extensão da Fonologia Gerativa Padrão (FGP). A concepção de que o fonema não é a menor unidade distintiva da estrutura fonológica já era considerada por alguns modelos anteriores à fonologia não-linear. Entretanto, alguns outros avanços surgiram no campo do estudo do componente fonológico com o advento da teoria não linear e ou autossegmental.

Segundo Matzenauer (2005), os modelos teóricos utilizados para o estudo da fonologia das línguas podem ser classificados em modelos lineares e não-lineares. Aqueles analisam a fala levando em consideração a organização linear ou segmental do conjunto de traços

distintivos. Nessa perspectiva, cada matriz de traço corresponde a um segmento. Esse, por sua vez, é entendido como um feixe de traços.

O modelo não linear pressupõe que os traços são organizados hierarquicamente e que podem estender-se para além do segmento. Esse modelo prevê, ainda, diferentemente daquele modelo, que a fonologia, a morfologia e a sintaxe obedecem a uma hierarquia que caracteriza as línguas do mundo. Abaixo, será feita breve discussão a respeito da FGT, ressaltando-se, desse modelo, aspectos que interessam diretamente a esta investigação.

### 3.2.3 Fonologia Gerativa Tradicional

A teoria gerativa tradicional se constitui um marco para os estudos linguísticos por volta do fim da década de 50 e, mais especificamente, na década de 60. Interessando-se pela construção da gramática das línguas, Chomsky (1965) elaborou um modelo de análise linguística que tinha como indispensável a noção de regra linguística, pois, segundo o modelo, a gramática se constituía de um sistema de regras. O primeiro trabalho de Chomsky foi dedicado à sintaxe, mas, no início da década de 60, esse linguista publicou um estudo que apresentava uma nova visão do componente fonológico da gramática. No nível fonológico, teve-se um avanço significativo a partir da publicação do trabalho de Chomsky e Halle (1968). Dentro desse modelo, o componente fonológico é considerado como integrante da gramática que atribui **uma interpretação fonética à descrição sintática**. Assim, a correlação entre som-significado é definida pela gramática da língua.

Cabe aqui ressaltar dois tipos de representação que fazem parte do modelo proposto por Chomsky e Halle (1968). Nessa proposta, todo falante apresenta informação fonológica que comporta dois diferentes tipos de representação: a representação fonológica e a representação fonética. Aquela é distintiva e não previsível. Encontra-se em um nível subjacente ao fonético. É nesse nível, o fonológico, que se realiza a relação entre os diferentes sons e o significado. As regras fonológicas darão origem ao componente fonético (representação de superfície), a partir do componente fonológico (representação fonológica). É nesse nível que se expressa a unidade fonológica. Para os autores, as diferentes regras como apagamento, inserção, assimilação apontam a relação entre os dois níveis.

Nesse modelo, adotou-se o sistema de traços distintivos dispostos em matrizes. Assim, um segmento como /p/, por exemplo, é considerado como um **feixe de traços**. Ao nível fonético são pertinentes as propriedades acústicas e articulatórias. Os traços apresentam diferentes configurações nos dois níveis. No nível fonético, por exemplo, um determinado traço pode ser

avaliado isoladamente tomando-se por base sua constituição física. No nível fonológico, eles apresentam caráter classificatório, abstrato e distintivo.

Dentro desse modelo, os traços apresentam configuração binária, ou seja, são marcados em função de sua presença ou ausência. Por exemplo, em português, o traço [alto] é indicado da seguinte forma para /i/: [+alto]. Para /e/ é marcado [+alto]. Essa marcação diz respeito ao nível fonológico. Já no nível fonético os segmentos acima poderiam ser indicados levando-se em consideração diferentes graus de altura.

O modelo de traços proposto por Chomsky e Halle (1968) se aplica às consoantes e às vogais. Os traços utilizados para a descrição das línguas são: traços de classe, traços de cavidade, traços do corpo da língua, traços relacionados com a forma dos lábios, traços de modo de articulação, traços de fonte e traços prosódicos.

Os autores não apresentam nenhuma hierarquia em relação aos traços que compõem as matrizes mencionadas. Talvez seja esse o ponto central de distinção entre esse modelo e o modelo não-linear proposto por Goldsmith (1976).

Segundo o modelo não-linear, os traços se organizam hierarquicamente. Podem estender-se para além de um segmento. O modelo prediz ainda que o desaparecimento de um segmento não implica necessariamente o desaparecimento do traço. Essa constatação foi realizada por Goldsmith (1976). Segundo esse autor, em algumas línguas tonais, ocorreu o desaparecimento de um dado segmento, mas não do tom que incidia sobre ele, pois se espalhou para outro (s) segmento (s). Essa interpretação, posteriormente, foi adotada também para os segmentos.

A Fonologia Autossegmental ou não-linear apresentou diferentes desenvolvimentos, bifurcando-se em várias vertentes, como, por exemplo, na Fonologia Lexical (KIPARSKY, 1982); Fonologia Métrica (HAYES, 1981); Geometria de Traços (CLEMENTS, 1985; CLEMENTS; HUME, 1995). Essa última interessa especialmente a esta investigação.

#### 3.2.4 Fonologia de Geometria de Traços

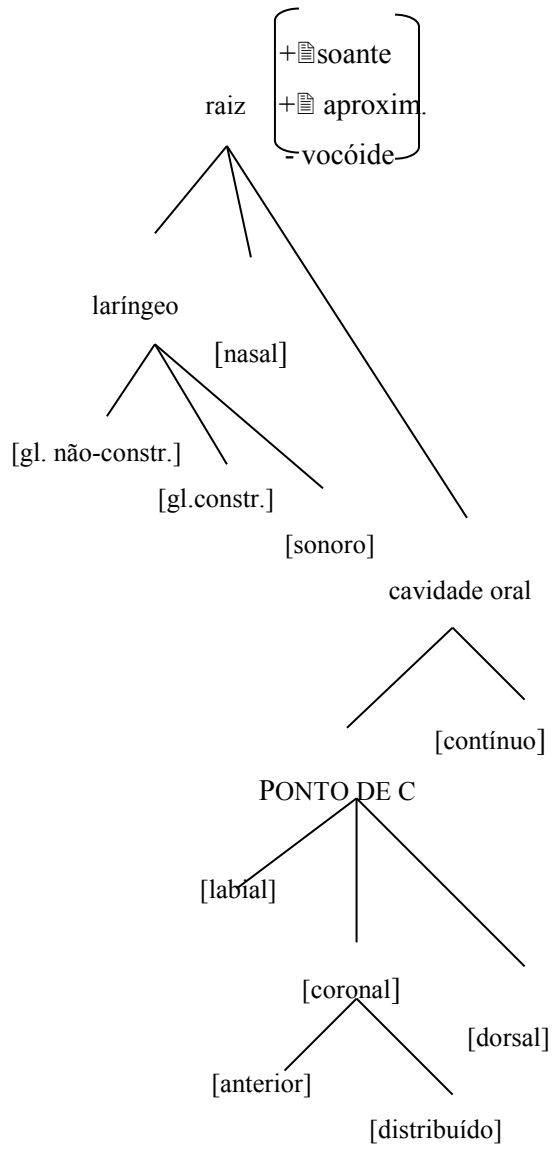
A Fonologia de Geometria de Traços (daqui por diante FGT) é uma versão ampliada da fonologia gerativa clássica. Nessa nova perspectiva, elimina-se a restrição de bijetividade, seguindo-se a orientação da Fonologia Autossegmental (GOLDSMITH, 1976). Assim: a) os traços apresentam um nível próprio de segmentação; b) o número de autosegmentos não corresponde necessariamente ao número de fonemas; c) os traços são ligados por linhas de associação que garantem a boa formação.

A partir dos pressupostos citados, pode-se depreender que os traços têm um nível específico de segmentação. Não ocorrem em níveis nos quais não são pertinentes. Eles ocorrem num nível e não vão repetir-se em outros, pois obedecem a uma organização hierárquica (GOLDSMITH, 1990). O traço pode estender-se para além de um segmento. Além disso, um segmento pode ser apagado sem que desapareçam todos os seus traços. Decorre do item terceiro uma condição extremamente importante, quando da observação das linhas de associações por meio das quais estão ligados os segmentos. Segundo essa condição, o da restrição de não-cruzamento das linhas de associação, uma dada representação é bem formada se não transgride essas linhas.

A FGT é uma vertente da fonologia não-linear que tem alcançado consideráveis avanços e resultados no que diz respeito ao estudo da fonologia das línguas. Como o próprio nome sugere, lida com traços fonológicos. Esse modelo leva em consideração o lugar de articulação dos sons das línguas, dando ênfase ao desenho que o aparelho fonador apresenta quando da articulação, ou seja, à geometria dos traços. Cabe ressaltar, entretanto, que nessa perspectiva os traços são classificados e hierarquizados, antes de tudo, considerando-se a possibilidade de atuarem conjuntamente em regras fonológicas. Essas, nessa perspectiva, não se aplicam aleatoriamente, mas a classes de segmentos fonéticos que guardam relação entre si. Segundo Clements (1989b) e Clements e Hume (1995), pode-se encontrar uma classe natural para cada traço de lugar do trato oral. Os autores reúnem, para ilustrar esse pressuposto, consoantes coronais e vogais frontais, por exemplo.

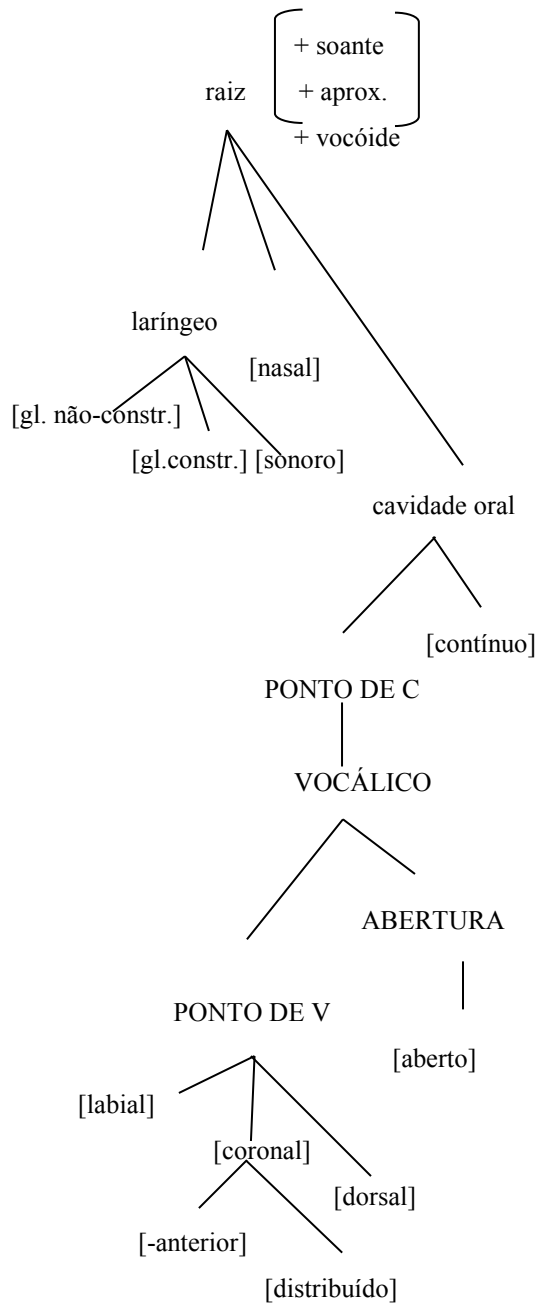
A proposta inicial da FGT foi formalizada por Clements (1985). Nela são apontados, dentre outros, os problemas que decorrem de se considerar o segmento como um feixe de traços. Na perspectiva tradicional, os traços poderiam articular-se, em condição de igualdade, com qualquer outro traço sem que houvesse entre eles alguma espécie de afinidade ou semelhança. Com base nos pressupostos da Fonologia Autossegmental, proposta por Goldsmith (1976; 1990), a FGT prevê uma hierarquização dos traços fonológicos que, nessa perspectiva, podem atuar em regras fonológicas isolada ou conjuntamente. Cabe ressaltar, entretanto, que essa independência de atuação está atrelada a determinados princípios e condições os quais se discutirá mais abaixo. Antes, vale visualizar os esquemas arbóreos, adaptados de Clements e Hume (1995, p. 292), para consoantes e vogais:

## (01) Consoantes





## (02) vogais

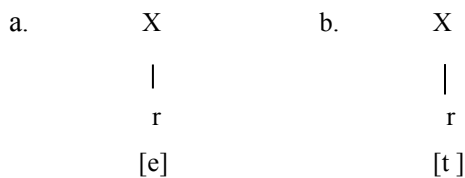


O nível mais alto, nó de raiz, é o que domina todos os demais. Cada ponto de ramificação é considerado um nó. A proposta de Clements e Hume (1995) apresenta os seguintes nós: nó raiz, nó laringal, nó supralaringal, nó de modo e nó de ponto. Os traços são considerados nós terminais. O nó de raiz é dominado, por sua vez, por uma unidade de tempo abstrata. Todos os nós são ligados por uma linha de associação.

A unidade de tempo permite a representação de diferentes tipos de segmentos, levando em consideração nessa definição sua complexidade (GOLDSMITH, 1990).

Os segmentos podem apresentar número de raízes e tempos diferenciados. As vogais e consoantes simples, por exemplo, apresentam uma única raiz e estão ligados a uma única unidade de tempo:

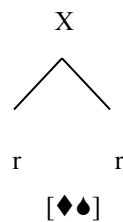
(03)



Já os segmentos como de contorno<sup>25</sup> se constituem de uma unidade de tempo ligada a duas raízes. São exemplos de segmentos de contorno, na Língua Portuguesa, as africadas.

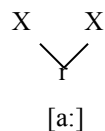
[♦♦♣ ℳ ☉☰☿♣].

(04)



As consoantes geminadas e as vogais longas apresentam uma raiz ligada a duas unidades de tempo.

(05)



Clements e Hume (1995) apresentam variados e convincentes argumentos para a organização hierarquizada que apresentam em (01) e (02). Justificam que os traços [anterior] e [distribuído] se localizam abaixo do nó [coronal] porque esses traços só são relevantes para

<sup>25</sup> Cf. p. 72 desta tese.

os sons coronais. Além disso, quando um segmento assimila a coronalidade de outro segmento, automaticamente, assimila os traços [anterior] e [distribuído] ao mesmo tempo. Os autores acrescentam que regras desse tipo podem ser encontradas no inglês e em outras línguas do mundo.

Depois da proposta de Clements (1985), surgiram outras. A versão de 1985 foi atualizada em Clements e Hume (1995). Em Clements (1989a) e Clements (1991) é proposto um conjunto de traços unificados para vogais e consoantes. Dessa forma, representam-se de maneira natural segmentos complexos como [tʰ], [dʰ], [kʰ], [lʰ] (CLEMENTS, 1989a, p. 5).

Clements (1989a; 1991) argumenta que os traços de articulação são os mesmos para segmentos consonantais e vocálicos. Acrescenta que determinadas consoantes tendem a se articular com certas vogais. Assim, propõe que consoantes coronais constituam uma mesma classe com as vogais coronais. Isso permite que elas atuem conjuntamente em regras fonológicas como, por exemplo, na que se investiga aqui, a palatalização.

Clements (1989a) apresenta uma proposta que tem como base a relação entre soância e constrição. Nesse trabalho o autor propõe uma escala que vale para segmentos vocálicos e não vocálicos. Para os segmentos vocálicos, ele acrescenta o traço abertura. Para esse autor, as consoantes não apresentam nó abertura.

Em Clements (1989b) essa escala é atualizada, de acordo com os graus de abertura presentes nas diferentes línguas. Assim, uma língua como o Português, que comporta quatro graus de altura, está de acordo com a escala apresentada na figura abaixo:

(37)	O	N	L	I	E	ɛ	A	
				-	-	-	+	open <sub>1</sub>
				-	-	+	+	open <sub>2</sub>
				-	+	+	+	open <sub>3</sub>
	-	-	-	+	+	+	+	vocoid
	-	-	+	+	+	+	+	approximant
	-	+	+	+	+	+	+	sonorant
	7	6	5	4	3	2	1	sonority scale

O = obstruent, N = nasal stop, L = liquid, I = high vocoid, E = upper mid vocoid,  
 ɛ = lower mid vocoid, A = low vocoid.

**Figura 2** – Escala de soância e constrição para quatro graus de abertura  
 Fonte: Clements (1989b, p. 24).

Clements (1989a) afirma que os traços de articulação e os traços de soância se constituem os dois maiores conjuntos de traços. A posição de um segmento na escala de soância é dada de acordo com os traços [vocóide, aproximante, sonorante]. Por exemplo, se /l/ apresenta os traços [-vocóide], [+ aproximante], [+ sonorante], /n/ [-vocóide], [-aproximante], [+ sonorante] e /t/ [-vocóide], [- aproximante], [- sonorante], o segmento que apresenta dois traços positivos é mais soante do que /n/ que apresenta um traço positivo. Esse, por sua vez, é mais soante que /t/, visto que esse último apresenta três traços negativos.

Os segmentos menos soantes apresentam maior constrição, e, assim, exigem maior força articulatória em sua produção. A escala de constrição dos segmentos é dada de acordo como os graus de soância que apresentam, conforme se pode verificar na Figura 2. Nesse sentido, o grau de soância de um segmento é inversamente proporcional ao seu grau de constrição. As obstruintes estão sob o grau zero da escala de soância. São também os segmentos que apresentam maior constrição.

A palatalização está diretamente relacionada à constrição e essa à estrutura silábica (CGLIARI, 1974; BATH, 1978), por isso, cabem algumas observações sobre a sílaba. Como se sabe, no modelo gerativo padrão, a sílaba se constituía um traço para diferenciar vogais de consoantes. As vogais recebiam o traço [+silábico] e as consoantes [-silábico]. Entretanto, essa caracterização, para segmentos vocálicos e consonânticos, apresentou alguns inconvenientes, visto que em algumas línguas certas consoantes, como as fricativas, por exemplo, podiam ocupar o núcleo silábico. Com o advento da fonologia não-linear, a sílaba passou a ser entendida como um constituinte com estrutura interna própria. Assim, [silábico] deixou de se constituir um traço de um segmento. Nessa perspectiva, [+silábico] e [-silábico] depende da posição que um dado segmento ocupa na sílaba. Essa não é uma característica inerente aos segmentos, mas uma qualidade que é dada em função da posição do segmento na estrutura silábica. Dessa forma, a diferença entre [i] e [j] guarda relação com a posição que ocupam na sílaba, ou seja, apresentam a mesma geometria.

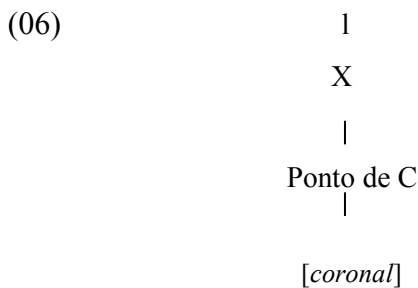
A escala proposta por Clements (1989a) e a estrutura silábica possibilitam a construção de uma relação entre constrição e palatalização em Língua Portuguesa. Isso pode levar a que se entendam melhor as relações que ocorrem entre os segmentos coronais, em posição prevocálica, aos quais a regra se aplica e as restrições que são impostas à palatalização de /l/ no Português, conforme se verá durante a análise dos dados.

### 3.2.4.1 Tipos de segmentos

A proposta de Clements e Hume (1995) apresenta uma classificação para os segmentos. São eles: a) segmentos simples; b) segmentos complexos e c) segmentos de contorno.

#### 3.2.4.1.1 Segmentos simples

Os segmentos simples se compõem de uma raiz e apresentam apenas um traço de articulação oral. Em Língua Portuguesa /t/ é um segmento simples, pois tem um único traço de articulação oral, o traço [coronal], conforme se pode visualizar na figura que segue:



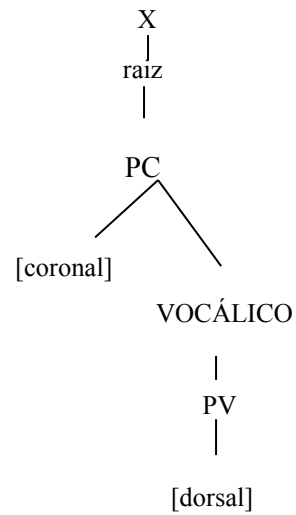
#### 3.2.4.1.2 Segmentos complexos

Os segmentos complexos também apresentam uma única raiz, mas são caracterizados por, no mínimo, dois traços de articulação oral. Clements e Hume (1995) apresentam vários exemplos de segmentos complexos. Exemplos de segmentos complexos no Português podem ser visualizados nos trabalhos de Hora (1990), para a oclusiva /t/, e de Espiga (2003), para a lateral alveolar /l/, em posição de coda, na fala dos Campos Neutrais do Rio grande do Sul<sup>26</sup>. A geometria de [l̥], variante de /l/ em posição posvocálica, apresentada por Espiga (2003, p. 264), considerando-se os traços pertinentes, segue abaixo<sup>27</sup>:

<sup>26</sup> Compreende as comunidades de Chuí, e Santa Vitória do Palmar.

<sup>27</sup> Wetzels (1997) assume que as laterais e nasais palatais da Língua Portuguesa se comportam como segmentos não-simples. A discussão a respeito desse ponto é de particular importância para esta investigação. Portanto, será retomada no capítulo III.

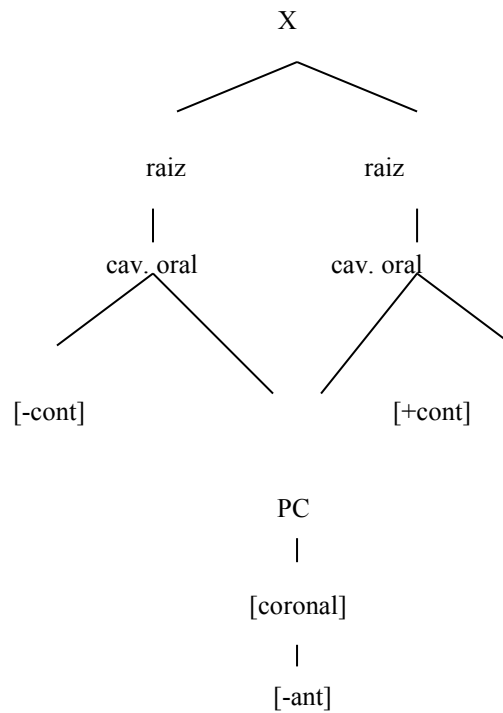
(07)



### 3.2.4.1.3 Segmentos de contorno

Segundo Clements e Hume (1995), os segmentos de contorno apresentam duas raízes e estão ligados a uma única unidade de tempo<sup>28</sup>, conforme exemplo (08):

(08)



<sup>28</sup> Sagey (1986) apresenta os segmentos de contorno como segmentos que possuem apenas uma raiz da qual se ramifica a seqüência de traços; no caso de uma africada, [-continuante] [+continuante].

Os autores atribuem a existência desses segmentos aos efeitos de borda. Clements e Hume (op.cit.), baseados em Steriade (1993), sugerem que as africadas e as oclusivas pré-nasalizadas são os candidatos mais comuns para segmentos desse tipo. As africadas [ʄ ɠ ʝ ɳ] são consideradas, em Língua Portuguesa, como segmentos de contorno.

#### 3.2.4.2 Processos Fonológicos

A FGT estabelece um pequeno conjunto de regras, a partir das quais, segundo Clements e Hume (1995), pode-se ligar representações subjacentes a representações de superfície. Esse número reduzido e limitado de regras tem seu funcionamento otimizado pela atuação de determinados princípios de organização que proíbem, bloqueiam algumas aplicações e representações. As representações são explicadas basicamente por meio dos processos de Assimilação e Dissimilação. Interessa particularmente a esta investigação a regra de Assimilação.

Para Clements e Hume (op.cit), as regras de assimilação podem ser totais ou parciais. São completas quando ocorre espraçamento para o nó de raiz. Nesse caso, o segmento afetado adquire todos os traços daquele que ocupa o gatilho. Ocorre um apagamento total seguido de alongamento compensatório. Esse tipo de alongamento é muito comum em posição de coda silábica. (GOLDSMITH, 1990).

No português, esse tipo de alongamento pode ser encontrado em trabalhos que tratam do apagamento de /r/ em final de vocábulo. Para mais detalhes conferir Callou (1979), Votre (1978), Oliveira (2002) e Lima (2003). Na Assimilação parcial apenas um traço terminal é espraçado. A palatalização aqui tratada é um tipo de assimilação parcial.

Um dado muito importante a respeito das regras de assimilação está relacionado ao fato de que podem ajudar a entender a organização hierárquica dos traços, pois o funcionamento dos traços nas regras vai determinar sua posição na organização hierárquica.

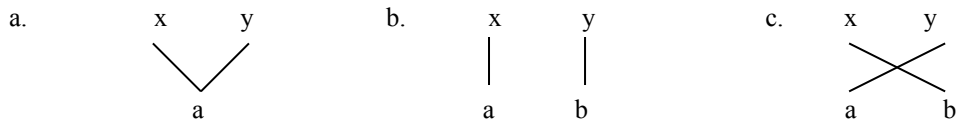
#### 3.2.4.3 Princípios e condições de boa-formação

Os princípios são de extrema importância para a interpretação e representação das regras. Aqui, serão citados alguns princípios e condições de boa-formação que deverão ser invocados quando da análise da regra de palatalização.

### 3.2.4.3.1 Não cruzamento das linhas de associação

As associações representadas pelos esquemas A e B são possíveis, visto que não engendram o cruzamento das linhas de associação. Já o esquema C transgride as regras de boa formação, pois viola essa condição.

(09)



Em uma representação bem formada de condições, para cada unidade x e y em nível designado, se x precede y, então nenhuma unidade associada a x pode vir depois da unidade associada a y (WETZELS, 1995, p. 7).

Matzenauer (2005) alerta para o fato de que as regras de assimilação que envolvem nó de ponto devem obedecer a essa condição. Portanto, duas consoantes só podem funcionar nesse tipo de regra se estiverem em posição imediatamente adjacente, pois do contrário, a regra seria bloqueada por uma vogal.

### 3.2.4.3.2 Aplicação de operações simples

As regras fonológicas executam operações simples, ou seja, elas afetam conjuntos de traços que formam um constituinte. Por exemplo, uma regra não poderia afetar concomitantemente os traços [sonoro] e [labial], pois não pertencem a um mesmo nó, conforme se pode visualizar nos exemplos (01) e (02).

Isso implicaria a execução de mais de uma regra, o que contrariaria esse princípio. Por outro lado, uma regra poderia afetar os traços [coronal] e [anterior], pois ambos formam um mesmo nó, o que implica a execução de uma operação simples.

### 3.2.4.3.3 Princípio de contorno obrigatório (PCO)

São proibidas formações que trazem segmentos adjacentes idênticos ou semelhantes. O PCO atua no sentido de proibir, bloquear sequências mal formadas. Atua, também, no sentido de proibir ou motivar regras, a fim de separar os segmentos adjacentes idênticos. Esse princípio está diretamente relacionado à dissimilação. Em Português, casos de apagamento são atribuídos, algumas vezes, à atuação desse princípio.



Alguns aspectos mais particulares da FGT, bem como contribuições teóricas mais recentes que estão diretamente ligadas à investigação que se implementa, serão tratados com mais detalhes durante a análise dos processos fonológicos.

### 3.3 Procedimentos Metodológicos

Foram estabelecidas, neste trabalho, com base na Sociolinguística Quantitativa, variáveis linguísticas e sociais que constituíram grupos de fatores quantificados pelo pacote computacional VARBRUL. A metodologia utilizada na coleta de dados teve por objetivo a construção de um *corpus* que representasse ou, pelo menos, que fosse uma amostra representativa significativa do falar da localidade a que pertencem os informantes. Daí a opção de se trabalhar com 36 informantes, um número considerado elevado de certo ponto de vista, mas que, na verdade, não o é quando se leva em consideração a extensão e população da cidade de Itaituba. Esse número sugere trabalho árduo para a construção do *corpus*, mas, por outro lado, dá mais confiabilidade à pesquisa. Além disso, a própria natureza estatística adotada nesta pesquisa exige a adoção desse critério.

#### 3.3.1 A comunidade pesquisada – Itaituba-PA

A cidade de Itaituba começou como um pequeno aglomerado, popularmente conhecido como Beiradão, na margem do rio Tapajós. O nome Itaituba é de origem tupi e significa o lugar de pedregulhos. Entre os indígenas era comum se denominarem lugares tomando-se por base aspectos visuais, físicos do lugar que nomeavam. À margem esquerda do Tapajós existem até hoje pequenas pedras (seixos). Conforme dados do PRIMAZ (Programa de Integração dos Municípios da Amazônia)<sup>29</sup>, a origem da cidade está ligada à conquista do rio Tapajós pelos portugueses.

Essa conquista foi impulsionada pela necessidade de defenderem o rio Amazonas dos invasores estrangeiros, que tentaram conquistar o estuário amazônico. Para combater tais invasões foram organizadas várias expedições pelo governo português dentre as quais uma comandada por Francisco Caldeira Castelo Branco em 1616 [...] para Itaituba a expedição mais importante foi comandada pelo capitão Pedro Teixeira, que em 1626, pela primeira vez atingiu o rio Tapajós. Ao penetrar pelo mesmo, no local hoje

---

<sup>29</sup> BRASIL. MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA. Secretaria de Minas e Metalurgia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Diretoria de Recursos Humanos. **Programa de Integração Mineral no Município de Itaituba**. Belém, 1996.

conhecido como Alter do Chão, manteve o primeiro contato amigável com os naturais da região. Em 1639 o capitão Pedro Teixeira voltou com nova expedição, adentrou o rio Tapajós e verificou, entre outras coisas, a sua franca navegabilidade, por uma grande extensão (BRASIL, 1996, p. 3).

Depois que essa última expedição descobriu a possibilidade de navegação do rio, chegaram os jesuítas com o propósito de catequizar os índios. Assim, Francisco da Costa Falcão construiu um forte, bem como aldeamentos que foram bastante produtivos principalmente durante os anos compreendidos entre 1742 e 1747 (BRASIL, 1996).

### 3.3.1.1 Aspectos geográficos

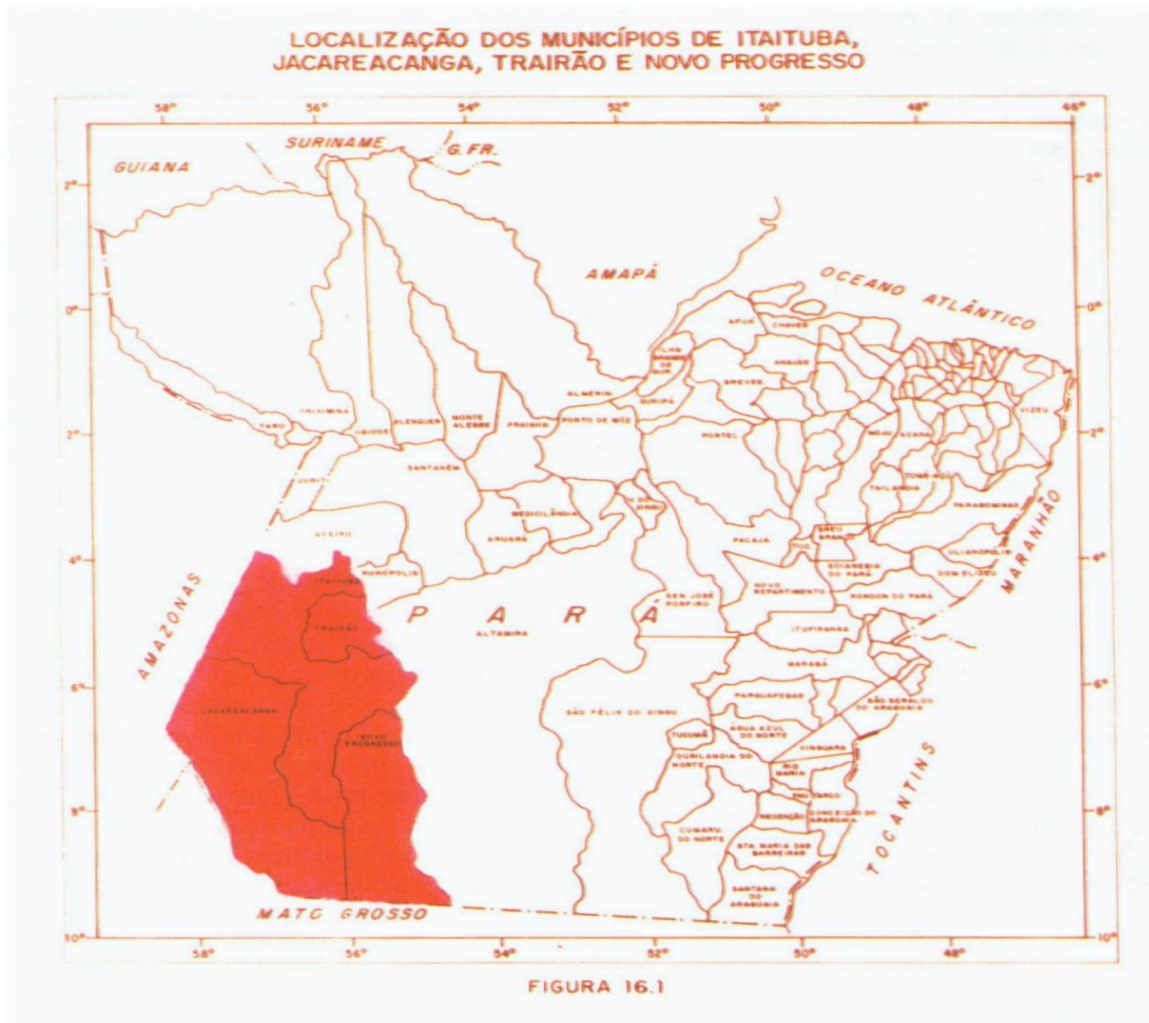
A cidade de Itaituba está localizada na porção sul da Amazônia oriental, mais precisamente na região Sudoeste do Pará. É uma das dez maiores cidades do Estado. Está situada na região conhecida como Zona Fisiográfica do Tapajós. Limita-se ao norte com o município de Aveiros, ao sul, com os municípios de Jacareacanga e Novo Progresso, a leste, com os municípios de Trairão, Altamira e Rurópolis, a oeste, com o Estado do Amazonas. Na Figura 3, podem-se visualizar esses limites dentro do espaço estadual:



**Figura 3** – Localização e limites de Itaituba-PA  
Fonte: Site do Governo do Pará, 2006.

Itaituba está cerca de 891 km distante de Belém. Até 1993, esse município era considerado o mais extenso do Pará e um dos maiores do mundo. A partir desse ano, foi dividido em três outros municípios, a saber: Jacareacanga, Novo Progresso e Trairão, ficando com uma extensão ainda bastante significativa que corresponde a 62.565 km<sup>2</sup>. A parte em vermelho, na Figura 4, mostra a extensão territorial de Itaituba. Era impressionante a área ocupada por esse município até 1993.

Itaituba fica localizada às margens do Tapajós, rio pelo qual é banhada em 95% de sua extensão; sendo no restante banhada pelo rio Amana. Sua altitude é de ordem de 45m. Apresenta relevo ondulado, mas não muito elevado. Seu clima é quente e úmido, com duas estações definidas: seca, que vai de junho a novembro; chuvosa, que começa em dezembro e se estende até o mês de maio. Sua vegetação é caracterizada pelas florestas tropicais: densa e aberta.



**Figura 4** – Extensão territorial de Itaituba antes e depois de 1993  
Fonte: BRASIL, 1996.

A zona urbana de Itaituba é demonstrada no ANEXO D. Nele é apresentada a distribuição dos informantes por bairros. Os códigos utilizados para indicar cada informante são os mesmos que foram utilizados para codificá-los socialmente no arquivo de dados.

### 3.3.1.2 Aspectos populacionais

No final da década de 50, por volta de 1958, aconteceu, em Itaituba, uma grande corrente migratória devido à extração do ouro no rio Tropas. Essa migração desencadeou o maior índice demográfico já conhecido no Estado do Pará e foi responsável por uma grande miscigenação racial. Dentre as causas dessa migração estava a necessidade de mão-de-obra especializada para trabalhar no extrativismo do ouro e, é claro, a corrida pelo ouro, encabeçada principalmente por maranhenses e cearenses. O grande fluxo migratório ocorrido nas décadas de 70 e 80 no país, principalmente na Amazônia Legal, é atribuído por Miranda et al. (1997) à busca desordenada pelo ouro que foi motivada, dentre outros, pelo desemprego nas grandes cidades e pela situação da seca no Nordeste.

Durante a coleta de dados para construção deste trabalho, pôde-se perceber quão mesclada é a população de Itaituba. Houve momentos em que foi extremamente difícil se encontrar um indivíduo que não tivesse naturalidade nordestina, especialmente maranhense. Isso, por sua vez, é explicável. Segundo Miranda et al. (1997), a maioria dos garimpeiros do Brasil advém da região Nordeste e 31,67% deles são maranhenses. Os autores (1997.) assinalam que mais de 53% desses maranhenses atua na região Amazônica. Observa ainda que desses 53%, 49,11% atua no Estado do Pará.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), até o final da década de 60, podia-se verificar certo equilíbrio entre o número de homens e mulheres no município de Itaituba, bem como a estabilidade no crescimento demográfico. Atestou-se até que na década de 70 houve certa diminuição no crescimento da população em relação à década de 60. O censo referente a essa década demonstrava que a maior parte da população se concentrava na zona rural. A proporção era igual a 10:1. Entretanto, nas últimas décadas houve uma explosão demográfica no município que deve ter sua causa na corrida pelo ouro, tendo como principais migrantes maranhenses e cearenses. O censo de 1991 mostra que o processo migratório continuou e que nesse ano a cidade chegou ao número de 116.541 habitantes; sendo maior o número de homens em relação ao de mulheres (ANEXO E). Atualmente, devido à crise na atividade garimpeira, grande parte da população itaitubense concentra-se na zona rural.

### 3.3.1.3 Aspectos econômicos

O período do extrativismo da borracha foi a fase que antecedeu o garimpo. Após o enfraquecimento dessa atividade, houve um grande retrocesso na economia da cidade. Além dessa atividade econômica historicamente conhecida em Itaituba, há outros minerais que, segundo estudos realizados pela Companhia de Recursos Minerais (CPRM) oferecem possibilidade de crescimento se investimentos não aleatórios forem neles realizados. São eles: água, já que o distrito de Miritituba tem duas fontes minerais, hoje desativadas, que funcionaram em 1992 e parecem estar em negociação para posterior reativação; estanho, encontrado em abundância na unidade da Maloquinha, que durante os anos compreendidos entre 1978 e 1980 chegou a produzir 30 toneladas ao mês; materiais de construção como areia, argila, calcário e minerais pouco extraídos, devido ao fascínio e rápido retorno promovido pela garimpagem do ouro, como diamante, topázio e outras gemas.

Dentre os hortifrutigranjeiros, destacam-se a pimenta-do-reino, banana, coco, arroz, milho, feijão do sul, mandioca, cupuaçu, abacaxi, maracujá, cana-de-açúcar. Os três primeiros chegam a ser exportados para outros Estados.

Dentre a atividade pecuária em Itaituba, pode-se citar a criação de bovinos, suínos, eqüinos, caprinos, ovinos, bubalinos, muares, sendo a criação bovina a mais produtiva da cidade. Chega-se a exportar 5% dessa produção para outros Estados, ficando o restante para o consumo interno. Essa atividade apresenta potencial para desenvolver-se. Já acontecem na localidade feiras, rodeios e, inclusive, exportação de gado de raça (BRASIL, 1996).

O látex de borracha e a castanha-do-pará têm produção igual a 3 e 40 toneladas/ano, respectivamente. A produção da borracha é destinada à exportação. Já a castanha-do-pará tem apenas 1 (uma) tonelada/ano destinada ao consumo externo. Destacam-se ainda entre os produtos vegetais, madeiras nobres como: mogno, andiroba, ipê, copaíba, sucupira, pequi, itauba, fabeiro, entre outras. A Transamazônica é a rodovia utilizada para a exportação. Disso decorre talvez parte do insucesso nas exportações; as condições em que se encontra essa rodovia são precárias.

A indústria madeireira ainda está se instalando no município. Embora lá existam algumas serrarias de grande porte e a produção dos móveis apresente qualidade, “a indústria moveleira é incipiente, artesanal” (BRASIL, 1996, p. 34). Essas atividades apresentam um grande potencial, mas precisam ser bem administradas. Principalmente a exportação madeireira, pelo fato de não sofrer atualmente uma fiscalização rigorosa.

Estudos realizados em Itaituba vêm, também, possibilidade de crescimento e atrativo na atividade oleira, já que a cidade fica às margens do rio Tapajós onde constantemente é depositado material argiloso; na pesca, que ainda não foi muito explorada pelo fato de a população não ser grande consumidora de peixe; e no turismo, devido à beleza do rio Tapajós, suas praias, corredeiras, cachoeiras, áreas indígenas, entre outros.

Quanto ao comércio, não apresenta mais o mesmo movimento verificado no auge da garimpagem. É diversificado e seus preços já não são próprios do garimpo, equiparando-se aos preços da capital. Devido à retração da atividade garimpeira, houve desativação de vários estabelecimentos comerciais e crescimento de atividades comerciais informais, como de camelôs. Atualmente, grande parte do comércio de Itaituba é movimentada pelo funcionalismo público.

Abaixo, segue uma foto panorâmica da cidade de Itaituba. Essa foto mostra como a cidade é rodeada por rios, o que faz com que o acesso a ela se dê principalmente por meio de transporte fluvial.



**Figura 5** – Foto panorâmica de Itaituba-PA  
Fonte: Revista Itaituba Hoje (2000, p. 3)

#### 3.3.1.4 Aspectos educacionais

Foi só a partir de 1995 que o município de Itaituba passou a contar com o 3º grau de ensino em seu sistema educacional. Neste ano foram ofertadas, pela Universidade Federal do Pará (UFPA), 50 (cinquenta) vagas para o curso de Licenciatura em Letras e Artes. Essa turma concluiu o curso em outubro de 2000. Atualmente, funcionam na cidade também em período intervalar os cursos de Letras, Matemática (UFPA) e o curso de Pedagogia (UEPA)<sup>30</sup>.

O 2º grau só está disponível na zona urbana e apresenta 46 turmas, contabilizando um total de 2.206 alunos. Oferece os cursos de magistério, contabilidade e administração de empresas em período regular e cursos intervalares durante os meses de janeiro e julho para os professores da zona rural que não terminaram o 1º ou o 2º grau (Projeto Gavião). O 1º grau, atualmente, atende alunos na sede municipal, na área ribeirinha, nos garimpos e na zona rural.

Além disso, funcionam na cidade o curso supletivo que atende 3.774 alunos que estão divididos em 98 turmas e o curso técnico em agropecuária que atende 225 alunos (cinco turmas). Ao todo, a educação em Itaituba conta com 653 professores, distribuídos entre 167 escolas; possui 31.524 alunos matriculados na rede pública, número bastante reduzido em relação ao seu contingente populacional.

De acordo com o depoimento de alguns moradores de Itaituba, existe lá um grande número de desempregados e grande parte da população só vê perspectivas de emprego no funcionalismo público que parece, também, encontrar-se em crise, pois em dezembro do ano de 2000, os funcionários públicos denunciavam três meses de atraso de salário.

#### 3.3.2 Coleta de dados

A entrevista foi o instrumento utilizado para a coleta de dados, objetivando-se o relato de experiências pessoais. A amostra utilizada nesta investigação foi a **casual estratificada** que consiste na divisão do *corpus* coletado formando-se estratos que são construídos tendo-se como suporte determinados critérios. Aqui, os critérios adotados foram gênero, idade e escolaridade.

Durante os relatos foram utilizados gravadores portáteis e fitas cassete. Cada gravação apresentou, aproximadamente, duração de 30 minutos. Todos os informantes entrevistados são moradores nascidos e criados na cidade de Itaituba. Seus pais também nasceram e foram criados nessa cidade. Esse cuidado teve por objetivo realizar uma coleta que caracterizasse o falar

---

<sup>30</sup> Universidade Estadual do Pará.

itaitubense, embora se saiba que a fala dessa comunidade deva ter sofrido a influência de outros falares devido ao grande número de imigrantes nordestinos e sulistas que residiram e residem na cidade de Itaituba por causa de sua atividade garimpeira, conforme se pôde verificar em 3.3.1. A fim de que se tivesse o mínimo de interferência da fala do imigrante, optou-se também por se utilizar na pesquisa apenas dados da fala de informantes cujos pais também tivessem nascido em Itaituba. Apesar de se saber que essa interferência é inevitável, o cuidado tomado parece, com base nos resultados obtidos, ter, de certa forma, amenizado esse inconveniente, visto que os resultados obtidos para a palatalização de /l/ nessa cidade é bastante distinta dos encontrados para as localidades nordestinas citadas neste trabalho. O *corpus* utilizado na investigação compõe-se de 36 (trinta e seis) informantes socialmente estratificados, conforme tabela a seguir:

**Tabela 2** – Estratificação social – 2007

Estratificação social		
1ª Faixa etária  15-25 anos	Homens	Mulheres
	Escolaridade	Escolaridade
	2 analfabetos	2 analfabetas
	2 1º grau	2 1º grau
	2 2º grau	2 2º grau
2ª Faixa etária  26-45 anos	Homens	Mulheres
	Escolaridade	Escolaridade
	2 analfabetos	2 analfabetas
	2 1º grau	2 1º grau
	2 2º grau	2 2º grau
3ª Faixa etária  A partir de 46 anos	Homens	Mulheres
	Escolaridade	Escolaridade
	2 analfabetos	2 analfabetas
	2 1º grau	2 1º grau
	2 2º grau	2 2º grau

Fonte: Autora, 2007.

Quando da coleta de dados, houve certa dificuldade para se encontrar os informantes mais velhos, principalmente aqueles que se enquadrassem na terceira faixa etária e que tivessem o segundo grau completo. Por outro lado, houve dificuldade em se encontrar



os informantes mais novos que não apresentassem nenhuma instrução<sup>31</sup>. As duas dificuldades devem estar relacionadas ao fato de que há quatro ou cinco décadas atrás Itaituba não apresentava um número significativo de escolas. Hoje o acesso à escola é menos difícil. Daí ter-se dificuldade em se encontrar jovens sem escolaridade. Isso parece ficar sugerido também na fala dos informantes. Eles sugerem em sua fala que a escolarização atualmente já alcança um maior número de pessoas na cidade e que o 2º grau que lá não existia, hoje já é comum. Na cidade, atualmente, funcionam, inclusive, cursos de licenciatura em período intervalar.

[...] e não tinha u insinu médiu... só era até:: a Quarta séri... situdô a quarta seri é pra í:: para istudá a quinta seri primáriu tinha qui í pra... ( ) eli saí (educadu)... depois cum essa evolução... já foi vindu umas professorazinha dali di// di Santaré::m i foi indu i foi indu i foi indu... i qui agora já tem até u::m pareci qui u vestibulá. (FA3)

[...] a respeito aqui da cidadi... queu/ poderia ti dizê... é:: qui:: im termus toda evolução//... tudu qui aconteci im termu di evolução é muito bom... sem dúvida nenhuma nu campu educacional... Itaituba tem melhoradu MUITU MUITU mesmu porém... Itaituba é uma cidadi qui cresci é... muito disistruturada... sem saneamentu... sabi?... ela vem cresCENdu... é uma cidadi qui::... ela já tevi assim um muito moviMENTu... movimentu di... di dinheru di o::ru DIMAIS hoji Itaituba ela num t// a:: a:: economia di Itaituba ela num é voltada... pru oru... a economia di Itaituba ela vol// podi-si dizê qui Itaituba hoji... ela vivi im tornu du... é du funcionalismu públicu... (FC2)

Ao final das entrevistas, os informantes responderam a uma ficha denominada ficha do informante (ANEXO F). Nesse documento, constam dados pessoais e sociais dos entrevistados. Essas informações podem muitas vezes elucidar alguns resultados obtidos.

### 3.3.3 Tratamento dos dados

Os dados coletados passaram por diferentes etapas antes de serem codificados e submetidos ao programa de regra variável.

#### 3.3.3.1 Transcrição grafemática e transcrição fonética


Os dados coletados passaram por dois processos de transcrição: transcrição grafemática (ANEXO G) e transcrição fonética. A decisão de realizar a transcrição

<sup>31</sup> Essas informações corroboram o que alguns pesquisadores da língua têm enfatizado já há algum tempo. Urge, assim, realizar a documentação dessas variedades e variações linguísticas visto que algumas mudanças sociais não mais permitirão que se estabeleça relação, cruzamento entre algumas variantes linguísticas e variáveis sociais. Ou seja, daqui a algum tempo já não se poderá flagrar o vernáculo, a fala de jovens não-escolarizados devido à democratização da escola.

grafemática justifica-se pelo fato de a sua execução favorecer maior contato com o *corpus*. Essa transcrição favoreceu que as narrativas fossem ouvidas e lidas, o que contribuiu para que o *corpus* fosse mais bem conhecido. Favoreceu também que os contextos em que se encontravam as realizações de interesse não fossem ignorados quando da escuta das gravações para a transcrição fonética.

Quando da leitura da transcrição grafemática foram selecionados todos os contextos em que aparecia a variável em estudo. Das narrativas transcritas grafematicamente foram retirados os trechos que se encontram no arquivo de dados deste trabalho. Esse arquivo, o EDIT, não reconhece os símbolos da transcrição fonética; assim, os contextos selecionados foram inseridos neste arquivo sob forma de transcrição grafemática, ao lado da codificação. Isso contribuiu também para o controle dos dados e facilitou sua localização na hora de se identificar os contextos que se mostram no capítulo de análise com o objetivo de exemplificar a variação encontrada.

Depois da triagem dos contextos nos quais ocorreu o fenômeno em estudo, fez-se a transcrição fonética dos contextos selecionados. Para tal utilizaram-se os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional e a fonte IPAKIEL. Foram transcritos foneticamente todos os contextos em que ocorreu a variável (l) em posição prevocálica, observando-se suas devidas realizações.

Os primeiros contatos com os dados indicavam que a palatalização de /l/ parecia ser exclusiva ou quase totalmente exclusiva de contextos em que essa variável era seguida por vocóides frontais altos. Mesmo assim, optou-se por se transcrever foneticamente todos os contextos selecionados durante a transcrição grafemática, ou seja, os contextos em que aparecia diante das sete vogais da Língua Portuguesa. Essa decisão teve por objetivo verificar, de forma mais precisa, se a variação e, mais especificamente a palatalização de /l/ se dava em outra posição que não fosse diante de [i 

Ao todo foram contabilizadas 4.897 ocorrências. Foi computada uma média de 100 ocorrências por informante.

### 3.3.3.2 Tratamento estatístico dos dados

Para o tratamento estatístico dos dados utilizou-se o pacote computacional VARBRUL. Desse pacote foram usados os seguintes programas: CHEKTOK, READTOK, MAKCELL, IVARB, TSORT. O primeiro programa realiza uma espécie de checagem a fim de verificar se há algum erro durante a codificação dos dados. Caso ocorra algum erro decorrente de uso de codificação inadequada, o programa envia o usuário para um arquivo que indica o tipo de erro

e fornece dados para sua localização e correção. Depois da correção de possíveis erros, os dados são submetidos ao READTOK. Esse programa prepara os dados para serem submetidos ao arquivo de células.

O MAKCELL é o arquivo de células que fornece o número de células computadas, bem como informa se há nocautes a serem corrigidos no arquivo que será submetido ao programa de regra variável, o IVARB. Isso se dá em decorrência de o programa de regra variável só trabalhar com realizações variáveis. Assim, se um fator recebe frequência igual a 100%, o programa de regra variável não pode operar; isso caracteriza um nocaute. O pesquisador deve, então, adotar procedimentos metodológicos, tomando por base critérios linguísticos e/ou estatísticos, a fim de eliminar o nocaute.

O IVARB é o programa que realiza as análises binárias. Fornece os pesos relativos referentes a cada fator dos grupos de fatores. Esse programa apresenta também os grupos de fatores que estatisticamente foram selecionados e os não selecionados quando das rodadas, ou seja, revela os grupos de fatores que apresentam ou não, do ponto de vista estatístico, significado para determinada variação.

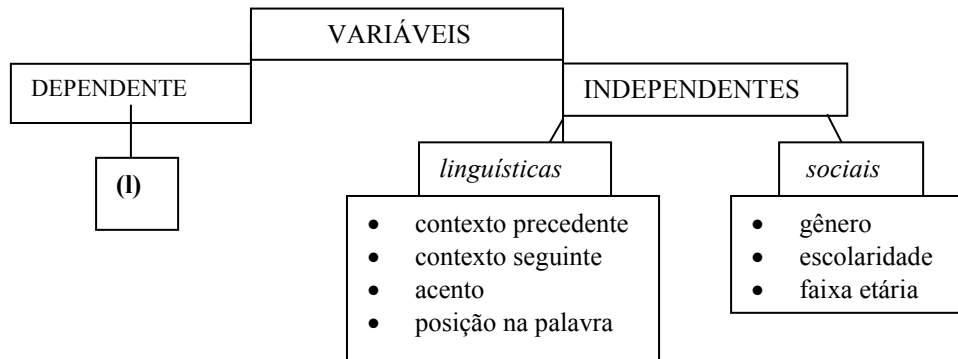
O TSORT é uma espécie de programa auxiliar que ajuda a controlar e visualizar separadamente o número de dados de um grupo de fatores ou de um fator. Por meio dele, é possível se construir novos pequenos arquivos para se ter ideia de como se dá alguma realização particular. Esse programa ajudou, por exemplo, a construir um arquivo em que só constaram contextos em que a variável em estudo era precedida pela vogal [i], a fim de se verificar se essa vogal exercia alguma influência sobre a palatalização.

Quando da análise dos dados, levaram-se em consideração conhecimentos estatísticos, linguísticos e sociais, configurando-se esta investigação um estudo de caráter multidisciplinar, o que faz com que se veja mais e melhor o objeto de estudo.

#### 3.3.3.2.1 Variáveis independentes

As variáveis independentes, ou seja, aquelas das quais depende a variação da variável dependente (I), podem ser de natureza linguística ou social. Utilizou-se neste trabalho variáveis de natureza linguística e de natureza social que compuseram os grupos de fatores dentro do programa computacional VARBRUL. O início da codificação no programa EDIT começou com o estabelecimento de oito variáveis, sendo a primeira dependente (I). Diz-se início, pois é possível que durante o manuseio dos dados restantes outros grupos sejam inseridos ou retirados da análise. As demais variáveis formaram os grupos de fatores de variáveis independentes.

Dessas, quatro eram linguísticas, a saber: contexto precedente, contexto seguinte, acento e posição na palavra. As variáveis sociais consideradas para a análise estatística foram: gênero, escolaridade e faixa etária. A partir da figura seguinte, pode-se visualizar melhor essa distribuição.



**Figura 6** – Grupos de fatores linguísticos e sociais  
Fonte: Autora, 2007.

As variáveis independentes estabelecidas estão diretamente relacionadas à sua possível atuação sobre a aplicação da regra. Essas suspeitas se deram durante a escuta das narrativas.

### 3.3.3.2.2 Variável dependente e suas variantes

A variável dependente constitui o primeiro grupo de fatores do arquivo de dados. Para o estabelecimento das variantes da variável em estudo foram tomados alguns procedimentos, dada a complexidade que apresentavam. A princípio, pensou-se que a realização de /l/ se daria por meio de duas variantes: [l] ou [◊]. Entretanto, uma escuta mais rigorosa das narrativas fez perceber que /l/ se realizava por meio de outras variantes. Dentre as realizações detectadas, estava uma que oferecia muita dificuldade quando da escuta das gravações. Percebeu-se que ocorria entre os dados uma realização intermediária entre [l] e [◊] que muito se aproximava de [◊]. Essa realização parecia caracterizar um segmento complexo. Ela foi assim simbolizada [●↗].

Foneticamente, diz Cagliari (1974), pode-se diferenciar [◊] [◊] [◊] [◊] [◊] [◊] por meio da observação do movimento da língua e do maxilar inferior<sup>32</sup>. O autor acrescenta que, nesse

<sup>32</sup> “A consoante não-palatal ou palatalizada anterior conserva a ponta da língua elevada. No momento em que a ponta da língua se coloca atrás dos incisivos inferiores e o dorso articula o som na região palatal, temos uma palatal verdadeira [...] observa-se que ao se articular uma palatal, por exemplo, sente-se a ponta da língua forçando para baixo o maxilar inferior” (CAGLIARI, 1974, p. 73-74).

caso, a impressão auditiva é muito precária. Por isso, empreendeu um estudo de base palatográfica a respeito da palatalização em Língua Portuguesa. O estudo de caráter experimental forneceu condições mais seguras a respeito das consoantes palatais e consoantes palatalizadas. Parece que só em casos muito raros é possível se identificar, por meio de um ouvido bem treinado, a diferença entre essas duas realizações, dada a semelhança entre elas.

A princípio, pensou-se que as informações acima resolveriam a problemática a respeito da identificação da diferença entre os dois segmentos que se ouvia. Passou-se a escutar as narrativas, dando-se especial atenção aos contextos em que ocorria a variável em estudo. Entretanto, outros inconvenientes surgiram. Entrava em cena logo um conjunto de entraves que impedia a indicação segura a respeito dessa diferença. Como os dados haviam sido gravados em fitas cassete, não se podia contar com a visualização dos movimentos da língua nem do maxilar inferior para se determinar quando se tinha [l̥] ou [l̥̥]<sup>33</sup>.

Um dos recursos possíveis, muitas vezes utilizado por pesquisadores que usam o pacote computacional VARBRUL, é a inserção do dado fictício. Entretanto, cabe ressaltar que um pequeno número de dados indicado, codificado equivocadamente no pacote computacional pode inflacionar os resultados estatísticos<sup>34</sup>. Como codificações duvidosas poderiam ocorrer e alterar os resultados, decidiu-se amalgamar as duas variantes e tratá-las do ponto de vista da Fonologia Autossegmental, focalizando-se os processos fonológicos.

Assim, [l̥̥] e [●l̥̥] foram codificadas, no arquivo de dados, como uma única variante, a saber, [l̥̥], e, assim, tratadas estatisticamente. As duas outras variantes encontradas foram o glide [eɾ] e o zero fonético [⊖].

### 3.3.3.2.3 Codificação dos fatores

Cada uma das variáveis mencionadas na FIG. 5 se constituiu um grupo de fatores. Cada componente dos grupos de fatores recebeu um código que foi utilizado quando da codificação dos dados no programa EDIT. Esses códigos, dentro das possibilidades, foram escolhidos com

<sup>33</sup> Dangelis (2002) e Wetzels (2002) chamam a atenção para o fenômeno que ocorre quando se tem palavras como *pulga*, vocábulos em que se têm dois segmentos muito parecidos. Eles observam que o que muitas vezes se concebe como alongamento que resultaria do apagamento da variante que decorre da semivocalização de /l/, ou seja [u], é, na verdade, a realização de dois segmentos, um vocálico e outro semivocálico, respectivamente. Impressionisticamente parece que se tem apenas um segmento longo, pois são muito parecidos, explicam, mas o tratamento acústico mostra que se trata de dois segmentos.

<sup>34</sup> Oliveira (2005), ao tratar da realização variável da lateral pós-vocálica no Nordeste Paraense, constatou, quando da tentativa de inserção de um dado fictício, a fim de não retirar uma das variantes das rodadas no VARBRUL, que a inserção de um único dado poderia alterar os pesos relativos correspondente aos fatores instituídos. Isso significa que dados codificados inadequadamente alteram os pesos relativos.

base em critérios mnemônicos. Diz-se dentro das possibilidades, pois eles não podem ser repetidos dentro de um mesmo grupo de fatores; sendo necessário, algumas vezes, escolher-se um símbolo de certa forma aleatório para a codificação. Apresentam-se, no Quadro 2, todos os fatores que formaram os grupos de fatores desta pesquisa, os códigos referentes a cada fator e alguns exemplos em transcrição fonética que serviram de base para a codificação.

Quadro 2 – Grupos de fatores linguísticos e sociais

Grupos de fatores linguísticos e sociais								
Grupo de fatores			GRUPO DE FATORES			Grupo de fatores		
1. Variável dependente	Cód	Exemplos	2. Contexto precedente	Cód	Exemplos	3. Contexto seguinte	Cód	Exemplos
<p> </p>	<p>l y y j 0</p>	<p> </p>	<p> </p>	<p>a e E i I o O u</p>	<p> </p>	<p> </p>	<p>A e E i I o O U N n j d</p>	<p> </p>

Grupo de fatores			Grupo de fatores			Grupo de fatores		
<i>4.Acento</i>	<i>Cód</i>	<i>Exemplos</i>	<i>5.Posição na</i>	<i>Cód.</i>	<i>Exemplos</i>	<i>6. gênero</i>	<i>Cód</i>	<i>Exemplos</i>
Monossílabo tônico	1	⚊⚎⚐⚑⚒⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿	Inicial	i	⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿	Feminino	F	⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿
Sílaba tônica	2	&⚓	medial	m	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿	Masculino	M	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿
Sílaba pretônica	3	⚊⚑⚒⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿	final	f	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿			
Sílaba postônica	4	⚊⚎⚐⚑⚒⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿			⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿			
7. Escolaridade	<i>Cód</i>	<i>Exemplos</i>	8. faixa etária	<i>Cód.</i>	<i>Exemplos</i>			
Analfabetos	A	⚊⚎⚐⚑⚒⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿	15-25 anos	1	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿			
1º grau	B	⚓	26-45 anos	2	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿			
2º grau	C	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿	a partir de 46 anos	3	⚓⚔⚕⚖⚗⚘⚙⚛⚞⚟⚠⚡⚢⚣⚤⚥⚦⚧⚨⚩⚪⚫⚬⚭⚮⚯⚰⚱⚲⚳⚴⚵⚶⚷⚸⚹⚺⚻⚼⚽⚾⚿			

Fonte: Autora, 2007.





## 4 ANÁLISE DOS DADOS

### 4.1 Análise sociolinguística

Nesta seção serão apresentados os resultados preliminares, intermediários e finais fornecidos pelo pacote de programas computacionais VARBRUL. Durante essa parte do trabalho, serão discutidos e interpretados, à luz da linguística variacionista, os pesos relativos obtidos.

#### 4.1.1 Resultados preliminares

Os resultados iniciais, como é comum nos primeiros índices numéricos fornecidos pelo programa computacional MACKECCELL, apresentaram vários nocautes. Eles resultaram da aplicação de regras categóricas. Isso indica que alguns redimensionamentos devem ser realizados, a fim de que os dados possam ser aceitos pelo programa de regra variável que fornecerá os dados estatísticos para a análise variável e para que essa seja confiável.

Foram encontradas neste *corpus*, ao todo, cinco variantes para /l/, a saber: lateral alveolar [l] [x ↘ ⌊ ℳ • ᵀ ❖], lateral palatal [l̪] [x ↘ ⌊ ⌠ → □ ❖], lateral palatalizada [lʲ] [x ↘ ⌊ ⌠ → □ u], glide anterior [j] [x ↘ ⌊ ⌠ → □ u] e o zero fonético [Ø] [x ↘ ⌊ ⌠ → □ u]. Ao todo foram contabilizados 4.897 dados.

Antes das rodadas principais, ou seja, da realização das rodadas considerando-se os dados de fala de todos os informantes, foram realizados alguns ensaios, no pacote computacional VARBRUL, com 50% dos dados. Essas rodadas integraram apenas [l] *versus* [l̪] isto é, não-palatalização *versus* palatalização<sup>35</sup>. Realizou-se uma rodada binária, já que as duas outras variantes não poderiam ser submetidas ao programa de regra variável. Os motivos serão explicitados na seção seguinte. Os resultados apontaram a necessidade de alguns redimensionamentos na codificação dos grupos de fatores estabelecidos.

Esses resultados mostravam que a variação de /l/ só ocorria diante dos seguintes contextos fonéticos: [j], [i], [ɥ], [ɣ] [a], [u]. Diante dos demais segmentos, ou seja, de [Ø] [ɨ] [ɥ] [ɜ] [ɝ] [ɞ] [er] [ℳ] [□], /l/ se realizava sempre como [l], independentemente de serem nasalizados ou não. Tudo indicava que a variável

<sup>35</sup> Conforme foi dito no capítulo anterior, as duas formas, palatais e palatalizadas, foram amalgamadas. Entenda-se que /l̪/ corresponde a [l̪] e [lʲ] durante a análise estatística.



se que o número de ocorrências referente ao total de dados para [a] é alto, mas o número de dados nos quais ocorreu a palatalização é baixíssimo.

Apesar desse baixo índice de palatalização diante de [a] e de [u], esses resultados causavam certa estranheza, pois não se esperava que esses segmentos pudessem motivar, mesmo timidamente, a regra.

Isso foi de encontro à hipótese referente à atuação do contexto seguinte (ver p. 95). Assim, era preciso esclarecer esses resultados, pois, a princípio, poder-se-ia dizer que [a] e [u] condicionavam a palatalização de /l/, o que, em termos teóricos, parece pouco provável pelo menos para o falar de Itaituba. Entretanto, esses resultados estatísticos que não eram aleatórios, pois tiveram como base dados empíricos sistematizados, precisavam ser interpretados linguisticamente. Quantitativamente, os índices referentes a esses fatores já ofereciam algumas pistas.

Essa interpretação apresentou, de um lado, suporte teórico e, de outro, empírico. Teoricamente, [a] e [u] não se constituem contexto, *input* para a palatalização. Conforme se verificou no íterim desse trabalho, são os vocóides frontais altos que, em contexto seguinte, costumam constituir-se gatilho da regra de palatalização (seção 2). Isso fica confirmado também em termos empíricos, após algumas explicitações para o falar itaitubense.

Segundo Clements e Hume (1995), os segmentos que apresentam pelo menos dois traços de articulação oral, os segmentos complexos, que resultam de processos como palatalização, labialização e velarização só podem ser implementados por traços vocálicos apropriados. Assim, parece improvável que [a] e [u] tenham motivado a palatalização de /l/. Ora, se a palatalização é aqui entendida como o espriamento do nó vocálico que domina [coronal], então esses resultados precisavam ser reavaliados, pois não seria possível que [a] e [u] tivessem espriado esse traço para a consoante precedente, visto que não faz parte do conjunto de traços que os constituem. Além disso, /l/, [a] e [u] não se constituem uma classe natural de segmentos quando se trata da palatalização (CLEMENTS, 1989a).

Clements (1989b) assinala que as vogais altas requerem consoantes que apresentem alta constrição para ocuparem o *onset* silábico. Entendendo-se que a palatalização implica aumento de força articulatória, e, assim, maior constrição, tem-se indício de que sua aplicação deve ter sido motivada por um segmento que também apresenta alta constrição, como [j], por exemplo. O autor exemplifica esse comportamento de consoantes diante de vogais altas tomando por base dados do Bantu. Nessa língua, /l/ realiza-se como [l] diante de vogal não-alta, mas como [d] diante de vogal alta.

Marroquim (2000) também encontrou, para a fala nordestina, [d] por [l] diante de [i], conforme já foi mencionado no capítulo I. Cabe ressaltar que, nesta pesquisa, /l/ se realizou, geralmente, por meio da variante palatalizada diante de vocóides frontais altos e categoricamente como [l] diante das demais vogais.

Empiricamente, há dois argumentos a favor desse ponto de vista que parecem contrariar os dados estatísticos. Entretanto, não há aqui uma contradição. Antes, os resultados estatísticos fornecem dados que ajudam a explicar melhor porque diante de [a] e de [u] a palatalização é desfavorecida.

O primeiro pode ser encontrado entre os dados empíricos utilizados para a construção deste trabalho. Ora, dos dados que apresentavam [a] ou [u] como contexto seguinte, apenas naqueles em que se tinha na subjacência o ditongo [er] e [er] ocorreu palatalização. Com a ajuda do programa TSORT pôde-se separar os dados e realizar essa constatação. Além disso, todos os dados em que ocorria a aplicação da regra diante de [a] e de [u] apresentavam a estrutura silábica C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V, como a que se verifica em **família** e **auxílio**. Isso levou a que se pensasse em um ordenamento de regras que, se não for considerado, induz, erroneamente, a deduzir que as vogais [a] e [u] motivam a palatalização de /l/.

No Português falado em Itaituba deve ter ocorrido um conjunto de regras ordenadas. Essas regras devem ser apontadas para a compreensão adequada da forma fonética [ɣ̃ → ɣ̃̃]. São elas: palatalização e apagamento. Essas regras têm de ter ocorrido, necessariamente, uma após a outra, pois do contrário se teria uma forma fonética diferente da que se obteve.

Sabe-se que existem níveis intermediários entre a representação fonológica e a representação fonética. Segundo Bisol (2005, p. 41-42):

Para derivar a representação fonética da representação fonológica, todas as regras são aplicadas sucessivamente numa ordem que foi pré-estabelecida. Cada regra recebe como *input* a representação resultante da aplicação da regra anterior. Daí resulta uma série de níveis intermediários entre o nível das representações fonológicas e o nível das representações fonéticas, cada nível corresponde ao *output* de uma regra fonológica.

A forma [f̃ → ɣ̃̃], assim, é entendida como uma representação fonética que resultou da aplicação de diferentes regras que se aplicaram ordenadamente. Isso indica que a palatalização deve, obrigatoriamente, ter ocorrido antes da elisão. Caso contrário, não haveria contexto para sua aplicação.

Hipoteticamente, ter-se-ia algo como o expresso em (10) se a palatalização não tivesse antecedido o apagamento de [j], pois em Itaituba /l/ não palataliza, exceto diante de segmentos [+voc], [-ant], [-aberto<sub>n</sub>], de acordo com uma análise mais cuidadosa dos dados.

(10)

/f①→ʃ○)(●er②/	
f①→ʃmil①*	apagamento de [j]
[f①→ʃmil①]*	sem contexto para aplicação da regra de palatalização

Empiricamente, isso pode também ser reforçado por meio da retomada dos trabalhos apresentados seção 2. Nessa seção, quando se faz uma análise cuidadosa dos resultados apresentados, observa-se que todos os casos de palatalização referentes às oclusivas alveolares têm como gatilho vocóides frontais altos.

Posto esse argumento, poder-se-ia contra-argumentar ainda que isso se aplica apenas à palatalização das oclusivas alveolares /t/ e /d/ e não à da lateral alveolar. Ora, outro argumento, agora referente à palatalização da lateral alveolar, pode ser citado levando-se em conta os dados em análise. Em todos os dados em que [a] era contexto seguinte, quando se excetuam as formas [f①→ʃmi②], [ɖ③→ʃmi②], [ɖ③→ʃmi②], [ɖ③→ʃmi②], /l/ sempre se realiza como [l], desfavorecendo, assim, a palatalização. Daí resulta seu baixo peso relativo diante de [a].

Esses dados indicam que /l/ palataliza diante de [j] e que a palatalização da qual esse segmento é gatilho se dá antes de sua supressão. Esse apagamento ocorre devido à atuação do PCO que atua no sentido de desfazer estruturas adjacentes idênticas.

Para finalizar, cabe ressaltar que apesar de esses resultados, a princípio, parecerem corroborar o ponto de vista de Marroquim (2000), pois a palatalização ocorre produtivamente na palavra *família*, não o faz. Esse autor afirma que, na forma *família*, /l/ se realiza como [ʎ] por analogia à palavra filha. Primeiro, é preciso dizer que esses vocábulos apresentam estruturas silábicas diferentes. Segundo, /l/ realizou-se como [ʎ] também diante de [u], em palavras como [aw①→ʃmi②], [aw①→ʃmi②], [aw①→ʃmi②]. Provavelmente o que concorre para esse tipo de realização não é a analogia, mas a estrutura silábica dessas palavras, conforme se verá mais adiante. Grosso modo, em palavras como **família**, **auxílio**, [j], depois de espraiar o nó vocálico, formando um segmento com articulação secundária palatal, cai, devido à atuação do PCO. Levando-se em consideração que [lʎ/ʎ] apresentam articulações secundárias, tem-se uma sequência em que figuram três traços coronais adjacentes. Portanto, essa regra não parece ser

motivada por analogia. Os resultados fornecidos pelo programa de análise estatística, os dados empíricos corroboram as explicações teóricas para esse tipo de palatalização.

Essa interpretação levou a que se cogitasse a recodificação desses dados, levando-se em consideração o contexto imediatamente seguinte à variável na sua forma de subjacência, caso essa tendência se mantivesse no restante dos dados a serem avaliados. Como a tendência se manteve em 100% dos dados em que /l/ palatalizava diante de [a] ou de [u], os fatores *a* e *u* foram recodificados e amalgamados, passando a se constituírem um único fator com *j*. Os fatores codificados como *a* e *u*, diante dos quais a variável se mantinha invariável (escola, luto), pois não se tinha contexto para a aplicação da regra, foram retirados das rodadas seguintes. Esse procedimento levou a que se tivessem como fatores do grupo de fatores contexto seguinte, os contextos: [j], [i→] e [i→] e [i→].

Feitos esses ajustes, passou-se à análise intermediária dos dados.

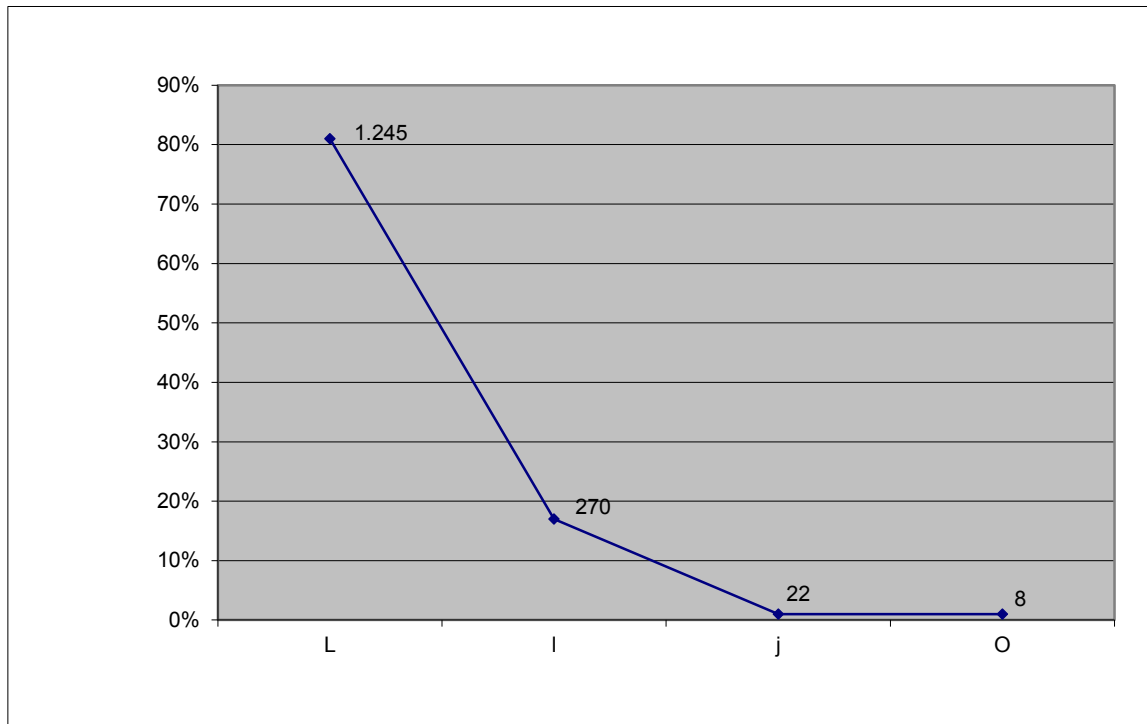
#### 4.1.2 Resultados intermediários

Com a retirada dos contextos mencionados acima, foram submetidos ao arquivo de células, ao todo, 1.545 dados. Essa rodada apresentou um total de nove nocautes. Novos redimensionamentos seriam necessários. Eles obedeceram a critérios linguísticos e estatísticos. Oito desses nocautes tinham relação com as variantes [j] e [ø].

À variante palatalizada [j] corresponderam 82% do total dos dados, ou seja, 1.245 ocorrências; sendo, assim, a variante majoritária do *corpus*. A variante alveolar [l] apresentou 17% de frequência, o equivalente a 270 dados. O zero fonético [ø] e o *glide* [j] apresentaram menos de 1% de frequência cada, respectivamente, 08 e 22 dados. A ocorrência de [j] e do zero fonético [ø] foi bastante esporádica no *corpus*. Apresenta-se, no GRAF. 1, as frequências das variantes considerando-se [j] e [ø]<sup>36</sup> uma única variante pelos motivos já explicitados na metodologia deste trabalho.

---

<sup>36</sup> A amalgamação dessas variantes foi simbolizada por L.

**Gráfico 1** – Frequência das variantes de /l/

Fonte: Autora, 2007.

Os dados do Gráfico 1 mostram que a ocorrência da variante palatalizada é bastante produtiva no falar itaitubense, diferentemente do que se constatou para outros falares aqui mencionados, pois mesmo diante de [i] prevalece significativamente, nesses falares, a realização alveolar. Isso parece indicar a palatalização de /l/ como uma marca da fala itaitubense.

Como o número de ocorrências para [Ø] e para [j] era muito reduzido, essas variantes foram retiradas das rodadas posteriores. Elas não poderiam ser tratadas estatisticamente, pois favoreciam muitos nocautes. Além disso, a adequação ao princípio de ortogonalidade sugere que, numa análise estatística, uma determinada variante só seja assim tratada caso suas ocorrências correspondam a pelos menos 5% dos dados. Como sequer a soma das ocorrências das duas variantes correspondiam a esse percentual, [Ø] e [j] foram tratados apenas fonologicamente.

Cabe ressaltar, entretanto, que os resultados numéricos referentes a essas duas variantes oferecem, de certa forma, evidências de que [j Ø] não se constituem a tendência na cidade de Itaituba. O número de dados correspondente a elas oferece pistas preliminares. O fato de terem ocorrido principalmente na fala da 3ª faixa etária (a partir de 45 anos) e de falantes sem escolaridade também fortalece esse ponto de vista. No combate entre as variantes de (l), a vitória é prevista para a forma palatalizada.



Os resultados fornecidos pelo MAKECELL, após a retirada das duas variantes citadas, indicavam que, ao final das alterações realizadas no arquivo de condições, havia apenas duas variantes para serem rodadas no programa IVARB, o que implicava a realização de rodada binária nesse programa de regra variável. O peso relativo que indica desfavorecimento de ocorrência de uma determinada variante deve estar abaixo de .50<sup>37</sup> nesse tipo de rodada. Entretanto, antes de os dados serem submetidos ao programa de regra variável foi necessário mais um ajuste no arquivo de condições, visto que o grupo de fatores contexto precedente apresentava ainda um nocaute. Como se disse anteriormente, o programa de regra variável não roda enquanto os nocautes não tiverem sido extintos.

O fator I, vogal frontal alta que derivava do alçamento de [e], não apresentava nenhum dado para a variante alveolar [l]. Em contrapartida, apresentava frequência bem aproximada da verificada para [i], conforme se pode visualizar na tabela seguinte:

**Tabela 4** – Variável contexto precedente – 2007

Variável contexto precedente		
Grupo de fatores	Total de dados	Frequência
I	05/05	100%
ɣ	111/119	93%

Fonte: Autora, 2007.

O número de dados referentes ao primeiro fator da tabela acima justificaria sua retirada das rodadas posteriores. Sua amalgamação com o fator *i* também parecia justificável, pois parecia que não importava se o segmento [+voc] [+ant] [-aberto<sub>n</sub>] derivava ou não da aplicação da regra de alçamento. Caso um dos procedimentos fosse aplicado, o grupo de fatores contexto precedente seria retirado da análise, pois o programa de regra variável não opera com um único fator.

Antes de se proceder a qualquer redimensionamento seria necessário avaliar se valeria a pena manter esse grupo de fatores. Ele foi considerado na análise com o objetivo de se avaliar se a palatalização que ocorria em Itaituba pertencia ao domínio da sílaba ou ao domínio da palavra. Era necessário que se efetuassem testes que revelassem a possível interferência do contexto vocálico precedente sobre a palatalização.

<sup>37</sup> Os pesos relativos são dados estatísticos que indicam a probabilidade de ocorrência das variantes de uma variável. O peso relativo abaixo de .50, numa rodada binária, indica que a variável independente a que se refere esse peso desfavorece a aplicação de determinada regra variável.

A impressão primeira que se tinha era de que a palatalização que ocorria na fala de Itaituba se constituía um processo do domínio da sílaba. Dessa forma, o contexto vocálico precedente não apresentaria significado para a regra. Entretanto, essa hipótese deveria ser testada, visto que em alguns falares esse tipo de palatalização é possível, conforme se pôde verificar na seção 2 deste trabalho.

Para se ter certeza de que a retirada desse grupo de fatores das rodadas seguintes não causaria prejuízos à análise estatística, procurou-se, com ajuda do programa TSORT, verificar em que dados esses fatores estariam condicionando a palatalização. Em seguida, uma nova rodada, no TSORT, daria condições de saber se o contexto precedente apresentava algum significado para a palatalização. Apesar de se suspeitar que [+voc] [+ant] [-aberto<sub>n</sub>], em contexto seguinte, seria o gatilho da palatalização, era preciso confirmar essa hipótese.

O número de dados referente aos dois fatores que compunham o grupo de fatores contexto precedente era baixo. Para [ɪ], tinha-se cinco dados e para [i], 119 dados. Isso indicava que eles poderiam ser facilmente avaliados. Como se disse anteriormente, por meio de escuta inicial das gravações, foi possível verificar que a variante palatalizada, bem como outras variantes presentes no *corpus*, manifestava-se, em alguns casos, mesmo quando não se tinha um vocóide frontal alto como contexto fonético seguinte. Assim, seria possível se pensar que se estivesse diante de uma palatalização do domínio da palavra em que o contexto precedente estaria motivando a palatalização. A análise dos dados, entretanto, já mostrou que não se tratava disso, pois o que realmente acontecia era o espriamento do traço coronal de [j] para o alvo /l/ e seu posterior apagamento.

Os resultados fornecidos pelo TSORT mostraram que as vezes em que [ɪ] aparecia em contexto precedente referia-se sempre à forma [ɪ]. Quanto ao segmento [i], verificou-se que os dados correspondentes a esse tipo de ocorrência, ou seja, em que [i] se constituía contexto precedente, eram iguais a 119 dados. Em 93% dessas ocorrências acontecia a palatalização. Estaria, então, o contexto precedente favorecendo o processo em estudo?

Uma retomada do arquivo fornecido pelo TSORT mostrou que a palatalização, quando se considerava o contexto precedente, ocorria quando se tinha concomitantemente como contexto seguinte fatores que favoreciam a aplicação da regra. Ocorria palatalização quando se tinha vocóides frontais altos como contexto subsequente à variável. Observe-se que a forma [ɪ] apresenta como contexto seguinte um segmento favorecedor da palatalização. Esses dados confirmam a hipótese de que pertence ao domínio da sílaba a palatalização que ocorre na fala de Itaituba, pois só ocorre o fenômeno quando há gatilho no

contexto subsequente à variável em estudo. Quando esse gatilho não ocorre, a variável realiza-se sempre como [l].

Argumentos estatísticos e empíricos justificaram a retirada desse grupo de fatores das rodadas posteriores, pois ficou claro que a palatalização da lateral alveolar, no falar de Itaituba, não é motivada pelo contexto precedente mesmo quando nela se apresentam os segmentos que em contexto seguinte a condicionam.

Feitos esses ajustes, os nocautes foram solucionados. Entretanto, duas outras modificações pareciam necessárias. Uma delas dizia respeito à posição da variável em relação ao acento. Veja-se a tabela abaixo:

**Tabela 5** – Variável acento – 2007

Variável acento			
Fatores	◇	L	Total de dados
Tônica	185	65	250
%	<b>74</b>	26	
Pretônica	159	26	185
%	86	14	
Postônica	892	176	1068
%	84	16	
Mon. Tônico	9	3	12
%	<b>75</b>	25	
Total	1245	270	1515
	82%	18%	100%

Fonte: Autora, 2007.

Conforme se pode verificar na tabela 5, os percentuais referentes a tônico e monossílabo tônico eram muito aproximados; 74% e 75%, respectivamente. Isso indicava que o número de sílabas não tinha significado para a palatalização quando se tratava do acento. Portanto, esses dois fatores foram amalgamados.

A outra modificação referia-se ao grupo de fatores contexto seguinte. Quando da avaliação do contexto seguinte, ainda durante as rodadas preliminares, tinha ficado claro que o traço nasal não parecia exercer significado sobre a palatalização. Os contextos que apresentam

o traço nasal não determinavam a detonação da regra que só se aplicava quando se tinha como contexto seguinte vocóides frontais altos. Assim, [i]→ foi amalgamado a [i]<sup>38</sup>.

Os outros dois fatores correspondiam ao contexto átono final (estrutura CV) e àquele em que se tinha o *glide* (C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V), como na palavra *família*; ambos contextos átonos.

#### 4.1.3 Resultados finais

Feitos os ajustes intermediários, procedeu-se à rodada dos dados no programa de regra variável, o IVARB, programa do pacote computacional VARBRUL que realiza rodadas binárias. O *Thresohold*, margem de erro com o qual o programa trabalha, é igual a ,05. Quando o nível de significância está abaixo desse valor, os pesos relativos fornecidos pelo programa são estatisticamente significativos, pois estão dentro da margem de erro com a qual o programa trabalha. O nível de significância da rodada em análise foi igual a .016. Cabe ressaltar que os dados fornecidos por esse programa têm significado estatístico, cabendo ao pesquisador a avaliação linguística dos resultados obtidos.

Dos sete grupos de fatores instituídos, excetuando o grupo da variável dependente, um foi retirado das rodadas, o grupo de fatores contexto precedente, conforme foi explicado. Dos submetidos ao programa de regra variável, quatro foram selecionados. São eles, de acordo com a ordem de seleção: escolaridade, sexo, contexto seguinte e posição na palavra. Os grupos não selecionados foram acento e idade.

Os grupos selecionados foram também os não-selecionados. Obteve-se, dessa forma, uma seleção que apresenta **distribuição complementar**. Em termos de *stepup* e *stepdown*<sup>39</sup>, tem-se uma rodada ideal. A pequena gradiência entre os pesos relativos fornecidos nos diferentes níveis também confirma esse dado

A seguir, serão apresentadas observações sobre os grupos de fatores linguísticos selecionados. Em seguida, serão comentados os dois grupos de fatores sociais também selecionados. Considera-se a palatalização a aplicação da regra.

<sup>38</sup> A manutenção do fator N nas rodadas teve como finalidade testar sua possível interferência sobre a palatalização. Alguns estudos sobre o fenômeno de palatalização atribuem à nasalidade alguma interferência sobre o fenômeno. Neste trabalho, a nasalidade do gatilho não parece exercer significado sobre o fenômeno. Neste *corpus*, [i<sup>Ⓞ</sup>] foi encontrado geralmente em contextos tônicos, mas foram os contextos inacentuados que mais favoreceram a palatalização.

<sup>39</sup> O *stepup* seleciona as variáveis significantes para a aplicação da regra. O *stepdown* faz procedimento inverso com o fim de avaliar se os grupos selecionados foram também não selecionados. Esse tipo de resultado caracteriza uma distribuição complementar na análise estatística. A seleção e não-seleção concomitante de uma determinada variável indicam que há sobreposição de fatores, ou seja, que não estão bem definidos, devendo, o pesquisador, realizar os procedimentos necessários à solução desse inconveniente.

#### 4.1.3.1 Variável contexto seguinte

Foram dois os grupos de fatores linguísticos selecionados pelo IVARB. O grupo de fatores contexto seguinte foi o terceiro grupo selecionado por esse programa de regra variável. Os resultados referentes aos fatores desse grupo estão dispostos na tabela 6:

**Tabela 6** – Variável contexto seguinte – 2007

Variável contexto seguinte			
Fatores	Ocorrências	P. Relativo	Exemplos
ɣ	371/472	.37	☉ ✕ ✧ ✕ → □ ① ✱
l	793/960	.52	☉ ✕ ɔ ɱ ✕ l]
er	81/83	.89	☉ ✕ ① ✕ ○ ✕ ✕ ✱
<i>input</i>	–	.86	

Fonte: Autora, 2007.

O *input*, medida global do índice de aplicação da regra, foi igual a .86. Isso indica que essa regra apresenta alta probabilidade de aplicação no falar itaitubense.

Os resultados estatísticos mostram que [j] favorece significativamente a aplicação da regra com peso relativo igual a .89, o maior peso relativo obtido na análise quantitativa. O contexto [l] também favorece a palatalização, mas seu peso relativo, igual a .52, indica que a probabilidade de aplicação da regra é bem inferior à verificada para [j]. Já o contexto [i] apresenta efeito desfavorecedor. Esse fator recebeu peso igual a .37. Isso indica que a probabilidade de aplicação da regra é desfavorecida quando a variável se encontra diante de [i].

A princípio, parecia que os dois primeiros fatores poderiam ser amalgamados, pois era possível se pensar que não importava se o segmento que detonava a regra decorria ou não de uma derivação. Entretanto, alguns argumentos se somam aos índices estatísticos obtidos e justificam a manutenção dos fatores dispostos na tabela 6.

Uma reavaliação linguística dos segmentos que compunham esse grupo de fatores mostrava que, tomando-se por base sua geometria, sua avaliação no IVARB não forneceria dados relevantes quanto ao tipo de segmento que estaria condicionando mais significativamente a palatalização de /l/. Conforme já foi dito, é o ponto de articulação que está diretamente envolvido na regra de palatalização. Como se pode ver, todos os segmentos que compunham o grupo de fatores contexto seguinte apresentavam o mesmo traço de articulação oral, o [coronal]. Sendo assim, os pesos relativos fornecidos pelo IVARB não poderiam, aparentemente, apontar

nenhuma informação relevante quanto a esse aspecto. Já havia ficado claro que a palatalização de /l/ ocorria produtivamente, no falar de Itaituba, diante de segmentos [+voc], [+ant] [-aberto<sub>n</sub>]. Entretanto, havia diferença entre os pesos relativos que cada segmento apresentava. Assim, haveria um outro condicionador da regra que deveria ser avaliado nesse grupo que não era o ponto de articulação. Se apresentavam a mesma geometria pertinente à palatalização, o que estaria condicionando a significativa diferença entre os resultados?

Vogais e *glides* apresentam o mesmo conjunto de traços<sup>40</sup>. Eles se constituem duas categorias de segmentos que apresentam a mesma geometria. A característica do *glide* só é atribuída a um determinado segmento no processo de estruturação silábica (CLEMENTS, 1991; CLEMENTS; HUME, 1995). Esse dado, somado aos pesos relativos referentes a cada fator, dava indícios de que a sílaba deveria exercer algum tipo de interferência sobre esses resultados, visto que a diferença entre eles se mostrava escalar quando se levava em consideração a posição que os segmentos ocupavam na sílaba e/ou no tipo de sílaba. O segmento que se constituía C<sub>2</sub> na sílaba que apresentava a estrutura C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V era o que mais favorecia a regra [j]. Os dois outros figuravam em sílabas que apresentavam o padrão CV, mas a posição do segmento em relação ao acento e a posição da sílaba pareciam também ter reflexos sobre a palatalização, pois o que se encontrava em sílaba átona final [I] favorecia a regra enquanto o que não figurava nesse tipo de sílaba a inibia [i].

O alto índice de aplicação da regra de palatalização de /l/ diante de /j/ parecia estar diretamente relacionado à estrutura silábica. Esse contexto favoreceu a palatalização de /l/ mais do que o contexto [i]. Conforme foi dito em 2.2.4, a diferença entre [i] e [j] guarda relação com a posição que ocupam na sílaba, ou seja, apresentam a mesma geometria. Assim, a diferença referente aos resultados da palatalização de /l/ não estaria ligada ao segmento em si, mas, talvez, à configuração fonética dos segmentos avaliados. Essa, por sua vez, decorria do tipo de sílaba em que se encontravam<sup>41</sup>.

O segmento [j] apresenta soância inferior a de [i] (SILVEIRA, 1982; WETZELS, 1995). Portanto, apresenta, também, mais contração do que [i]. Clements e Hume (1995) afirmam que a diferença entre /i/ e /j/ é dada pela estrutura silábica. Assim, a condição de [j], ou seja, o fato de apresentar maior contração é condição imposta por essa estrutura. Note-se que /j/ exige

---

<sup>40</sup> Aqui entendido como processo. Corresponde a *glide*, neste trabalho, [j], quando discutido em relação à estrutura silábica.

<sup>41</sup> “This suggests that we look for evidence that degree of structure in vocoides plays a role in syllabification just as it does in consoants” (CLEMENTS, 1991, p. 19).

maior fechamento do que /i/ na sua produção, segundo Silveira (1982), por causa da posição que ocupa: C<sup>2</sup>.

Como [j] localiza-se numa zona muito próxima da zona das consoantes, pois apresenta maior constrição do que [i], devido ao esforço que exige na sua produção, poder-se-ia situá-lo entre as líquidas e os vocóides altos, argumentando-se em favor de uma gradiência de soância, ou constrição, em que [j] ficaria em posição intermediária entre os graus quatro e cinco da escala proposta por Clements (1989a, p. 24)<sup>42</sup>.

Essa proposta tem justificativa também na alternância entre [j] [ɪ] e [ɰ]. São segmentos muito próximos, por isso, alternam produtivamente um com o outro. De outra parte, os graus de soância ou constrição apresentariam gradiência.

O fato de a palatalização ser condicionada por segmentos que estão dispostos numa escala, em ordem decrescente, na direção /i/, /e/, quando se tomam como exemplos dados do latim, porque a frontal alta apresenta mais constrição do que /e/, explica a posição de /j/ antes de /i/ nessa escala. Obtem-se, assim, em termos não absolutos, uma nova escala: [j i] no que se refere à palatalização de /l/. Essa mesma seqüência pode ser construída quando se tomam por base também os dados estatísticos, pois /j/ favoreceu a palatalização mais do que /i/. Cabe reafirmar que a posição de /j/ nessa escala é definida pela estrutura silábica, pois sua constrição está ligada à posição que ocupa na sílaba.

A mesma construção que foi feita para se explicar os resultados referentes a [i] e [j] pode ser retomada para se explicar os resultados relativos a [ɪ]. Note-se que [ɪ], a reduzida que ocorre em sílaba átona final no PB, apresenta foneticamente mais constrição do que [i]. Sua condição também é dada pela posição que ocupa num dado tipo de sílaba (CV), a átona final. Isso explica seu peso relativo intermediário entre [i] e [j].

O grupo de fatores estrutura silábica não foi estabelecido neste trabalho porque sua instituição traria um problema técnico para a análise estatística. Como os contextos de /j/ seriam lidos como estrutura silábica C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V em um outro grupo de fatores, pois coincidiriam, ocorreria uma superposição de fatores. É como se dois grupos de fatores apresentassem exatamente os mesmos resultados. Seria redundante.

O procedimento adotado não trouxe perdas para a análise, pois caso se tivesse estabelecido dois grupos, um deles teria de ser eliminado posteriormente, visto que se sobreporiam. Além disso, tinha-se como objetivo fazer uma relação entre a constrição de [j] e

---

<sup>42</sup> Essa escala pode ser visualizada na p. 70 deste trabalho.

a palatalização e, depois, relacionar o grau de constrição desse segmento a uma condição da estrutura silábica.

#### 4.1.3.1.1 Hierarquia sonora e abordagem variacionista

Para fortalecer o ponto de vista referente à gradiência de traços, será utilizado um outro exemplo tomado do Português.

Guy e Bisol (1991), baseados em dados de variação de algumas regiões do Rio Grande do Sul, assinalam que o contexto adjacente tem atuação diferenciada sobre a harmonia vocálica do Português; em outras palavras, nem sempre os segmentos que favorecem o alçamento de [i] favorecem o de [o] e vice-versa. Algumas vezes, os condicionadores de ambos são os mesmos.

Os autores ressaltam também a dificuldade de se estabelecer uma única regra para generalização do fenômeno, pois [i] alça tanto [e] quanto [o], porém [e] é mais submetida ao alçamento quando esse é provocado por [i]. A atuação de [i] mostra-se mais forte do que a de [u], pois alça, produtivamente, tanto frontais como posteriores.

Como [alto] é o traço envolvido nesse processo, os autores atribuem isso à altura de [i]. Explicam que esse segmento, no quadrilátero vocálico, apresenta altura superior à de [u]. Assim, a vogal anterior é mais alta, em termos relativos, do que a posterior. Isso faz com que [u] cause menos perturbação na altura da vogal [e], pois, em termos de altura absoluta, são muito parecidos.

Esse dado traz à tona a necessidade de se buscar na realização fonética algumas explicações. Os autores assinalam a necessidade de se considerar multivalores de traços e o *continuum* entre eles, o que tem sido proposto também por Barbosa (1997) e Albano (2001). Muitas vezes, só a recuperação desse *continuum* dá conta de fazer entender as variações que ocorrem numa dada língua.

A interação entre informações empíricas e teóricas ajuda a entender melhor os resultados referentes aos fatores do grupo contexto seguinte. A princípio, parece que a análise estatística não tem nada a dizer sobre os resultados a eles referentes, pois os segmentos que constituem esse grupo apresentam a mesma geometria. A resposta, como se disse acima, não deve ser buscada, nesse caso, na fonologia, mas na fonética, pois, aqui, tem-se uma limitação na teoria dos traços embora seja essa teoria, mais especificamente a Geometria dos Traços, que ajuda a compreender esses resultados por meio da escala de soância e constrição proposta por Clements (1989a).



Em termos categóricos [i] e [j] apresentam a mesma abertura e constrição. Entretanto, quando se considera a gradiência no traço [abertura] desses segmentos, percebe-se que há um *continuum* entre eles, ou seja, não têm exatamente a mesma abertura. [j] é menos soante do que [i]; por isso, apresenta mais constrição. Em termos fonéticos [ɪ] também é menos soante do que [i]. As vogais, quando se encontram em contextos enfraquecidos, exigem mais energia articulatória (CAGLIARI, 1974). Apresentam, assim, menos abertura. Ressalta-se, novamente, que a condição desses segmentos é dada pela estrutura silábica.

Bisol (2002) assinala que uma vogal sem acento possui menos soância do que uma vogal com acento. Se [j ɪ] são inacentuados, obviamente, apresentam menos soância do que [i], e assim, menor abertura também e mais constrição. Acrescenta, ainda, que *glides* como [j] são derivados de vogais altas por silabação<sup>43</sup>.

Os dados revelam que ocorreu produtiva palatalização diante de [j] e de [ɪ], segmentos que apresentam alta constrição dentre os contextos fonéticos avaliados. Sendo assim, parece razoável se relacionar a produtiva palatalização de /l/ ao grau de constrição dos segmentos que se constituem gatilho dessa regra.

Cagliari (1974) relaciona a palatalização à constrição, à energia articulatória. Bath (1978) assinala que a palatalização das apicais está diretamente relacionada a segmentos altos, como [i j], e a posições inacentuadas. Cabe lembrar que [j] derivou de um segmento vocálico que ocupava posição marginal.

Assim, para usar as palavras de Guy e Bisol (1991), resultados que, aparentemente, parecem difíceis de serem coadunados à teoria dos traços, tornam-se claros quando se leva em consideração a escala contínua de valores, a gradiência desses valores. De outra parte, como dizem os autores (1991, p. 129): “O princípio da hierarquia sonora presta coerência à abordagem variacionista. E os dados o confirmam”<sup>44</sup>.

---

<sup>43</sup> O português não possui *glides* no sistema subjacente (cf. BISOL, 2002). Vanderweide (2005) assinala que os *glides* apresentam maior abertura do que as líquidas, o que os localizaria entre líquidas e vogais.

<sup>44</sup> Bisol e Guy e (1991) assinalam que a escala de soância tem favorecido a compreensão de vários fenômenos fonológicos. O modelo da FGT, proposto por Clements e Hume (1995), constitui-se um modelo que se baseia na constrição, dada sua centralidade na comunicação. Assim, a organização dos traços de hierarquia tem como suporte a constrição do trato oral. Posto isso, parece razoável que a escala de soância, escala através da qual se recupera a constrição, seja usada com sucesso na compreensão de vários fenômenos fonético-fonológicos como a palatalização, por exemplo.

#### 4.1.3.2 Variável posição na palavra

O último grupo de fatores a ser selecionado foi o grupo posição na palavra. Os resultados revelam uma interação entre esse grupo e o grupo de fatores contexto seguinte. Os pesos relativos fornecidos pelo programa de regra variável estão dispostos na tabela abaixo:

**Tabela 7** – Variável posição na palavra – 2007

Variável posição na palavra		
Fatores	Ocorrências	P. Relativo
Inicial	371/472	.68
Medial	793/960	.49
Final	81/83	.48
<i>Input</i>	–	.86

Fonte: Autora, 2007.

O fator posição inicial recebeu peso relativo igual a .68. Isso indica que há alta probabilidade de a regra se aplicar quando a variável estiver localizada nessa posição. Os dois outros fatores desse grupo apresentaram resultados que desfavorecem a aplicação da regra. A posição final recebeu peso relativo igual a .48. Já a posição medial apresentou peso relativo igual a .49.

Cabe ressaltar que apesar de esses dois últimos fatores não favorecerem a aplicação da regra, esse desfavorecimento é bastante tímido. Eles se aproximam muito do valor neutro. 50. Isso pode indicar que sua atuação sobre a palatalização é praticamente neutra. Entretanto, faz-se necessária uma análise mais refinada sobre esses resultados, a fim de que se possa compreendê-los melhor.

Uma análise estatística avançada manda realizar teste de significância nos grupos de fatores. Sabe-se que os resultados emitidos pelo programa de regra variável estão relacionados à atuação desses grupos que, a depender de seu significado para o fenômeno em análise, são selecionados ou não. Em outras palavras, eles referem-se à significância dos grupos de fatores. Entretanto, numa análise estatística avançada, com a finalidade de se satisfazer o método científico, é adequado avaliar cada fator dos grupos estabelecidos e minimizar os princípios explanatórios.

Segundo Guy (1998, p. 39), deve-se, quando desse procedimento: a) “identificar as combinações de fatores que são lingüisticamente mais gerais e b) verificar se são quantitativamente similares, em termos de seus efeitos sobre a variação em estudo”. Cabe

ressaltar que a generalização linguística deve sobrepor qualquer procedimento estatístico, “pois a resposta vem de nossa teoria e não de um programa estatístico” (GUY, 1998, p. 39). Essa orientação para a análise estatística torna possível amalgamar, com base em alguns argumentos linguísticos os fatores medial e final.

Os resultados referentes ao fator posição final deve, a princípio, causar estranheza, pois se [i] está localizado na posição final, então, deveria ocorrer favorecimento da regra nessa posição. Todavia, vale lembrar que na posição final não foram arrolados apenas contextos átonos finais, codificados como [i], mas, também, contextos tônicos, como o verificado na forma [ɛ̃ < ● ɣ]. Assim, pode-se dizer que os resultados referentes ao fator posição final é coerente e, de outra parte, corroboram os resultados do grupo contexto seguinte. Eles revelam que o vocóide frontal alto, quando localizado em posição átona final, aumenta a probabilidade de aplicação da regra. Note-se que [i] recebeu peso relativo igual a .52. Entretanto, quando os dados do contexto átono final se juntam aos dados do contexto final não átono, para formar o fator posição final, ocorre ligeira inibição da regra.

O peso relativo referente ao fator [i], igual a .37, no grupo contexto seguinte, corrobora também essa interpretação, pois nele estão arrolados a maioria dos contextos tônicos e pretônicos. O resultado referente à posição final esclarece o baixo peso relativo obtido para [i].

A posição medial recebeu peso relativo muito próximo do obtido para a posição final. Seu peso relativo, como foi dito, revelou uma atuação neutra sobre a palatalização. Com a finalidade de entender melhor esse resultado, criou-se um novo arquivo de dados com a ajuda do TSORT. Esse arquivo apresentou todas as ocorrências da posição medial.

O novo arquivo mostrou que esse fator reunia posição tônica, átona não-final, pretônica e, assim, segmentos que apresentavam constrição diversificada. Isso pode responder à questão referente à sua atuação praticamente neutra sobre a palatalização.

Os resultados referentes à posição inicial (.68) se mostraram, de certa forma, obscuros, pois não se esperava que esse fator favorecesse a regra com peso relativo tão distante dos demais fatores do grupo. Entretanto, talvez, possam ser justificados tomando-se como argumento a força articulatória.

Coutinho (1976) afirma que, na evolução do latim, a posição inicial foi a que menos sofreu modificação. Isso é corroborado também por outros autores. Para ele, essa inalterabilidade tem relação com o acento de intensidade do antigo latim que colocava em evidência a sílaba inicial do vocábulo e com a atenção que é dada ao início da palavra. Ainda, segundo Coutinho (1976), o falante daria uma atenção especial à posição inicial. Talvez isso implique aumento de energia articulatória, o que favoreceria a aplicação da regra.

Ilari (1992), dentre outros autores que estudaram a evolução da fonologia latina, assinala que, em posição inicial ou medial, ocorria forte palatalização dos grupos **pl**, **cl**, **tl**, **fl**. Talvez essa posição possa contribuir, embora secundariamente, para a aplicação da regra. Cabe ressaltar que esse foi o último grupo de fatores a ser selecionado pelo IVARB.

Esses resultados corroboram os de Hora (1990) que também encontrou peso relativo favorecedor para a posição inicial (pretônica inicial .56; pretônica não inicial. 43), quando estudou a palatalização de /t/ e /d/. A palatalização foi também desfavorecida na posição tônica (.34), em Hora (1990). Esses últimos resultados vão ao encontro das informações apresentadas por Bath (1978). Ele estudou vários casos de palatalização em diferentes línguas. Assinala que a posição inacentuada favorece a palatalização das apicais.

#### 4.1.3.2.1 Relação entre palatalização e elevação vocálica

No Português do Brasil, em posição átona final, geralmente ocorre a elevação vocálica. No falar de Itaituba, não é diferente. Nessa posição, /e/ sofre alçamento.

Os resultados estatísticos mostraram que a palatalização, em grande parte dos dados, alimentou-se da aplicação dessa regra de elevação. Caso essa regra não fosse aplicada, não haveria *input* para a aplicação da regra de palatalização, pois /l/ não palataliza diante de [e], de acordo com estes dados empíricos. A elevação vocálica constitui-se, assim, neste estudo, uma regra alimentadora da palatalização.

Em todos os dados em que [e] foi contexto seguinte, não houve nenhum caso em que ocorresse em contexto átono final. Os resultados referentes ao contexto átono final corroboram os dados de Bisol (1986). Essa autora relacionou a ocorrência da palatalização à aplicação da regra de elevação vocálica no falar do Sul do país. Nos espaços em que ocorria mais essa regra também se tinha mais a aplicação da regra de palatalização.

Nestes dados, deve ter ocorrido ordenamento de regras similar. A formalização em (11) mostra que a palatalização deve ter-se aplicado depois da elevação vocálica:

(11)

/	☉	◆	◆	◆	✱	□	☉	✱	☉	♣	●	♣	/	
	☉	◆	◆	◆	✱	□	☉	✱	☉	♣	●	I		elevação vocálica
	☉	◆	◆	◆	✱	□	☉	✱	☉	♣	●	♣	I	formação de articulação secundária
	☉	◆	◆	◆	✱	□	☉	✱	☉	♣	◆	I		palatalização
	☉	☉	◆	◆	◆	✱	□	☉	✱	☉	♣	◆	I	☉

Há que se levar em consideração o ordenamento de aplicação das regras, observando-se as representações intermediárias, a fim de que se possa compreender a representação fonética. Tem-se aqui um caso de ordenamento intrínseco: a regra de palatalização só se aplica depois da regra de elevação vocálica, caso contrário, não haverá contexto para sua aplicação. Isso parece claro a partir da avaliação dos dados empíricos.

A discussão em curso levanta questões sobre as características que devem fazer parte de um trabalho de natureza Sociolinguística. Muitas vezes alguns trabalhos dessa natureza supervalorizam a análise estatística sem dar praticamente lugar à análise linguística. É esse olhar sobre os dados que fará com que se entendam as representações fonéticas de forma adequada. Às vezes, determinados resultados estatísticos não conseguem ser bem compreendidos, porque não se adota o procedimento que vai além do trabalho estatístico, confirmando-o, completando-o.

Em contrapartida, isso faz com que se reflita, nos termos da Teoria da Variação, sobre o Encaixamento (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968). Será que uma determinada variação ou mudança pode desencadear outras variações e mudanças no sistema linguístico? Parece que isso é totalmente possível. Isso, por sua vez, reforça a articulação e *continuum* entre a teoria e os dados empíricos<sup>45</sup>. De outra parte, reforça a ideia de que é preciso, ao se investigar um determinado fenômeno linguístico, conhecer outros mais, a fim de que se possa manusear os dados com mais cuidado, visto que uma variação ou mudança na língua pode desencadear outras. Elas estão interligadas, o que torna ainda mais complexo o trabalho do linguista.

Abaixo, segue um quadro demonstrativo das realizações /l/ de acordo com os contextos linguísticos considerados nesta análise. Nesse quadro, é possível verificar-se as possibilidades de realizações das variantes e determinadas restrições que algumas delas sofrem.

---

<sup>45</sup> Isso não significa dizer que os dados empíricos vão sempre confirmar os pressupostos teóricos. É sabido que os dados empíricos também negam os postulados teóricos, o que contribui, inclusive, para a reformulação de teorias.

**Quadro 3** – Distribuição das realizações de /l/

Distribuição das realizações de /l/			
Realizações	Acento <sup>46</sup>		
	Tônico	Átono final	Demais posições átonas
●●●	●●●	●●●	●●●●●●●●●●
[l̥]	●●●●●●●●	●●●●●●●●	●●●●●●●●●●
[j]	-	'ejI	-
[ɫ]	-	'de:I	-
Realizações	Posição na palavra		
	Inicial	medial	Final
●●●	●●●●●●●●	●●●●●●●●●●	●●●●●●●●●●
[l̥]	●●●●●●●●	●●●●●●●●●●	●●●●●●●●
[j]	-	-	f●●●mij●
[ɫ]	-	-	f●●●mi●
Realizações	Contexto seguinte		
	I	I	j
●●●	●●●●●●●●	●●●●●●●●	f●●●milja
[l̥]	●●●●●●●●	●●●●●●●●●●	●●●●da●
[j]	-	●●●●●●jI	f●●●mij●
[ɫ]	-	'e:I	f●●●mi●

Fonte: Autora, 2007.

De acordo com o Quadro 3, as variantes [j] e [ɫ] sofrem algumas restrições. Elas ocorrem apenas em posição átona final, diante do contexto do *glide* [j] e do [I] (contexto átono final). Já as variantes que caracterizam a palatalização [l̥] e a variante alveolar [l] ocorrem em todos os contextos apresentados no referido quadro. Cabe ressaltar, entretanto, que a realização alveolar foi extremamente tímida diante do *glide*. Nesse contexto, foram registradas apenas duas ocorrências de [l].

#### 4.1.3.3 Tendência e restrições

No início deste trabalho foi mencionado que a palatalização se constitui uma tendência no Português brasileiro e em algumas línguas românicas como o espanhol, o italiano, o romeno, o francês. Quando se fala de palatalização em Língua Portuguesa, geralmente se faz alusão à

<sup>46</sup> Grupo não selecionado pelo Programa de Regra Variável.

que ocorre com as oclusivas alveolares /t/ e /d/. Há alguns poucos comentários sobre a palatalização de /n/ na zona rural<sup>47</sup>.

Já a palatalização de /l/ não é praticamente mencionada. Não há em Língua Portuguesa, até o momento, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado, nenhum estudo que trate especificamente desse fenômeno. Entretanto, ela é um dos fenômenos verificados na passagem do Latim para o Português. De acordo com Coutinho (1976), Câmara Jr. (1985), Ilari (1992) e Tarallo (1994), /l/ palatalizava diante de [j] no latim. Sendo assim, parece pertinente serem levantadas algumas questões acerca da palatalização de /l/, visto que se mostra extremamente menos produtiva que a palatalização das oclusivas alveolares mencionadas no Português do Brasil.

Se esse fenômeno se constitui uma tendência na Língua Portuguesa, por que a palatalização de /l/ se mostra tão timidamente em alguns espaços brasileiros e, por outro lado, tão produtiva, pelo menos no falar de Itaituba, de acordo com os dados estatísticos deste trabalho?

Primeiramente, cabe ressaltar que tanto a Sociolinguística Quantitativa quanto a Fonologia apresentam naturezas probabilísticas. Aquela apresenta tendências tomando por base os dados estatísticos fornecidos pelos programas computacionais, relacionando fatores de natureza linguística com os de cunho social. Já a Fonologia aponta tendências levando em consideração a possibilidade de determinados segmentos se submeterem a alguns processos fonológicos. Por exemplo, a fonologia mostra que [a] não forma uma classe natural com /l/ quando se trata da palatalização. O segmento [a] não poderia ser responsável pela palatalização de /l/, pois não apresenta o traço [coronal] que está envolvido nessa regra. Entretanto, se /l/ ocorre diante de [i], há probabilidade de funcionarem conjuntamente nesse processo fonológico, pois pertencem a uma mesma classe natural. Além disso, ambos apresentam traços de ponto de articulação que estão envolvidos na regra de palatalização.

A fonologia pode indicar possibilidades de ocorrência de uma determinada regra e apresentar algumas restrições que impedem sua ocorrência. Talvez a baixa produtividade da palatalização de /l/ esteja ligada a algumas dessas restrições.

Sabe-se que os segmentos que apresentam traços primários idênticos tendem a alternarem entre si (STEVENS; KEYSER, 1989; HERNANDORENA, 1991). A estrutura silábica também já foi mencionada como um fator que favorece a palatalização de /l/. Vejam-

---

<sup>47</sup> Há alguns poucos registros e menções também sobre a palatalização de /k/ e /g/ no Português. Essa variação pode ser encontrada no ALS e em Rollemberg (1994). A autora relaciona essa variação ao traço [-anterior], como faz Bath (1978).

se, abaixo, algumas restrições que parecem atuar como desaceleradores dessa tendência românica no que se refere a /l/.

#### 4.1.3.3.1 Sonoridade

Cagliari (1974), ao estudar a palatalização em Língua Portuguesa, atestou que essa regra é mais produtiva com /t/ do que com /d/. Segundo o autor, pode ocorrer palatalização de /t/ e de /d/ ou apenas de /t/. Entretanto, nunca se tem a palatalização só da oclusiva alveolar sonora. Para ele, isso indica que a sonoridade se constitui uma espécie de resistência à palatalização.

Mota (1995) também estudou a palatalização das oclusivas alveolares. Ela afirma que a oclusiva alveolar surda /t/ sofre a aplicação da regra mais do que sua homorgânica sonora /d/.

Santos (1997) estudou a palatalização na fala de Maceió. A autora informa que não encontrou nenhum caso de aplicação da regra com a oclusiva dental sonora /d/. Acrescenta que, diferentemente, encontrou 6, 5% de palatalização da oclusiva dental surda /t/<sup>48</sup>.

Pagotto (2003) também faz referência ao fato de a oclusiva alveolar surda /t/ palatalizar mais do que sua correspondente sonora /d/ na fala do Rio Grande do Sul. A mesma informação é corroborada por Vieira (s/d) para a fala de Curitiba e do Paraná.

Esse obstáculo parece se estender não apenas aos segmentos alveolares. Rollemberg (1994), ao tratar da palatalização de /k/ e /g/, assinala que ocorreu mais casos de palatalização com a velar surda (59 ocorrências) do que com sua homorgânica sonora (13 ocorrências).

Parece que a sonoridade atua como uma espécie de restrição à aplicação da regra de palatalização. Como /l/, em Língua Portuguesa, é um segmento sonoro, a palatalização é freada. Talvez, fosse possível até se estabelecer uma hierarquia de ocorrência para /t d l/ no Português do Brasil, levando-se em consideração a aplicação da regra de palatalização. Eles ficariam assim dispostos, quando se tomam por base as pesquisas aqui consultadas:

(12)

/◆/                    /◊/                    /●/

De acordo com os resultados das pesquisas sobre a palatalização no Brasil, parece que /t/ palataliza mais que /d/ e esse, por sua vez, mais que /l/. Há, entretanto, uma outra consideração a fazer sobre essa escala. Ela diz respeito à palatalização de /n/.

---

<sup>48</sup> Conforme já foi dito, talvez esses resultados estejam ligados aos procedimentos adotados pela autora, visto que a palatalização da oclusiva alveolar sonora /d/ já foi atestada assistematicamente na fala maceioense.



Conforme já foi dito anteriormente, tomando-se por base os estudos dialetológicos, /n/ parece submeter-se à palatalização mais do que /l/, conforme os *Atlas Linguísticos* citados neste trabalho. Como ambos são sonoros em Língua Portuguesa, talvez seja necessário um outro critério para se construir essa gradiência de palatalização.

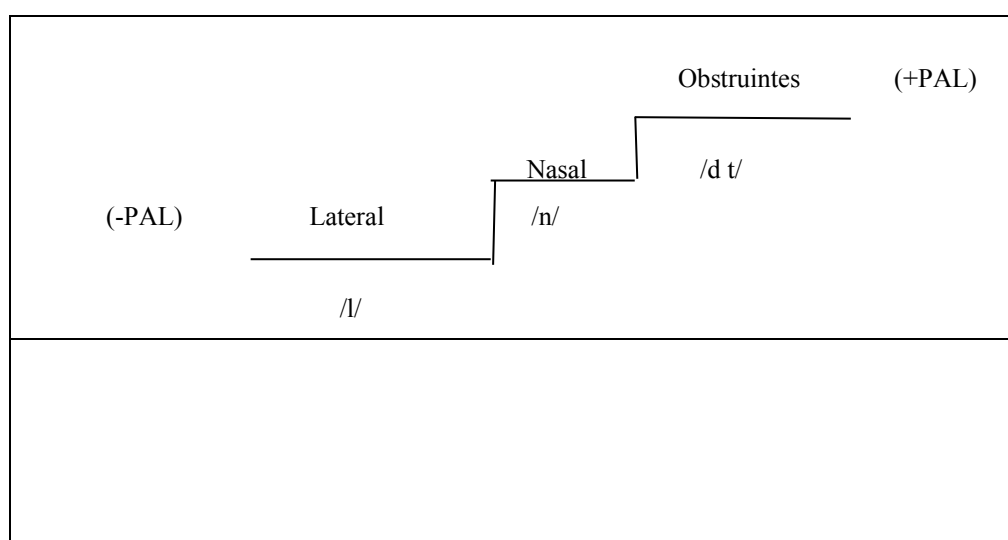
#### 4.1.3.3.2 Soância

Além da sonoridade, outro argumento pode ser usado para explicar a baixa produtividade da palatalização de /l/ em Língua Portuguesa. Trata-se da escala de soância, conforme se vê abaixo:

(13)

OBSTRUINTES > NASAIS > LÍQUIDAS > GLIDES > VOGAIS

De acordo com a classificação acima, os segmentos menos soantes são as obstruintes e os mais soantes, as vogais. Talvez a palatalização (PAL) guarde relação com essa escala de soância, isto é, essa regra se aplica mais livremente aos segmentos menos soantes, como as obstruintes, passando depois à nasal e, finalmente, alcançando a líquida. Ter-se-ia uma nova escala, tomando-se como base a escala de soância:



**Figura 7** – Incidência de palatalização de acordo com graus de soância  
Fonte: Autora, 2007.

Note-se, também, que a escala de soância parece fornecer uma pista com relação à atuação da sonoridade. Os dois menos afetados pela palatalização, /l/ e /n/, só se realizam

como sonoros em Língua Portuguesa. Por outro lado, no par /t/ /d/, é o segmento surdo que mais palataliza.

Clements (1989a) relaciona soância à constrição. Assim, os segmentos que apresentam mais constrição, apresentam também menos soância e exigem mais energia articulatória. Uma forma de se explicar a diferença de produtividade de palatalização entre /t/ e /d/, quando se toma por base a constrição, pode ser buscada também no trabalho de Cagliari (1974). Se a energia articulatória está diretamente ligada à palatalização, então /t/ palataliza mais do que /d/ porque as consoantes surdas são consideradas mais fortes do que as sonoras.

A escala que toma por base a soância parece se mostrar mais adequada para se explicar a restrição da palatalização, pois /d/, apesar de sonoro, submete-se mais à palatalização do que /n/ e /l/, de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada.

#### 4.1.3.3.3 Ambiguidade

A ambiguidade parece se constituir uma outra forma de restrição à palatalização de /l/ em Língua Portuguesa. As oclusivas alveolares /t/ e /d/ têm como variantes que resultam de sua palatalização, tanto no primeiro quanto no segundo estágio, segmentos que não se constituem fonemas na língua, a saber: [tʃ], [ts] e [tʃ] para /t/, e [dʃ] e [dʃ] para /d/. Essas variantes não causam nenhum tipo de ambiguidade para os falantes, pois não são distintivas na língua. No caso da palatalização de /l/, pode-se ter, em algumas situações, a ambiguidade.

Labov (1972) relaciona o campo de variação de uma determinada forma linguística à liberdade estrutural. Ao estudar o grau de centralização dos ditongos /ay/ e /aw/ em Marta's Vineyard, verificou que esse último apresentava historicamente uma escala de variação fonética bem mais ampla do que /ay/. Ele atribuiu a estabilidade de /ay/ à existência de um outro ditongo ascendente, a saber: /ɛy/. Assim, o campo de variação de /ay/ se mostrava mais estreito. A variação do outro ditongo estudado [aw] se alargou pela ausência de um outro ditongo ascendente com o qual pudesse ser confundido.

Talvez a palatalização de /l/ seja freada devido à possível ambiguidade que pode causar na língua. Uma pronúncia como [lʃ] para velhinha (uma mulher muito idosa, ou forma carinhosa para velha) e [lʃ] para velinha (uma vela pequena), poderia causar

ambiguidade. Em alguns casos o contexto dá conta de produzir a distinção. Em outros, é necessário refazer a pronúncia<sup>49</sup>.

Enfim, existe uma tensão entre os condicionadores e as restrições da palatalização de /l/. Isso deve, de alguma forma, frear a difusão dessa tendência românica no Português do Brasil, quando se trata de /l/. Já a sua alta produtividade no falar de Itaituba parece estar ligada à superação dessas restrições devido à atuação de fatores de natureza social e espacial. É o que sugere a seleção realizada pelo programa de regra variável.

No que se refere a esse último fator, cabe lembrar que a palatalização de /l/, quando praticamente inexistente no Nordeste e Sul do Brasil, já se manifestava de forma muito produtiva no espaço itaitubense, de acordo com Vieira (1983). Note-se que durante esse período o garimpo vivia seu auge.

A rota geográfica da palatalização de /l/ já foi tratada em capítulo próprio quando se apresentaram os Atlas Linguísticos. Como dizem Weinreich, Labov e Herzog (1968), a rede de isoglossas procedente de um estudo freqüente representa o equivalente sincrônico do problema da transição. É a rota pela qual a mudança linguística continua sua implementação. Os resultados da consulta realizada mostram que a rota da palatalização de /l/ é muito restrita.

Na seção seguinte, será discutida a influência dos fatores de natureza social sobre esse fenômeno. Isso não significa, entretanto, que não guardem relação com questões espaciais, conforme se poderá constatar.

#### 4.1.3.4 Variável Escolaridade

Os resultados referentes ao grupo de fatores escolaridade apontam [◊] como uma variante não-estigmatizada. Abaixo, estão dispostos os pesos relativos que confirmam isso.

<sup>49</sup> Em Belém, onde também costuma ocorrer a palatalização de /l/, aconteceu de uma pessoa dizer durante o aniversário de uma senhora idosa: *vamos apagar a* [vamos apagar a] Isso foi utilizado por outra pessoa para dizer, graciosamente, que se queria matar a aniversariante. A pessoa que usou a palavra, na sua forma palatalizada, logo refez sua pronúncia e repetiu: *vamos apagar a* [vamos apagar a] *que está sobre o bolo*. Em uma outra situação, um adolescente disse: *eu vi uma* [eu vi uma] A assistente social que estava ao seu lado, retrucou: *uma senhora idosa?* Seu objetivo era corrigir o adolescente. Alguns assistentes sociais acham que é discriminação chamar uma mulher idosa de velha. O adolescente, por desconhecer essa informação, repetiu com ênfase: *sim, uma* [sim, uma], imaginando que a assistente social estava querendo saber se ele estava se referindo mesmo a uma senhora idosa.

**Tabela 8** – Variável escolaridade – 2007

Variável escolaridade		
Fatores	Ocorrências	P. Relativo
A	585/420	.33
B	544/469	.54
C	386/356	.69
<i>Input</i>	–	.86

Fonte: Autora, 2007.

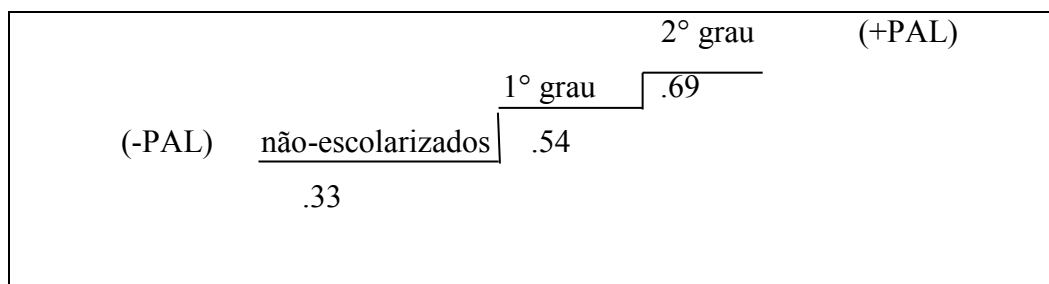
A teoria da mudança linguística pressupõe que as modificações que ocorrem numa dada língua não podem ser atribuídas ao acaso. Assim, cabe ao estudioso da língua indicar quais são os fatores que estão envolvidos nessas modificações.

Bloomfield (1933), de acordo com Weinreich, Labov e Herzog (1968), assinala que um determinado modelo talvez seja imitado em função de seu prestígio. Weinreich, Labov e Herzog (1968) completam que não é só esse aspecto que está envolvido na proliferação de um determinado traço linguístico. Há relações mais complexas envolvidas numa mudança linguística. As escolhas, de acordo com os autores, estão ligadas a representações sociais. A escolha cumpre papéis sociais e muda de acordo com a mudança na estrutura social, explicam.

A palatalização de /l/ é entendida neste trabalho como uma variante inovadora, porém, não-estigmatizada no espaço itaitubense. Os resultados obtidos para os fatores que compõem o grupo de fatores escolaridade confirmam esse ponto de vista. Os mais escolarizados receberam peso relativo mais alto. Tem-se .69, para os falantes de 2º grau; .54, para os de 1º grau e .33, para os falantes não escolarizados. Esses últimos foram os únicos que inibiram a regra.

Os falantes com 2º grau favoreceram significativamente a aplicação da regra. Os indivíduos que têm o 1º grau também a favoreceram, mas esse favorecimento não é tão significativo quanto o que se percebe para os falantes que têm 2º grau.

Com base nos pesos relativos fornecidos pelo programa de regra variável, poder-se-ia propor uma escala, para a variável em análise, em que mais escolaridade é proporcional a mais probabilidade de aplicação da regra (PAL). Tem-se uma escala linear em que a palatalização vai se fortalecendo em direção a mais escolaridade, conforme se pode visualizar no esquema a seguir:



**Figura 8** – Probabilidade de aplicação da regra de acordo com graus de escolaridade  
Fonte: Autora, 2007.

Os dados estatísticos permitem inferir que a variante palatalizada se constitui a tendência no falar de Itaituba. Dois argumentos o corroboram. Weinreich, Labov e Herzog (1968) explicam que num processo de mudança em que uma variante adquire significado social a correção social aberta é esporádica, pois os falantes substituem a norma de prestígio pelo vernáculo básico. Quando da realização da coleta de dados na cidade de Itaituba, nenhum dos falantes recorreu à correção do uso da forma palatalizada. Talvez isso indique que [ɲ] tem uma representação social dentro dessa comunidade linguística.

Outro dado tem a ver com o crescimento gradativo da escolarização nessa cidade, especialmente na zona urbana. Ainda durante a coleta mencionada, houve bastante dificuldade para se encontrar indivíduos que não apresentassem nenhuma escolaridade. Mais escolaridade, de acordo com os pesos relativos, indica maior ocorrência do fenômeno. Se a falta de escolaridade está sendo diminuída na cidade, é provável que haja uma redução ainda maior na ocorrência da variante não-palatalizada.

Os resultados obtidos para esse grupo de fatores vão de encontro aos resultados encontrados por Mota e Rollemberg (1997) para a fala de Salvador. Nessa capital, os não-escolarizados palatalizaram mais que os mais escolarizados. Também não corroboram os resultados de Santos (1997). Quando da pesquisa realizada por essa autora, a variável escolaridade não apresentou significado para a palatalização das oclusivas alveolares na fala de Maceió. Contrariamente a esses últimos resultados, a variável escolaridade foi a que, de acordo com o programa de regra variável, apresentou mais significado para a palatalização em estudo, pois foi o primeiro grupo a ser selecionado pelo IVARB.

Possivelmente esse resultado está relacionado à avaliação que os falantes fazem do uso dessa variante. A palatalização de /l/ parece se constituir marca da fala itaitubense, bem como da fala da zona urbana. Apresenta, assim, certo *status* social. Já a variante alveolar parece estar ligada à fala do imigrante nordestino, mais especificamente do garimpeiro que, como se verá

adiante, parece sofrer certo estigma social em função da atividade que desenvolve. Entretanto, como se verá na seção 4.1.3.7, a produtiva aplicação da palatalização na fala Itaitubense não guarda relação apenas com o prestígio, mas com questões sociais mais complexas.

#### 4.1.3.5 Variável Gênero

Esse foi o segundo grupo de fatores selecionado pelo IVARB. Os pesos relativos obtidos para esse grupo vão ao encontro das expectativas. As mulheres apresentaram peso relativo mais alto do que os homens.

**Tabela 9** – Variável gênero – 2007

Variável gênero		
Fatores	Ocorrências	P. Relativo
M	653/485	.38
F	862/760	.59
Input	–	.86

Fonte: Autora, 2007.

Como se disse acima, a variante palatalizada é considerada como inovadora, não-estigmatizada, prestigiada. Indício de que essa realização não é estigmatizada se encontra no fato de os indivíduos mais escolarizados terem favorecido significativamente sua aplicação e os não-escolarizados a terem inibido. As mulheres receberam peso relativo igual a .59. Os homens obtiveram peso inibidor da regra, .38. Isso significa que há mais probabilidade de a regra ser usada entre as mulheres.

As mulheres preferem significativamente a variante palatalizada. Labov (1976) explica que há uma relação entre as variantes e os grupos sociais que as usam. O autor, ao tratar dos reflexos dos processos sociais sobre as estruturas linguísticas, assinala que a variação linguística é um indicador social. As variantes caracterizam os grupos sociais e esses, por sua vez, conferem a elas determinados valores. Ora, sabe-se que o valor conferido a uma determinada realização linguística não é emitido tomando-se por base critérios linguísticos, mas sociais. Uma determinada variante é geralmente considerada **bonita** ou **boa** se costuma estar na fala de um grupo privilegiado socialmente. Se um dado grupo é marginalizado pela sociedade, provavelmente as características linguísticas que marcam sua fala sofrerão também certo preconceito, cujo grau será proporcional ao grau de marginalidade atribuído ao grupo que a utiliza.

A princípio, devido à tradicional postura exigida da mulher pela sociedade, pode-se pensar que elas vão sempre priorizar em sua fala as variantes conservadoras, não estigmatizadas e de prestígio. Entretanto, como a relação entre língua e sociedade é complexa nem sempre isso se dá dessa forma.

Nesta pesquisa, a escolha das variantes não se apresentou de forma **comportada**. Não se pode afirmar que aqueles três tipos de variantes (conservadoras, não estigmatizadas e de prestígio), que geralmente caracterizam as não marcadas socialmente, ocorrem na fala do gênero feminino em Itaituba. Talvez essa complexidade seja reflexo do fato de a palatalização se constituir uma variação inovadora que não carrega consigo um estigma social na localidade pesquisada. Ao contrário, seu uso está ligado aos grupos não marginalizados.

Tradicionalmente, os estudos de cunho sociolinguístico têm apontado as mulheres como indivíduos que encabeçam as variações e mudanças linguísticas quando essas não são estigmatizadas nos processos de variação estável. Isso é confirmado por Labov (1982).

Scherre (1993), ao analisar a relação entre concordância nominal e gênero, assinala que a atuação das mulheres não é muito clara. Sua postura linguística depende das relações sociais construídas numa dada comunidade. Assim, elas podem favorecer tanto variantes inovadoras como conservadoras.

Oliveira (2002), ao estudar o apagamento do /r/ em final de vocábulo, faz referência ao fato de as mulheres liderarem o processo de variação e mudança desse apagamento. Explica que a supressão desse /r/ final não é estigmatizada, diferentemente do que se percebe, por exemplo, para a supressão de -s, marcador de plural, variação estigmatizada. Callou (1979) afirma que os estudos realizados sobre o Português do Brasil revelam que as mulheres optam pelas variantes inovadoras quando elas não implicam estigma. As mudanças linguísticas são, geralmente, por elas encabeçadas, quando implicam certo prestígio.

Parece que a não estigmatização desse tipo de palatalização tem tido significado para o favorecimento da variante palatalizada entre as mulheres. Elas receberam peso relativo igual a .59. Esse índice estatístico revela que elas favorecem de forma significativa a aplicação da regra. Labov (1976) afirma que o conhecimento do valor, significado de uma determinada variável, serve de indício para a compreensão de outras variáveis. Utilizando-se desse pressuposto, pode-se entender melhor o resultado correspondente aos homens e mulheres desta pesquisa.

Já foi dito anteriormente que a variante palatalizada é inovadora e goza de prestígio em Itaituba. O significado social de [◊] está ligado aos grupos sociais que mais a utilizam. A estratificação social é um processo que se reflete na estrutura linguística. Se as mulheres e os

mais escolarizados encabeçam a mudança de /l/, então a variante palatalizada se constitui a forma socialmente prestigiada. A variante não-palatalizada, por sua vez, caracteriza o inverso. Labov (1976) assinala que os dados sociais dos informantes são de extrema importância para que se possa compreender a correlação entre determinados grupos e certas variantes linguísticas, bem como sua regularidade. Essa diferença de resultados entre homens e mulheres deve estar relacionada também a outros fatores de ordem social.

Conforme se disse na metodologia deste trabalho, Itaituba foi e ainda é, embora apresente hoje menos atividade no setor de garimpagem, uma cidade garimpeira. O levantamento baseado em dados do IBGE mostra que, na década de 70, o número de homens era, curiosamente, maior do que o número de mulheres nessa cidade. Isso se deveu às atividades desenvolvidas no garimpo. Grande era o número de nordestinos, especialmente maranhenses, que migraram para essa cidade, a fim de lá desenvolverem o cultivo do ouro e de outras pedras preciosas.

Apesar de todos os informantes da amostra terem nascido na cidade e serem filhos de pais também nela nascidos, é possível que o convívio no garimpo tenha contribuído para que os homens praticassem mais a variante não-palatalizada. Ora, esse tipo de atividade é geralmente praticado por homens advindos de zonas rurais e com pouca escolaridade, de acordo com A. Silva (1997). Se as mulheres preferem o prestígio, devem favorecer a variante mais usada na zona urbana e entre os escolarizados<sup>50</sup>.

Em contraposição, as mulheres não tinham tanto contato com os nordestinos que migravam para a cidade, pois em geral seu destino era a zona rural. Se a variante usada pelos nordestinos, de acordo com o levantamento bibliográfico realizado nesta investigação é a lateral alveolar [l], então, nesse espaço, era essa a variante mais praticada por esses falantes. Como o imigrante garimpeiro (nordestino) está intimamente ligado ao garimpo, talvez a variante alveolar [l] se constitua marca do grupo, os garimpeiros. Confirma isso o fato de os dois falantes mais idosos do *corpus* que desenvolveram atividades no garimpo, durante muito tempo, apresentarem, em sua fala, significativa ocorrência da variante não-palatalizada.

Essa classe, na Região do Tapajós<sup>51</sup>, tem-se mostrado bastante unificada no que se refere à defesa de seus interesses. Tanto é verdade que diversas vezes o governo já proibiu a extração do ouro em algumas localidades por causa dos problemas ambientais que provocam, mas sem sucesso, pois os garimpeiros sempre retornam às atividades. Isso pode ser constatado na avaliação que Rodrigues Filho et al. (1997) faz da Associação dos Mineradores do Tapajós:

---

<sup>50</sup> Lopéz (s/d) apresenta exemplo de variante linguística que é rejeitada por caracterizar o falar da zona rural.

<sup>51</sup> Região em que fica localizado o município de Itaituba.



A AMOT, por sua vez, oferece serviços bastante variados a seus associados, como programas de assistência médica, informações nos diversos níveis e, também representa seus interesses, muitas vezes exercendo pressão política. Através do apoio à formalização institucional e do seu papel de ‘advogada’ dos donos de garimpo e garimpeiros, tem tido forte interação com diversas agências governamentais” (RODRIGUES FILHO et al., 1997, p. 5).

A variante linguística se configura uma espécie de marcador de determinados grupos sociais. Assim, embora a aplicação geral da regra de palatalização tenha recebido *input* igual a .86, dados sociais referentes aos homens revelam que a baixa probabilidade da regra em sua fala pode ter relação com a marcação do grupo, os garimpeiros. A variante alveolar estaria simbolizando valores sociais de um subgrupo específico em Itaituba.

#### 4.1.3.6 Cruzamento entre variáveis

A linguagem é uma forma de comportamento social e sua análise rigorosa contribui diretamente para o conhecimento da estratificação social. O refinamento na análise das variáveis pode oferecer mais informações para o entendimento dos resultados estatísticos obtidos. Por isso, realizou-se cruzamento entre as variáveis sociais.

A partir da interação entre dois grupos de fatores já existentes, foi criado o grupo de fatores escolaridade x gênero. Tinha-se como finalidade verificar a interferência da escolaridade sobre os dois gêneros. Os resultados dessa interação estão dispostos na tabela abaixo:

**Tabela 10** – Escolaridade *versus* gênero – 2007

Escolaridade <i>versus</i> gênero		
Fatores	Ocorrências	P. Relativo
MA	188/287	.23
MB	157/221	.27
MC	140/145	.81
FA	232/298	.34
FB	312/323	.82
FC	216/241	.58
<i>Input</i>	–	.88

Fonte: Autora, 2007.

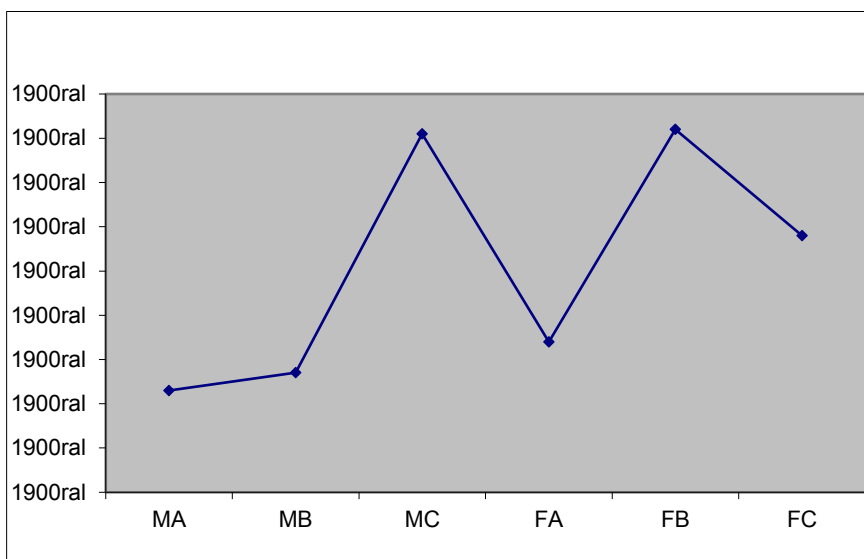
Os resultados fornecidos pelo IVARB confirmam a seleção dos grupos escolaridade e gênero, quando da primeira rodada realizada nesse programa. O grupo de fatores escolaridade *versus* gênero foi o primeiro grupo de fatores selecionado durante a rodada em que foi realizado o cruzamento entre variáveis.

Os resultados da tabela 10 revelam que a escolaridade apresenta significado para a palatalização de /l/ nos dois gêneros. Os homens que não apresentam instrução e aqueles que têm o primeiro grau são os que desfavorecem a aplicação da regra no gênero masculino. Novamente, tem-se uma escala crescente em que mais escolaridade implica mais palatalização. Os homens mais escolarizados (MC) favorecem de forma muito significativa a regra com peso igual a .81. Os dois outros grupos a inibiram com pesos relativos iguais a .23, para não-escolarizados (MA) e .27, para o 1º grau (MB). Assim, em termos gerais, de acordo com os resultados referentes à variável gênero, os homens desfavorecem a regra, mas os homens mais escolarizados são os que menos contribuem para sua inibição, demonstrando que a variável escolaridade é mais determinante.

Do total de 18 homens entrevistados para a pesquisa, dez desenvolveram atividades garimpeiras. Desses dez, seis eram não-escolarizados e os outros quatro só apresentavam o 1º grau. A fala desses informantes deve ter contribuído para o desfavorecimento da variante palatalizada entre os homens que apresentavam baixa ou nenhuma escolaridade.

As mulheres que têm instrução apresentam probabilidade favorável à regra. Tem-se, .82, .58, respectivamente, para 1º e 2º graus. Já as que não estudaram inibiram a palatalização. O fato de as mulheres com 1º grau terem favorecido mais a regra do que as mulheres com 2º grau causou surpresa, pois esperava-se que as mais escolarizadas apresentassem probabilidade mais alta. Talvez esse resultado esteja ligado à sobreposição de outro fator que por ora não se consegue apontar com segurança. Pode ser que a ficha dos informantes dê uma pista sobre isso. Das seis informantes FC (mulheres com 2º grau), quatro trabalhavam no setor de Educação. Isso pode ter diminuído o uso da variante palatalizada e aumentado a utilização da forma que é praticada na escrita entre as FC. De qualquer forma, pode-se dizer que as mulheres escolarizadas favoreceram a palatalização.

O gráfico a seguir ajuda a visualizar o distanciamento de resultados nos dois gêneros:

**Gráfico 2** – Cruzamento entre escolaridade e gênero

Fonte: Autora, 2007.

Note-se que entre os homens tem-se uma escala crescente em direção ao segundo grau (MA, MB, MC). O ponto mais alto da regra é encontrado entre as mulheres com 1º grau (FB). Essas mulheres palatalizam, com uma pequena margem de diferença, tanto quanto os homens com 2º grau (MC).

Esses resultados explicam, de forma mais refinada, por que a escolaridade foi a primeira variável selecionada pelo IVARB.

#### 4.1.3.7 À guisa de uma explicação sociolinguística para a acentuada (PAL) de /l/ em Itaituba

Tradicionalmente, nos estudos sociolinguísticos, os fatores de ordem social têm, como os fatores linguísticos, mostrado seu significado sobre os processos de variação e mudança linguísticas. Comprovadamente, algumas variações e mudanças que eram consideradas livres podem ser facilmente relacionadas a fatores de ordem social e linguística.

Quando da apresentação do grupo de fatores linguísticos, configuraram-se algumas restrições para a aplicação da regra de palatalização. Elas parecem se manter firmes no Nordeste, Sudeste e Sul do país, de acordo com a pesquisa bibliográfica realizada (ATLAS LINGUÍSTICOS; SILVA, 1999; TASCA, 2002).

Os Atlas Linguísticos e, curiosamente, trabalhos mais recentes não apontam a realização de /l/, em posição prevocálica, como uma regra variável. Exemplo disso pode ser encontrado nas palavras de Tasca (2002, p. 276), quando afirma que /l/ se realiza variavelmente em contexto posvocálico, por meio de uma variante velar [l̠] ou por meio do *glide* posterior

[w]; e “como alveolar, nos demais contextos, isto é, em posição prevocálica, seja em CV ou C<sup>2</sup> em CCV”.

Uma questão que cabe discutir diz respeito ao fato de a palatalização de /l/, praticamente ignorada no resto do país, mostrar-se altamente produtiva em Itaituba. Parece que nessa localidade as restrições têm sido superadas pela força de fatores sociais. Assim, é a realidade social de Itaituba, intensamente ligada também às características do seu espaço físico e natural, que pode dar pistas sobre o alto índice de aplicação da regra em estudo.

Primeiramente, cabe dizer que a regra de palatalização de /l/ se constitui a tendência no falar de Itaituba. Apesar de o fator idade não ter sido avaliado, pois não foi selecionado pelo IVARB, outros indicadores podem ser usados para corroborar essa tendência. Antes, vale ressaltar que esse grupo apresentou uma escala crescente em direção aos mais jovens. Na TAB. 10, estão dispostos os mais altos e os mais baixos índices obtidos para os fatores do grupo de fatores idade:

**Tabela 11** – Variável idade – 2007

Fatores	Variável idade	
	Ocorrências	P. Relativo
15-25	448/386	.57/.55
26-45	438/536	.49/.48
46 +	421/531	.48/.46
Input	–	.86

Fonte: Autora, 2007.

Esses resultados sugerem, apesar de esse grupo não ter sido selecionado, que se tem em Itaituba uma mudança em progresso, pois a palatalização cresce em direção aos mais jovens. De acordo com Luckesi (2001), avaliar uma mudança em progresso levando-se em consideração apenas a variável idade é um tanto simplista para a complexidade da variação linguística. Outras variáveis precisam ser avaliadas. Mais do que isso, “é necessário que se proceda a uma interpretação qualitativa que integre na sua leitura o maior número de níveis que perpassam essa mudança: o da estrutura linguística, o social e o ideológico” (LUCKESI, 2001, p. 136). As projeções podem ser efetuadas a partir de outros grupos sociais e informações relacionadas à estratificação social de uma dada comunidade. Com base nesse ponto de vista, parece adequado lançar mão de informações sobre a vida social de Itaituba no sentido de se explicar essa tendência e o uso acentuado da variante palatalizada.

Um dos aspectos que devem ser levados em consideração nesse processo é a avaliação. A aceitação ou rejeição de uma determinada variante diz muito sobre seu tempo de vida. Não se sabe qual o tempo necessário para que uma mudança se complete. Entretanto, é possível prever se uma mudança tende a se manter estável ou a perder a guerra no combate entre as variantes.

A partir dos resultados obtidos para a pronúncia do (r) e do (th) na fala dos novaiorquinos, Labov (1976) chegou à conclusão de que a estratificação obtida para as variáveis refletia informações importantes a respeito das concepções fundamentais da sociedade. No caso de Itaituba, parece que isso fica nítido. A inibição da forma não palatalizada, por parte dos itaitubenses, pode estar ligada à presença do imigrante nordestino que parece não ser muito bem-vindo à cidade, nem bem visto por essa comunidade pelo fato de estar diretamente ligado à atividade garimpeira.

O imigrante nordestino parece ser, tradicionalmente, visto com certo preconceito pela sociedade dada sua condição sócio-econômica-espacial. De acordo com estudo realizado por Miranda et al. (1997), os trabalhadores dos garimpos são, em geral, advindos das zonas rurais nordestinas mais pobres do Brasil e buscam oportunidade de inserção social.

Nessa pesquisa foi assinalado, ainda, que os garimpos do Tapajós absorvem grande parte do contingente de garimpeiros do Brasil e que nesses garimpos predominam os imigrantes nordestinos, sobretudo os do Estado do Maranhão. 53, 05% dos garimpeiros do Brasil provêm do Nordeste. Desse total, 31, 67% são maranhenses. 49% desses maranhenses atuam em garimpos localizados no Pará. Destacam-se na atividade garimpeira do Pará, além dos maranhenses, nordestinos baianos, cearenses e pernambucanos. Esses trabalhadores vêm principalmente de zonas rurais onde há seca. Os garimpeiros são, de acordo com a pesquisa realizada, relativamente jovens e solteiros e apresentam, geralmente, baixos níveis de escolaridade (MIRANDA et al., 1997).

Apesar de não se ter procedido a uma pesquisa sistematizada a respeito de atitudes linguísticas, há informações importantes, referentes a acontecimentos na vida social de Itaituba e na fala dos entrevistados, que podem corroborar a tese de que o alto favorecimento da variante palatalizada, para /l/, está ligado à presença do imigrante nordestino e sua relação com o garimpo.

Quando da pesquisa de campo realizada durante o período compreendido entre 1999-2000, pôde-se constatar que os itaitubenses ofereciam certa resistência aos profissionais de outras localidades que vinham assumir cargos na área de educação no Município.

Em Itaituba, até meados de 2000, não havia indivíduos formados na própria cidade para atuarem como professores de 2º grau. A primeira turma formada recebeu grau em outubro de 2000. Como havia uma exigência do MEC de que os professores de Ensino Fundamental (5ª à 8ª série) e de 2º grau tivessem diploma de curso superior para atuarem em sala de aula, empreendeu-se na cidade uma espécie de campanha no sentido de se buscar, nas cidades vizinhas, muito especialmente em Santarém, a cidade mais desenvolvida do Médio Amazonas Paraense, professores que já tivessem concluído o terceiro grau e pudessem assumir cargos em Itaituba. Como é comum no Brasil nesses casos, foi apresentado um atraente salário a esses profissionais. Em pouco tempo, a cidade de Itaituba apresentava um número significativo de imigrantes no seu quadro de professores.

No ano de 2000, houve um conjunto de manifestações dos profissionais de educação itaitubenses. Entre as reivindicações estava a demissão dos que eles chamavam de **Importados**. Para eles, esses indivíduos estavam roubando postos de trabalho que lhes pertenciam. Isso pode ser constatado na fala de uma das informantes:

[...] na administração do Botelhu... porque as pessoas qui mereciam istá aqui trabalhandu eli... dêxô na rua... i trôxi pessoas di fora pra cá intão... ÀS vezi eu falandu comu... as vezi até eu falu assim comu eu nem deveria falá muitas coisa... porque eu... pur causa du meu istudu eu sempri falu issu né?... eu falu assim qui... qui as pessoas qui eli... qui elis trôxeru pra cá// qui eli trôxi pra cá qui u pessual começô a chamá di importadus né?... eu// eu dissi muita das vezi eu falei qui valeu a pena us importadu viri pra cá... porque valorizô a classi istudantil daqui di Itaituba porque terminava u sigundu grau... elis num quiriam mais fazê nada... ficavam aí... sem fazê nada trabalhandu... indu pru garimpu fazendu uma coisa qui... qui nem valoriza TANtu a personalidadi delis... i ficavam sem fazê nada i u// us importadu vieru pra cá... quantus i quantus istudanti... jovem daqui... já istão na universidadi né?... porque ficaram porque qui elis ficaram assim?... por causa du dispresu qui elis... pegaru... foram abandonadu... i aí elis si... si impolgaram nissu né? istudá porque... istudandu... a pessoa qui istuda ela é muito valorizada... né?... intão por issu qui eu// qui eu digu NÃO foi erradu... (sim) qui eli não deveria também era abandoná us filhu daqui da cidadi das pessoas qui... u elegeru né? (FB3)

A fala de FB3 demonstra certa insatisfação com o fato de os itaitubenses terem sido preteridos pelo governo que concedeu os postos de trabalho aos santarenos. Apesar de ela reconhecer que a presença dos **importados** trouxe benefícios para os jovens itaitubenses, pois isso os incentivou a cursar faculdade, deixa claro que os postos de trabalho deveriam ser ocupados por nativos da cidade. Por outro lado, avalia o trabalho no garimpo como uma atividade sem muito valor. Percebe-se, em sua fala, certo preconceito em relação a essa atividade quando diz: “indu pru garimpu fazendu uma coisa qui... qui nem valoriza TANtu a

personalidad delis [...]”. Talvez a pessoa que trabalha no garimpo não seja valorizada porque essa atividade carrega consigo certo estigma social e, assim, não é bem vista pelos itaitubenses.

Essa rejeição aos **importados** santarenos pode ser uma forma de resistir a um processo semelhante já vivenciado pelos itaitubenses durante o período áureo do garimpo. Nessa época, sentiam-se invadidos, em termos espaciais, e preteridos economicamente, pois quem mais desenvolvia atividades garimpeiras eram os nordestinos. Inclusive, de acordo com alguns relatos, os donos dos postos de trabalho eram nordestinos.

Além disso, o garimpo, de acordo com Miranda et al. (1997), trouxe muitos conflitos para a Região Amazônica. Dentre eles, pode-se citar: degradação e poluição ambientais e degradação do meio ambiente urbano.

O alto índice de palatalização de /l/ pode guardar relação com o fato de a variante alveolar estar ligada à fala do garimpeiro nordestino, mas muito especificamente àqueles que ocupam postos de trabalho que poderiam ser ocupados por itaitubenses e que modificaram o seu espaço físico e social. Esse comportamento em relação aos nordestinos, especialmente em relação aos maranhenses, que representam os garimpeiros<sup>52</sup>, pode ser comprovado na fala de alguns entrevistados. Note-se que os nativos da cidade culpam os maranhenses pelas mazelas que nela ocorreram a partir da década de 70.

NÃO... nessa época minha queu/ trabalhei im garimpu num tiᵀa morti... u pessual alí tranquilu... você podia saí u dia qui você quizesse saí... você avisava se// us colega... qui viᵀa pra (cá pra) Itaituba... u camarada pegava aquela pudrução mandava pu// eli fazia uma carta... mandava... eli viᵀa intregava tudu na// saia dexanu na casa da... das família tudiᵀa direitiᵀa... num tiᵀa morti num tiᵀa nada... i nem tiᵀa (usura) puroru/... qui todú mundu vivi em cima du oru... todú mundu tinha seu oru... num tinha aquela usura qui tem hoji im dia não... u camarada hoji im dia si MAta pur causadi/ oru... pur causa di uma grotá... pur causa di (uma coisa)... naquela época não... si EU tiᵀa u meu selviçu... meus colegas chegava i trabalhava juntú comigu... era assim qui era u negóciu... i TODus nós era assim... num tiᵀa (genti morta)... num tiᵀa morti num tiᵀa... era uma colegagi só... era mermu qui u camarada tá... dentu duma cidadi cum aquelis colega assim me... ma coisa era du garimpu... (MA3).  
i quandu é qui começô essa coisa di briga di mor:ti... assim pelu oru?... (pesquisadora)  
( )... num tô lembradu... eu foi começá essi negóciu di morti di garimpu... ( ) cumeçô chegá genti du Maranhão... (entranu) pra lá:... i foi cheganu aquelas coisa... i u já foi atacanu u otu... já foi atacanu u otu... aí qui começô di lá pra cá qui começô aquela... morti... danada... mais pur causa di di negóciu di oru... pur causa dissu... (MA3).

<sup>52</sup> Benchimol (1989) assinala que durante a ocupação da Amazônia os nordestinos eram apelidados, denominados cearenses. Parece que em Itaituba, atualmente, o maranhense, de forma generalizada, é o termo usado para nomear o garimpeiro.

O informante MA3 desenvolveu atividades garimpeiras no início da implantação do garimpo em Itaituba. De acordo com seu relato, não havia mortes nessa época. Foi a chegada dos maranhenses que trouxe violência à cidade.

Itaituba, até pouco tempo, era conhecida como uma cidade muito violenta por causa do grande número de mortes que aconteciam no garimpo e, até, na zona urbana da cidade, nos fins de semana. De acordo com dados de Miranda et al. (1997), o aumento da atividade garimpeira trouxe inúmeros problemas para as cidades da região Amazônica. Essas dificuldades urbanas decorreram: a) do fato de as cidades não apresentarem infraestrutura para receberem o grande contingente populacional que recebeu; b) da mobilidade do garimpeiro devido à escassez do ouro.

Os problemas de saúde, subnutrição, prostituição de menores e saneamento básico foram maximizados, chegando certas cidades a ter sua criminalidade comparável à de grandes centros do país. Todo esse quadro está intimamente ligado à condição social do 'peão' que ora é garimpeiro, ora é agricultor, ora é biscateiro, que anda sempre cercado de bares, lixo, prostitutas, violência... (MIRANDA et al., 1997, p. 21).

Esses episódios de violência, na versão dos itaitubenses, estavam sempre relacionados aos maranhenses, pois os moradores de Itaituba não tinham esse tipo de comportamento, explicam. Isso é confirmado na fala de outro informante.

[...] u progressu di Itaituba sobri u garimpu... pois:... aquela tempu... ( ) tinha muitas pessoas ( )... pessoas qui vinham du Maranhão... i iu diretamen// comu aqui era u pontu di:... encontru di ondi... us garimpêrus saiam para us garimpus... intão tudu qui si acontecia lá fora lá as brigas delis pra lá chegava aqui si encontrava aqui:... i através dessi... dessis encontru aí acontecia muita morti aconteceu... muitas mortis... i:: foi naqueli tempu qui:... Itaituba tevi aquela fama di:... qui era violentu... i:: inclusivi di sábadu pra dmingu... numa/ oportunidadi aconteceu:... onzi mortis... mas qui:... aquilu... si// não era nem um filhu daqui da cidadi genti nacida aqui num tinha// num tinha nem um... i hovi muitas mortis... muitas mortis bárbaras mermu mas qui... i issu tudu em... em consequência du ((gaguejando)) du progressu né? da:: ária garimpêra qui:... tinha aí... por ixemplu hoji a genti... ôçu... através da rádiu nacional... é:: aquelas pessoas ali principalmenti du Maranhão [...]aconteceu muitas mortis também aqui nu Itaituba qui mais:... não... invovendu us filhu da terra... mas sim... rixas di pessoas qui vinham di fora chegavam aqui si encontravam... (MC3).

O garimpo recebe muitas críticas no que diz respeito à violência que produziu. Os nordestinos, mais especificamente os maranhenses, estão diretamente ligados a essa atividade. As onze mortes que ocorreram num único fim de semana são atribuídas aos maranhenses. O entrevistado deixa bem claro que nenhum itaitubense estava envolvido nos acontecimentos:



“[...] onzi mortis... mas qui::... aquilu... si// não era nem um filhu daqui da cidadi genti nacida aqui num tinha// num tinha nem um[...].”

Outro incômodo trazido pelo garimpo está relacionado à poluição dos rios que estão em volta da cidade. Como se pode verificar na fala da informante FC2, foram os imigrantes que poluíram esses rios.

[...] na na posição qui a genti qui a genti si incontra é descida qui a genti fala... intão essi riu Tapajós eli era// eli tinha uma água muito linda... mais muito linda mesmu tão limpa tão limpa qui quandu na infância quandu a genti//... quandu eu era piquena im... aqui antis da abertura da istrada da Transamazônica qui a istrada da da Trasamazônica a abertura dela veiu dá pur volta di... ((toca o telefone)) di... di setenta mais ô menus pu raí... até intão... aqui a nossa cidadi eram// ((gagueja)) erámus SÓ pessoas mesmu DAQUI... da cidadi pessoas tradicionais intão cum a abertura da Transamazônica cumeçô imigrantis nodestinu sulistas daqui dali né?... i hoji a população tá du jeitu qui tá é notóriu di toda cidadi qui evolui né? mais só qui... cum essa chegada dessi pessual aí cumeçô as invasões di garimpu... intão u nossu RIU eli passô a ficá assim... cum as água muito poluída... tão suja tão suja di forma qui... até pra genti mermu moradô aqui tomá banhu tá difícil da genti tomá banho [...] (MC2)

Trata-se de um **progresso** indesejado. O garimpo em Itaituba realmente causou muitos males ao meio ambiente. De acordo com Miranda et al. (1997), a atividade econômica de base das cidades da Amazônia era a agropecuária. Com o advento do garimpo, houve significativa queda nessa produção. Isso provocou o aumento do preço dos gêneros alimentícios, o que exerceu impacto sobre o padrão alimentar da população. Some-se a isso o aumento dos preços nos setores imobiliário, comercial e de transporte.

Os impactos ambientais que a atividade garimpeira trouxe para Itaituba, de acordo com dados de Miranda et al. (1997), estendem-se a todos os segmentos do meio-ambiente: solo, água, ar, flora e fauna.

De acordo com A. Silva (1997), a atividade garimpeira é responsável por grandes danos ao meio-ambiente. Esse problema é intensificado pela falta de condições de higiene nos acampamentos que faz do garimpo foco das mais diversas doenças. Os garimpeiros, quando conseguem sobreviver a essas moléstias, são trazidos para a cidade a fim de receberem atendimento médico, o que coloca em risco mesmo a população da zona urbana.

Os informantes mais escolarizados geralmente fazem alusão a essa degradação ambiental de forma ressentida. Isso pode, talvez, ajudar a explicar a alta probabilidade de aplicação da regra em sua na fala. É possível que os indivíduos mais escolarizados estejam mais atentos às degradações ambientais, assim, o uso da variante palatalizada pode ter sido

intensificada como uma forma de protesto à atividade garimpeira e aos principais envolvidos nela, os garimpeiros.

Some-se a isso, o fato de a contrapartida do garimpo para a cidade ser praticamente insignificante. Como afirma A. Silva (1997), esse tipo de atividade não traz resultados econômicos significativos para o espaço onde é desenvolvido, pois, geralmente, o ouro e as gemas não são beneficiados na própria localidade. Essa falta de organização e investimentos locais levaram a que a atividade garimpeira desenvolvida em Itaituba iniciasse, a partir da década de 90, um período de crise que é comemorada por parte da população itaitubense. De acordo com A. Silva (1997, p. 4):

Para muitos que se posicionam de forma crítica em relação à existência do próprio garimpo – pelas suas formas violentas de impactos ambientais, deformações sociais e agravos potenciais à saúde das populações envolvidas – essa diminuição da atividade garimpeira, independente de suas causas, é comemorada com satisfação.

Embora se saiba que os problemas referentes ao garimpo guardam relação com questões sociais mais gerais e complexas, os itaitubenses relacionam esses problemas aos imigrantes garimpeiros que, normalmente, são culpados pelos problemas sociais e ambientais que decorrem desse tipo de atividade.

Essa breve avaliação da concepção dos itaitubenses sobre o garimpo e seus trabalhadores, mais especialmente sobre os nordestinos maranhenses, pode ser uma pista para a compreensão da alta probabilidade de aplicação da regra na fala itaitubense. O modo itaitubense de falar seria, assim, uma forma de identidade social, já que a variante alveolar parece marcar a fala do nordestino<sup>53</sup>, indivíduo diretamente relacionado ao garimpo.

De acordo com Labov (1976), alguns comportamentos linguísticos refletem os processos sociais. Trata-se de uma relação entre o lingüístico e o social em que o significado das variantes linguísticas, ou melhor, das variantes sociolinguísticas, pode funcionar como índice de ambição, evolução, segregação, rejeição, dentre outros. O autor acrescenta que a variação linguística caracteriza os conceitos fundamentais da sociedade e que a comunidade linguística se define menos por um acordo explícito quanto ao uso dos elementos da linguagem do que por meio do uso comum de um conjunto de normas. Isso pode ser observado, segundo

---

<sup>53</sup> O levantamento bibliográfico realizado já mostrou a predominância da variante [l] alveolar no falar de alguns espaços nordestinos. Pesquisa realizada por Ramiro Azevedo, Maria do Socorro Vieira e Elenice Bezerra Melo, na década de 70, aponta a inexistência da variante palatalizada [ʎ] na fala dos moradores de Raposa, cidade do Maranhão. Pesquisa realizada por Ramos e Bezerra, em 2003, também aponta a inexistência dessa variante na localidade referida. De outra parte, essa pesquisa aponta a despalatalização de /ʎ/ e a palatalização das oclusivas /t d/ (cf. RAMOS; BEZERRA, 2005).

o autor, por meio da avaliação que esses grupos realizam, bem como por meio da uniformidade dos esquemas de variação. O esquema e a avaliação mencionados podem ser flagrados nos dados de fala dos itaitubenses desta pesquisa<sup>54</sup>.

A inibição da palatalização foi flagrada principalmente na fala dos falantes que trabalharam no garimpo e que apresentam baixa escolaridade. É, em geral, na fala dos que não desenvolveram atividades garimpeiras e que apresentam mais escolaridade que ocorre alto índice de aplicação da regra. O fato de aqueles indivíduos serem garimpeiros explica o uso da forma não-palatalizada; ela se constitui a marca do seu grupo. Por isso, os grupos aqui avaliados reagem de maneira diferenciada à palatalização.

De outra parte, a acentuação da palatalização de /l/ no falar itaitubense, principalmente dos mais escolarizados, pode ser relacionada ao fato de [◊] se constituir uma variante que parece não sofrer estigma mesmo fora de Itaituba. O uso dessa variante já pode ser produtivamente encontrado nos telejornais locais produzidos na capital. Uma observação assistemática dessas programações revelou isso.

Mota (1995) assinala que as africadas (baianas) são estigmatizadas enquanto as africadas (cariocas) não o são. A autora relaciona isso ao fato de essa última se constituir marca de uma fala prestigiada socialmente, a fala carioca.

Os resultados obtidos corroboraram as expectativas construídas para esta pesquisa, pois se esperava encontrar favorecimento da forma palatalizada em Itaituba, mas, por outro lado, causaram surpresa, pois esse favorecimento foi extremamente alto, com *input* igual a .86.

Ora, Itaituba está localizada numa região extremamente longe da capital. O meio de transporte geralmente praticado por sua população é o fluvial, pois é o mais barato. Gasta-se, em média, de quatro a cinco dias para se ir de Itaituba a Belém.

Geralmente as cidades localizadas ao Sul e ao Sudeste do Pará, dada a extensão desse Estado e o grande fluxo migratório por causa das atividades lá desenvolvidas, não apresentam muitas semelhanças com os costumes praticados na Região Metropolitana de Belém. O descaso das autoridades estaduais, cuja sede fica localizada na capital, tem sido o argumento de vários municípios dessas regiões para a formação de novos Estados. Um deles seria o Estado do Tapajós<sup>55</sup>. Alguns moradores dos municípios que compõem a região do Tapajós dizem que são

---

<sup>54</sup> A rejeição que os maranhenses recebem em algumas áreas garimpeiras é, em alguns casos, totalmente consciente. Em pesquisa realizada no sudeste paraense, um rapaz maranhense, quando perguntado sobre sua naturalidade, disse que tinha nascido no Maranhão, mas que era paraense, pois morava há muito tempo na cidade de Rondon-PA. Completou que geralmente diz ser paraense, pois alguns nativos do Pará não ficavam muito felizes com a presença de maranhenses naquela região.

<sup>55</sup> Tramita, atualmente, no Congresso Nacional, a proposição de criação do Estado do Tapajós, de autoria do senador Mozarildo Cavalcanti. Dentre os municípios que deverão compor o novo Estado está a cidade de Itaituba.

preteridos pelo Estado. A distância da capital e os problemas que dela decorrem levaram a que se pensasse que a palatalização, que parece se constituir uma marca da fala belenense, não seria tão produtiva na fala de Itaituba. Entretanto, a afirmação da identidade itaitubense sobrepujou esses inconvenientes.

Para finalizar, cabe ressaltar que, como diz Labov (1976), num processo de mudança fonética, a variante linguística se integra às normas que definem uma dada comunidade e a reação ao seu uso vai se tornando uniforme, sem ser, necessariamente, consciente. Ela passa a se constituir um marcador e adquire valor estilístico.

Parece que em Itaituba, tal como registrado por Labov (1976) para a centralização dos ditongos em *Martha's Vineyard*, tem-se um fenômeno linguístico que guarda estreita relação com a expressão de resistência aos imigrantes (garimpeiros). Assim, readaptando-se sua conclusão para a fala de *Martha's Vineyard*, pode-se dizer que cada vez que um falante palataliza, coloca, inconscientemente, o fato de que é filho de Itaituba, que é nascido lá e que dela faz parte.

Os resultados apresentados e sua interpretação confirmam o pressuposto sociolinguístico segundo o qual é impossível se compreender a variação e a mudança linguística fora do meio social no qual é produzida.

## 4.2 Análise Fonológica

A presente seção tem por objetivo descrever e explicar as regras que se aplicaram à lateral alveolar /l/. Durante a seção se dará ênfase à FGT, pois acredita-se que essa teoria do modelo não linear pode dar conta, de maneira satisfatória, das regras e processos que derivaram os alofones apresentados mais à frente.

---

Para detalhes sobre a tramitação, consultar proposição PDC-731/2000. Atualmente, os separatistas têm-se utilizado desse argumento para ganhar votos entre aqueles que são a favor da divisão do Estado (cf. [www.orm.com.br/oliberal](http://www.orm.com.br/oliberal)). Existe também proposição de criação de outro Estado no Pará, a saber, o Estado do Carajás. A região de Carajás apresenta características bastante diferentes das demais regiões do Pará. Lá, de acordo com uma observação preliminar, a partir da coleta de dados para o ALiB, percebeu-se que a forma não palatalizada é a mais comum. Apesar de essa área ser também caracterizada pela presença de imigrantes nordestinos, em função da presença de recursos minerais, a relação com o garimpo é bastante diferente da verificada na região do Tapajós devido à atuação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD). Uma parcela significativa de imigrantes advém do Sul, Sudeste do país e de outros países. Uma das cidades construídas pela CVRD é considerada uma pequena cidade européia dentro do Pará. É necessário se pedir autorização para entrar nessa cidade construída pela CVRD. Nos garimpos de Itaituba, a atividade garimpeira é marcada pela informalidade. A relação de trabalho é baseada na participação na produção. Assim, 30% da produção é dividida entre os garimpeiros, 20% é destinada ao dono da terra e 50% ao dono do garimpo. Quando o dono da terra é também dono do garimpo, seu lucro é de 70%.

#### 4.2.1 Aspectos fonético-fonológicos

Câmara Jr. (1995) afirma que /l/ é uma líquida. Essa classe, para o autor, compreende as laterais e vibrantes da Língua Portuguesa. A nomenclatura líquida, segundo Câmara Jr. (1995), guarda relação com o fato de esse fonema apresentar certa fluidez em seu efeito acústico.

Segundo Quiles e Fernández (1956 apud TASCA, 2002, p. 271), “sob o conceito de consoantes líquidas se agrupa uma série de fonemas que, sem deixar de ser sons articulados consonânticos, possuem alguns traços fonéticos de sons vocálicos”.

Nas palavras de Crystal (2000, p. 157), o som lateral:

Refere-se a qualquer som em que o ar escapa por um ou por dois lados do fechamento da boca como nos vários tipos de /l/ [...] quando o som sai por apenas um dos lados da língua, é produzido o som unilateral; quando sai pelos dois lados, é produzido o som bilateral. Os sons laterais podem ser sonoros ou surdos.

A lateral é definida por Silveira (1982, p. 76) “como uma sonora que toca os alvéolos superiores, obstruindo o centro, mas deixando passagem à corrente de ar, pelos lados”. A autora complementa que as líquidas da Língua Portuguesa compreendem as vibrantes e laterais. Explica que elas apresentam a maior abertura dentre as consoantes e que essa abertura se aproxima da que se verifica nas vogais, mas que não chega a se igualar à abertura vocálica (passagem de ar livre). Esses sons são considerados por Silveira (1982) como segmentos não-contínuos. Segue a descrição de /l/, de acordo com Silveira (1982, p. 83):

A corrente de ar ao passar pela laringe encontra a glote fechada, as cordas vocais unidas, e ao passar por elas produzirá o som complexo (fundamental e harmônico), com maior frequência; ao entrar nas cavidades supraglóticas, a emissão será oral, pois a cavidade rinofaríngea está fechada. Na boca, o ápice da língua e as bordas anteriores estão aderidos aos alvéolos, possibilitando que as zonas laterais estejam livres, por onde o ar passa.

Nessa perspectiva, trata-se de um som bilateral. Entretanto, cabe ressaltar que estudos acústicos indicam que, em alguns casos, há uma espécie de furto de ar por parte de um dos dois tubos que compõem a lateral (informação verbal)<sup>56</sup>, o que resulta na passagem de ar por um único tubo, obtendo-se, assim, um som unilateral.

---

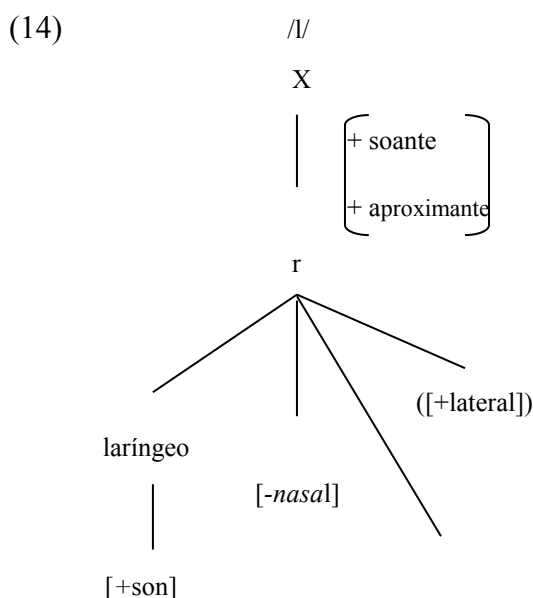
<sup>56</sup> Informação fornecida por Susan Givon (Universidade de Oregon) durante o mini-curso Fonética Acústica, ministrado na Universidade Federal do Pará, em outubro de 2004.

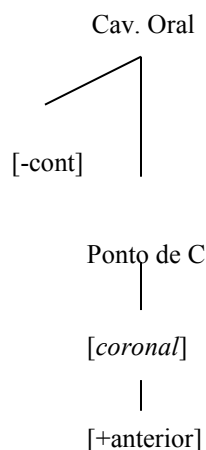
Souza e Santos (2003) afirmam que os sons laterais são normalmente coronais. Para Clements e Hume (1995), esse suposto se configura extremamente complexo devido à dificuldade de se definir o *status* de [lateral]. Assim, [lateral] poderia estar ligado ao nó [coronal] ou ao nó de raiz. Nas palavras desses últimos autores, alguns argumentos levam a que se pense que os sons laterais se limitam a coronais. De acordo com alguns estudos, eles o seriam. Entretanto, outros levam a supor que essa generalização não é possível, o que pressupõe a necessidade de se investir em novos estudos, a fim de que se possa definir adequadamente a hierarquia desse traço.

De acordo com Hall (1997), autores como McCarthy (1988) e Blevins (1994) afirmam que [lateral] está sob o nó [coronal]. Mas isso não é consenso, pois Shaw (1991) e Rice e Avery (1991) assinalam que [lateral] não é um traço [coronal]. A existência da lateral velar [L] é um argumento utilizado pelos defensores do segundo ponto de vista. Outro argumento está relacionado ao fato de a assimilação de lugar não implicar necessariamente a assimilação da lateralidade (KENSTOVICZ, 1994). Essa é uma discussão não pacífica que, tampouco, será pacificada aqui, dada a natureza desta investigação.

#### 4.2.2 Representação geométrica de /l/

Baseada em Chomsky e Halle (1968), Mateus (1994) propõe uma descrição fonológica para a lateral /l/, em termos de traços distintivos, qual seja: [+ soan, + cor, + ant, + son, + lat]. Essa representação baseia-se no SPE. Abaixo, segue a representação da lateral alveolar /l/ em Língua Portuguesa, tomando-se como base o esquema arbóreo proposto em Clements e Hume (1995) para as consoantes:





Na representação em (14), [lateral] poderia fazer a distinção entre /l/ e /r/ quando se considera esses dois segmentos [+continuante]. Assim, esse traço poderia ser ou não necessário. O estabelecimento de /l/ como [-continuante] não é pacífico em LP. Chomsky e Halle (1968) assinalam que esse segmento pode ser [+continuante] ou [-continuante] a depender da língua. Por outro lado, cabe fazer uma observação que resultou do levantamento bibliográfico. Em posição prevocálica, no PB, são as [coronais] [-continuante] /t d n/ que se submetem à palatalização. Dentre as velares, são também as [-continuante] [k g] que costumam palatalizar. Talvez isso indique que a palatalização se aplique, em posição prevocálica, a um conjunto de consoantes que apresentam o traço [-continuante]. Assim, /l/ seria [-continuante]. Hall (1997) refere que, em inglês, são as [-continuante] /t d n l/ que se submetem à dentalização. Alguns fonólogos reúnem as laterais com oclusivas e nasais, já que na produção de uma lateral como /l/ o ar não escapa pela parte central da boca, mas pelos lados. Entretanto, cabe fazer um estudo mais rigoroso para definição desse traço nas laterais do PB.

#### 4.2.3 Alofones de /l/

Conforme se pôde verificar no capítulo IV, a lateral alveolar /l/ apresentou uma gradação fonética quando de sua realização em Itaituba. Dentre os alofones encontrados, estão:

- lateral alveolar                      [●⊗]
- lateral palatalizada                [●↗⊗]
- lateral palatal                        [◇⊗]
- glide anterior                        [eɾ⊗]
- zero fonético                         [ɸ⊗]

A disposição desses alofones não foi apresentada aleatoriamente. Antes, acredita-se que eles corresponderiam a uma ordenação quando da aplicação das regras fonológicas, sendo, portanto, possível construir-se uma escala que se inicia pela lateral alveolar e se bifurca em direção a [ɲ] e a [j]. Assim, essa escala não é linear. Ela percorre direções diferentes a partir de [l̥]. A variação toma dois caminhos: um em direção ao enfraquecimento e outro em direção ao fortalecimento, conforme se verá mais adiante. Os representantes dos pontos extremos da alofonia identificada são [●] e [ɲ].

Durante a escuta das gravações, foi identificada uma realização de /l/ que se caracterizava como intermediária entre [l] e [ɲ]. Essa realização foi entendida como sendo complexa, mais precisamente uma consoante simples com adição de uma articulação secundária palatal (Seção 3.2).

Os limites, em termos auditivos, que as realizações alofônicas de /l/ apresentaram, obedeceram, conforme já se disse, a certa gradação que permitiu maior ou menor distinção entre elas. Por exemplo, foi fácil determinar quando se tinha [●] em relação a [ɲ]. Talvez porque se constituam fonemas distintos na Língua Portuguesa, sua distinção auditiva não ofereceu dificuldades, quando do tratamento dos dados. Essa distinção tornou-se mais complexa quando se tentou identificar se o que se tinha era [er] ou [ɲ], dada a possível fusão entre os dois segmentos frontais altos [i j], o que poderia fazer ouvir [ɲ] ou [er].

Entretanto, a maior dificuldade se manifestou quando se tentou definir se o que se tinha realizado era [ɲ] ou [●]. Pode-se até dizer que o limite entre essas realizações é impreciso auditivamente. É como se houvesse um contínuo entre eles.

A existência desse contínuo, nas palavras de Albano (2001), parece totalmente defensável. Na perspectiva da autora, pode-se falar em gradiência de traços nos segmentos e contínuos entre segmentos. Aqui, ficou claro que esses alofones se interpenetravam. Ocorria uma neutralização no nível fonético.

As realizações encontradas indicavam certa gradação das realizações alofônicas que resultam da aplicação de diferentes processos, como palatalização, semivocalização e apagamento.

#### 4.2.4 Palatalização

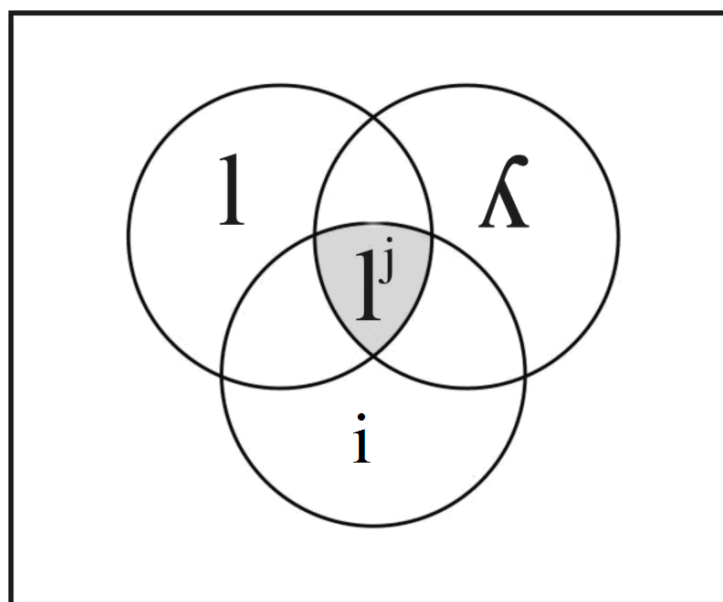
Conforme se disse acima, algumas realizações de /l/ apresentaram distinções perceptíveis, enquanto outras se manifestaram como uma espécie de contínuo, constituindo-se



fortes candidatos à especificação numérica. Isso deve ter sido intensificado pela diminuição de contraste comum entre soantes e vogais quando aquelas se encontram em posição prevocálica, o que, também, diminui a perceptibilidade de /l/. Entram nesse jogo a continuância e a abertura (STERIADE, 1993; VANDERWIDE, 2005).

Entretanto, à falta do recurso experimental, neste trabalho, lançou-se mão do recurso oferecido pela fonologia. Isso é possível visto que o modelo fonológico adotado interage com a fonética articulatória<sup>57</sup>. Além disso, permite fazer algumas deduções quando se levam em consideração a naturalidade, a não-arbitrariedade e simplicidade das regras. Assim, apesar de [●↗] ter apresentado algum inconveniente durante sua escuta, alguns argumentos justificam sua inclusão como alofone de /l/.

Segundo Espiga (2003), a coronalidade está subordinada aos pontos de C e se constitui a constrição primária ou secundária da lateral do Português do Brasil. Excetuando-se o zero fonético, os demais alofones de /l/ apresentaram, em sua configuração, algum grau de coronalidade. Note-se, também, que [●↗] é um segmento de articulação secundária que reúne em si todos os gestos articulatórios das demais realizações. Ele se constitui a intercessão entre os alofones de /l/, conforme se pode visualizar na figura abaixo. Além disso, sua inclusão na representação fonológica garante que as regras sejam representadas de forma simples.



**Figura 9** – Interseção dos alofones de /l/  
Fonte: Espiga, 2003.

<sup>57</sup> É óbvio que esse modelo não fornecerá respostas numéricas, e, assim, mais precisas, como o faria a fonética experimental. Sua contribuição diz respeito ao fato de dar condições de se construir deduções, a partir dos dados avaliados, levando em consideração a economia e a elegância dos processos que ligam as formas subjacentes às formas superficiais.

Do ponto de vista da Fonologia Tradicional, a regra de palatalização seria descrita como em (11). Nessa perspectiva, apenas dois estágios estariam envolvidos nessa regra.

(15)

$$/●/ > [◇] / \_ [i]$$

A FGT enfatiza a realização de operações simples. Segundo Clements e Hume (1995), apenas uma operação de cada vez deve ser executada na estrutura segmental. Essa orientação está baseada no critério de simplicidade das regras fonológicas e deve ser levada em consideração, seja para um traço terminal ou para um nó constituinte.

Alguns autores como Lahiri e Evers (1991) e Bath (1978) afirmam que um segmento de articulação secundária não deve, necessariamente, preceder o processo de palatalização (formação de uma palatal). Entretanto, muitas vezes, esse processo apresenta como estágio intermediário uma consoante simples com articulação secundária adicional. Em alguns casos de palatalização, só a recuperação desse tipo de articulação permite uma descrição adequada. É o que se assume aqui.

A proposta apresentada em (16) inclui na descrição da regra de palatalização uma interpretação que implica a presença de um segmento que apresenta articulação secundária [ $●\spadesuit$ ] e, assim, a existência de mais um estágio, o que engendra a seguinte formalização:

(16)

$$[●] > [●\spadesuit] > [◇]$$

Esse ponto de vista tem como base a proposta de Hernandorena (1994). Para ela, as crianças, antes de implementarem as fricativas palatais, passam por um *processo desenvolvimental*, indispensável ao seu estabelecimento, que é representado por um segmento de articulação secundária.

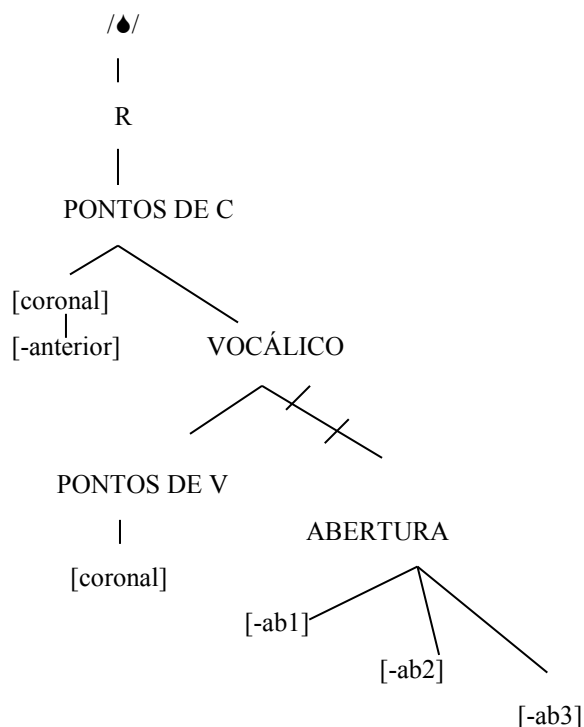
Hernandorena (1994), ao estudar a aquisição das palatais<sup>58</sup> no Português, argumenta em favor de que os segmentos [ $●\spadesuit$ ], [ $\mathfrak{M}$ ], [ $●\clubsuit$ ] sejam considerados complexos. Para ela, [ $◇$ ] e [ $\star$ ] são reconhecidamente segmentos complexos em Língua Portuguesa. Essas palatais apresentam, segundo Brescancini (2003), uma coloração vocálica em sua articulação que é responsável pela sua dupla articulação.

Segundo Hernandorena (1994), as crianças, na fase de aquisição do Português, despalatalizam [ $●\spadesuit$ ], [ $\mathfrak{M}$ ], [ $●\clubsuit$ ], mas diante de [i] costumam palatalizar /s/ e /z/. Também as

<sup>58</sup> Denominadas neste trabalho palato-alveolares.

semivocalizam; realizam ianela, em lugar de janela. A explicação adequada para esses estágios só seria adequadamente representada caso se considerasse [ʎ] como segmentos complexos, ou seja, como segmentos que apresentam, no mínimo, duas articulações, como a palatal /j/. Segue a proposta de representação da fricativa palatal /ʎ/, de acordo com Hernandorena (1994, p. 162):

(17)



A despalatalização é entendida como o desligamento do nó vocálico dependente do nó PONTO DE C. Já a semivocalização é interpretada como o desligamento do traço coronal imediatamente dominado pelo nó PONTO DE C. A autora interpreta todas as coronais simples do Português, a partir da representação proposta, como [+anterior]. Essa interpretação será retomada mais abaixo, visto que também justifica que se apresente [j] como um estágio que é antecedido por [lʎ].

O ligamento de nós é implementado, segundo Hernandorena (1994), quando as crianças mantêm a palatalização diante de [j]. As crianças despalatalizam, mas diante [j] dizem [jʎ] palatalizando /s/ diante desse segmento. O processo é comparado àquele que se dá com as oclusivas alveolares /t/ e /d/ no Português, explica a autora (1994), com base nos dados de palatalização de Hora e Bisol (1993). Desse processo resultaria um segmento

complexo, palatalizado, que decorre do espraçamento do traço coronal de um vocóide alto que sucede essas consoantes.

Isso indica, segundo Hernandorena (1994, p. 165), que as palatais, durante essa fase, devem ser, necessariamente, precedidas por uma etapa desenvolvimental, por meio de um segmento de articulação secundária, para, depois, estabelecerem-se como consoantes complexas. A autora assinala que esse estágio desenvolvimental se dá pelo espraçamento de traços de um vocóide alto anterior, que é seguido pelo estabelecimento da consoante complexa. Esse dado é corroborado em Rosetti (1962) para a fala adulta. Segundo o autor (1962), a palatalização é o estágio que precede o estabelecimento de uma consoante molhada, ou seja, palatal.

Esse ponto de vista pode ser adotado também para as laterais palatais, visto que é tomado como base para se considerar as fricativas /ʎ/ ɲ /ɟ/ como segmentos complexos. Essa etapa desenvolvimental, neste trabalho, seria representada por [lʎ] e seu posterior estabelecimento, por [ɲ].

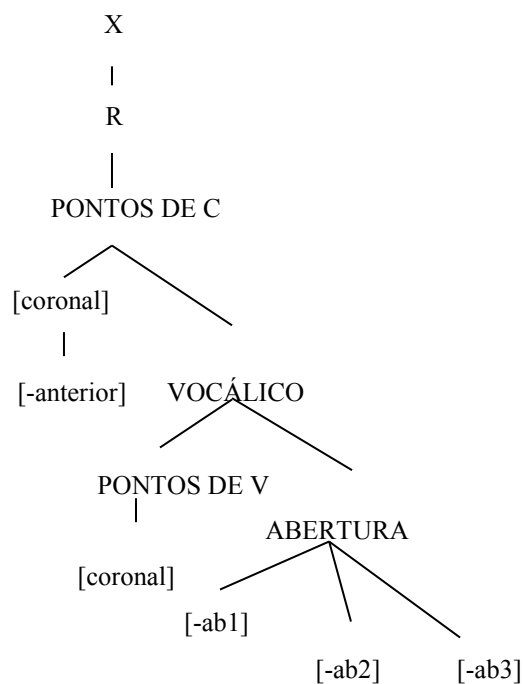
Essa interpretação é também corroborada por Couto (1997). Para ele, as laterais palatais se realizam por meio de um alofone assim representado: [lʎ]. Esse segmento, também no estudo de Couto (1997), parece se constituir uma forma de intercessão entre /l/ e /ɲ/. Se é verdade que a estrutura subjacente das formas infantis se aproxima da dos adultos, para usar as palavras de Couto (1997), então essa dedução parece defensável.

Hernandorena (1994) sugere que a representação utilizada para o estágio desenvolvimental deva ser também adotada para o estabelecimento da palatal. Esse ponto de vista vai de encontro ao que se propõe nesta análise. Os motivos serão apresentados ainda nesta seção. A autora propõe a seguinte representação para os dois estágios<sup>59</sup>:

---

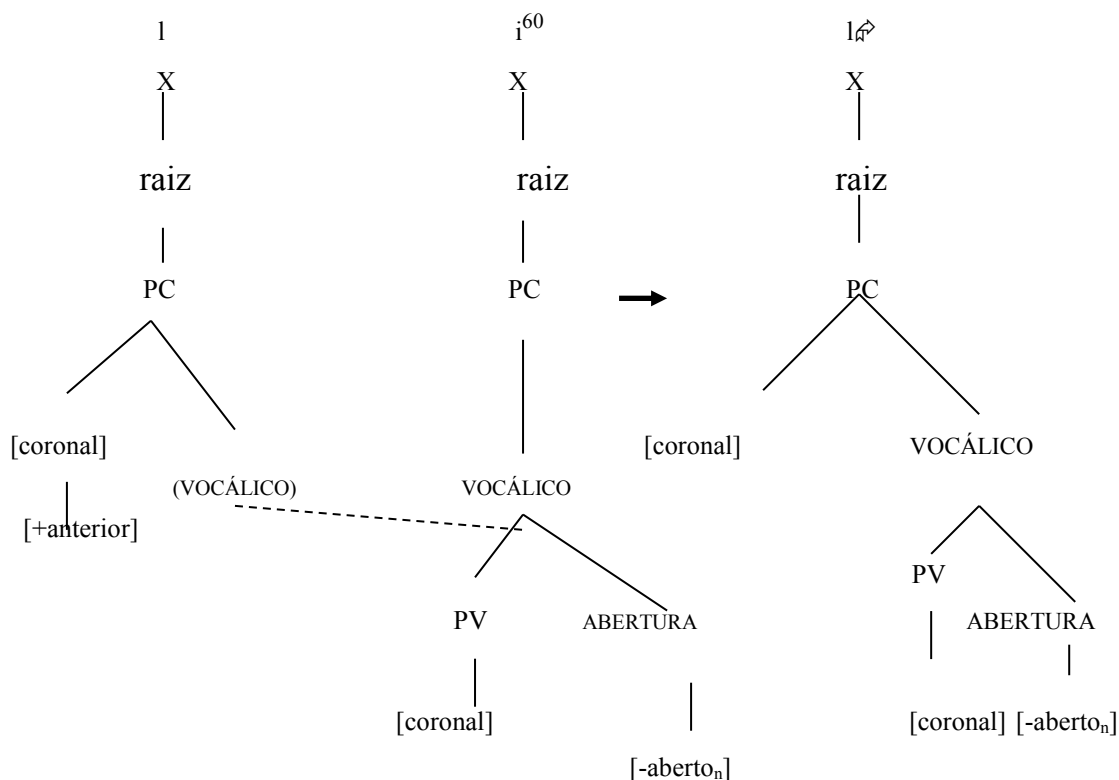
<sup>59</sup> Essa representação, segundo Brescancini (2003), corresponde só à lateral palatal /ɲ/. Para detalhes, conferir Brescancini (2003, p. 299-310).

(18)



A interpretação da palatalização adotada neste trabalho entende que não seria adequada uma descrição em que [●] passasse a [◊], por causa dos diferentes caminhos que os alofones desse segmento vão tomar. Assim, a palatalização de /l/ é entendida como um processo que é caracterizado por dois estágios. O primeiro deles está representado em (19), considerando-se os traços relevantes para o processo:

(19)



Na representação acima, (PC) e (PV) indicam, respectivamente, o Ponto de articulação da consoante e o Ponto de articulação da vogal. Os parênteses, em (19), são usados para indicar que o nó vocálico estava inativo. Em uma consoante simples encontra-se inativo. É ativado, como se pode ver, quando do espriamento do nó vocálico que domina [coronal] e o nó de abertura de um vocóide frontal alto, [-aberto<sub>n</sub>], o que cria um segmento palatalizado, mais precisamente uma consoante simples com uma articulação secundária palatal.

Essa representação indica que ocorreu o espriamento do nó vocálico do segmento que segue /l/ (representado pela linha pontilhada) para a consoante, ativando-se, assim, o nó vocálico que se localiza sob o PC. Quando esse nó foi adicionado ao então ativado nó vocálico do PC, formou-se um segmento com articulação secundária [lʎ].

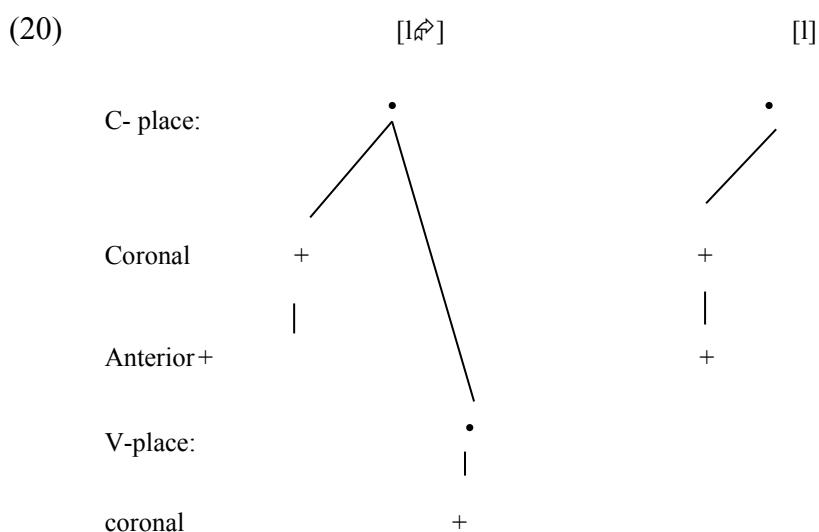
Essa operação se dá por meio do ligamento de nós e não implica que a articulação primária passe a adquirir o traço [-anterior], como propõem Bisol e Hora (1995) e Hernandorena (1994) para os segmentos com articulação secundária palatal.

<sup>60</sup> Clements (1991) e Clements e Hume (1995), ao tratarem da geometria de [i] e de [j], apresentam-nos como vocóides. O segundo segmento é chamado de *glide* quando se trata de sua função na estrutura silábica. Por isso, objetivando-se uma generalização e considerando-se que a geometria de [i] e [j] é a mesma, os dois serão indicados, com base em Clements e Hume (op. cit), como vocóides. Utilizar-se-á o símbolo [i] para indicar os dois segmentos. A distinção será realizada, quando necessário.

A palatalização de /l/ é caracterizada como uma regra de assimilação entre vocóides frontais altos e a consoante /l/. Dá-se por meio do espraiamento do nó vocálico de um segmento [+voc], [+ant], [-aberto<sub>n</sub>] para a consoante, do qual resulta um segmento palatalizado, [lʲ]. A consoante adquiriu nó vocálico. O traço [coronal] ligou-se a esse nó como articulação menor. O nó vocálico, em consoantes, caracteriza uma articulação secundária.

Como se pôde notar, a representação em (19) apresenta certa diferença da representação proposta por Hernandorena (1994), por Oliveira (1990) e Bisol e Hora (1993; 1995), visto que /lʲ/, diferentemente do que propõem esses autores para segmentos palatalizados, não apresenta, sob o nó coronal do PC, o traço [-ant]<sup>61</sup>. Também apresenta diferença em relação a algumas interpretações que não relacionam a formação de uma consoante palatalizada à altura (abertura).

A ausência de [-anterior] em (19) tem como base a proposta de Clements (1985, 1989a, 1991) e Clements e Hume (1995) e sugestão de Wetzels (2006). Para esses autores, a articulação primária de um segmento palatalizado apresenta o traço [+ant]. A representação de /lʲ/, de acordo com a orientação de Clements (1989a, p. 27), é a seguinte:



Note-se que a diferença entre /l/ e /lʲ/ reside no fato de esse último apresentar um nó vocálico coronal, que é redundantemente [-anterior]. Toda vogal o é. Entretanto, a articulação consonantal coronal simples que compõe esse segmento é [+ant]. Os segmentos palatalizados são, por definição, [+ant] (CHOMSKY; HALLE, 1968; HALL, 1997).

<sup>61</sup> O ponto de vista segundo o qual um segmento palatalizado não apresenta o traço [-anterior] é também corroborado por Chomsky e Halle (1968), Bath (1978), Lahiri e Evers (1991), Calabrese (1996), Hall (1997), Clements e Hume (1995).

Conforme propõe Hernandorena (1994), o traço [+anterior] é redundante nas coronais simples do Português. Há acordo aqui nesse ponto. Entretanto, não se adotou para [l̥] e para [ɰ] a mesma representação, embora se entenda que fonologicamente são similares e que foneticamente /l̥/ sofre certo recuo em relação ao seu correspondente simples, não palatalizado, [l].

Podem-se encontrar, além dos argumentos teóricos verificados em Clements (1989a) e Clements e Hume (1995), outras justificativas, inclusive em estudos sobre a palatalização do Português do Brasil, para se propor representações distintas para palatalizadas e palatais. Esses argumentos podem ser encontrados em Cagliari (1974), Brescancini (2003) e Wetzels (2006) e corroborados por outros autores.

Cagliari (1974) estudou a palatalização em Língua Portuguesa. Utilizou ferramentas experimentais para calcular algumas diferenças entre consoantes não-palatais ou duras, consoantes palatalizadas e consoantes palatais, denominadas, por ele, verdadeiras palatais. O resultado da pesquisa palatográfica realizada pelo autor mostrou que uma consoante palatalizada apresenta, na sua produção, as mesmas características de uma consoante simples acompanhada de uma energia articulatória. Segundo o autor (1974), a energia verificada pode ser encontrada nas consoantes simples quando articuladas energicamente. Como veremos adiante, segundo Catford (1968), a consoante com articulação secundária apresenta um leve recuo em relação à sua correspondente simples, mas isso não faz dela um segmento [-anterior]. Esse dado é confirmado também por Wetzels (2006).

Ora, se as coronais simples do Português são todas [+anterior], conforme Hernandorena (1994), e se a articulação de um segmento palatalizado se assemelha a de uma consoante simples, então, [-anterior] se constitui um traço inadequado na representação de uma consoante simples com uma articulação secundária palatal. Além disso, não se deve colocar palatais e palatalizadas sob um mesmo rótulo ou correspondendo a uma mesma representação, pois apresentam realidades articulatórias e acústicas diferentes, embora sejam equivalentes fonologicamente (HALL, 1997).

Voltando a Cagliari (1974), pôde-se constatar também que as palatalizadas apresentam uma área de constrição maior do que a das não-palatais e menor do que a das palatais, bem como duração inferior a dessas últimas.

O dado referente à constrição mais longa presente nas palatais é também confirmado em Brescancini (2003). A autora (2003) não corrobora a representação que Hernandorena (1994) propõe para as palato-alveolares. Para ela, as fricativas palato-alveolares, representadas em (17), não devem receber a mesma representação da lateral palatal. Brescancini (2003) propõe



uma representação diferente para as palato-alveolares, focalizando apenas a localização da constrição. Para ela, essas consoantes apresentam uma articulação secundária, mas não apresentam a altura vocálica verificada nas palatais.

Para finalizar a discussão referente a [-anterior], cabe ressaltar que Hernandorena (1994) não consegue propor representações distintas para palatalizadas e palatais porque se baseia na interpretação de Bisol e Hora (1993) para a palatalização das oclusivas alveolares.

Hall (1997), apesar de propor uma interpretação diferente da que se apresenta aqui para a palatalização, assinala que essa regra apresenta um *status* diferente dos outros processos de articulação secundária como labialização, faringalização e velarização. Para ele, a palatalização conta com uma oposição a [-anterior]<sup>62</sup> (HALL, 1997, p. 89; LAHIRI; EVERS, 1991).

Leite (1995), com base em Catford (1988), afirma que os segmentos de articulação secundária não apresentam exatamente o mesmo ponto de articulação de seus pares não-palatalizados. Apenas se tem uma espécie de gradiência no traço [anterior]. Entende-se que isso caracteriza uma fase de oscilação, que é processual, e deverá ser estabilizada no segundo estágio da palatalização.

Calabrese (1996) assinala que os segmentos de articulação secundária tendem a ser desfeitos. Segundo o autor, é pequeno o número de segmentos com articulação secundária no inventário fonológico das línguas. Talvez, isso esteja ligado à oscilação que apresentam. Entende-se que sua desconstrução se daria no sentido de se construir a estabilidade e/ou de se formar segmentos simples que permitem mais facilidade quando de sua articulação. Entretanto, cabe ressaltar, como diz Calabrese (1996), que essa desconstrução guarda relação com o nível de complexidade permitido pelas línguas. Assim, se a aplicação de uma regra deriva um segmento cuja articulação apresenta grau muito alto de complexidade, é possível que o filtro atue no sentido de tornar essa realização mais bem-formada. Isso se dá por meio do processo de simplificação. Esse aspecto será retomado na seção seguinte.

Cabe, agora, apresentar algumas observações a respeito da presença de [-aberto<sub>n</sub>] na representação em (19).

Se, por um lado, a representação aqui proposta se aproxima da de Clements e Hume (1995) no que diz respeito ao estabelecimento do traço [anterior], distancia-se dela com relação à presença de [-aberto<sub>n</sub>]. Essa diferença tem implicações que decorrem do tipo de assimilação proposta. De acordo com Clements e Hume (1995), pode ocorrer espraiamento de raiz, de nós

---

<sup>62</sup> Para Hall (1997), alveolopalatais, palatoalveolares e palatais são segmentos inerentemente palatalizados. Na sua interpretação, a palatalização está diretamente ligada ao espraiamento de [-back] e não de [-anterior]. Para ele, [-ant, +dist] é igual a [-back]. Esse traço, no seu ponto de vista, recupera de forma generalizada a palatalização.

e de traços simples. A assimilação proposta por esses autores, ao tratarem do processo de palatalização, prevê o espraimento do V-place, que domina [coronal], para a consoante. Como altura (abertura) não é um traço exclusivo de [coronal], nem está sob o V-place, isso implica que [-aberto<sub>n</sub>] não espraia (CLEMENTS; HUME, 1995). Isso vai de encontro ao ponto de vista dos autores quando definem palatalização, visto que nessa definição “[...] palatalization typically involving the raising and fronting of the tongue body in directionon of the hard palate”. Os segmentos palatalizados, inclusive no SPE, são considerados [+alto] (CHOMSKY; HALLE, 1968).

Para que a altura seja recuperada na formalização de uma consoante simples com articulação secundária palatal, é necessário que ocorra o espraimento do nó vocálico que domina o V-place e o nó de abertura em vocóides, como propõem Bisol e Hora (1995).

Em alguns trabalhos sobre a palatalização, essa regra é relacionada só ao espraimento do traço [-anterior] e, mais raramente, ao traço [+alto]. Hall (1997), Hume (1992) e Lahiri e Evers (1991) assinalam que, no processo de palatalização, o que espraia é [coronal] e que o traço da palatalização, doravante [+P], é [-anterior]. Hall (1997) relaciona a palatalização ao espraimento do traço [-back]. O autor afirma que não é [-anterior] que espraia.

Hall (1997) assinala que a palatalização apresenta *status* diferente dos outros processos de articulação secundária. Acrescenta, ainda, que há um problema nas abordagens de traços distintivos no que tange à palatalização. Esse inconveniente emerge principalmente quando se avalia a aplicação da regra em línguas nas quais ocorre a palatalização de dentais e velares /t, k/ que passam a [tʰ kʰ]. O problema está relacionado ao fato de esses segmentos não pertencerem a uma mesma classe natural de segmentos quando se trata da palatalização. Note-se que Clements e Hume (1995) não apresentam /k/ como pertencente à mesma classe de /t/ quando tratam da palatalização, mas avaliam a palatalização de um e de outro num mesmo caminho<sup>63</sup>.

Ora, se a palatalização apresenta *status* diferente dos demais processos de articulação secundária, poderia apresentar também especificidades relacionadas à qualidade de seus *inputs*. É o que propõe Bath (1978), depois de analisar 120 exemplos de palatalização em diferentes línguas. Bath (1978) assinala que o traço envolvido na palatalização guarda relação com a

<sup>63</sup> A proposta de Hall (1997) é bastante diferente da Clements e Hume (1995) para a palatalização. Hall (1997) afirma ser [-back] equivalente a [+P]. Acrescenta que [-anterior], em alguns casos, é presumível pela presença de [alto]. Exemplo disso pode ser encontrado na distinção entre [s □]. Assim, [-anterior] poderia ser dispensado em alguns casos, embora em outros não possa ser preterido. Um conjunto de outros argumentos é utilizado pelo autor para não considerar [-anterior] equivalente a [+P]. Para ele, [-back] está localizado sob [coronal]. Assim, se [coronal] espraia, [-back] pode ser espraído também. Sugere, ainda, que esse traço deve estar localizado, também, sob [dorsal] (cf. HALL, 1997 para detalhes).

combinação dos segmentos que estão envolvidos na regra. Diz ele que as apicais sofrem um levantamento da língua enquanto as velares podem ser afetadas pelo “fronteamento” ou por ambos. Assim, relaciona a altura à palatalização das apicais e o “fronteamento” à palatalização das velares.

Calabrese (1996) assinala que os diferentes *outputs* dos processos de palatalização têm a ver com os processos de simplificação e a qualidade dos segmentos que a eles são submetidos. Parece que a relação entre os segmentos envolvidos no processo de palatalização deve ser levada em consideração para a explicação desse processo, ou seja, devem-se considerar algumas especificidades quando da análise dessa regra.

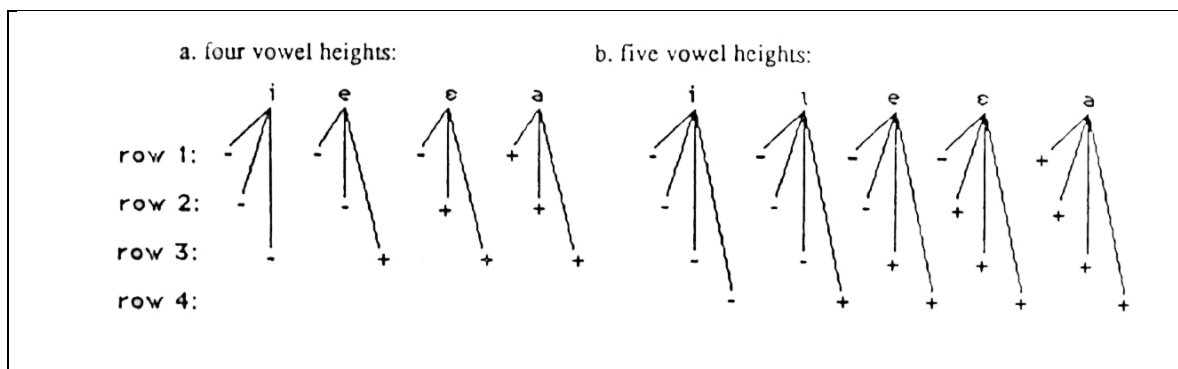
Dados acerca da palatalização no Português constituem-se evidência disso, pois a qualidade dos segmentos que são submetidos a essa regra parece interferir nos resultados. Constitui-se evidência disso o fato de /l/, diferentemente de /t, d/, apresentar como saída [j], como se verá ainda nesta seção. Além disso, o segundo estágio do processo de palatalização, para /l/ e aqueles segmentos, apresenta caminhos distintos.

Adota-se, aqui, para a formalização de [l<sup>j</sup>], uma perspectiva que se aproxima do ponto de vista de Bath (1978), segundo o qual a altura está envolvida no processo de palatalização como em (19). Conforme o autor (1978), a palatalização das apicais está relacionada ao levantamento da língua. Talvez, por isso, a palatalização das alveolares, em Língua Portuguesa, seja muito favorecida por segmentos altos como [i j].

Bath (1978) assinala a importância de se estudar a palatalização levando-se em consideração não só a qualidade do gatilho, mas também as características do alvo, pois a combinação entre os segmentos que constituem um e outro será responsável por diferentes saídas. Além disso, essa combinação poderá indicar quais os traços que realmente estão envolvidos nesse tipo de regra.

Dados do latim, além de dados de outras línguas, constituem-se evidências para esse ponto de vista. Há notícias de que, no latim, as velares passaram a palatalizadas diante das frontais [e i j] (*facere* > fazer; *quinque* > cinco). Entretanto, [t d l n] só apresentaram pronúncia palatal diante de [j] (COUTINHO, 1976; ILARI, 1992; CALABRESE, 1996). Essa interpretação recupera a palatalização das alveolares como um processo diretamente relacionado à altura.

A altura corresponde, no sistema de Clements (1989a, 1989b, 1991), aos traços de abertura. Segue, abaixo, a proposta de Clements (1989b, p. 24) para as línguas que apresentam quatro (Português) e cinco graus de altura:



**Figura 10** – Graus de abertura para vogais

Fonte: Clements (1989b, p. 24).

Na figura 10(a), são propostos três graus de abertura para as vogais. Os vocóides altos apresentam [-aberto1], [-aberto2], [-aberto3]; não têm nenhuma abertura, isto é, são [-aberto<sub>n</sub>]. Na formalização de [i̠], consta [-aberto<sub>n</sub>], ou seja, a abertura do gatilho espraiado, já que foi o nó vocálico que espraizou e não apenas o V-place.

Bath (1978) apresenta um conjunto de exemplos como evidência de que o traço [+alto] concorre para a palatalização das apicais. Para o Português isso parece se aplicar, pois /t d n l/ são mais afetados por segmentos mais altos. Outra evidência de que [-aberto<sub>n</sub>] está presente nas palatais pode ser encontrada em trabalhos de natureza sociolinguística. Bisol (1981) atribuiu a alta aplicação da harmonização vocálica em palavras como “melhor”, “senhora”, “engenheiro” à atuação da altura vocálica presente nas palatais. Para ela, ocorreu o espraio do nó de abertura, [-aberto<sub>n</sub>], para /e/. Em Freitas (2003), foram as palatais (.719) e as velares (.626), em contexto seguinte, que mais favoreceram o alçamento de /e/. Note-se que esses contextos são caracterizados por segmentos altos.

Como se pôde notar, a interpretação da regra de palatalização não é pacífica. São vários os caminhos apresentados pelos especialistas da área. Entretanto, a orientação de Bath (1978) mostrou-se mais atraente para a análise da palatalização em estudo, pois recupera a altura em sua formalização.

#### 4.2.4.1 O segundo estágio da palatalização de /l/

Como foi dito, no início deste capítulo, [l̠] se bifurca em direção ao estabelecimento de [ɰ] e em direção a [j]. O segundo estágio da palatalização é caracterizado pela formação de [ɰ]. Assim, a passagem de [l] > [ɰ] e de [l] > [j] derivam da intermediária [l̠]. Tem-se as seguintes etapas e caminhos para alofonia de /l/:

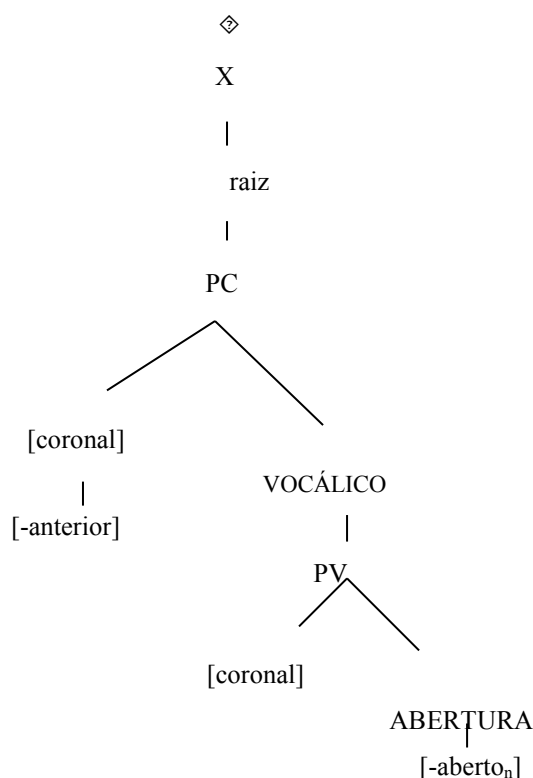
(21)

/l/ > [l̥] > a. > [ɰ] /\_[i]  
 b. > [j] /\_[i]

Clements (1989a) faz referência ao espraimento da articulação secundária para o C-place da articulação primária. Clements e Hume (1995), ao comentarem o segundo estágio da palatalização, assinalam que a formação de uma palato-alveolar se dá por meio do desligamento da articulação secundária, e sua posterior cópia para o C-place da articulação primária. Isso cria um segmento [-anterior].

Assume-se, aqui, com base na proposta de Clements e Hume (1995), que, depois da formação de [l̥], ocorre um processo de assimilação em que [-anterior] da articulação secundária espraia para o C-place da articulação primária. Esse espraimento deve se dar, necessariamente, para um nível mais alto, que se localize acima do nó vocálico para que ocorra mudança de lugar. Isso criaria [ɰ], uma palatal que é, claramente, [-anterior], conforme se pode constatar em (22).

(22)



Lahiri e Evers (1991) apresentam uma proposta diferente da de Clements e Hume (1995) para a formalização da palatalização. Nessa proposta, [coronal] está sob o nó articulador, e [+alto] sob posição da língua. Ao tratarem da palatalização de /t/, assinalam que esse segmento,

ao ter como saída [tʲ] e [t♣], passa por diferentes processos. Para [tʲ], ocorre o espraçamento de [+alto], já que as palatalizadas são [+altas], explicam. Para [t♣], ocorre o espraçamento de [+alto] e, posteriormente, de [-ant], já que ocorreu mudança de lugar. A interpretação aqui construída, prevê, como esses autores, o espraçamento de [+alto] quando da formação de um segmento como [tʲ], mas, por outro lado, com base em Clements e Hume (1995), relaciona a mudança de lugar ao espraçamento de [-anterior] para um nível mais alto, ou seja, acima do nó vocálico.

A proposta de Lahiri e Evers (1991) apresenta uma possibilidade de se espraçar só altura. Focaliza de forma adequada a formação de uma consoante com articulação secundária, apresentando-se coerente para a formalização de alguns processos em que se tem o espraçamento de apenas [+alto]. Entretanto, vai de encontro ao ponto de vista segundo o qual [tʲ] é entendido como um segmento que apresenta duas articulações coronais. Para eles, esses segmentos não são multi-articulados. Os autores assinalam também que, nas consoantes dentais, [+ant] é o responsável pela mudança de lugar, depois da formação de articulação secundária que é engendrada pelo espraçamento de [+alto] para a consoante. Eles não relacionam esse espraçamento ao nó que é atingido. A hipótese que se construiu aqui pressupõe que a mudança de lugar estaria relacionada diretamente ao nó que é atingido quando do espraçamento (CLEMENTS; HUME, 1995)<sup>64</sup>.

Conforme foi dito na seção anterior, as consoantes palatalizadas são consideradas [+anterior]. A formação de um segmento dessa natureza deveria implicar a adição de um nó vocálico à consoante que se constitui alvo do processo. Essa adição causa uma perturbação na articulação do segmento afetado, mas não muda seu lugar de articulação.

Clements e Hume (1995) sugerem, quando da formalização dos processos de palatalização e coronalização, que a adição de um nó vocálico não muda lugar. Para eles, a passagem de  $k > k^j$  se dá pelo espraçamento de [coronal] que está sob o V-place, o que cria um nó vocálico, mas não desloca o lugar da consoante. Já a formação de [t♣], a partir de /k/, se dá por meio do espraçamento do V-place direto para o C-place. Note-se que, nesse caso, houve mudança de lugar.

Partindo desse ponto de vista, assume-se que a mudança de lugar ocorre quando [-anterior] atinge o C-place da consoante. Note-se que, ao se ter o espraçamento de [coronal], [-anterior] também é espraçado, mas não muda o lugar da consoante porque não atingiu o C-place.

---

<sup>64</sup> Note-se que mesmo o espraçamento de [+alto] para o C-place poderia produzir uma mudança de lugar, já que, em alguns casos, [+alto] recupera [-anterior].

Para Brescancini (2003), a coloração vocálica presente na lateral palatal se manifesta por meio do nó vocálico [coronal] e do nó de abertura. Esse, por sua vez, caracteriza maior levantamento da língua e constrição mais longa, o que não se identifica nas palato-alveolares. Assim, segundo a autora (op. cit), [-aberto<sub>n</sub>] deve constar na representação só da palatal / $\diamond$ /, pois esse segmento realmente apresenta, em sua configuração, a altura vocálica correspondente a [-aberto<sub>n</sub>], o que lhe permite ser denominada por Keating (1988, p. 87) de vogal frontal consonantal.

A informação fornecida por essa autora pode ajudar a desfazer um mal entendido entre Cagliari (1974) e Catford (1968). Segundo aquele autor, havia uma incoerência no ponto de vista de Catford (1968) quanto a serem as palato-alveolares segmentos palatalizados. Ora, o tratamento palatográfico realizado por Cagliari (1974) não identificava a elevação própria de uma palatal nos palatogramas das palato-alveolares. Assim, não as aceitava como segmentos que apresentavam uma articulação adicional. A questão é que a elevação procurada por Cagliari (1968) só poderia ser encontrada nas palatais. Elas apresentam a altura vocálica, que decorre da elevação da língua, em direção ao palato, que pode ser verificada nos vocóides frontais altos (BRESCANCINI, 2003). A mesma altura não pode ser encontrada nas palato-alveolares, embora elas apresentem articulação secundária. Hall (1997) afirma que esses segmentos são inerentemente palatalizados.

A assimilação representada em (22) cria uma consoante complexa, com maior duração. As palatais, conforme já foi dito, apresentam duração maior do que as não palatais e as palatalizadas<sup>65</sup>. A duração desses segmentos poderia ser justificada tomando-se por base Wetzels (1997). Para o autor, / $\diamond$ / é um segmento geminado. As geminadas apresentam mais de um tempo. As palatalizadas e palatais também apresentam duração maior do que suas correspondentes simples.

O fato de [ $\diamond$ ], não raramente, realizar-se como [lj], [l $\hat{\wedge}$ j], [li], em Língua Portuguesa, parece se constituir evidência para essa interpretação. Para Wetzels (1997), isso poderia indicar que esse segmento se realizaria em cada um dos tempos disponíveis ou, como diz Cagliari (1974), realiza-se assim devido à sua distensão. A fusão corresponderia a [ $\diamond$ ].

Silva (1999, p. 63-65) afirma que, ao comparar a duração das líquidas do Português, encontrou maior duração para a lateral palatal. Completa que /l/ apresentou valores de F2 e F3 mais baixos do que os encontrados para / $\diamond$ /. Esse segmento recebeu F2 extremamente alto,

---

<sup>65</sup> Uma das sugestões de Wetzels (2006) prevê que ocorre uma fusão que cria uma consoante com dois tempos. Na sua interpretação, o tempo que sobra da fusão entre as articulações primária e secundária de [l $\hat{\wedge}$ ] criaria a geminada [ $\diamond$ ].

semelhante à de uma vogal alta anterior, o que ela atribui à sua coloração vocálica. Esse dado é confirmado em Cagliari (1974) que encontrou F2 e F3 maximamente altos para as palatais.

Silva (1999) afirma que a duração de / $\diamond$ / decorre de sua palatalização. Essa terminologia parece pouco adequada, pois pode dar a entender que se teria um segmento como / $\diamond$   $\text{ɹ}$ /, o que, segundo Hall (1997, p. 73), não seria possível. Talvez o mais adequado seria dizer que [ $\diamond$ ] se realiza por meio de uma consoante simples com articulação secundária palatal [ $l\text{ɹ}$ ].

Na verdade, [ $\diamond$ ] se constitui, nas palavras de Cagliari (1974), a verdadeira palatal. O fato de apresentar uma coloração vocálica pode ser justificado tomando-se como base sua articulação localizada sob o nó vocálico, cuja abertura corresponde a [-aberto<sub>n</sub>], ou seja, à altura de uma vogal frontal alta. Sendo assim, não se poderia ter / $\diamond$   $\text{ɹ}$ /, pois isso implicaria a presença de dois nós vocálicos, o que vai de encontro ao que propõem Clements e Hume (1995).

Hall (1997) assinala que palatais palatalizadas são foneticamente impossíveis, pois as palatais são inerentemente articulações palatalizadas, ou seja, apresentam um nó secundário<sup>66</sup>. Além disso, uma articulação secundária não poderia ser imposta sobre segmentos que já são palatalizados.

Em Hernandorena (1995), tomando-se por base, novamente, as formas infantis, encontram-se, também, evidências para se considerar o estabelecimento de [ $\diamond$ ] como um processo que se deve dar depois da formação de uma palatalizada. A autora observa que, no processo de aquisição da linguagem, o traço coronal, e, mais especificamente o traço [anterior], assumem um importante papel na distinção entre as coronais. Dentre as substituições detectadas na pesquisa desenvolvida pela autora, encontra-se [l] por [ $\diamond$ ].

Segundo Hernandorena (1995), a dificuldade de estabelecimento das palatais entre as crianças está diretamente ligada não à coronalidade, mas ao traço [-anterior] como seu dependente que, segundo Hernandorena (1995, p. 73), é o último a ser adquirido.

Apesar de Hernandorena (1994) sugerir a mesma representação para as palatais e palatalizadas, apresenta um conjunto de pistas que justificam representações distintas para esses segmentos, o que parece mais adequado. Ao referir a fase desenvolvimental, que caracteriza o estágio que antecede o estabelecimento da palatal, Hernandorena (1994) sugere que falta algo para que ocorra essa estabilidade, embora o traço coronal já tenha sido adquirido (HERNANDORENA, 1994; 1995). Talvez seja justamente o último traço a ser adquirido, para as palatais, isto é, o [-anterior], que propicie seu estabelecimento.

---

<sup>66</sup> O autor acrescenta que em Ter Lapp, língua na qual cada segmento apresenta um correspondente palatalizado, não há equivalentes palatalizados para segmentos como / $\diamond$ /.



De acordo com o ponto de vista aqui assumido, o estabelecimento de uma palatal pode ser entendido como a expansão de [-anterior] da articulação secundária para a primária de [l<sup>h</sup>] e respectiva atualização do segmento resultante como [-anterior].

O estabelecimento da palatal corresponderia ao segundo estágio da palatalização de /l/. Isso explicaria a tardia aquisição do traço [-anterior] que, assim o é, porque primeiro é adquirido o traço [coronal], por meio da formação de uma consoante simples com articulação secundária palatal, para depois se adquirir o traço [-anterior] que, de certa forma, caracteriza as coronais palatais e as diferencia das palatalizadas.

Outro argumento que justifica a interpretação adotada para o segundo estágio da palatalização guarda relação com outra dedução que decorreu do estudo de Hernandorena (1994). Ao considerar as substituições de / $\text{C}^*$ / por / $\text{C}^h$ /, respectivamente, como desligamento do traço do nó vocálico dependente dos pontos de C, a autora apresentou o traço [+anterior] como redundante em todas as consoantes coronais do Português.

Com relação às fricativas palatais do português, como vimos, fica a possibilidade de sua interpretação - com base nos dados de aquisição da fonologia - como consoantes complexas, assim como as outras palatais do sistema, permitindo, então, afirmar-se que todas as consoantes coronais da língua portuguesa apresentam, redundantemente, o traço [+anterior] (HERNANDORENA, 1994, p. 166).

Nessa perspectiva, /l/ é, indiscutivelmente, [+anterior]. Assim, caso se optasse pelo desligamento do nó vocálico, localizado sob o C-place, em detrimento da interpretação que prevê o espraiamento de [-anterior] da articulação secundária para primária, a representação proposta não seria coerente.

O desligamento do nó vocálico teria como resultado uma consoante simples, [+anterior], pois sua articulação secundária seria desligada. Um segmento complexo deve apresentar pelo menos dois traços de articulação oral (CLEMENTS; HUME, 1995, p. 253). Não se teria como resultado desse tipo de operação o segmento [l<sup>h</sup>], aqui considerado complexo, mas [l]. Não seria essa a opção mais adequada.

O primeiro estágio da palatalização de /l/ se assemelha àquele verificado para as oclusivas alveolares /t d/. Entretanto, o segundo estágio apresenta algumas especificidades e se diferencia daquele que ocorre com esses segmentos. Parece razoável que apresentem semelhanças, pois /l/, como /t/ e /d/, é coronal. Assim, é possível que alguns processos que se aplicam a eles, apliquem-se também a /l/, observando-se, obviamente, algumas especificidades, pois, para relembrar Calabrese (1996), os resultados dos processos de palatalização guardam relação com os processos de simplificação e com a qualidade dos segmentos que a eles são

submetidos. O traço [sonorante] de /l/ parece estar envolvido nessas saídas diferenciadas, conforme se poderá constatar na próxima seção.

Evidência de que a interpretação construída não é arbitrária pode ser encontrada nos *outputs* da palatalização. Ora, para que uma derivação seja considerada não-arbitrária, o resultado do processo aplicado deve apresentar, em sua configuração, traços ou nó do gatilho espreado. No primeiro estágio da palatalização, o segmento formado apresenta, em sua configuração, o nó vocálico espreado. No segundo estágio, o traço espreado [-anterior] pode, também, ser encontrado no *output*.













#### 4.2.4.2 A dupla articulação de / $\diamond$ /

O segundo estágio da palatalização teve como saída um segmento complexo. Para justificar o pressuposto de que [ $\diamond$ ] não é um segmento simples, serão apresentados alguns argumentos baseados em estudos sobre o Português Brasileiro, pois, embora valha a comparação com outros idiomas, ela fica mais sólida quando se utilizam dados da própria língua em estudo, visto que as línguas parametrizam.

Segundo Couto (1997), / $\diamond$ / não é um segmento simples por razões históricas. A justificativa do autor tem como ponto de partida a análise que faz da estrutura silábica dos vocábulos proparoxítonos da Língua Portuguesa.

O estudo de Couto (1997) se constitui uma espécie de resposta, ou complemento, a uma comunicação de Silva (comunicação verbal)<sup>67</sup>. A autora apresentou segmentos que não podem se constituir *onset* da última sílaba dos proparoxítonos. Ela mostrou um conjunto de formas não possíveis na língua como \**mánilha*, \**gálinha*, \**córuja*, \**bólacha*, \**cigarro*, \**bilingue*. Silva (1995) relacionou essa restrição à interpretação dos *glides*.

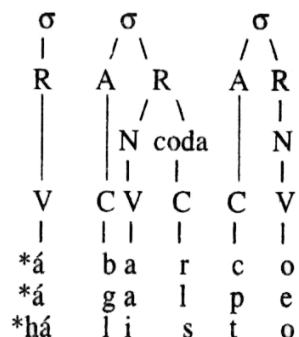
Couto (1997), diferentemente da autora citada, atribuiu essa restrição à estrutura interna dos segmentos e a relações heterossilábicas, enfatizando que tais segmentos não ocorrem no aclave silábico da última sílaba dos proparoxítonos, pois se constituem segmentos complexos, fazendo, portanto, que a sílaba precedente se torne pesada.

Couto (1997) aponta um conjunto de vocábulos proparoxítonos possíveis de ocorrer em Língua Portuguesa. Nesses vocábulos não se encontram os grupos de palatais      vibrante múltipla /R/ e suas variantes     as semiconsoantes    sílaba

<sup>67</sup> De acordo com Couto (1997), ocorrida no Seminário Internacional de Fonologia, realizado nos dias 17, 18, 19 e 20 de abril, em Porto Alegre.

final (Couto (1997, p. 131) assinala que a penúltima sílaba dos proparoxítonos não pode ter rima ramificante:

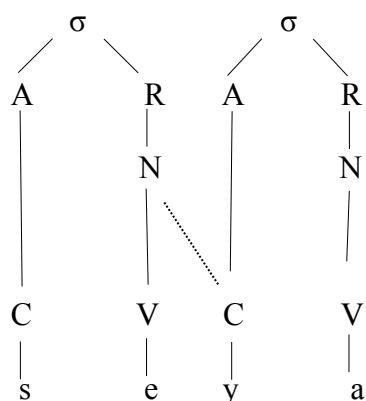
(23)



Os argumentos de Couto (1997, p. 132), para essa restrição, estão ligados a dois aspectos: “Todos esses segmentos são provenientes da fusão histórica de mais de um segmento e/ ou se comportam como se fossem segmentos complexos”.

A restrição de ocorrência das palatais nas proparoxítonas é atribuída ao fato de nenhuma delas existirem no latim<sup>68</sup>. O autor afirma que se constituem inovações românicas. Sua existência está geralmente ligada à presença de grupos como /*er*/, /*nj*/. Acrescenta que o fato de segmentos como /*ɛr*/ e /*ɲj*/ se realizarem por meio de semiconsoantes, como em *er* já justifica sua natureza híbrida na língua. A palavra **ceia** poderia ter a seguinte representação, segundo Couto (1997, p. 111):

(24)



<sup>68</sup> Para detalhes sobre as restrições referentes aos outros segmentos mencionados pelo autor, consultar Couto (1994, 1997).

<sup>69</sup> [y] corresponde, nos exemplos retirados de Couto (1997), ao segmento [j].

Couto 1997 explica que o segmento ambissilábico /j/ se bifurca, tornando pesada a primeira sílaba.

Couto (1997, p. 133), estranhamente, afirma que as palatais não são consoantes complexas. Talvez ele quisesse afirmar que não se trata de consoantes formadas de uma consoante simples mais uma articulação secundária.

Parece que o autor utiliza a forma **complexo**, inicialmente, numa acepção diferente daquela que se utiliza para segmentos complexos neste trabalho (CLEMENTS; HUME, 1995). Ele atribui o termo complexo a essas consoantes pelo fato de terem sido submetidas a uma formação complexa, focalizando mais o aspecto histórico. Por exemplo, /ɲ/, proveio de *pl*; /ɲ/ do grupo *lj*. Entretanto, acrescenta que /ɲ/ se atualiza por meio de um segmento complexo no Português, isto é, por meio de um segmento com articulação secundária como, por exemplo, em [ɲ̥ɲ̥] (●◆◆◆◆◆)

Essa perspectiva, como se verá na seção seguinte, vai de encontro aos pontos de vista apresentados por Hernandorena (1997). Para ela, tanto /ɲ̥/ como /ɲ/ são segmentos complexos, pois apresentam mais de uma articulação no trato oral. Aquele se manifesta numa fase desenvolvimental e esse caracteriza o estabelecimento da palatal.

Wetzels (1997) também apresenta um ponto de vista um tanto diferente do de Couto (1994) quando considera [ɲ̥] um segmento de dupla articulação, mais especificamente, uma geminada. Todavia, a diferença entre o ponto de vista de Couto (1994) e dos dois outros autores mencionados não trazem prejuízos para a contribuição que se tomou emprestada ao autor, pois sua análise revela que /ɲ̥/ não pode ser um segmento simples e, por isso, submete-se a algumas restrições. Para finalizar, Couto (1997, p. 137) conclui que:

O mais importante disso tudo que vimos acima é que realmente os proparoxítonos não admitem rima pesada (ramificante) na penúltima sílaba e, tampouco, ditongo ou vogal nasal na última sílaba. Podemos até ter aclives complexos na última (sêxtuplo), penúltima (parágrafo) e na antepenúltima sílaba (plástico), bem como rima pesada na antepenúltima (sêxtuplo), mas não rima pesada na penúltima, ou ditongo ou vogal nasal na última sílaba.

Wetzels (1997) considera as palatais /ɲ̥/ e /ɲ̥/ como segmentos de articulação complexa. Um dos argumentos utilizados pelo autor pauta-se sobre o fato de esses segmentos se submeterem a algumas restrições por apresentarem caráter heterossilábico. Aqui serão apresentados alguns argumentos utilizados pelo autor para se considerar [ɲ̥] como um segmento complexo<sup>70</sup>.

<sup>70</sup> Para detalhes quanto aos argumentos utilizados para [ɲ̥], consultar texto completo de □ Wetzels (1997).

Wetzels (1997) afirma que se constitui evidência de que / $\text{ɔ̃}$ / é um segmento geminado o fato de que só pode ocorrer em posição intervocálica. Assim, [ $\text{ɔ̃}$ ] não ocorre em posição inicial, em Língua Portuguesa, porque sua ocorrência implicaria a presença de uma rima que lhe precedesse, à qual pudesse se estender, formando uma coda. O autor adverte para o fato de que / $\text{ɔ̃}$ / ocupa duas moras. Uma delas se estende para a coda da sílaba anterior, formando uma rima ramificada. Isso impediria a presença desse segmento no início de palavra e, por outro lado, restringiria sua presença a alguns contextos. Wetzels (1997) afirma, ainda, que em alguns casos, quando se tem palavras estrangeiras iniciadas por / $\text{ɔ̃}$ /, no Português do Brasil, ocorre uma epêntese de [i], tendo-se a forma [i]lhama, em lugar de lhama.

Outra evidência apontada pelo autor guarda relação com a posição do acento. Se / $\text{ɔ̃}$ / ocorre em sílaba final de palavra que contenha pelo menos três sílabas, a tônica ocorre na penúltima sílaba. Essa funciona como uma sílaba pesada devido à presença da palatal na sílaba seguinte (bara[ $\text{ɔ̃}$ ]o). Outros argumentos se relacionam ao fato de [ $\text{ɔ̃}$ ] não suceder uma rima pesada. Isso aconteceria porque essa rima já apresentaria peso silábico Máximo (\*par[ $\text{ɔ̃}$ ]amento). A sua incompatibilidade com os proparoxítonos é outra justificativa usada pelo autor; ou seja, [ $\text{ɔ̃}$ ] não ocorre em sílaba final de proparoxítonos (COUTO, 1997).

Um argumento final e bastante elucidativo para esta investigação diz respeito ao fato de / $\text{ɔ̃}$ / ser realizado, em algumas variedades do Português, por meio de [j] como em  $\text{ɔ̃} \rightarrow \text{j}$ . Wetzels (1997) encontrou em Cagliari (1974) o alofone [l $\text{ɔ̃}$ j]<sup>71</sup> para / $\text{ɔ̃}$ /. Essa realização é interpretada por Wetzels (1997, p. 221) da seguinte forma: “*This phonetic realization of the phonological geminate can be understood as the surface sequencing of the underlying consonantal and vocalic places of articulation, each of which is realized on one of the two available timing unit*”.

Para Cagliari (1974), essa realização guarda relação com o fato de as palatais serem mais longas do que as não palatais. São, por isso, também, mais distensas, o que pode tornar perceptível a presença de um *glide*. Isso poderia desencadear certo enfraquecimento, diz o autor. A palatal poderia realizar-se como um segmento palatalizado, ou mesmo palatal, seguido de um glide, ou mesmo por meio de um glide, realização já atestada em alguns estudos sobre / $\text{ɔ̃}$ / (CAGLIARI, 1974; HERNANDORENA, 1997; MACHADO, 2003).

A informação encontrada em Cagliari (1974) reforça o fato de se ter considerado [l $\text{ɔ̃}$ ] como uma espécie de intercessão entre /l/ e / $\text{ɔ̃}$ /. A realização palatalizada se manifesta, na Língua Portuguesa, como alofone dos dois segmentos. Parece também se constituir, para usar

<sup>71</sup> Realização parecida foi encontrada por Machado (2003) para a fala de Marabá-PA.

as palavras de Hernandorena (1994), uma fase desenvolvimental, de transição entre ambos. Essa fase se estabiliza por meio do desligamento de nós, para a lateral alveolar [l] e por meio da ligação, para a lateral palatal [ɫ].

Isso tudo se constitui argumento para não se considerar [ɫ] um segmento simples em Língua Portuguesa, mas um segmento de articulação complexa, conforme propõem Hernandorena (1994), Couto (1997), Wetzels (1997) e Brescancini (2003).

#### 4.2.5 Semivocalização

Conforme se disse anteriormente, a palatalização foi a regra mais produtiva em Itaituba. Entretanto, as variantes de /l/ podem ser ainda representadas por outros alofones que decorreram da aplicação da semivocalização e do apagamento.

Apesar de esses dois fenômenos terem ocorrido de forma bastante tímida no *corpus*, em palavras como **eli**, **daqueli**, **deli** e **família**, apresenta-se, abaixo, a interpretação e representação das duas regras citadas, respectivamente.

Conforme já foi dito em páginas anteriores, há uma tendência nas línguas de se desfazer segmentos complexos. Clements (1989a) faz referência a operações por meio das quais a articulação secundária pode tornar-se articulação primária por meio dos processos de simplificação e promoção. Nesse caso, a articulação secundária adquire *status* de articulação primária. É o que parece acontecer com a articulação vocálica de /l̥̃/.

Antes de explicitar esses processos, é preciso reafirmar que [j] é entendido como uma forma que deriva da intermediária [l̥̃]. Assim, depois do primeiro estágio da palatalização, /l̥̃/ bifurca-se em dois caminhos distintos. Um deles caracteriza o aumento de força articulatória. Esse trajeto está representado por meio do segundo estágio da palatalização. O outro caminho é caracterizado pela perda de energia articulatória. O estágio que representa esse enfraquecimento é representado por [j].

A passagem de [l̥̃] a [ɫ] representa aumento de energia articulatória, enquanto a semivocalização e o apagamento indicam perda de energia articulatória. Nas palavras de Bisol (2006), parece se tratar de duas regras que estão em competição, visto que o contexto é o mesmo, levando-se em consideração a geometria do gatilho.

A mudança de consoante para um vocóide caracteriza o enfraquecimento. O contrário representa o fortalecimento. No primeiro caso, os traços são religados, automaticamente, ao V-place node. No segundo, os traços são, automaticamente, religados ao C-place node. Essa

operação preserva o lugar de articulação. Isso é possível porque a FGT prevê lugares de articulação unificados para consoantes e vogais.

Esses fenômenos já foram evidenciados na passagem do Latim para o Português. O segmento [j], em posição inicial, passou à fricativa, de acordo com a literatura da área. Cagliari (1974) afirma que o aparecimento das palatais é caracterizado pelo deslocamento dos lugares de articulação e pelo reforço na pronúncia. Cagliari (1974) assinala, ainda, que a despalatalização caracterizaria a perda de força articulatória e a fixação da palatal representaria aumento dessa força. Isso fica comprovado por meio de sua duração; essas consoantes são sempre mais longas em relação às não-palatais. Para o autor, a passagem de [◊] a [l<sup>h</sup>] ou de [l<sup>h</sup>] a [◊] é facilmente possível. Os dois caminhos acontecem na Língua Portuguesa. Essa transição está representada em (25)<sup>72</sup>:

(25)

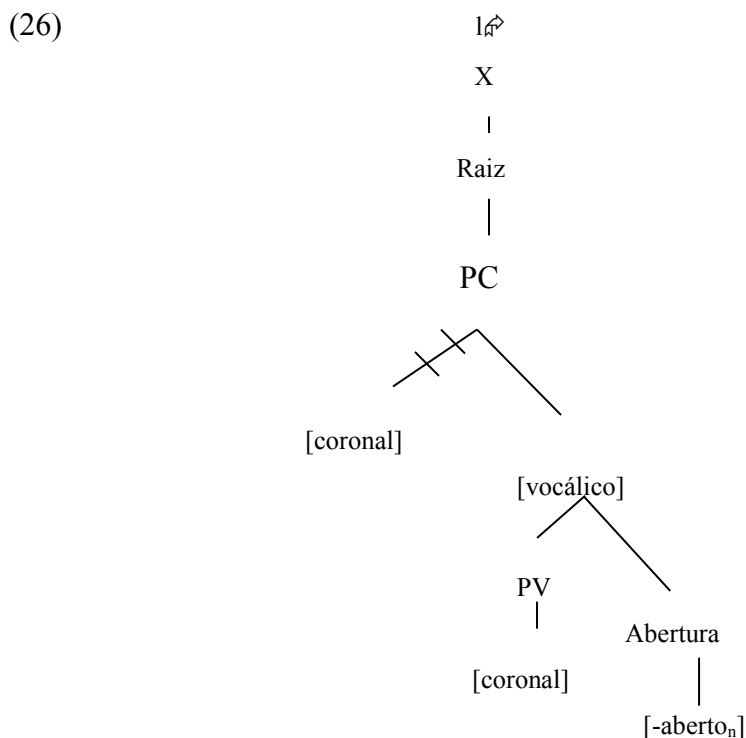
- a) lj → l<sup>h</sup> → ◊  
 b) ◊ → l<sup>h</sup> → lj

No esquema (25a), tem-se a representação do aumento de energia articulatória. O esquema (25b) indica o inverso.

A semivocalização de [l<sup>h</sup>] é aqui entendida como desligamento do nó coronal que está sob o C-place, conforme representação abaixo, o que gera um segmento que exige menos força articulatória, conforme se pode visualizar em (26):

---

<sup>72</sup> Adaptado de Cagliari (1974, p. 110).



É comum se verificar, no Português do Brasil, principalmente na zona rural, esse tipo de alofonia, conforme *Atlas Linguísticos* citados.

Tradicionalmente, a semivocalização é interpretada como um estágio que deriva de / $\diamond$ /. A passagem referida em (25) levanta a questão quanto à semivocalização ser um estágio que deriva de [lʁ̃] quando ocorre alofonia tanto de /l/ quanto de / $\diamond$ /. Cagliari (1974), Silva (1999) Machado (2003), dentre outros, afirmam que, não raro, / $\diamond$ / se realiza, em Língua Portuguesa, como [lʁ̃] ou [lʁ̃j], ou seja, por meio de formas em que se verifica o enfraquecimento de / $\diamond$ /. Assim, quando se leva em consideração a energia articulatória, pode-se supor que /lʁ̃/ se constitui um estágio intermediário entre [ $\diamond$ ] e [j]. Em outras palavras, ter-se-iam as seguintes etapas:  $\diamond > lʁ̃ > j$ .

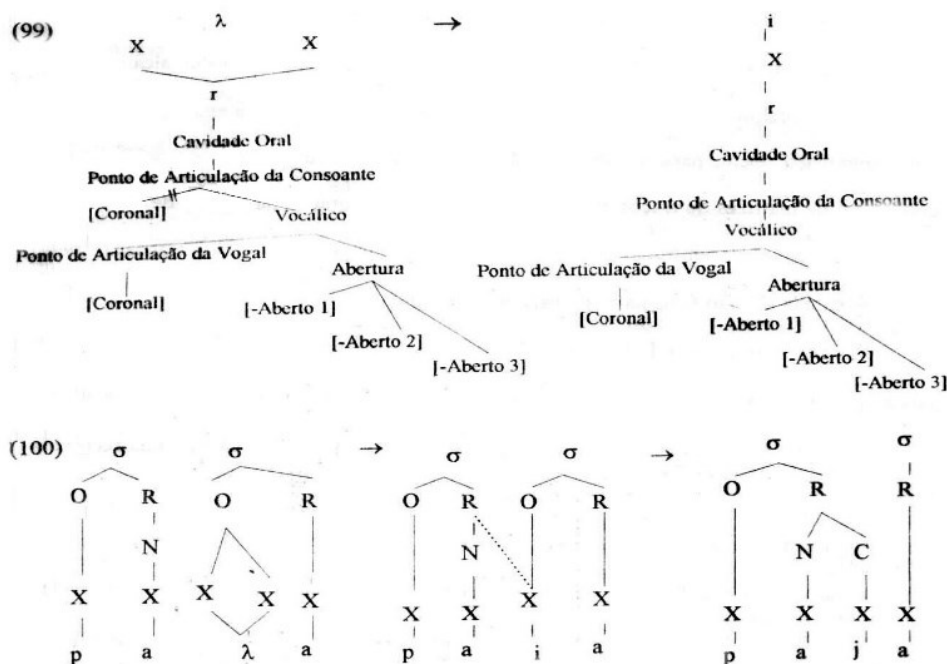
A representação adotada para a semivocalização se assemelha, em alguns aspectos, à de Silva (1997) para as substituições de / $\diamond$ /. Apresenta diferenças como a que diz respeito à interpretação de implementações silábicas<sup>73</sup>. Para Silva (1997, p. 97), a passagem  $\diamond > j$  é entendida como “desligamento do traço [coronal] sob o Nó Ponto de Articulação da Consoante, com o desligamento simultâneo da Unidade Temporal X e a obtenção do segmento simples [j]”. O autor apresenta como exemplo as formas [‘ $\square \diamond \diamond \diamond$ ’ > ‘ $\square \diamond \epsilon \diamond$ ’]. Até aqui as duas análises, grosso modo, encontram-se.

<sup>73</sup> Apesar de haver outras discrepâncias entre Silva (1997) e este trabalho com relação a algumas interpretações, vai-se focalizar, aqui, especialmente a que diz respeito à implementação silábica.



Silva (1997) considera que, na palavra **palha**, tem-se uma sílaba leve (pa), formada por um *onset* e uma rima. Essa rima tem apenas o núcleo silábico ocupado. Afirma que a sílaba seguinte (lha) apresenta um *onset* ocupado pela soante palatal geminada [ʎ], ou seja, por dois tempos, e uma rima, em que apenas a posição de núcleo está ocupada, constituindo-se uma sílaba leve, conforme se visualiza em (27), extraído de Silva (1997, p. 98):

(27)



Segundo Silva (1997), a posição de *onset* não pode ser ocupada pelo segmento que resulta do desligamento da articulação maior de /ʎ/. Por isso, ocorre a ressilabação, explica. O segmento que resulta da semivocalização passa a ocupar a posição de coda da sílaba imediatamente anterior que passa a se constituir uma sílaba pesada, conforme está expresso na FIG. 100 de Silva (op. cit). Essa interpretação implica que o falante pronunciaria  $\sigma \lambda \nu \mu \text{er} \sigma \lambda \nu \mu \text{er}$  o que, segundo Couto (1994, 1997), representaria uma fala muito artificial.

A perspectiva de Silva (1997) traz implícito o ponto de vista segundo o qual não há ditongos crescentes em Português. Está de acordo, em parte, com a interpretação que Bisol (1989) apresenta para os ditongos crescentes em Língua Portuguesa. Para ela, esses ditongos só existem no nível fonético. Entretanto, há um outro ponto de vista que defende a existência de ditongos crescentes nessa língua. Todavia, não são, exatamente, esses diferentes pontos de vista sobre ditongos que se irá discutir aqui.

Apesar das divergências quanto à existência ou não de ditongos fonológicos, a interpretação de Bisol (1989) não sugere que [j] ocuparia a posição de coda. Bisol (1989) afirma, embora sua posição para a existência de ditongos fonológicos seja diferente da de Couto (1997), que em palavras como [ʃjɔ̃ɐ], [j] está na posição ótima da consoante em Língua Portuguesa. Daí, não considerar a existência fonológica de ditongos crescentes. Para ela, o que ocorre nessa posição é uma consoante<sup>74</sup>.

Couto (1997), ao discutir os ditongos, alega que há ditongos crescentes na língua Portuguesa. Eles podem ser encontrados, segundo o autor, em vocábulos que apresentam uma estrutura silábica especial, como a verificada na palavra *ceia*, que seria assim pronunciada [ʃ.ɲ.ɛ.ɪ.ɐ].

A inquietação causada pelo trabalho de Silva (1997), nesse ponto, diz respeito ao fato de ele propor a ressilabação para um conjunto de palavras que resultam da semivocalização de /ɔ̃/. Isso parece estranho, pois, como é sabido, o padrão silábico preferido universalmente e na língua Portuguesa é o padrão CV. Quando Silva (1997) sugere a ressilabação, propõe que ela ocorra no sentido de se sair de uma estrutura silábica preferencial para outra que não é o padrão da língua. Assim, parece mais adequada a proposta de Couto (1994; 1997) que prevê a seguinte silabação para **velhaco** e **velha**: [ʃ.ɲ.ɛ.ɪ.ɐ.ɔ̃.ɐ] e [ʃ.ɲ.ɛ.ɪ.ɐ.ɔ̃.ɐ].

O complemento dessa afirmação fica por conta de Couto (1994, 1997), ao afirmar que o segmento que resulta da semivocalização de [ɔ̃] tem natureza semiconsonantal, podendo, assim, ocupar a posição de *onset*. Nesse tipo de estrutura silábica, não haveria necessidade de ocorrer ressilabação, pois, ao contrário do que diz Silva (1997), o segmento que resulta da semivocalização, nesse tipo de sílaba, pode ocupar a posição de *onset*, pois deriva de uma forma que apresenta natureza híbrida.

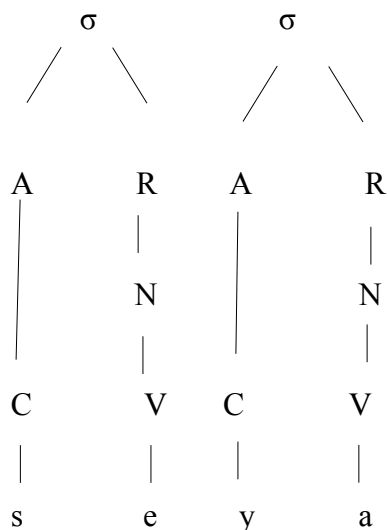
Talvez a interpretação de Silva (1997) tenha alguma ligação com fato de se perceber, auditivamente, um segmento na coda da sílaba que antecede o segmento semivocalizado. A proposta de Couto (1997) explica essa percepção que faz ouvir: [ʃ.ɲ.ɛ.ɪ.ɐ:], [ʃ.ɲ.ɛ.ɪ.ɐ.ɔ̃.ɐ]. Couto (1994; 1997), primeiramente, justifica a presença de [j] na posição de *onset*, argumentando que esse segmento poderia ser interpretado, a princípio, como uma consoante<sup>75</sup>. Assim, na palavra *velha* ter-

<sup>74</sup> Os argumentos utilizados nesta seção não têm a intenção de discutir a existência ou não de ditongos fonológicos, pois isso não se constitui o objeto principal deste trabalho, mas usar os argumentos de Bisol (1989) e Couto (1994; 1997) para justificar a posição de que em palavras como **palha** e **velhaco** o segmento que resulta da semivocalização pode ocupar a posição de *onset*. Para maiores detalhes sobre o assunto, deve-se consultar Couto (1994; 1997) e Bisol (1989).

<sup>75</sup> De Paula (2004), ao estudar a língua Awanawa, assinala que vogais altas ocupam o *onset* silábico. Elas sofrem um processo de consonantização e se realizam como *glides* na estrutura de superfície. A preferência pela sílaba

se-ia duas vezes o padrão silábico preferido na língua Portuguesa: CV – CV, conforme se pode visualizar em (28).

(28)



Em seguida, pauta-se na proposta autosegmental de Goldsmith (1990) e em Clements e Keyser (1983) para justificar seu ponto de vista quanto à percepção de um segmento na coda da primeira sílaba da palavra **ceia**.

O modelo de sílaba composto por diferentes camadas, proposto por Goldsmith (1990), constitui-se a base para os argumentos de Couto (1997). Essa representação arbórea prevê uma estrutura interna da sílaba que é constituída por um *onset* e uma camada denominada rima que se bifurca em coda e núcleo.

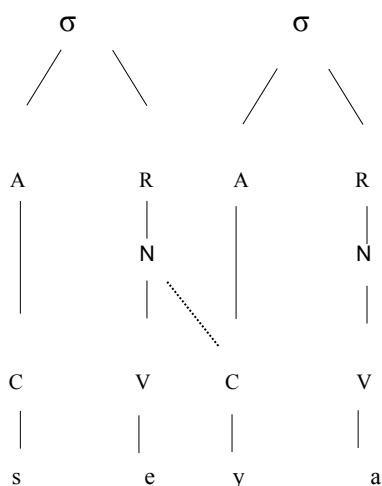
Ao apresentar a estrutura silábica da palavra **ceia**, em (28), Couto (1997) já comprova que [j] ocuparia a posição ótima na sílaba. Para ele, esse argumento já seria suficiente para justificar que [j] poderia ocupar a posição de *onset* nesse tipo de vocábulo. Entretanto, como, na maioria dos casos, tem-se a impressão de se estar ouvindo um segmento na posição de coda da sílaba que antecede [j], em palavras como **ceia**, o autor, recorre aos autores acima, a fim de explicar essa impressão por meio de uma proposta, segundo a qual, um segmento pode estar ligado a dois nódulos (CLEMENTS; KEYSER, 1983; GOLDSMITH, 1990).

A representação em (29) permite representar a ambissilabidade. Sua recuperação dá conta de explicar porque [j] parece estar associado à sílaba precedente e à seguinte, no caso de palavras como **ceia**.

---

leve em detrimento da pesada estaria ligada à estrutura silábica preferida e restrições silábicas dessa língua. Algo similar, no que se refere à consonantização, parece acontecer no Português.

(29)



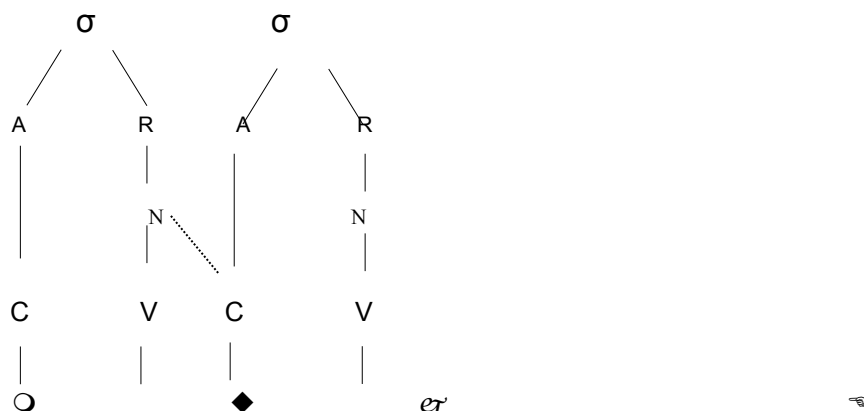
Quando se tem um ditongo crescente, diz Couto (1997), há um eco da semivogal desse ditongo sobre a sílaba precedente, passando, assim, esse segmento assilábico a se constituir também coda da rima da sílaba precedente. Isso decorre do caráter ambissilábico desse segmento, explica Couto (1997). Clements e Keyser (1983, p. 58) afirmam que “um segmento P é ambissilábico se dominado por dois nódulos”. Assim, poder-se-ia propor a representação acima para a palavra **ceia**, considerando-se que /j/ é ambissilábico.

Esse segmento ambissilábico pode se juntar aos segmentos vocálicos anterior e posterior das sílabas da palavra **ceia**, conforme se verifica em (29). Nesse caso, para Couto (1994; 1997), ter-se-ia dois ditongos: um decrescente e outro crescente.

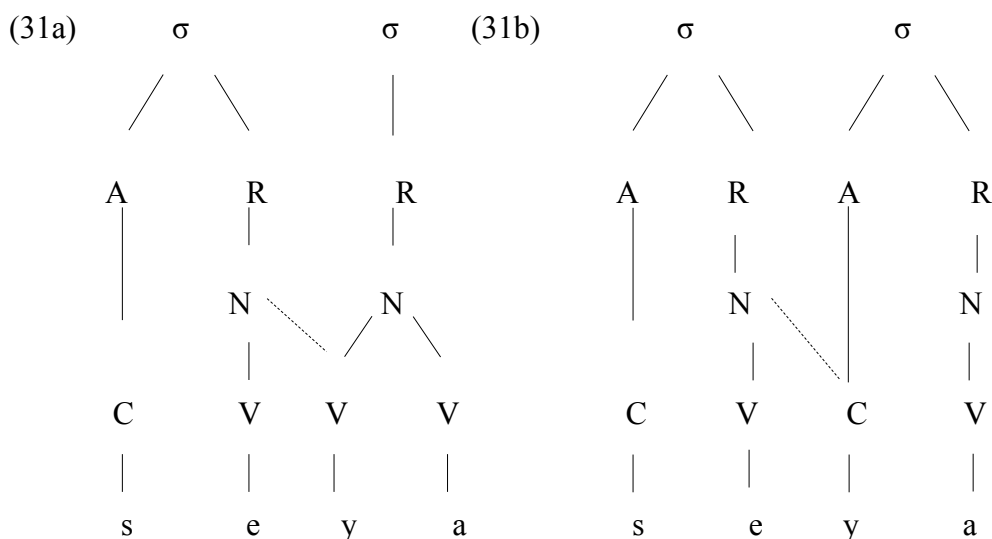
Um problema que se apresenta, a partir dessa análise, diz respeito ao fato de [j] estar ligado ao nódulo de C e não ao de N. Oiticica (1955, p. 158), segundo Couto (1997, p. 111), diz que “em palavras como maior (maj-jor), feia (fej-ja), o primeiro [j] é claramente vocálico, já o segundo, é claramente uma consoante”. Couto (1997) atribuiu a esse segmento função semiconsonantal. Os argumentos do autor se pautam no fato de [j] apresentar natureza híbrida, tanto que em palavras como **velha**, **vinho**, no falar rural, diz ele, realiza-se na posição de uma consoante. Assim, pode estar dominado por C ou por N.

Outra evidência apresentada por Couto (1997) relaciona-se ao fato de ter identificado, na fala crianças, formas como **boja (bola)**, **kojo (colo)**. O segmento [j] ocupa a posição de uma consoante. Tudo isso o leva a defender a semiconsonantalidade de [j]. Com base nesse entendimento, a forma **muié**, que resultaria do desligamento da articulação maior de [lʃ], seria representada, como abaixo, em decorrência da ambissilabidade do segmento [j], de acordo com Couto (1997, p. 112):

(30)



Pontes (1972) acrescenta que [j] poderia estar ligado a N, como se pode visualizar (30a). Isso, entretanto, no seu entendimento, não argumenta contra a ambissilabidade desse segmento, ao contrário, fortalece sua natureza híbrida, visto que pode ligar-se com o núcleo da sílaba seguinte ou com o precedente, conforme (31b).



Hernandorena (1995), tal como Silva (1997), também apresenta a substituição de /◊/ por [y]. Um exemplo dessa substituição ocorre na palavra **gelado** [ʒɛlɐdɔ]. Note-se que a autora (op. cit) não recorre à ressilabação. Isso pode ser confirmado quando se leva em consideração a marcação da sílaba tônica. [y] ocupa a posição de *onset* (1997, p. 155).

Clements e Keyser (1983, p. 32) assinalam que “[...] *V-segments of syllable structure are freely allowed to dominate [-consonantal] segments, and C-segments are freely allowed to*

*dominate both [+consonantal] segments and [+higt, -consonantal] segments*”. Esse último caso se aplicaria a [j].

As semivogais têm sonoridade mínima quando comparadas às vogais. Elas apresentam um fechamento maior do que as vogais /i/ e /u/, o que as aproxima das consoantes, principalmente das líquidas. Segundo Silveira (1982), alguns foneticistas fazem distinção entre semivogais e semiconsoantes, pois acreditam que o segmento que vem depois da vogal, no ditongo, não apresenta as mesmas características do segmento que a antecede. Quando se encontram em ditongos crescentes, /j w/ são denominados semiconsoantes, pois se tem o estreitamento, que caracteriza as consoantes, e, depois, a abertura. Quando se encontram em ditongos decrescentes, em que se tem abertura seguida de fechamento, tem-se uma semivogal.

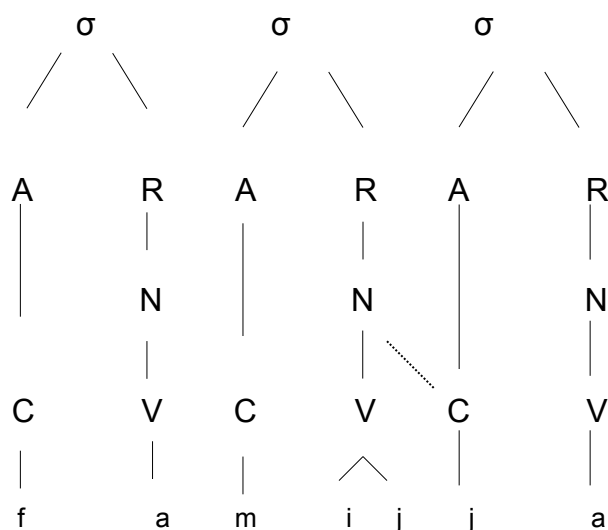
Na escala de soância, esses segmentos se localizam próximos às líquidas. O segmento /j/ apresenta alto grau de fechamento. Como /lʁ/ apresenta, em sua configuração, traços vocálicos, a alternância entre esses segmentos é muito favorecida.

Brescancini (2003, p. 300), com base em Keating (1988, p. 87), afirma que “as palatais [\*, ◆, ℳ, ●] envolvem basicamente uma constrição longa e ininterrupta de toda a parte laminal e pré-dorsal da língua, o que permite serem consideradas vogais frontais consonantais. [...] já que mantém o formato observado em [i]”. Essa descrição fonética ajuda a compreender melhor a alternância entre /lʁ/ /◆/ e /j/, em Língua Portuguesa, e fortalece o ponto de vista segundo o qual se constituem articulações híbridas nessa língua.

Magalhães (1994) assinala que os processos de silabação e os de ressilabação que decorrem das derivações, dependem das restrições e da relação entre os segmentos. Para ele, os processos de reassociação silábica estão ligados a princípios universais, ao tipo de sílaba que a língua permite, bem como a parâmetros restritivos. Sendo assim, a formalização apresentada em (32) é bem formada, pois, como se pôde verificar, não há nenhuma restrição quanto à presença de [j] na posição de *onset*. Ao contrário, quando se leva em consideração o Princípio de Sonoridade, esse segmento, juntamente com a vogal que o segue, formam uma sílaba ótima em Português, pois a soância cresce em direção ao seu pico, a vogal. Sendo assim, a relação de dependência entre os segmentos que formam o tipo de sílaba em análise apresenta uma relação que lhes permite ocupar a posição que ocupam em (32).

A interpretação adotada assume que [j] não sofreu ressilabação, ocupando, assim, a posição de *onset*. A impressão que se tem da presença de um [j], na coda da sílaba que antecede [j], resulta da ambissilabidade desse segmento. Assim, tem-se a seguinte representação para a forma [f◆●.´mij.ja]:

(32)



Em alguns casos, a impressão auditiva que se tem, nesse tipo de palavra, é de que a vogal da sílaba que precede [j] é alongada. Dada à semelhança entre [i] e [j], às vezes não se pode percebê-los individualmente. Deve ocorrer uma sobreposição entre esses segmentos. Entretanto, acusticamente, eles podem ser identificados. Tem-se como resultado a forma [mijja]. Isso decorre do eco do segmento ambissilábico e da posterior fusão entre os segmentos idênticos<sup>76</sup>.

Como se pôde constatar, [j] pode preencher as posições ocupadas por consoantes: a coda e o *onset*. Depois do desligamento referido, deve ocorrer um processo de consonantização. Talvez, dada à imbricação existente entre as articulações primária e secundária e, devido a questões fonotáticas, do desligamento não resulte um segmento vocálico, mas um *glide* [j]<sup>77</sup>.

Em decorrência do desligamento, [j] constitui-se um segmento mais frágil em relação a [j]. Além disso, localiza-se entre duas vogais, o que intensifica sua debilidade (BATH, 1978; CAMARA JR., 1995). Isso caracteriza o enfraquecimento da palatalização, ou seja, do

<sup>76</sup> Conforme se disse na Metodologia, com base em Dangelis (2002), quando segmentos semelhantes se encontram adjacentes, há impressão de que ocorre uma espécie de alongamento que resultaria do apagamento de um deles. Entretanto, como diz Dangelis (2002), em muitos casos não há apagamento; apenas se tem a impressão de um alongamento que resulta do fato de esses segmentos estarem lado a lado e apresentarem qualidades semelhantes. Diz Dangelis que a análise acústica aponta, muitas vezes, diferentemente do que os ouvidos indicam, dois segmentos em vez de apenas um. Isso reforça a necessidade de se submeter, em pesquisas posteriores sobre o tema, esses contextos a uma análise acústica. Para Barbosa (1997), muitas vezes se tem uma sobreposição entre esses segmentos.

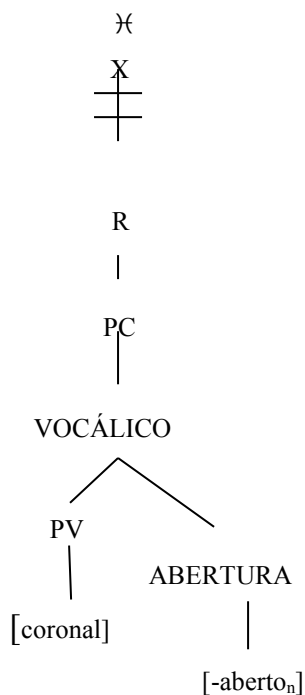
<sup>77</sup> Calabrese (1996) assinala que, ao ocorrer o desligamento da articulação primária, a articulação secundária fica ligada a uma raiz consonantal. Isso poderia também explicar sua consonantização. Cabe ressaltar, ainda, que, segundo Clements (1991), a articulação secundária, nos processos de simplificação de segmentos, assume, por meio do processo de promoção, o *status* de articulação primária. Note-se que essa, estava ligada a uma raiz consonantal.

desligamento da articulação consonantal decorre um segmento que apresenta caráter fragilizado devido à perda de energia articulatória. Tudo isso contribui para seu posterior apagamento.

#### 4.2.6 Apagamento

O apagamento é entendido como um estágio que segue a semivocalização. O PCO atua no sentido de desfazer estruturas que apresentam traços adjacentes idênticos. Note-se que em palavras como [xʲ → x̥] há um conjunto de segmentos que têm traços idênticos. Nesse sentido, não se tem uma boa-formação. Esse apagamento é favorecido também pela fragilidade de [j], acima mencionada. Segue a representação do apagamento de [j], considerando-se os traços pertinentes para o processo:

(33)



O apagamento e a semivocalização de [xʲ] em Língua Portuguesa, já foram amplamente atestados na zona rural. Note-se que nas localidades onde o fenômeno de apagamento aconteceu, ocorreu, também, o fenômeno de semivocalização. Veja-se que [j] e [ʲ] são comumente apresentados como alofones de /x/, conforme *Atlas Linguísticos* citados. Como a palatalização, de acordo com o ponto de vista aqui defendido, é uma regra que está ligada ao aumento de força articulatória e a semivocalização ao enfraquecimento, é possível que a semivocalização seja seguida pelo apagamento no Português do Brasil. Essas regras



devem derivar da intermediária [lʁ̥]. Como [ʁ̥] é também registrado como variante de /ɹ̥/, vale a comparação com o apagamento desse segmento.

Silva (1997) descreve o apagamento de /ɹ̥/ como desligamento do nó de raiz, e, assim, de todos os traços a ele subordinados. O autor apresenta o apagamento desse segmento considerando as seguintes etapas:  $\diamond > \text{ʁ̥}$  (SILVA, 1997).

Não seria possível que o apagamento de /ɹ̥/ precedesse sua semivocalização. Seria possível, por outro lado, inferir que o apagamento se aplica depois dessa regra. Um dado interessante, que tem por base resultados de pesquisas do PB, pode ajudar a entender melhor essa seqüência. O ALERS (2002) apresenta um conjunto de variantes para /l/ na palavra **família** (ANEXO B). Dentre elas, está [ɹ̥] e [j]. Entretanto, não há notícias de ocorrência do zero fonético. Isso pode dar a entender que [j] pode preceder [ʁ̥]. Os dados do ALPB mostram que ocorreu tanto a semivocalização como o apagamento de /ɹ̥/ (retomar seção 2). Assim, parece adequado se pensar num estágio caracterizado como em (34), quando se leva em consideração a perda de energia articulatória:

(34)

[j] → [ʁ̥]

Esta análise difere da que propõe Silva (1997) quanto a ser o zero fonético entendido como o apagamento de [ɹ̥]. A essa evidência empírica devem se somar outros argumentos de natureza teórica, mas corroborada por dados empíricos.

De acordo com o Princípio de Contorno Obrigatório, seqüências de segmentos ou traços adjacentes idênticos tendem a ser desfeitas. Isso pode dar uma pista a respeito da derivação desse apagamento. [j] caracteriza um estágio enfraquecido, logo, parece defensável que seja seguida pelo desligamento do nó de raiz, no sentido de satisfazer o OCP. Em palavras como **família**, **ele**, **deles** e **daquele**, /l/, obedeceria às seguintes etapas:

(35)

⊙●⊙ > ⊙●⊙ > ⊙er > [ʁ̥]

O ponto de vista adotado assume que, tomando-se por base evidências empíricas e pressupostos teóricos, a formação de [j] alimenta a regra de apagamento, ou seja, [l] > [ʁ̥], por meio das intermediárias [lʁ̥, j]. Nestes dados, há indícios de que o apagamento foi precedido por [j] em palavras como **família** e **ele**. Nas palavras em que não se tinha contexto para [j], não ocorreu apagamento. Os vocábulos **inteligente**, **lixo**, **lindo** são exemplos disso.

Como o apagamento só se aplicou às palavras acima mencionadas, pode-se depreender que essa regra incide sobre sílabas inacentuadas (C<sub>1</sub>C<sub>2</sub>V ou CV (C)), em final de palavra. Em outras palavras, aplica-se a contextos débeis (Quadro 3, p. 114).

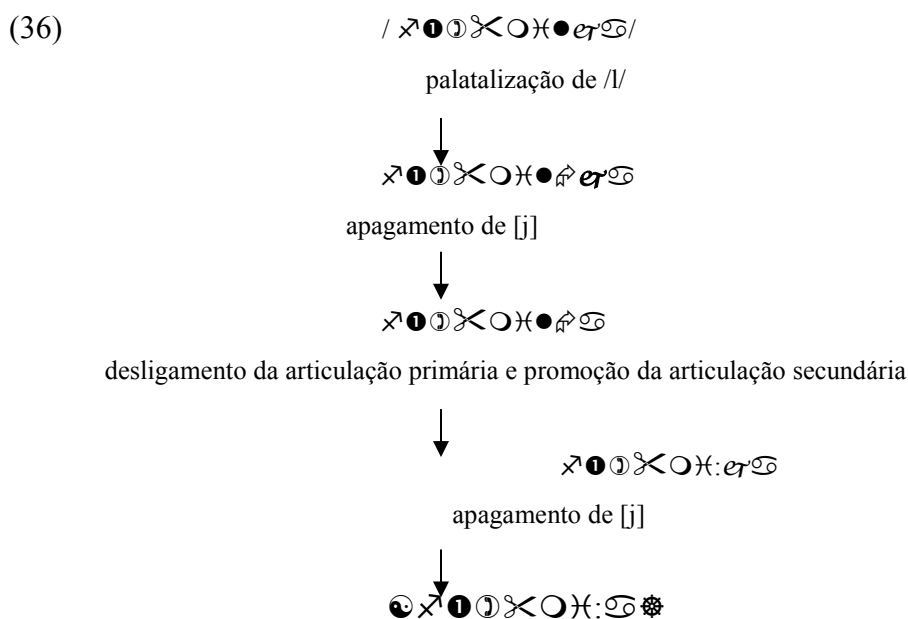
Note-se que, ao se ter o apagamento, por exemplo, na forma [xʷɔxɔ]:(ɛɔ)ɔ, tem-se a forma derivada [xʷɔxɔ]:(ɛɔ)ɔ. Tinha-se, lado a lado, um conjunto de segmentos que apresentavam o mesmo traço, o [coronal]. A hipótese é de que opera o OCP no sentido de desfazer essa seqüência, pois os segmentos são semelhantes. O que ocupa a posição mais débil na estrutura silábica é apagado.

Parece não haver argumentos fortes que justifiquem o apagamento de /ɔ/. Tudo indica que o segmento apagado foi [j]. Cagliari (1974) afirma que as palatais são segmentos caracterizados pela energia articulatória. Para ele, elas podem se manter firmes ou se movimentar em direção ao enfraquecimento por meio da semivocalização. O histórico dessas consoantes mostra os dois movimentos.

O enfraquecimento da palatalização inicia-se com a semivocalização por causa da perda de energia. [ɔ] é um estágio que caracteriza a estabilidade. Seria pouco provável que fosse apagado. Assim, na seqüência ● > ●ʷ > ɛɔ > ɔ esse último caracteriza o ponto máximo da debilidade. Note-se, também, que a semivocalização e o apagamento foram regras que se aplicaram a contextos caracterizados pela debilidade. Entra, aqui, com certeza, o papel da sílaba, conforme se verificou durante a análise quantitativa.

Antes de concluir os comentários sobre a supressão de [j], cabe fazer uma observação sobre o alongamento que Silva (1997) diz resultar da aplicação da regra de apagamento de /ɔ/. Inicialmente, poder-se-ia pensar que a presença desse alongamento poderia enfraquecer o ponto de vista segundo o qual [j] não se submeteu à ressilabação. Se o alongamento, nas palavras de Goldsmith (1990), é resultado geralmente do apagamento de um segmento que ocupa a posição de coda, então, [j] deveria ocupar a posição de coda, sendo, imprescindível, assim, a ocorrência da ressilabação, conforme propôs Silva (1997). Entretanto, ao contrário do que, inicialmente, pode-se cogitar, isso só faz fortalecer o ponto de vista assumido. Ora, conforme foi dito, [lʷ] é um segmento complexo. Esse segmento pode apresentar atuação heterossilábica, bem como [j], que resulta de sua semivocalização. Se esses segmentos são heterossilábicos, fazem com que a sílaba que os precede torne-se pesada. Nesse caso, a posição de coda é indubitavelmente preenchida (COUTO 1997; WETZELS, 1997; HERNANDORENA, 1997). Quando [j], ou mesmo /ɔ/, de acordo com o ponto de vista de Silva (1997), é apagado, tem-se como resultado o alongamento compensatório mencionado

em Goldsmith (1990), pois a coda foi apagada. Como se pode constatar, resgatar o alongamento só fortalece a hipótese de esses segmentos apresentarem caráter heterossilábico. Assim, enquanto Silva (1997) interpreta [ʃ] como um estágio subsequente à /t/ /d/ assume-se, aqui, que [ʃ] deriva de [tʃ] conforme se pode verificar nas representações, abaixo, para a forma **família**:



As duas primeiras representações acima apresentaram muita dificuldade no que diz respeito à sequência que obedeceriam. Não estava claro, e talvez ainda não esteja, se primeiramente ocorreu o apagamento da [j], e assim, a reestruturação silábica, no sentido de se construir a sílaba ótima para o padrão do Português; ou se atuou primeiramente o OCP para desfazer as sequências adjacentes idênticas de /ḷ i a/.

Na dúvida, recorreu-se às descrições apresentadas em algumas pesquisas sobre a palatalização de /t/ e /d/ no Brasil. Hora (1990) e Mota (1995) afirmam que houve supressão da semivogal que precedia ou seguia o alvo, no caso de /t d/, depois da aplicação da regra de palatalização. Hernandorena (1995) atribui isso à atuação do OCP no sentido de desconstruir formas que apresentem segmentos adjacentes idênticos. A palatalização, tanto do domínio da sílaba quanto do domínio da palavra, no Português do Brasil, de acordo com os estudos consultados, parece ser, variavelmente, seguida pela supressão de [j], a fim de se desfazer estruturas idênticas e se construir o padrão silábico preferido na língua (HERNANDORENA, 1994).

Bath (1978), ao estudar vários casos de palatalização, em diferentes línguas, afirma que a palatalização, quando se tem o *glide* como gatilho, é geralmente apagada depois da aplicação da referida regra. A escolha realizada (36) favoreceu a construção da sílaba ótima em Português e uma articulação que não exigia tantos segmentos semelhantes juntos, favorecendo uma boa formação.

Como se pôde notar, os alofones de /l/, no falar de Itaituba, apresentam uma gradação que envolve três regras: palatalização, semivocalização e apagamento. A partir da discussão apresentada, pode-se afirmar, como fez Espiga (2003), para a análise de /l/, em posição posvocálica, que esses alofones resultam da realização e combinação, em diferentes graus, dos processos de articulação secundária.

Para Calabrese (1996), os segmentos que resultam dos processos de palatalização, mais especificamente das oclusivas laminais, são sempre segmentos complexos. Os diferentes resultados da palatalização encontrados nas línguas românicas não estão ligados, de acordo com o autor (1996), à aplicação de diferentes regras fonológicas, mas aos diferentes *outputs* que decorrem da aplicação das diversificadas regras de simplificação. Essas variações têm a ver com as saídas dessas regras que, por sua vez, guardam relação com a qualidade dos segmentos que a elas são submetidos.

Determinados segmentos não são bem aceitos em certas línguas, visto que violam ou atingem seu grau máximo de complexidade. Nesse sentido, o filtro atuaria por meio da simplificação de segmentos. A fissão e o desligamento são dois tipos de regras que se aplicam no sentido de simplificar segmentos. O desligamento é uma regra que desliga um dos traços bloqueados pelo filtro. Enquanto a regra de ligamento tem como função converter segmentos simples em segmentos complexos, a função do desligamento é converter segmentos complexos em segmentos simples.

No caso do Português, as oclusivas alveolares se submetem a essa simplificação por meio da aplicação da regra de fissão atestada em trabalhos como de Hora (1990), Bisol e Hora (1995), Pagotto (2003). A aplicação dessa regra cria uma africada, ou seja, um segmento de contorno, [t<sup>h</sup> ʃ ɲ]. No caso da lateral alveolar /l/, tem-se a aplicação do desligamento e do ligamento depois do primeiro estágio da palatalização que cria uma consoante simples com articulação secundária palatal [l<sup>h</sup>]. O segmento que resulta da aplicação do ligamento é considerado complexo em Português, a saber: /ɰ/. Para Calabrese (1996), a aplicação da simplificação não pode criar segmentos complexos.

Talvez essa **não simplificação** esteja ligada ao fato de / $\diamond$ / se constituir um segmento complexo em Língua Portuguesa, conforme se pôde constatar em passagens anteriores. Assim, sua realização não implicaria má formação nem inconvenientes quando da articulação<sup>78</sup>.

Clements (1989a) assinala que a articulação secundária pode adquirir *status* de articulação primária. Ele explica que, em geral, esse processo é seguido pela simplificação de segmentos. A antiga articulação primária ou mesmo a secundária são desligadas. Para o autor (1989a), essa é uma preferência universal nas línguas. Em outros casos, mesmo quando ocorre a promoção do *tier*, não acontece a simplificação de segmentos. Tem-se uma forma marcada.

Como se disse anteriormente, / $\diamond$ / é segmento complexo no inventário fonológico da Língua Portuguesa. Entretanto, segmentos como [t $\diamond$ , d $\diamond$  l $\diamond$ ], ou seja, articulações que envolvem uma consoante simples e uma articulação secundária palatal não fazem parte desse inventário. Assim, é possível se pensar que, talvez, a formação de [ $\diamond$ ], a partir de [l $\diamond$ ], implique um certo grau de simplificação, não no sentido de formar segmento não complexo, mas no sentido de construir um segmento cuja complexidade já é comum na língua.

Esse ponto de vista está de acordo com Calabrese (1996), para quem a simplificação de segmentos está relacionada ao grau de complexidade permitida pelas línguas. Entretanto, acrescenta-se que o ligamento, numa outra perspectiva, poderia formar segmentos menos complexos no que tange à sua articulação numa dada língua; que se ajustam melhor ao nível de complexidade permitido pela língua. Nessa perspectiva, a função do ligamento continuaria sendo formar segmentos complexos, mas essa formação poderia implicar, de outra parte, com base no grau de complexidade comum numa dada língua, uma espécie de comodidade, facilidade articulatória.

As oclusivas alveolares /t d/, por sua vez, parecem se constituir segmentos simples no inventário do Português. Assim, quando são aplicadas a esses segmentos regras das quais derivam segmentos complexos, ocorre, geralmente, a simplificação desses segmentos no sentido apresentado por Calabrese (1996).

Quanto à qualidade dos segmentos que resultam do processo de palatalização, cabe ressaltar que um segmento como /l/, ao sofrer palatalização, é submetido a outros diferentes processos, chegando, inclusive, ao apagamento. Note-se que a palatalização das oclusivas alveolares, em Língua Portuguesa, não costuma apresentar esse tipo de saída. No segundo estágio da palatalização desses segmentos, aplica-se a regra de fissão. Note-se, ainda, que [j]

---

<sup>78</sup> O próximo estágio da palatalização de /l/ não poderia ser representado, como acontece com as oclusivas alveolares /t d/, por um segmento de contorno, pois, como bem diz Bisol (2006), as africadas não são campo para as laterais (cf. CLEMENTS; HUME, 1995; STERIADE, 1993, para detalhes).

não é atestado como alofone das oclusivas alveolares, ou seja, a semivocalização não é uma regra que se aplica após o segundo estágio da palatalização como acontece com /l/. Isso deve ter, também, relação com o fato de esse segmento apresentar muitos traços em comum com [j].

De acordo com Vanderweide (2005), as líquidas apresentam menor contraste com vogais/semivogais do que as plosivas. Isso licencia a alternância e sobreposição entre esses segmentos. A autora acrescenta que, na análise acústica, o sinal de /l/ é enfraquecido quando esse segmento se encontra diante de vogais. Como apresenta menos contraste no grau de abertura com esses segmentos, ocorre uma espécie de sobreposição entre eles. Isso é intensificado, obviamente, diante de [i j], já que esses segmentos, dentre os vocóides, são os que apresentam abertura mais próxima daquela que se verifica nas aproximantes.

Conforme foi dito anteriormente, a diferença entre [d, n, l] não está no lugar de articulação desses segmentos, mas no grau de constrição que apresentam. Dessa forma, pode-se relacionar os diferentes resultados dos processos de palatalização de [t/d, l], que decorrem da aplicação de diferentes processos, depois do primeiro estágio da palatalização, à constrição desses segmentos, ou seja, à sua abertura, portanto, também, à sua continuância<sup>79</sup>.

#### 4.2.7 Considerações finais

Uma escala que apresenta direção similar à do esquema (36) pode ser visualizada quando se consultam estudos referentes a uma outra líquida, a saber: a vibrante /r/, respeitando-se, obviamente, as peculiaridades referentes aos fenômenos que ocorrem com esse segmento e com /l/. Isso pode ser atestado em estudos como os de Votre (1978), Callou (1979, 1996), Oliveira (2002), Lima (2003), dentre outros.

De acordo com esses estudos, a variação alofônica de /r/ apresenta estágios que são caracterizados por uma posteriorização e enfraquecimento, principalmente em sílaba final de vocábulo, que culminam com o seu apagamento, e, conseqüentemente, com a simplificação do padrão silábico que passa de CVC a CV.

Lima (2003) apresenta, para a fala de Cametá-PA, a seguinte formalização para os estágios citados, levando em consideração a posição medial:

(37)

⊗ > ✕ > ≍ > ℞

<sup>79</sup> Kenstovicz (1994) assinala que a relação entre constrição e os lugares de articulação é muito estreita. Não há clareza sobre se um pode espraizar ou dissimilar sem o outro.

Já Oliveira (2002), para a fala de Itaituba, apresenta o enfraquecimento em estágio mais avançado para a posição final de vocábulo:

(38)

ɹ̥ > ʁ

É curioso notar que a frequência de apagamento de /r/ nas duas cidades paraenses é superior à frequência de apagamento na cidade do Rio de Janeiro, Salvador, Recife, Porto Alegre, São Paulo, assim como a palatalização de /l/ é significativamente superior à palatalização que ocorre, quando ocorre, nas demais cidades brasileiras (OLIVEIRA, 2002 p. 80; LIMA, 2003, p. 64, para dados relativos ao apagamento de /r/). Note-se, também, que os processos pelos quais /l/ passa levam à reestruturação silábica.

Os diferentes estágios aos quais /l/ é submetido, em posição posvocálica, também podem ser comparados com as etapas que esse mesmo segmento passa em posição prevocálica. Espiga (2003), ao analisar a distribuição dos alofones de /l/ no Rio Grande do Sul, encontrou estágios e processos bastante parecidos com os encontrados para /l/ na posição prevocálica. As etapas encontradas pelo autor (2003) foram, assim, descritas:

(39)

[l] [l̥] [l̥̥] [w] ʁ

Os diferentes alofones de /l/ foram estabelecidos levando-se em consideração ligamentos e desligamentos de nós. A presença de articulações secundárias, de semivocalização e de apagamento se constitui também semelhanças entre o comportamento de /l/ em posição pré e posvocálica. Parece que esse segmento apresenta certa tendência à semivocalização e ao apagamento. Isso pode decorrer do fato de alguns de seus alofones se realizarem por meio de segmentos complexos. Como esse tipo de realização, segundo Calabrese (1996), tende a se desfazer, o resultado dessa operação, aqui e no trabalho de Espiga (2003), pode ser caracterizado pelo desligamento do nó coronal do ponto de C, o que favorece sua realização por meio de um segmento semivocálico. Esse, por sua vez, no caso da posição pré e posvocálica, tende a ser apagado quando se encontra adjacente a segmentos que apresentam características similares e em contextos débeis, como no caso de

Enfim, segmentos como /l/ apresentam uma natureza híbrida. Note-se que no Alfabeto Fonético Internacional-IPA esse segmento é apresentado como aproximante<sup>80</sup>. Daí sua realização por meio de alofones consonantais e semivocálicos.

Quanto à regra de palatalização, pode-se dizer que está diretamente relacionada à constrição, isto é, aplica-se mais frequentemente a segmentos que apresentam alta constrição.

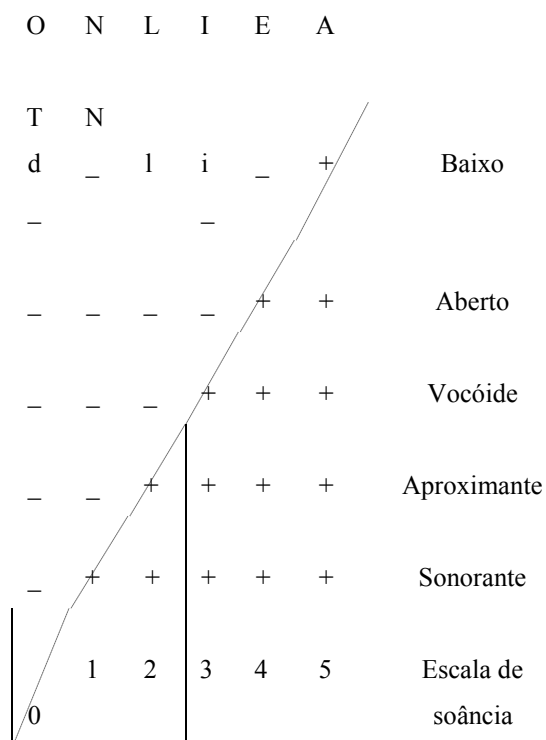
Clements (1989a) apresenta as consoantes dentais, alveolares, palatais e palatoalveolares e as vogais frontais como integrantes de uma mesma classe natural de segmentos. Isso significa que esses segmentos podem funcionar conjuntamente em regras fonológicas. Por exemplo, /t/, /d/, /n/, /l/ poderiam funcionar em regras de palatalização. Chama a atenção o fato de alguns segmentos em Língua Portuguesa palatalizarem mais do que outros: /t/ e /d/ palatalizam mais do que /l/. Talvez isso esteja ligado à relação dos segmentos consonantais e vocálicos que concorrem para a palatalização. Uma pista é oferecida pelo autor (1989a) quando afirma que a distinção entre [t, d, l] está no grau de constrição, bem como a diferença entre vocóides.

Note-se que, em Língua Portuguesa, são os segmentos consonantais (obstruintes) e vocálicos (vocóide alto), ou seja, os que apresentam mais fechamento dessas classes, que mais favorecem a aplicação da regra. Parece que a palatalização está mais propensa a acontecer quando se tem segmentos consonantais e vocálicos que apresentam menor abertura, conforme se pode visualizar na figura a seguir:

---

<sup>80</sup> Foneticamente, em alguns contextos, no Português do Brasil, esse segmento realiza-se como aproximante ou *glide*.





**Figura 11** – Relação entre soância/estreitamento e aplicação da regra no PB  
 Fonte: Clements, 1991.

A figura acima ajuda a entender melhor a tese apresentada. Note-se que, ao se traçar uma linha transversal nessa escala, dispondo-se (+) de um lado e (-) de outro, tem-se o desenho de um estreitamento em direção aos vocóides e consoantes menos soantes. Cabe lembrar que as classes que apresentam maior número de valores positivos, apresentam também maior soância e menor constrição, como a própria geometria da Figura 11 sugere. São os segmentos que se localizam nos pontos extremos da escala de soância (pontos indicados pela linha reta), dentre vocóides (grau 3) e consoantes (grau 0), em direção ao estreitamento, que mais se combinam para a palatalização.

Clements (1991) assinala que vogais que apresentam alta constrição requerem, nos *onsets* silábicos, consoantes que também possuam alta constrição. Parece que vogais e consoantes que apresentam alta constrição têm maior probabilidade de funcionarem juntas para aplicação da palatalização. São segmentos do Português que apresentam alta constrição, como /t d/, que se combinam de maneira mais produtiva para aplicação dessa regra. Isso reforça o fato de se atrelar a palatalização à energia articulatória, como fez Bath (1978), Cagliari (1974)<sup>81</sup>.

<sup>81</sup> A relação entre palatalização e energia articulatória (constrição) já foi sugerida na dissertação de mestrado de Cagliari (1974). Talvez sua formulação não tenha sido mais bem desenvolvida pela falta de argumentos teóricos, hoje encontrados na Fonologia de Geometria de Traços, modelo que se baseia na constrição.

Também parece esclarecer, de certa forma, o fato de /t d/ palatalizarem mais do que /n/ e esse mais do que /l/ em Língua Portuguesa, de acordo com a bibliografia consultada. Note-se que o segmento /n/ apresenta menos constrição do que /t, d/ e mais do que /l/<sup>82</sup>.

Outra evidência dessa relação é o fato de /i/ favorecer mais a palatalização do que /e/. De acordo com Camara Jr. (1985), Ilari (1992) e Tarallo (1994), ocorria, no latim, palatalização diante de [i j e]. Entretanto, foi sempre no contexto de [i j] que a palatalização foi mais produtiva. Apesar de [e i j] serem frontais, [i j] apresentam menor abertura do que /e/.

Isso sugere que numa dada classe natural de segmentos que inclui as coronais, pelo menos para o Português do Brasil, provavelmente, os segmentos que apresentam maior constrição irão se combinar mais produtivamente para a palatalização.

A palatalização de /l/ em Língua Portuguesa se constitui um problema maior do que a palatalização das oclusivas alveolares /t d/ e apresenta características bem particulares. Isso está relacionado à qualidade do segmento que se constitui alvo da regra em estudo. As sonorantes apresentam inerentemente um traço vocálico que emerge nos processos de assimilação (BISOL, 2006). A palatalização de /l/, como a palatalização das oclusivas alveolares /t d/, é uma regra variável que apresenta dois estágios, mas, diferentemente da que ocorre com /t d/, é seguida, variavelmente, pela semivocalização e apagamento. Os segmentos simples ou complexos, como [l<sup>i</sup> ◊], que representaram a variação de /l/ derivaram da aplicação de ligamento e desligamento de nós. Essa variação está diretamente relacionada à altura que corresponde, no sistema de Clementes (1991), à abertura, ou seja, à constrição.

---

<sup>82</sup> Hall (1997), ao tratar das propriedades das coronais, assinala que /t, d, n/ são mais facilmente submetidos à assimilação de traços de lugar.

## 5 CONCLUSÃO

O levantamento bibliográfico sobre a palatalização revelou que a palatalização de /l/ não foi praticamente tratada nos estudos linguísticos realizados no Brasil, diferentemente do que aconteceu com a palatalização das oclusivas alveolares /t d/. Do ponto de vista da Fonologia Autossegmental é menos provável que exista algum estudo sobre a palatalização de /l/, pois a adoção dessa abordagem é relativamente recente no Brasil. Além disso, a variação em estudo parece restringir-se a alguns espaços brasileiros.

As variantes encontradas para /l/ foram: lateral alveolar [l̥] lateral palatalizada [l̥ʲ] lateral palatal [l̥ʲ] glide anterior [ɹ̥] zero fonético [ɹ̥]. O número de dados referente às duas últimas variantes era muito reduzido, por isso, foram tratadas apenas fonologicamente. Essas duas variantes ocorreram principalmente na fala de pessoas não escolarizadas e da segunda e terceira faixas etárias, prevalecendo nessa última faixa de idade.

Os resultados da análise fonológica sugerem que a palatalização de /l/ em Língua Portuguesa está diretamente relacionada à altura. É uma regra que, tal como a palatalização das oclusivas alveolares /t d/, apresenta dois estágios. É seguida variavelmente pelas regras de semivocalização e apagamento e pertence ao domínio da sílaba.

As variáveis selecionadas pelo programa de regra variável, de acordo com a ordem de seleção, foram: escolaridade, gênero, contexto seguinte (sílabas), posição na palavra.

A palatalização da lateral alveolar /l/ deu-se exclusivamente diante de vocóides frontais altos. Dentro do grupo de fatores contexto seguinte foram os fatores [j ɪ] que favoreceram a regra. Esses resultados indicam que a palatalização está diretamente ligada à constrição, pois os contextos menos abertos foram os que mais favoreceram a aplicação da regra. Essa constrição é dada em função da posição que esses segmentos ocupam na sílaba, portanto, esses resultados têm relação direta com a estrutura silábica em que esses segmentos figuram. De outra parte, cabe ressaltar que embora esse tenha sido o terceiro grupo de fatores selecionado pelo IVARB, apresenta o mais alto peso relativo da análise quantitativa. O fator [j] recebeu peso relativo igual a .89, o que mostra sua forte atuação sobre a palatalização. Isso corrobora também os dados referentes à palatalização de /t d/ e mesmo de /l/ em outros espaços brasileiros, pois, nesses espaços, mesmo quando a palatalização de /l/ era desfavorecida, ocorria timidamente diante do contexto do *glide*.

Os contextos [j ɪ] só favoreceram a aplicação da regra quando se encontraram em contexto subsequente a /l/. Isso ratifica que essa palatalização pertence ao domínio da sílaba. Cabe completar que os contextos átonos favoreceram a regra mais do que os tônicos.

A posição inicial favoreceu significativamente a regra, enquanto as posições medial e final a desfavoreceram. Entretanto, cabe dizer que esse desfavorecimento ficou muito próximo do índice neutro, sendo assim, podem exercer atuação neutra sobre o fenômeno. Das hipóteses levantadas, apenas a referente à atuação da posição da variável no vocábulo não foi confirmada.

Os resultados referentes aos fatores de ordem social revelam significativa atuação desses fatores sobre a palatalização de /l/. O grupo de fatores escolaridade foi o primeiro a ser selecionado pelo IVARB. Mais escolaridade implica mais aplicação da regra.

O segundo grupo selecionado pelo IVARB foi a variável gênero. As mulheres favoreceram a palatalização. Os homens inibiram a regra. Isso mostra a relação entre a aplicação da regra e o gênero mais envolvido com o garimpo, espaço onde talvez predomine a variante alveolar.

Os resultados obtidos para as variáveis sociais, bem como a interpretação que para eles se construiu com base em dados sociais da vida de Itaituba, permitem indicar a palatalização da lateral alveolar /l/ como uma tendência que se constitui uma mudança em progresso no falar itaitubense.

A produtiva realização fonética da lateral alveolar /l/, por meio de uma variante palatalizada, em posição prevocálica, na cidade de Itaituba, vai de encontro ao que se verifica no resto do país. Enquanto nos outros espaços brasileiros se pratica a despalatalização de /l/ ou a variante alveolar para /l/, talvez no sentido de se evitar construções que apresentem traços idênticos, em Itaituba tem-se o caminho oposto. Esse percurso diferenciado, na evidência da informação estatística e social, parece decorrer da atuação de forças sociais diretamente ligadas à atividade garimpeira.

Os resultados obtidos parecem estar também relacionados a aspectos de natureza espacial e natural. As relações sociais detectadas em Itaituba estão ligadas ao seu espaço geográfico que apresenta características naturais especiais que atraíram um grande contingente de imigrantes. É possível que, no sentido de demarcar sua identidade, os itaitubenses tenham acentuado o uso da variante palatalizada. Assim, pode-se dizer que essa variante se constitui marca nativa.

A seleção realizada pelo programa de regra variável que priorizou os grupos de fatores sociais e o percurso diferenciado que a palatalização de /l/ faz em Itaituba revelam a significativa atuação de forças sociais sobre esse fenômeno. A tendência à palatalização de /l/ existe na língua. Como é obstaculizada por algumas restrições, ocorre muito timidamente em alguns espaços brasileiros. São os fatores sociais que desencadeiam e acentuam essa variação em Itaituba.

Talvez esta pesquisa se constitua o primeiro estudo de natureza sociolinguística sobre a palatalização de /l/ no Português do Brasil. Como em todo estudo inicial, seus resultados não podem ser encarados como definitivos. São apenas imagens preliminares do fenômeno no Brasil. Eles apontam para uma conclusão não definitiva sobre essa variação do Português. Apresenta limitações e sugestões para futuras investigações. Elas dizem respeito à realização de análise acústica e/ou palatográfica de /l/; construção de um *corpus* com maior número de dados que talvez permita tratar quantitativamente algumas variantes que em função do número reduzido de dados não puderam ser submetidas à análise quantitativa; realização de levantamento de dados em outros bairros da zona urbana de Itaituba, bem como em sua zona rural; estudo sistematizado sobre atitudes linguísticas a fim de se corroborar, por meio da fala dos itaitubenses e nordestinos, especialmente os maranhenses que moram na cidade, a avaliação que fazem da variante palatalizada e da variante alveolar; e realização de pesquisa sobre o tema em outros espaços brasileiros. Note-se que as comparações destes resultados só puderam ser realizadas com resultados referentes aos das oclusivas alveolares pelo fato de não se ter encontrado outros estudos sobre a palatalização de /l/.

Cabe ressaltar que, em alguns momentos, os resultados só favoreceram que se construíssem novas hipóteses sobre o fenômeno. Assim, eles devem ser corroborados por outras pesquisas a respeito da palatalização de /l/ para que se possa, a partir de futuras averiguações, confrontar dados com vistas a se elaborar conclusões mais seguras sobre esse fenômeno. Os futuros estudos poderão indicar, corroborar os fatores que norteiam essa variação, pois pouco ainda se sabe sobre ela. Assim, espera-se que esta tese se constitua estímulo para a realização de outras pesquisas sobre o tema no Brasil.

Espera-se, por fim, que estes resultados possam provocar um redimensionamento nos registros de fonética e fonologia do Português. Atualmente, parece não haver nenhum estudo de fonética e/ou fonologia do Português que se atenha cuidadosamente à realização de /l/ por meio de uma variante palatal ou palatalizada. Há necessidade de que se realizem registros mais completos, isto é, observando-se a variedade linguística do país e não apenas de algumas regiões.

## REFERÊNCIAS

AGUILERA, Vanderci. **Atlas Lingüístico do Paraná**. Universidade Federal do Paraná, 1994.

ALBANO, Eleonora Cavalcante. **O gesto e suas bordas: esboço de fonologia acústico-articulatória do português brasileiro**. Campinas: Mercado de Letras – Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: FAPESP, 2001.

ALMEIDA, Laura C. B de; CARDOSO, Suzana Alice. As realizações de /t/ e /d/ seguidos de /i/ em Salvador e em Rio Real. *Gelne*, 2000, p. 74-76. **Anais...** 2000.

ARAGÃO, Maria do Socorro; MENEZES, Cleusa P. Bezerra. **Atlas Lingüístico da Paraíba: cartas léxicas e fonéticas**. Brasília: UFPB/CNPq- Coordenação Editorial, 1985.

BARBOSA, Plínio. A interação entre fonética-fonologia e a interface entre prosódia-segmentos. *XLV Seminário do grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo - GEL*, Unicamp, 1997, p. 135-143. **Anais...** 1997.

BENCHIMOL, Samuel Isaac. Grupos culturais na formação da Amazônia brasileira e tropical. *Encontro Regional de Tropicologia*, 2, 1985, Recife, Massangana, 1989, p. 115-144. **Anais...** 1989.

BHAT, D.N.S. A general study of palatalization. In: GREENBERG, J. S. (Ed.). **Universals of human language**. Stanford: Stanford University Press. 1978 (Phonology, v. 2), p. 47-92.

BISOL, Leda; HORA, Dermeval. A Palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 17, 1995, p. 11-24.

BISOL, Leda. A Palatalização e sua restrição variável. **Estudos Linguísticos e Literários**. Salvador: Universidade Federal da Bahia, n. 5, 1986, p. 163-178.

\_\_\_\_\_. A sílaba e seus constituintes. In: NEVES, Maria Helena Moura (Org). **Gramática do Português falado**. Campinas: Editora Unicamp, 2002, p. 701-742.

\_\_\_\_\_. **Harmonização vocálica: uma regra variável**. 1981. Tese (Doutorado em Letras)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1981.

\_\_\_\_\_. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

\_\_\_\_\_. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

\_\_\_\_\_. O ditongo em Português. **Boletim da ABRLIN**, n. 11, 1991, p. 51-58.

\_\_\_\_\_. O ditongo na perspectiva da fonologia atual. **DELTA**. São Paulo, v. 5, n. 2, 1989, p. 168-185.

BISOL, Leda. Palatalização. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mariluci@ufpa.br > em 12 jan. 2006.

BISOL, Leda; HORA, Dermeval. Palatalização da oclusiva dental e a fonologia lexical. **Actas do IX Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística**. Coimbra, 1993.

BLEVINS, J. A Place for Lateral in Features Geometry. **Journal of Linguistic** 30, p. 301-348, 1994.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Henry Holt, 1933.

BOURDIEUX, P. **Ce que parler veut dire**. Paris: Fayard, 1975.

BRASIL. Ministério das Minas e Energia. Secretaria de Minas e Metalurgia. Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais. Diretoria de Recursos Humanos. **Programa de Integração Mineral no Município de Itaituba**. Belém, 1996.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A análise de regra variável e o programa VARBRUL 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia Regina (Org.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 13-76.

BRESCANCINI, Cláudia Regina. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Letras de Hoje**, Curitiba, Editora UFPR, p. 299-310, 2003. Número especial.

CAGLIARI, Luis Carlos. **A Palatalização em Português: uma investigação palatográfica**. 1974. Tese (Doutorado em Letras)– Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1974.

\_\_\_\_\_. **Análise Fonológica: introdução à teoria e à prática, com especial destaque para o modelo fonêmico**. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

\_\_\_\_\_. **Fonologia do Português: análise pela geometria de traços**. São Paulo. Edição do autor, 1997.

CALABRESE, Andréa. Palatalization Processes in the History of Romance Languages: A Theoretical Study. In: \_\_\_\_\_ (Ed.). **Romance Phonology**. 1996. p. 65-83.

CALLOU, Dinah Maria. **Variação e distribuição da vibrante na fala culta do Rio de Janeiro**. 1979. Tese (Doutorado em Letras)– Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1979.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolingüística: uma introdução crítica**. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CAMARA Jr., J. Matoso. **História e Estrutura da Língua Portuguesa**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

\_\_\_\_\_. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 23. ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

\_\_\_\_\_. **Dicionário de Lingüística e Gramática: referente à língua portuguesa**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. **Atlas lingüístico de Sergipe-II**. Salvador: ADUFBA, 2005. v. I.

\_\_\_\_\_. **Atlas lingüístico de Sergipe-II**. Salvador: ADUFBA, 2005. v. 2.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. Sobre as africadas [t•ɕ] no Português do Brasil. In: VIREECK, Wolfgang (Ed.). **Dialectologia e Geolinguística**. [S.l], 1993, p. 93-111.

CATFORD, J. C. The Articulatory Possibilities of Man. In: MALBERG, B. **Manual of Phonetics**. North-Holland and Publishing Co., 1968. p. 309-333.

\_\_\_\_\_. **A Practical Introduction to Phonetics**. Oxford: Clarendon Press, 1988.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The sound Pattern of English**. New York: Harper e Row, 1968.

CHOMSKY, Noam. **Aspects of the Theory of Syntax**. Massachusetts: MIT Press, 1965.

CHRISTY, Craig. **Uniformitarianism in Linguistic**. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins, 1983.

CLEMENTS, George N.; KEYSER, S. J. **CV Phonology: A generative Theory of the Syllabe**. Cambridge: The M.I.T. Press, 1983.

CLEMENTS, George N. The Geometry of Phonological Features, **Phonology Yearbook 2**, p. 225-252, 1985.

\_\_\_\_\_. **A Unified Set of Features for Consonants and Vowels**. Cornell University, 1989a.

\_\_\_\_\_. **On the Representation of Vowel Height**. Cornell University, 1989b.

\_\_\_\_\_. **Place of Articulation in Consonants and Vowels: a Unified Theory**. Cornell University, 1991.

CLEMENTS, George N.; HUME, Elizabeth. The Internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, John (Ed.). **The Handbook of Phonology Theory**. Cambridge: Blackwell, 1995. p. 246-306.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.

COUTO, Hildo. Ditongos crescentes e ambissilabidade em português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 4, dez. 1994, p. 129-142.

COUTO, Hildo. **Fonologia e Fonologia do Português**. Brasília: Thesaurus, 1997.

CRYSTAL, David. **Dicionário de lingüística e fonética**. Tradução e adaptação Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zaar, 2000. Tradução de A dictionary of linguistics and phonetics.



DANGELIS, Wilmar. /l/ posvocálico (ajuda) [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <mariluci@ufpa.br> em 13 set. 2002.

ESPIGA, Jorge, Alofonia de /L/ no sul do Rio Grande do Sul: aspectos fonéticos e fonológicos. In: HORA, Dermeval; COLLISCHONN, Gisela (Org.). **Teoria Lingüística: fonologia e outros temas**. João Pessoa: Editora Universitária, 2003, p. 251-269.

FERREIRA NETTO, Waldemar. **Introdução à fonologia da língua portuguesa**. São Paulo: Hedra, 2001.

FERREIRA, Carlota et al. **Atlas Lingüístico de Sergipe**. Salvador: Universidade Federal da Bahia/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe, 1987.

FRANCHETTO, Bruna. Processos fonológicos em Kuikúro: uma visão auto-segmental. In: WETZELS, Leo. **Estudos fonológicos de línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

FREITAS, Simone N. As vogais pretônicas /e/ e /o/ num falar do Norte do Brasil. In: RAZKY, Abdelhak (Org.). **Estudos Geo-sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Edição do autor, 2003. p. 113-1126.

GOLDSMITH, John A. **Autosegmental & Metrical Phonology**. Basil Blackwel, 1990.

\_\_\_\_\_. **Autossegmental Phonology**. Bloomington: Indiana University Linguistic Club, 1976.

GUILLIÉRON, Jules. **Atlas Linguistique de la France**. Paris: Champion, 1918.

GUSSENNHOVER, Carlos; JAKOBS, Haike. **Understanding phonology**. London: Arnold, 1998.

GUY, Gregory R. **VARBRUL: Análise avançada**. Tradução de Ana Maria Stahl Ziles. Cadernos de Tradução, Porto Alegre, UFRGS, Instituto de Letras, 1998, p. 25-46.

GUY, Gregory R.; BISOL, Leda. A teoria fonológica e a variação. **Organon**. Porto Alegre, n. 18, 1991, p. 126-136.

HALL, T. Alan. The Phonology of Coronals. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company. **Amsterdam Studies in Theory and History of Linguistic Science**, Serie IV, current issues in linguistic theory, v. 149. University of Ottawa, 1997.

HAYES, Bruce. **A Metrical Theory of Stress Rules**. 1981. Tese (Doutorado em Letras)– Cambridge, Massachusetts, MIT, 1981.

HERNANDORENA, Carmen Lucia Matzenauer. O estabelecimento de padrões de substituição consonantal através de traços distintivos. II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. CEAAL/ PUCRS, 1991, p. 151-163. **Anais...** 1991.

HERNANDORENA, Carmen Lucia Matzenauer. A Geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 24, p. 159-167, 1994.

\_\_\_\_\_. O estabelecimento de padrões de substituição consonantal através de traços distintivos. II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem. CEAAL, 1995, PUCRS. **Anais...** 1995.

\_\_\_\_\_. Um caso de efeito de OCP no Português. CELSUL, PUC, Universidade Católica de Pelotas, 1997, p. 687-697. **Anais...** 1997.

HEYE, Jürgen. Sociolingüística. In: **Manual de Lingüística**. São Paulo: Global, 1986. p. 203-238.

HJELMSLEV, Louis. **Essais Linguistiques**. Paris: Les éditions de Minuit, 1971.

HORA, Demerval da Hora. **A Palatalização das Oclusivas Dentais: variação e representação não-linear**. Porto Alegre. 1990. 278 f. Tese (Doutorado em Letras)– Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1990.

HUME, Elizabeth. **Front Vowels, Coronal Consonants and their Interaction in Non-linear Phonology**. PhD. Dissertation. University Leiden, 1992.

ILARI, Rodolfo. **Lingüística Românica**. São Paulo: Ática, 1992.

KATZ, Jerrod. O Escopo da Lingüística. In: DASCAL, Marcelo (Org.). **Fundamentos Metodológicos da Lingüística**. Campinas, 1982, v. III, p. 43-61.

KEATING, P. Palatals as complex segments X-ray evidence. UCLA. **Working Papers in Phonetics**, n. 69, 1988, p. 77-9.

KENSTOVICZ, Michael J. **Phonology in generative Grammar**. Massachusetts: Cambridge, Blackwell, 1994.

KIPARSKY, Paul. Lexical Morfology and Phonology. In: YANG, S. (Org.). **Linguistic in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin Publishing co., 1982

KOCK, Walter; KLASSMANN, Mario Silfredo; ALTENHOFEN, Cléo Vilson. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul: Introdução**. Porto Alegre/ Florianópolis/ Curitiba: Ed. UFRG/ Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 1.

\_\_\_\_\_. **Atlas Lingüístico-etnográfico da Região Sul: cartas fonéticas e morfossintáticas**. Porto Alegre/ Florianópolis/ Curitiba: Ed. UFRG/ Ed. UFSC/ Ed. UFPR, 2002. v. 2.

LABOV, William. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W; MALKIEL, Y. (Ed.). **Perspectives in Historical Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 1982. p. 17-92.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistique**. Paris: Édition de Minuit.1976.

LABOV, William. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. On the use of the present to explain the pas. In: HEILMANN, L. (Ed.). **Proceedings of the 11<sup>th</sup> International Congress of Linguistic**. Bologna: Il Mulino, 1982.

\_\_\_\_\_. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

LAHIRI, A.; EVERS, V. Palatalization and Coronality. In: PARADIS, C.; PRUNET, J. F. (Ed.). **The special Status of Coronals**. New York: Academic Press, 1991. p. 79-100.

LEITE, Yonne. Estrutura silábica e articulação secundária em Tapirapé. In: WETZELS, Leo (Org.). **Estudos fonológicos das línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ. 1995. p. 151-194.

LIMA, Alcides. A pronúncia do /r/ pós-vocálico na cidade de Cametá-PA. In: RAZKY, Abdelhak (Org.). **Estudos Geo-sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Edição do autor, 2003. p. 55-178.

LOPÉZ, H. Morales. **Sociolingüística**. Madrid: Gredos [s.d.]. p. 236-240.

LUCKESI, Dante. O tempo aparente e as variáveis sociais. **Boletim da ABRALIN**, Universidade Federal da Bahia, n. 26, p. 135-137, 2001.

MACEDO, Sandra Siqueira de. **A Palatalização do /s/ em coda silábica no falar recifense**. 2004. 82f. Tese (Mestrado em Letras)– Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MACHADO, Eliane. A realização do fonema palatal [◊] no falar de Marabá. In: RAZKY, Abdelhak (Org.). **Estudos Geo-sociolinguísticos no Estado do Pará**. Belém: Edição do autor, 2003. p. 127-142.

MAGALHÃES, José Olímpio de. Aspectos Fonológicos segundo a Teoria do Charme e do Governo: padrão silábico e sílaba máxima. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 113-127, 1994.

MARQUILHAS, Rita. Mudança Lingüística. In: FARIAS, Isabel Hub et al. (Org.). **Introdução à Lingüística Geral e Portuguesa**. Lisboa: Caminho, 1996. p. 563-588. (Série Lingüística).

MARROQUIM, Mário. **A Língua do Nordeste**. 3. ed. Curitiba: HD livros, 2000.

MARTINS, Maria Raquel Delgado. **Ouvir, falar: introdução à Fonética e Fonologia do Português**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1988. (Coleção Universitária).

MATEUS, Maria Helena Mira. **Aspectos da Fonologia do Português**. Lisboa: Centro de Estudos Filológicos - Instituto de Alta Cultura, 1994.

- MATZENAUER, Carmen Lucia. Introdução à Teoria Fonológica. In: BISOL, Leda. **Introdução a estudos de fonética e fonologia do português brasileiro**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.
- MCCARTHY, John. Feature Geometry and dependency: a review. **Phonetica**, n. 43, p. 84-108, 1988.
- MEILLET, Antoine. Comment les mots changent de sens. In: **Linguistique historique et générale**. Paris: Champion, 1965.
- MELO, Gladstone. **A língua do Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1981.
- MERCER, J.L. da V. **Áreas fonéticas do Paraná**. 1992. Tese (Doutorado em Letras)– Curitiba, 1992.
- MIRANDA, Jocy Gonçalo de et al. **Atividades Garimpeiras no Brasil: aspectos técnicos, econômicos e sociais**. Rio de Janeiro: CETEM/ CNPq, 1997.
- MOLLICA, Cecília Maria. **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Áreas dialetais do falar baiano. In: Vivacité et diversité de la variation linguistique. **Actes du XXII<sup>o</sup> Congrès International de Linguistique et Philologie Romaines**, Bruxelles, 1998, p. 253-266. v. 2.
- MOTA, Jacyra; ROLLEMBERG, Vera. Variantes Africadas Palatais em Salvador. In: HORA, Dermeval. (Org.). **Diversidade Lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 131-140.
- MOTA, Jacyra. **Sobre o traço Palatalidade em Ribeirópolis (Sergipe)**. 1973. 196 f. Tese (Doutorado em Letras)– Universidade Federal da Bahia, Salvador, 1973.
- MOTA, Jacyra. Variantes palatais do português do Brasil. In: RUFFINO, Giovanni. Atti Del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Università di Palermo. Centro di studi filologici e linguistici siciliani. 1995. p. 475-483. **Anais...** 1995.
- NARO Anthony J. Modelos Quantitativos e Tratamento Estatístico. In: MOLLICA, Cecília Maria (Org). **Introdução à Sociolinguística Variacionista**. Rio de Janeiro, 1992. p. 17-28.
- NASCENTES, Antenor. **Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil**. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, v. 2, 1953.
- NIVETTE, Joseph. **Princípios de gramática gerativa: tradução, adaptação ao português, glossário e bibliografia**. Tradução de Nilton Velasco Gama. São Paulo: Pioneira, 1975.
- OITICICA, José. **Roteiros em fonética fisiológica, técnica do verso e dicção**. Rio de Janeiro: Organização Simões, 1955.

OLIVEIRA, Marilucia Barros de. Distribuição Geo-sociolingüística da lateral alveolar posvocálica no Nordeste Paraense. In: AGUILERA, Vanderci. **Geolingüística no Brasil**. 2. ed. Londrina, 2005. p. 405-429 .

\_\_\_\_\_. **Manutenção e apagamento na fala de Itaituba-PA**. 2002. 130f. Dissertação (Mestrado em Letras)– Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

PAGOTTO, Emílio Gozze. **Variação e ( ) identidade**. Maceió: EDUFAL, 2003.

PAULA, Aldir de. **A língua dos índios Yawãnawá do Acre**. 2004. Tese (Doutorado em Letras)– Universidade Estadual de Campinas, 2004.

PINTO, Ivone Isidoro; FIORETTI, Maria Tereza. **Tutoriais para o pacote VARBRUL**. [S.l.: s.n.], 1992.

PONTES, Eunice. **Estrutura do verbo no português coloquial**. Petrópolis: Vozes, 1972.

QUILES, L. R.; FERNÁNDEZ, **Curso de fonética y fonología españolas**. Madrid: Miguel Cervantes, 1975.

RAMOS, Conceição M. A; BEZERRA, J.R. A comunidade de Raposa revisitada. In: RAMOS, Conceição M. A; BEZERRA, J. R.; ROCHA, M. F. S. **O português falado no Maranhão**. São Luís: Edufma, 2005. p. 36-46.

RAZKY, Abdelhak et al. **Atlas Lingüístico Sonoro do Pará**. Universidade Federal do Pará. Belém, 2003.

RIBEIRO, José et al. **Esboço de um Atlas Lingüístico de Minas Gerais**. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1977. v. 1.

RICE, K.; AVERY, P. On the Relationship between Laterality and Coronality. In: PARADIS, C.; PRUNET, J. F. **Phonetics and Phonology : the Special Status of Coronals**. Internal and External evidence. New York: Academic Press, 1991. p. 121-124.

RODRIGUES FILHO, Saulo et al. **Garimpo e Inclusão Social no Brasil: dois estudos de caso**. Rio de Janeiro: CETEM, 1997.

ROLLEMBERG, Vera. Realizações palatais de /k/ e /g/ em área Sergipana. In: FERREIRA, Carlota et al. **Diversidade do Português do Brasil: estudos de Dialectologia Rural e outros**. 2. ed. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Centro Editorial e Didático da Bahia, 1994. p. 107-110.

ROSETTI, A. **Introdução à Fonética**. Lisboa: Europa-América, 1962. (Col. Saber; n. 16).

ROSSI, Nelson. As africadas baianas: um problema de lingüística descritiva. Congresso Brasileiro de Língua e Literatura, 2. **Anais...** 1968; Rio de Janeiro: Germana e Artes Gráficas, 1971. p. 41-48.

ROSSI, Nelson. **Atlas prévio dos falares baianos**. Rio de Janeiro: MEC/INL, 1963.

- ROSSI, Nelson. Sobre as africadas no Brasil: à margem de uma tese de Serafim da Silva Neto. El Simpósio de México. 1970, México: Universidad Nacional Autónoma de México, 1969. p. 205-221. **Anais...** 1969.
- SANTOS, Lúcia de Fátima. Realização das Oclusivas /T/ e /D/ na fala de Maceió. In: MOURA, Denilda (Org.). **Variação e Ensino**. Maceió: EDUFAL, 1997. p. 69-90.
- SAGEY, E. **The Representation of features and relations in nonlinear phonology**. 1986. Tese (Doutorado em Letras)– Cambridge, Mass: MIT, 1986.
- SAPIR, Edward. **A Linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1995.
- SCHERRE, Marta. **Reanálise da Concordância Nominal em Português**. 1993. Tese (Doutorado em Letras)– Rio de Janeiro, 1993.
- SCHERRE, Marta; ROCHA, Rosa Cecília F. **Introdução ao pacote VARBRUL para computadores**. Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Universidade Federal de Brasília, 1992.
- SHAW, P. Consonant Harmony Systems: the special status of coronal y. In: PARADIS, C.; PRUNET, J. F. **Phonetics and Phonology : the Special Status of Coronals**. Internal and External evidence. New York: Academic Press, 1991. p. 125-157.
- SILVA, Adelaide H. P. Caracterização acústica de [R], [ʀ], [l] e [ʎ] nos dados de um informante paulistano. **Caderno de Estudos Linguísticos**. Campinas, n. 37, p. 51-68, jul./dez. 1999.
- SILVA, Alexandre Pessoa. **Projeto Itaituba**: Programa de desenvolvimento de Tecnologia Ambiental. Rio de Janeiro: CETEM/ CNPq, 1997.
- SILVA, Eldênio Bezerra da. **A substituição da soante palatal /l/: uma representação não-linear**. 1997. Dissertação (Mestrado em Lingüística)– Universidade Federal de Pernambuco, 1997.
- SILVA, Taís Bopp da. **A Variação das Oclusivas Dentais na Comunidade Bilingüe de Panambi**. 2002. 50 f. Monografia (Graduação em Letras)– Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Porto Alegre, 2002.
- SILVA, Taís Cristofaro. **Fonética e Fonologia do Português**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.
- SILVEIRA, Regina Célia Pagliuchi da. **Estudos de fonética do idioma português**. São Paulo: Cortez, 1982.
- SOUZA, Paulo Chagas de; SANTOS, Raquel Santana. Fonologia. In: FIORIN, José Luis (Org.). **Introdução à lingüística II: princípios de análise**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003. p. 33-58.

STERIADE, D. Complex Onsets as Single Segments: The Mazateco patters. In: COLE, J.; KISSEBERTH, C. (Ed.). **Perspectives Phonology**. Stanford: CSLI, 1993. p. 203-291.

STEVENS, K; KEYSER, S. Primary features and their enhancement in consonants. **Langage**, n. 65, p. 81-106, 1989.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolingüística**. 2. ed. São Paulo: Ática, 2000.

\_\_\_\_\_. **Tempos Linguísticos**: itinerário histórico da língua portuguesa. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994.

TASCA, Maria. Variação e mudança do segmento lateral na coda silábica. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação**: recorte do português brasileiro. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p. 269-302.

TRUDGILL, Peter. **Sociolinguistic**. Harmondsworth, Midd: Penguin Books, 1974.

VIEIRA, Hilda. **Variantes palatais em Santa Catarina**: alguns dados do projeto ALERS. Universidade Federal de Santa Catarina. [20-?].

VIEIRA, Maria de Nazaré. **Aspectos do falar paraense**. Belém: Universidade Federal do Pará: Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação, 1983.

VOTRE, Sebastião. **Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro**. 1978. 222f. Tese (Doutorado em Lingüística)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1978.

VANDERWEIDE, Tereza. The acquisition of manner in pre-vocalique sequences: A cue is a cue: In: TZACOSTA, Marina; LEVELT, Claartye; WEIJER (Ed.). **Developmental Paths in Phonological Acquisition**. Special issue of Leiden Papers in Linguistics, 2.1, 2005, p. 137-161.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. Empirical Foundations for a theory of langage change. In: LERMANN, W.; MALKIEL, Y. (Ed.). **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas, 1968. p. 95-188.

WETZELS, Leo. **Estudos fonológicos de línguas indígenas brasileiras**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

\_\_\_\_\_. The lexical representation of nasality in Brazilian Portuguese. **Probus**, 1997, p. 203-232.

\_\_\_\_\_. /l/ posvocálico (ajuda) [mensagem pessoal] Mensagem recebida por <mariluci@ufpa.br> em 13 set. 2002.

\_\_\_\_\_. Sobre a palatalização. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <marilucia.oliveira@uol.com.br > em 12 jan. 2006.

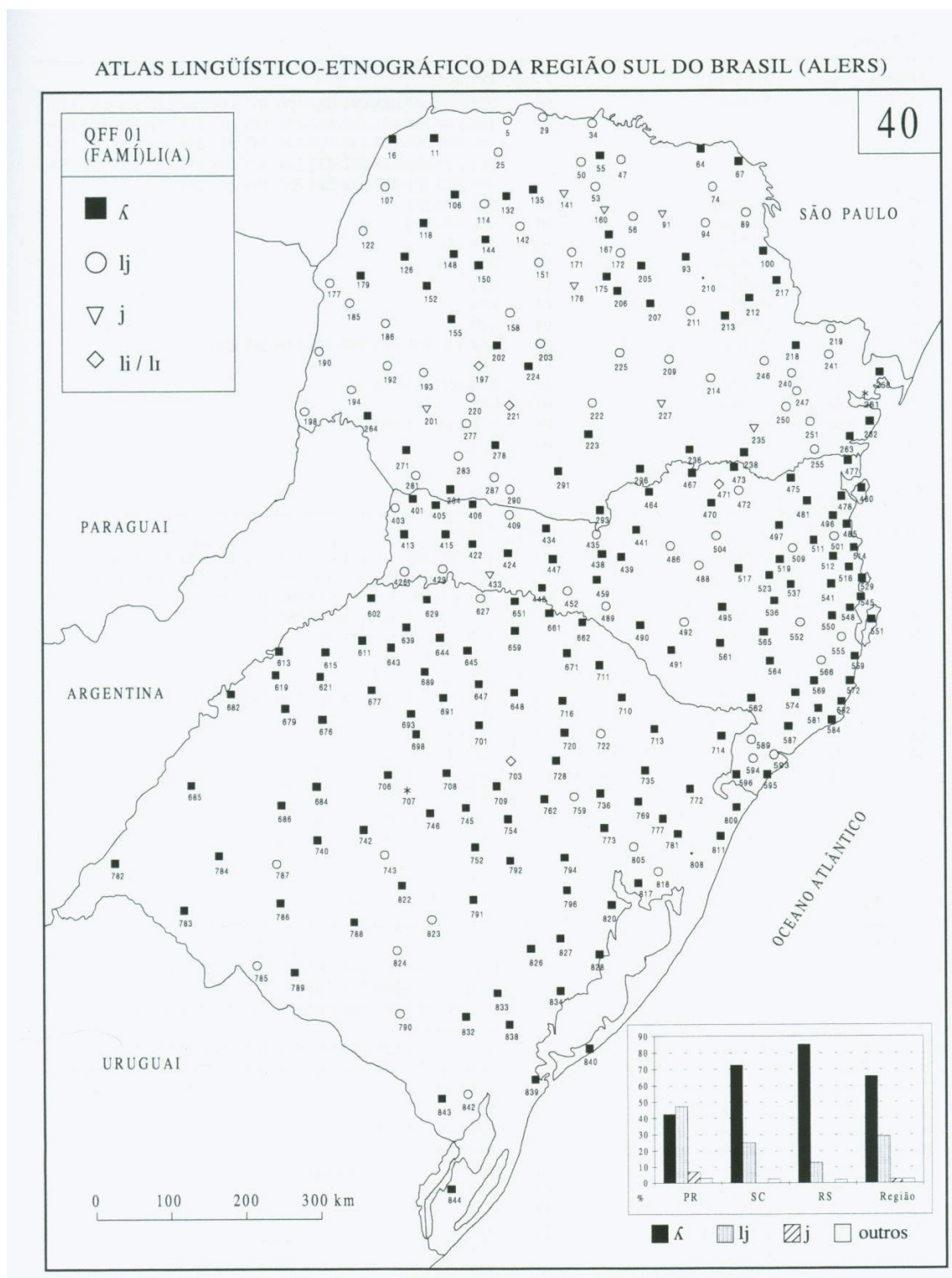
WETZELS, Leo et al. Um balanço de Dados e Teoria no estudo da Variação e da Mudança Lingüística. **Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 7-46, mar. 2002.

## ANEXO A - /I/ E SUAS VARIANTES

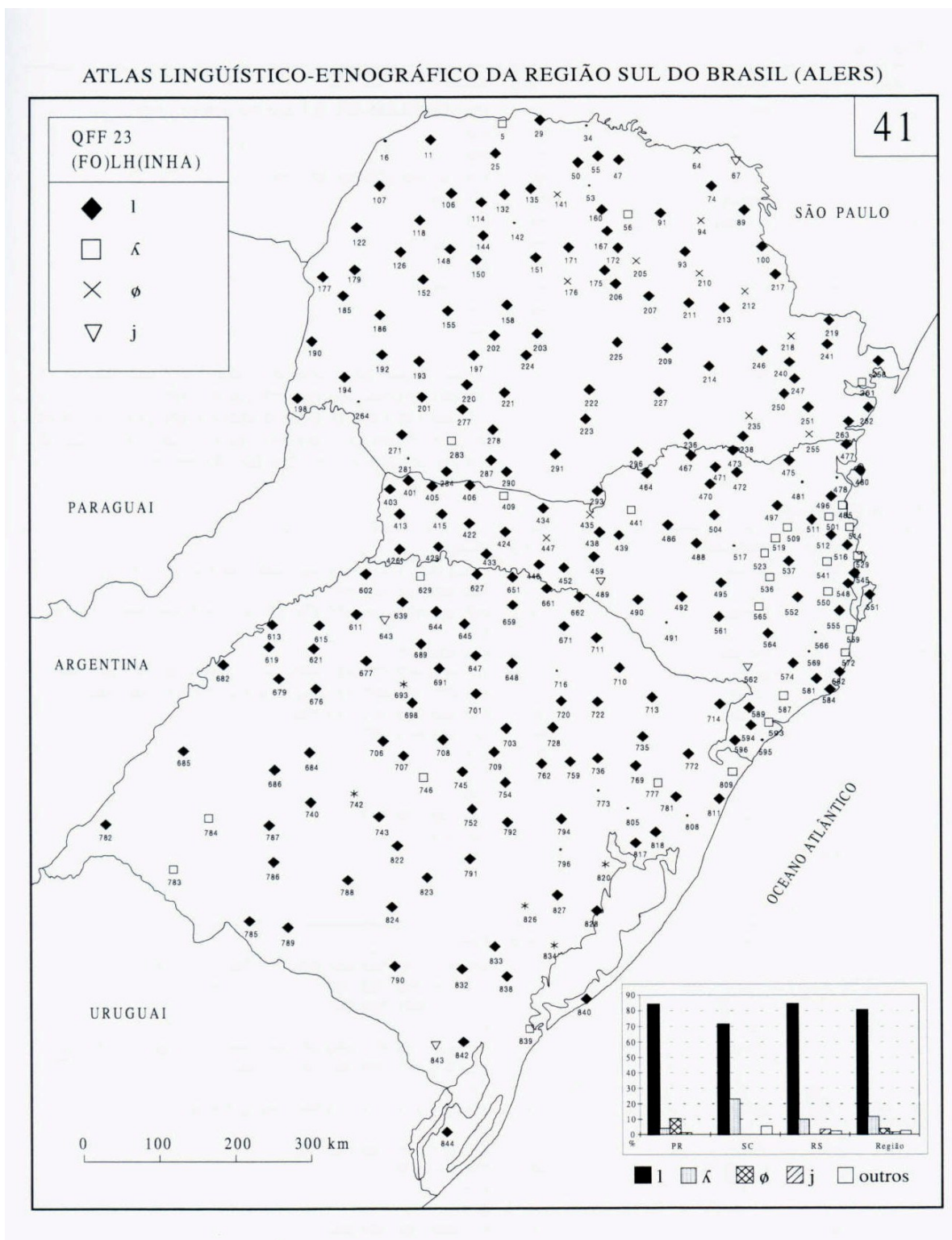
[ɪ] e suas variantes								
	[ɪ]	[ɛ]	[ɨ]	[ɨ <sup>1</sup> ]	[w]	[w <sup>1</sup> ]	[o]	[ø]
Diante /i/		Σ						
Diante /a/, /e/, /e/, /o/, /o/, /u/	Σ							
Preconsoante			25	15	44	8	10	3
# #			40	18	17	4		7
Diante /i/		Σ						
Diante /a/, /e/, /e/, /o/, /o/, /u/	Σ							
Preconsoante			47		12		33	2
# #			74	2	15		52	8
Diante /i/		Σ						
Diante /a/, /e/, /e/, /o/, /o/, /u/	Σ							
Preconsoante			20	1	9		8	
# #			37	5	15			2
Diante /i/		Σ						
Diante /a/, /e/, /e/, /o/, /o/, /u/	Σ							
Preconsoante			29	11	15	5	1	
# #			42	10	20	5	3	2
Diante /i/		Σ						
Diante /a/, /e/, /e/, /o/, /o/, /u/	Σ							
Preconsoante	3		12	1	12		1	
# #	4		27	2	19			7



**ANEXO B – ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL  
(ALERS) SOBRE A FORMA (FAMÍ)LI(A)**



ANEXO C – ATLAS LINGÜÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA REGIÃO SUL DO BRASIL  
(ALERS) SOBRE A FORMA (FO)LH(INHA)







## ANEXO E – TABELA DO IBGE – POPULAÇÃO (SÉRIE HISTÓRICA)

## 4.2-POPULAÇÃO (SÉRIE HISTÓRICA)

ANO	TOTAL	HOMENS	MULHERES
1950	10.862	5.900	4.962
1960	13.589	7.230	6.359
1970	12.690	7.079	5.611
1980	29.826	15.266	14.560
1981	-	-	-
1982	-	-	-
1983	-	-	-
1984	-	-	-
1985	-	-	-
1986	-	-	-
1987	-	-	-
1988	-	-	-
1989	-	-	-
1990	-	-	-
1991	116.541	61.950	54.591
1992	-	-	-
1993	-	-	-

Estado: PARÁ      Microregião: TAPAJÓS      Município: ITAITUBA      Ano: 1995

Fonte(s): IBGE/BELÉM/CENSO DEMOGRÁFICO 1950/1960/1970/1980/1991

## ANEXO F – FORMULÁRIO SOBRE O INFORMANTE

NOTAS SOBRE O INFORMANTE	
1. NOME COMPLETO:	_____
2. ENDEREÇO:	_____
3. NOME POR QUE É CONHECIDO:	_____ ; ALCUNHA: _____
4. SEXO: masculino ( ) ; feminino ( )	
5. IDADE:	
5.1. Julga ( diz(ter): _____	5.2. Parece (calcula) ter: _____
6. ESTADO CIVIL: solteiro ( ) casado ( ) viúvo ( ) outro ( )	
7. LOCAL DE NASCIMENTO:	_____
8. JÁ VIAJOU: sim ( ) não ( )	
9. DOMICÍLIOS E TEMPO DE PERMANÊNCIA FORA DA LOCALIDADE:	_____
10. NATURALIDADE DO PAI:	_____
11. NATURALIDADE DA MÃE:	_____
12. NATURALIDADE DO MARIDO OU DA MULHER:	_____
13. PROFISSÃO:	_____
14. ONDE EXERCE:	_____
15. NÍVEL DE INSTRUÇÃO:	
15.1 Analfabeto ( ) ; 15.2 1º grau menor: Completo ( ) Incompleto ( ) ; 15.3 1º grau maior: Completo ( ) Incompleto ( ) ; 15.4 2º Grau: Completo ( ) Incompleto ( ) ; 15.5 Superior: Completo ( ) ; Incompleto ( ) .	
16. SERVIÇO MILITAR: Não prestou ( ) ; Prestou em: _____ durante _____ meses	
17. APARELHO FONADOR: Sem defeito ( ) ; Irregularidades visíveis: _____	
18. CARACTERÍSTICAS PSICOLÓGICAS APARENTES: Timido ( ) ; Vivo ( ) ; Inteligente ( ) ; Sarcástico ( ) ; Agressivo ( ) .	
19. GRAU DE ESPONTANEIDADE DA FALA:	_____
20. OBSERVAÇÕES:-	_____ _____ _____ _____
ENTREVISTADOR:	_____
DATA DA APLICAÇÃO:	_____
LOCAL:	_____

## ANEXO G – PROJETO ATLAS GEO-SOCIOLINGÜÍSTICO DO PARÁ (ALIPA)

TRANSCRIÇÕES GRAFEMÁTICAS

CIDADE: ITAITUBA – PA

INFORMANTE: SANDRA (FB3m)

PESQUISADORA: MARILÚCIA OLIVEIRA

TRANSCRITORA: CÉLIANE SOUSA COSTA

SUPERVISÃO: ADRIANA DA SILVA FEITOSA

**Pesquisadora:** sinhora Sa::ndra da cidadi di Itaituba du dia dizenovi di marçu di maiu di dois mil i ela vai compartilhá um pocu cum a genti das hisTÓria dela a história di Itaituba...

**Informante:** é::... bom... um fatu um fatu aqui da cidadi né? qui você qué sabê assim a respeito du qui já aconteceu aqui... bom... éh::... pra melhó eu ti ixplicá a respeito... é u ei gostaria muito di falá a respeito du riu Tapajós essi nossu riu aqui im frenti da cidadi né? queu/ achu que... você veiu pu rágua viajanu pu rágua?... você...

**Pesquisadora:** não... ( )

**Informante:** di avião né?... mas quem sabi u teu retornu será pu rágua i você vai tê oportunidadi di cunhecê um pocu aqui da região descendu aqui... né? na na posição qui a genti qui a genti si encontra é descida qui a genti fala... intão essi riu Tapajós eli era// eli tinha uma água muito linda... mais muito linda mesmu tão limpa tão limpa qui quando na infância quando a genti//... quando eu era piquena im... aqui antis da abertura da istrada da Transamazônica qui a istrada da da Trasamazônica a abertura dela veiu dá pur volta di... ((toca o telefone)) di... di setenta mais ô menus pu raí... até intão... aqui a nossa cidadi eram// ((gagueja)) erámus SÓ pessoas mesmu DAQUI... da cidadi pessoas tradicionais intão cum a abertura da Transamazônica cumeçô imigrantis nodestinu sulistas daqui da li né?... i hoji a população tá du jeitu qui tá é notóriu di toda cidadi qui evolui né? mais só qui... cum essa chegada dessi pessual aí cumeçô as invasões di garimpu... intão u nossu RIU eli passô a ficá assim... cum as água muito poluída... tão suja tão suja di forma qui... até pra genti mermu moradô aqui tomá banhu tá difícil da genti tomá banhu... intão quando eu era piquena aqui essa água era tão linda mais tão limpinha qui a genti pes// uma pescaria... é uma pescaria di litru a genti pegava é é... vasilhamis lugá di bibida di VODGA... a genti quebrava u fundu du litru... i:: numa// na parti menó du du du du... a genti

tampava u otru ladu piquenu da garrafa a genti tampava cuma/ (xissa...) i a genti colocava farinha nu fundu du litru... intão essi riu era tão limpu tão limpu qui a genti colocava u litru assim... numa certa distância qui a genti inxergassi fora a genti tava ficava dentru d'água mas a genti ficava quietinhu prestana atenção na hora qui u pexinhu entrava... na hora qui u pexinhu entrava a genti só fazia afundá i pegava u pexi aí essi pexi a genti tirava i já colocava ali... dentu dum/... duma/ canoa dentu duma/ vasilha maió... tornava a colocá farinha i ia olhá intão – qué dizê... – tudu issu era reflexu da água limpa... né? qui tinha... essi nossu riu Tapajós hoji cum essa cum essa mudança comu eu falei anteriormenti... cum a chegada di... é dus imigrantis nodestinu i tudu mais né?... qui vieram pra cá intão u qui (era qui) aconteceu? u qui é qui a água ficô tão suja mais tão suja... poluída... né? qui::... hoji é impussível a genti... a genti vê essi tipu di coisas né? qui... aconteceu na minha infância aqui... a genti a genti tomava banhu PELADA é a genti tomava banhu PELADA aqui era tão gostosu... né?... eu ainda vivi tudu issu aqui eu tenho trinta i novi anos eu ((ri)) num tô tão velha assim né?... mais eu vivi tudu issu aqui a genti tomava banhu peladu eu lembriu qui era a genti//... nós erámus – dexô/ vê assi::m – intornu a turminha da época minina di... seis seti anos tudu tomandu banhu pelada... I MUITAS VEZIS a genti tomava banhu pelada também porque a genti saía iscondidu di casa... né? intão a genti num podia... é chegá molhadu intão a genti chegava na bera du riu a genti tirava a ropa... tomavu u banhu PELADA... aí depois tomava basTANti banhu aí depois tornava vistia a calcinha i ia imbora pra casa pa num apanhá puque a gen// eu ainda fui nu tempu di apanhá... hoji já num façu mais is// num façu issu cum meus filhus num vô dizê qui num dô uma cintada mas num façu... issu cum meus filhus mas eu sô daqueli tempu qui qualqué coisinha era cintada MEMU... intão é essi é um dus fatus qui::... tenho assim pra mim contá... a respeito... uma outra coisa também qui a genti tinha MUITU aqui... assim falandu é:: -- dexa eu ti falá – éh:: di... um poquinhu di cultura também da nossa cidadi... é qui tudu issu aqui cum essa evolução também... da cidadi... éh::... foi acabandu aquelas coisa assim tradicionais tipa ssi::m... época di// du mês di junhu... intão a genti tinha festinhas não só as festas juninas... mas a genti tinha assim festinhas ((gagueja)) é::... uma determinada família daqui... tratava di uma brincadera... com um pássaru né?... i uma otra determinada família também intão ficava aquela disputa... us pássaru eram u siguinti... um era u::... Tangará i u otru era u Tentem... intãofor// acabava formandu torcidas assim né?... uma séri di pessoas da cidadi – era tão piquinininha – mas uma séri di pessoas... acompanhavam... o Tentem otra séri di pessoa acompanhavam... o Tangará... intão aí e ((gagueja)) é... a genti chamava cordões né?... é cordões essis cordões elis saíam di:: residência im residência tocandu... assim dança::ndu... era uma apresentação MU::itu bunita por sinal... é:: tinha assim uma séri di integra::ntis tinha... flori::stas... é tinha fada... tinha

médicu tinha pajés sabi?... intão eu achu assim qui (éa) uma coisa muito gostosa qui tinha aqui na cidadi i qui tudu issu foi apagandu num sei nem pur que... porque issu vivi// issu deveria sê mantidu... achu assim até mermu pra pra pra::... pra:: iscolas né?... pra informações di cultura di di di antepassadu da cidadi... num dexa di sê uma história num dexa di sê cultura... intão hoji im dia tudu issu acabô – qué dizê – num foi preservadu sabi?... e::u... eu num possu nem dizê assim “queu/ eu poderia tê contribuídu porque//... pra qui issu continuassi... eu hoji lembriu dessis fatos na iscola... queu/ istudu... por sinal eu tô fazendu u teceru anu magistériu... tô:: atraSAda... eu... eu tivi um sonhu eu saí daqui cum a idadi di::... di dizoitu anus eu saí daqui... eu fui Achu qui comu toda a... adolescenti foi aventurera... eu saí daqui... sozinha eu já tinha uma irmã morandu im São Paulu fui pra São Paulu... chegandu lá... EU CONSEGUI FAZÊ A// EU CONSEGUI COMEÇÁ a fazê as coisas qui gostaria di tê feitu qui era... era istudá i trabalhá... só qui São Paulu... é tão é tão agitadu é tão grandu... sabi?... é uma métropuli assim tão... ela é realmenti tudu aquilu qui você qui você imagina assim imagina assim im termus tipassim “poxa São Paulu tem tudu queu/ queru” sim tem tudu qui eu queru PORÉM... sabi? us acessus fica muito difícil porque é tudu muito lo::ngi... sabi?... é tudu muito é é é assim dista::nti... intão na época eu eu eu fui daqui cumA/ certeza... eu quiria// eu tinha um sonhu era istudÁ::... i::... trabalhandu eu sozinha mi mantê... i formá... só qui entri trabalhu... i istudu eu prefí// eu tivi qui:: eu tivi qui opitá po ruma das duas coisas porque eu morava mais dent(r)u du ônibus... né? devidu eu morá assim im bairru afastadu morava mais dentu du ônibus du que mesmu... é é na minha residênci intão... eu tivi qui opitá entri trabalhu i istudu::... eu tivi qui opitá pelu trabalhu pra sobrevivê... intão tudu issu// issu acabô mi dexandu assim dexô di ladu um pocu u istudu... aí:: ve::iu... assim né? é:: a vida// a vida continuô aí veiu mari::du... né?... aí veiu// vierum us filhus... i eu dei uma parada di coléju né? eu terminei u primeru grau im setenta i oitu aqui nu Pará mesmu... i::... eu fui// quando fui pra lá pra continuá us istudus... istudu consigui istudá três zanus eu começava i parava começava i parava aí prontu eu desisti di vez... aí foi quando eu arrumei maridu... i fi filhus não deu certu u maridu... eu sô um tipu di pessoa qui nu::m... eu achu qui eu num naci SÓ pra dona di casa eu naci assim pras/ duas coisas... sê um pocu di dona di casa mas eu aprendi a sê um// independenti muito cedu... i num deu CERTU... num certu cum as minhas irmãs... qui moram ainda hoji lá im São Paulu... são muito bem casadas porém cumigu não... é hoji não eu... vivu cuma/ pessoa já a mais di dez zanus pur sinal eu até achu qui (pra) essi relacionamentu pra mim é um disafiu... eu eu falu assim... pra eli mesmu queu/ tô vencendu meu própriu recórdi... cum essa cum essa pessoa qui já fe// qui vai fazê dez zanus... porque eu sô uma pessoa queu/ num sô muito fácil di lidá também né?... num é queu/ seji fácil di lidá é qui eu APRENDI a sê independenti... sabi?... muito cedu



i:.... issu é uma coisa qui a cabeça assim da pesso// da da mulhé muito confusa às vezi ela pensa qui:.... ela é... TÃO INDEPENDENTI i também não é tão independenti... bom mas dexandu issu aí um poquinho di ladu... eu f.. voltandu a falá um poquinho du istudu... intão issu acabô mi dexandu fora di iscola... eu vô cuidá dus filhu vieram us filhus cuidei dus filhu... hoji eu tenho filhu cum a idadi:.... é dizesseti anus... a genti aniversareia juntú us dois... nu dia queu/ tava fazendu// queu/ tava completandu vinti i três zanus eu ganhei meu primeru filhu... i:.... depois veiu... a minha fi// u meu sigundu filhu... (mais) uma minina... aí eu tivi assim um atrás du otru um pertinhu du otru a diferença foi du teceru pu quartu foi quando eu incerrei... aí comecei a criá us mininu i tudu... i todú tempu trabalhandu... trabalhandu assim sempri trabalhei fora SEMPRI SEMPRI trabalhei fora... meus filhu na// quando eu mi separei du maridu im São Paulu eu vim pra cá meus filhus ficavam com minha mãe... e eu vim trabalhá pra cá... i:.... i intão eu... mi afastei um pocu di iscola di repenti eu vi us filhu tudu crescidu... (cresci) um cum dizesseti anus a otra fez quinze anus a otra vai fazê agora... essi anu... é... um fez dizesseis a otra vai fazê quinze... im agostu... a minha filha mais nova vai fazê//... fez dozi anus não é criada cumigu é criada cum minha irmã im São Paulu... minha filha mais nova... i:.... intão eu digu//... foi... ao noventa i seis pra noventa i seti de repenti eu vi disimpregada aqui im Itaituba... coisa qui ( ) até im tão nunca tinha acontecidu cumigu... eu SEMPRI SEMPRI trabalhei di alguma forma eu sempri procurava... NUM É QUEU/ PROCURAVA mi surgia oportunidadi porque sinceramenti... eu nunca precisei di í atrás as pessoas... u povu mi conheceru elis sempri mi procuravam mais é qui de repenti um mercadu foi ficandu tão iscassu tão apertadu pra todú mundu... eu achu qui pra mim dessa vez também falhô di noventa i seis pra noventa i seti pu raí assim... i eu mi vi assim só dona di casa... eu falei... eu pensei assim cumigu “poxa...” às vezi eu ficava sentada assi:m eu gostu muito di fazê cróché... eu vivia sentada na porta di casa... quando eu mi ispantava oitu hora da manhã tava aqueli uma ma séri di vizinhu ali ao redó di mim ali... eu a pensá “meu Deus issu num é vida pra mim... eu precisu di (i) procurá alguma coisa pra mim fazê...” i foi eu resulvi retomá a ( )// iscola i retomei i tô achandu TÃO LEGAL... a iscola cum a idadi queu/ tô cum trinta i novi anus... tô fechandu essi anu u tece// u:: u:.... u teceru anu magistériu né?... num vô dizê qui num foi fácil purque foi difícil PRA caramba... sabi? vinti anus afastadu di:.... di iscola houvi uma diferença// senti uma diferença muito grandi... mas eu... por tê uma séri di colegas... jovins elis forum// têm sidu pessoas têm pessoas qui tão mi acompanhandu ainda qui a genti tá juntú desdu/ primeru anu... são pessoas qui mi incentivam MUITU... né?... u meu maridu é uma pessoa uma pessoa mais velha du qui eu uma pessoa qui mi incentiva DIMAIS... MUITU MESMU a respeito du coléju... né?... u coléju tá im primeru lugá US FILHUS também eu até discutu certus assuntus assim... a genti si ajuda...

um ao outro a gente se ajuda... então... eu tô achando assim... tudo que tem me acontecido assim tá tá assim... tudo muito legal... principalmente depois que/ retornei... à escola sabi?... tem sido assim muito muito bacana muito é... curioso... muito novo pra mim... i... atualmente tô trabalhando aqui nessa escola essa escola que... foi um concurso que/ fiz... eu durante esse período que/ estive parada TAMBÉM eu sou muito eu sou uma pessoa que/ sou muito... teimosa quando eu quero uma coisa (eu) quero... sou muito decidida também quando eu não quero também eu não quero... e eu andei fazendo uns concursos aí até aqui... por experiência mesmo porque eu tava afastada da escola... e: consegui passar nesse concurso municipal aqui: ano passado eu consegui me lotar aqui nessa escola... esse ano já fechei o ano tô achando o serviço muito bacana gosto muito de trabalhar com papéis com a organização (sabi?... ) esse tipo de trabalho aqui... um trabalho que/ sempre... então é: ((gagueja)) o assunto daí... a respeito aqui da cidade... que/ poderia te dizer... é: que: em termos toda evolução//... tudo que aconteceu em termos de evolução é muito bom... sem dúvida nenhuma no campo educacional... Itaituba tem melhorado MUITO MUITO mesmo porém... Itaituba é uma cidade que cresceu é... muito desestruturada... sem saneamento... sabi?... ela vem crescendo... é uma cidade que:... ela já teve assim um muito movimento... movimento de... de dinheiro de o:ru DIMAIS hoje Itaituba ela num tá a: a: economia de Itaituba ela num é voltada... pra ora... a economia de Itaituba ela vol// pode-se dizer que Itaituba hoje... ela vive em torno de... é de funcionalismo público... ela num tem assim uma outra// eu num vejo... – pelo menos do meu ponto de vista – eu num vejo uma outra...

**Pesquisadora:** atividade...

**Informante:** uma outra atividade que possa dizer que gerou economia de forma alguma... hoje vejo uma economia ela// voltada totalmente pra funcionalismo... sabi assim... é: resultado até mesmo da própria é: economia... GERAL no país que tá difícil pra todo mundo né?... o mercado de trabalho Itaituba num tá diferente... PORÉM... eu num acho// eu num acho que: a: é: tem sido feita assim... é grandes coisas em termos de... de melhoria nesse sentido... sabi?... eu acho assim muito: muito (divagarinho) o que vem acontecendo... não resta dúvida que em termos é: educacional Itaituba melhorou muito... MUITO mesmo e a tendência... eu acredito que seja melhorá... ainda mais eu faço... eu tenho uma://... eu tenho muita fé muita esperança nesse sentido... MELHÔ ainda pra/ juventude que tem aí... sabi? porque na minha época num era dessa forma... apesar de que... nem assim nós num tínhamos... é: professoris... a altura sabi?... eram professoris bem experientes mesmo também mas... não como hoje em dia hoje em dia pode-se dizer que... a nível fundamental é... professoris... preparados... sabi? professoris qualificados

mesmu... a nível di insinu médiu **TAMBÉM**... sabi? – qué dizê – eu possu dizê qui... as iscolas istão... elas (is)tão capacitadas nessi sentidu sim tão (bem) istruturadas nessi sentidu... num digu **TODAS**... né? mas nessi sintidu aí di profissionalismu di profissionais... na ária da educação... istamus sim... i eu achu qui u resultadu di tudu issu é bo// é (té) interessanti ressaltá... Itaituba tá tão bem... em// é a nível educacional... – qué dizê – num é quiela// ela ela tá melhorandu cada vez mais né?... qui::... podi-si dizê qui::... essi du anu passadu du anu di noventa i d// du anu di noventa i oitu noventa i novi... é:: um dus melhoris resultadus di vestibulá... aqui na região du istadu du Pará... aqui... eu digu assim... di regiões di é di municípius aqui... ((tosse)) podi-si dizê qui Itaituba foi um dus lugaris qui si distacô muito bem... issu é sinal qui... com certeza absoluta... a nível di::... insinu médiu... é:: us resultadus têm sidus positivus sim com certeza sinão... nós não (nu) teríamos essi resultadu intão... issu issu qu(em) dexava as pessoas é::... até::... ( )

**Informante 2:** boa noiti...

**Informante:** boa noiti... ( ) issu tem dexadu as pessoas é::... **MAIS CONFIA**NTIS com certeza nessi sintidu com certeza absoluta... eu sô uma pessoa qui confiu muito... na melhoria... dessa cidadi da educação... di tudu qui for melhó pra Itaituba... (...) olha eu vô ti falá uma coisa...